

*El-Rei Junot*  
**de Raul Brandão**

A MARIA ANGELINA

**ÍNDICE:**

I – Introdução

II – A Marcha

III – A Corte

IV – A Fuga

V – A Época

VI – Os Franceses em Lisboa

VII – A Alma de Espanha

VIII – El-Rei Junot

IX – O Frade e o Povo

X – Epílogo

Notas – Papéis Velhos

## I – INTRODUÇÃO

A história é dor, a verdadeira história é a dos gritos. Eis a árvore: na árvore todo o trabalho obscuro se congrega para produzir a flor. Os homens debalde se agitam, desesperam, morrem; a Idade leva-os, espicaçados pelo agulhão da dor, para um destino natural de beleza. Não passam de títeres: pensam que resolvem, são impelidos, e essa mescla, que um momento se atropela em cena, – gestos, bocas amargas, farrapos tolhidos de dor e impregnados de sonho, essa nuvem de espectros agitados, desfaz-se logo em pó: as órbitas das caveiras que alastram a crosta terráquea não se despegam porém, di-lo Emerson, das estrelas do céu. Fica uma ideia no ar – fica um rasto na terra: a dor transmite-se.

Todo o século XVIII resume-o na luta da Revolução contra fórmulas arcaicas. E isto é ainda uma aparência: mais fundo deparas sempre com a máscara impenetrável da dor.

O homem tem atrás de si uma infindável cadeia de mortos a impeli-lo, e todos os gritos que se soltaram no mundo desde tempos imemoriais se lhe repercutem na alma. É essa a história: o que sofreste, o que sonhaste há milhares de anos, tateou, veio, confundido no mistério, explodir nesta boca amarga, neste gesto de cólera... Não é inútil nem sofrer, nem fazer sofrer, e não há grito que se perca no mundo. Nem o mais ignorado, nem o mais humilde. Escusas de te rir... E todo o esforço humano é no fundo uma lenta aproximação de Deus, assim como tudo na vida se resolve segundo a forma por que cada um encara Deus... A verdadeira história alimenta-se de gritos, mergulha raízes, alastra raízes nas almas, surge na época de que trata este livro na independência da América e depois na Revolução. Há-de ser árvore desmedida no momento em que o homem encare Deus em toda a sua plenitude.

Mas a luta do pobre contra o rico, que é um pormenor, só foi possível quando o homem se convenceu de que a Igreja o iludira de que a vida eterna não era a única vida real. Até aí: – sou perseguido, sou pobre? Melhor.

A Igreja é uma arquitectura temerosa: oprime e esmaga – esplêndida. Nunca hesita perante a dor (osso e carne não passam de cinza inútil) para que as bases dessa catedral sejam inabaláveis e profundas. Construiu-se do sofrimento dos humildes: é de pedra viva. E ei-la pronta para tudo: para fazer sofrer e para sofrer também. Sem dor a terra mira-se, a terra sem dor – a que corresponde a falta de Ideal, de Sonho, de Intangível – é verdadeiramente infame. Essa galeria de homens extraordinários, prelados, inquisidores, papas, santos, doutores, secos e tremendos, furiosos como o raio, tenazes como o ferro, impiedosos e impassíveis, admiráveis e só ternura e perdão e castidade, é a mais bela série de figuras que a humanidade gerou. Mas a Igreja não pôde ou não soube ser desgraçada com o homem, e o espírito cristão mirrou-se-lhe nas mãos. Embora a Leão X sucedam papas austeros, almas de fogo, que dirieis vivificadas por novo baptismo: surjam embora Inácio, Teresa, Carlos Borromeu, e a fogueira arda e purifique, a Igreja está perdida. Foi uma árvore de espanto e ternura, não passa de aparência: secou. O cristianismo vai morrer no mundo – para renascer só alma.<sup>1</sup> O que resta é fantasmagoria e matéria, muralhas, pedras, altares, alguns pobres encolhidos que

---

<sup>1</sup> SAMARITANA: – Senhor, nossos pais adoraram sobre esta montanha, ao passo que vós dizeis que é em Jerusalém que se deve adorar.

JESUS: – Mulher, em verdade te digo que chegou o momento em que ninguém há-de adorar sobre esta montanha nem em Jerusalém, mas em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e verdade.

teimam em guardar intacta sua fé. A Igreja perdeu-se por falta de humildade. É o momento de lhe fazermos justiça dentro da nossa própria consciência, a essa incomparável força que sustentou o mundo e alastrou raízes tão vivas e tão fundas, que, mesmo depois de cortadas, as sentimos bulir no fundo mais recôndito do nosso ser. A sua importância é extrema: no facto mais trivial ou nas revoluções que escacam fórmulas e tronos.

Talvez a terra farta de sofrer também sonhe, e depois duma gestão laboriosa crie entontecimento perturbações força eléctrica que se comunique a este pó vivo, a humanidade: há até no homem obscuro, sujeito à regra mais minuciosa, sonho inesperado. Calca-o, submete-o, educa-o, molda-o; certa hora, como a Primavera abala ao mesmo tempo a floresta inteira, a emoção abala-o: são os mortos que o impelem...

O primeiro grito, solta-o quem? Não importa. O primeiro grito solta-o um ser obscuro. Depois mais gritos, indignação e cólera. Este fala perante a Roma papal infame. Prega a ironia, surge o sarcasmo. É uma cadeia sem fim, que vem através da obscuridade e que traz consigo ânsia, sonho, aflicção. Acumula-se. E há um momento afinal em que a Igreja é uma catedral de espanto, e já não existe. A pedra viva mirrou-se. O exterior, a massa impotente que sobe nos ares, é um milagre. Mas o edifício monstruoso desdobra-se: além da que é visível, tem outra parte assente no fundo de cada ser. E essa abala-se e rui. A dor criara também outros homens. – É Rousseau, ser curioso em quem se junta toda a sensibilidade da terra, e que, quanto mais se enlameia, maior se torna e mais parecido connosco; é Diderot, é Voltaire, que revolve, ri e derruba – seco, nítido, irrespeitoso. A terra cisma, o homem cisma, e, junto com ele, todos os que sofreram no globo, já dispersos em pó, todos os que mergulharam as mãos no sonho e, com as mãos tintas de sonho, avançaram para a morte. Em Rousseau, repara, há outras criaturas anteriores, que lhe prestaram a sensibilidade adquirida num sofrimento secular; pela boca sarcástica de Voltaire riem – enfim! – milhares de bocas que a força estúpida entupiu. Um mundo de espectros rodeia na confusa Alemanha o solitário Klopstock que publica a *Messíada*, Lessing que se estreia na crítica, Schiller que impõe grandeza ao teatro e Fichte independência e carácter à filosofia de Kant. É só da própria desventura que Beethoven constrói, acaso, melodias sublimes? Não, nele congregam-se aspirações remotas, e a desgraça ignorada daqueles a quem nesta vida nem mesmo foi dado chorar. O próprio Goethe, que na noite solitária se curva sobre um tratado de física e imagina o *Fausto*, tem à sua roda um mundo invisível, que não pôde exteriorizar seu sonho na existência transitória, e que o força num arranco a sonhar... É a raiz formidável que enlaça e trespassa o mundo até aos seus mais íntimos fundamentos. Acorda a fanática Espanha e a mesma força impele num sobressalto os povos: na Itália os poetas são perseguidos e expulsos. Descubrem-se não terras diferentes mas um novo homem. E outra estranha Primavera: maior é a terra, e o céu infinito gera freneticamente a vida nas matrizes dos mundos. Tinha também aparecido – e quase se não dera por isso – uma outra força, a máquina. O ferro aliado ao que é imaterial transforma então o planeta.<sup>2</sup> A máquina apressa, a máquina resolve, a máquina suprime o tempo. Há muito que na Holanda rangia o ferro dia e noite para espalhar os filósofos, os panfletários e os críticos... E a luta começa exactamente pela demolição de Roma, pela demolição dum Deus caduco; a luta começa pelo revolver de ideias, de paradoxos, de infâmias. O século é céptico e materialista. É que enquanto a Igreja pára e cristaliza – e Deus envelhece – o homem avança, e, um momento, não crendo na Igreja, que o esmaga, julga-se liberto para sempre da ideia de Deus. Foi um passo para diante? De certo. Espedaçou fórmulas, mas não viu que mais se aproximava

---

<sup>2</sup> O ferro, a máquina. são ainda criações do mesmo espírito, fundidos na mesma dor, caldeados na mesma lenta e obscura transformação através de séculos e de esforços, isto é dor.

de Deus, exactamente quando dele julgara afastar-se. É que essa questão é a questão primordial: todas as revoluções são um passo para Deus.

Deus existe – Deus não existe. Cabe nestas palavras todo o problema da vida, toda a história dos últimos séculos e toda a mixórdia, toda a ânsia, todo o grotesco contemporâneo. Se Deus não existe reina a infâmia, o egoísmo, o sórdido interesse. Quero encher-me e quem me contém? Rio-me das tuas baionetas, das tuas frases, das tuas leis. Não, se Deus não existe, não há palavras que expliquem o teu oiro e a minha pobreza, o teu gozo e a minha desgraça. Esfrangalho-te porque sou legião – chamo-me Miséria, chamo-me Fome... Desde que arrancaram ao pobre a ideia de Deus, transformaram o homem, fizeram na terra a maior das revoluções – e todas as revoluções, todos os destroços, todo o sangue é ninharia para o que está ainda para vir. Tudo até agora são passos iniciados para a formidável revolução final, para o tripúdio da besta à solta, que há-de incendiar o globo até se aproximar da verdade e do espírito. A história de há cem anos para cá é exactamente a história das consciências libertando-se de fórmulas, a tactearem na obscuridade. Precisamos de outra fé. Sem Deus egoísmo, interesse, avareza, luxúria soma total: infâmia. Tudo é admissível sem Deus. Vale repetir esta coisa trivial? Deus não coube dentro das paredes da Igreja; Deus não coube no palácio do Vaticano, nas lóginas de Rafael, sob a cúpula de Miguel Ângelo, no imponente cenário de Roma – Deus cabe entre os quatro muros denegridos onde habita um pobre. Falsearam a ideia formidável, caminha para nós não sei que Sombra vaga e disforme que imerge da profundidade das almas até que de novo te encontres, já livre de peias, mais perto da beleza eterna.

Ninguém sabe que tempestade se desencadeou no globo. A nossa época em que o Oiro substitui a Igreja e o Gozo a fé, é de mera transição. O que aí vem, furioso e desordenado, com desespero e gritos, é a justiça. Voltar para trás não é possível; já o não era, quando a máquina, fruto da mesma dor, se aliou aos enciclopedistas e aos poetas, que foram remexer no fundo da consciência dos desgraçados e obrigá-los a olhar cara a cara a desgraça. Tenho fé no homem – tenho fé na máquina. O erro dos que gozam à custa do sofrimento alheio foi deixarem desencadear o instinto. O que convém ao menor número que domina, é que os outros não ergam os olhos para o alto. Para uns o Poder e a Vida; para outros a Dor e o Céu. Vive com a desgraça que é o teu quinhão, não sonhes que o sonho é um perigo, não discutas que a razão leva-te ao inferno. Só a fé nos salva. E uns, no alto, gozam, com oiro, infâmias, risos; outros, em baixo, cavam com desespero e fome. A Igreja bandeou-se com os poderosos e perdeu a fé. Eis o que não lhe será perdoado.

Todos nós através do desespero e no negrume cerrado, sentimos que nos falta alguma coisa essencial à vida. Arrastamos um cadáver que nos pesa, e que outrora transformou a miséria e a dor... Entra o frio pelos buracos da casa?... Melhor, vêem-se as estrelas. Mais pobre, mais perto do céu. Houve no mundo uma coisa infame que deu ao escravo, na miséria atroz, a atroz resignação: que, do lado dos poderosos, o deixou esfomeado e nu, dando-lhe em troca o Cristo. Houve no mundo uma coisa necessária, horrível e esplêndida, a Religião. (Ponho de lado Cristo, Cristo nada tem que ver com a obra humana...) E quando alguém se insurgia – uma voz falava baixinho: – Espera: há outra vida. Outra vida maior, outra vida intensa... – Mas essa voz extinguiu-se ou fala de tão longe que não conseguimos ouvi-la. Nem já existe. A ilusão não é necessária – a convicção é que é necessária. Sem ela morres de horror. Quero Deus. Neste vasto globo sinto-me submerso e perdido: tenho a meu lado um fio de ternura, duas ou três mãos, que aperto e sinto nas minhas mãos ansiosas, mas afundo-me no oceano bravo onde nascem os mundos e onde rola o planeta, onde sei que há a árvore e a desgraça, se me falta uma raiz a que me apegue. Mas verdadeira, inabalável, de ferro, em que eu na

realidade creia e possa crer, e não um simulacro... – a raiz da Vida...

É este o momento – e nenhum outro – de aflição e de espanto, de gerarmos um novo Deus. Precisamos dele, doutro drama da Paixão, de outro Cristo para o pregarmos na cruz. Tenho já nas goelas o grito: – Barrabás! Barrabás! – e o grito: – Crucifiquem-no! crucifiquem-no!...

A verdadeira história é imaterial; é, repetimo-lo, a história da consciência humana que pouco e pouco se aproxima de Deus. Em torno disto atropela-se a mixórdia, a ambição, os interesses, o direito à vida e ao gozo, já não contido pela ficção religiosa. É um trabalho obscuro, feito à custa de gritos – a obscura e lenta transformação das almas. Mostrá-lo antes, durante e depois da revolução, seria escrever a história ideal desse período. Chamam o homem do passado os mortos: é um clamor. Há obscuridades, desalentos; clarões de incêndio iluminam os quatro cantos do globo. Urros de prazer, urros de besta aniquilada. Desespero. Grotresco. infâmias. Ouve-se num fundo remoto o tilintar do dinheiro... Depois mais ânsia, um remexer de ferro e sonho. Paragens, inquietações, renúncias. Luta e tragédia – para deparar com Deus... Quando ao pobre lhe arrancaram a ilusão religiosa e pôde ver as iniquidades, de ordem natural ou social que o separavam da vida, a revolução começou. Sobrenadam escórias, palavras, leis, mas dessa mescla furiosa de ódios e tentativas frustradas, há-de sair o futuro, isto é – a Justiça.

A pior revolução está ainda por fazer – é a dos desgraçados.

\*

Isto mesmo se sente já no fim do século XVIII; tudo o que se constrói é transitório e vão. O passado é um cenário e o futuro, que já existe nas consciências, não se pôde ainda exteriorizar. Sente-se que o próprio Pombal, à primeira vista tão inteiriço, tem falhas. Até ele. Encara-se e mete medo. É quezilento. A mim esse homem obstinado e avaro (sustentou-se a milho de Soure) faz-me o efeito dum caixeiro terrível, dum burocrata imenso, com o patrão atrás de si.

Não me importa a crueldade de que o acusam nem inteiramente lha atribuo. Pior há nele não sei o quê de emproado e mesquinho.<sup>3</sup> Rodeiam-no os poetas subalternos, bajulam-no os poetas safardanas. Ouve-se o coro reles entoando louvores:

Em honra, e louvor  
Do grande Carvalho;  
Do Famoso Carvalho, que alçando  
Às Estrelas a Fonte sublime,  
Com a sombra benigna, que estende,  
Ampara, protege, defende  
Os ditosos Pastores do Luso.

Em honra, e louvor  
Do grande Carvalho  
O cheiroso orvalho,

---

<sup>3</sup> Conta-me o senhor marquês da Foz: – Um dia, quando se vendeu a mobília do palácio de Oeiras, dos Pombais, pediram-me para ceder uma casa que tinha com escritos na Rua de Ferragial, para se fazer leilão. Acedi e antes do leilão fui lá e agradaram-me diferentes objectos que comprei por 8 contos. Entre eles estavam cinco grandes vasos da China, cinco maravilhas, como nunca vi. Ao centro tinham as armas de Pombal e eram precisas duas pessoas para os erguerem. Quatro coloquei-os à entrada da minha casa e o quinto na sala de jantar, defronte de uma estufa. Um dia estava à mesa quando por acaso reparei que o verniz do vaso estalara com o calor. Levantei-me, fui vê-lo: sob a casca aparecia outro desenho. Com a ponta duma faca levantei o *craquelé* – e debaixo das armas de Pombal apareceram as armas dos Távoras! Tão certo é que até os grandes homens estão sujeitos a estas misérias!..

Que das cepas mana,  
Que produz ufana  
A viçosa Oeiras,  
Neste copo empino.

CORO. Viva o Grande Carvalho, viva, viva...<sup>4</sup>

É a última figura do passado. Mas reparem enche a época – e está fora da época... É que a sua própria consciência não pôde furtar-se a uma lenta e obscura transformação. Por isso o seu plano desaba. Um déspota precisa de um século de aflição e de artifício para dar alicerces à sua obra. Ninguém conta com a morte e a morte está sempre ao nosso lado. – É incoerente. Vive anos na Inglaterra e não compreende a liberdade; pertence ao tempo de Richelieu e lê Voltaire; é uma fórmula retrógrada, e atribui a degradação do país «aos frades, aos inquisidores, aos desembargadores»; ataca a Igreja, e a Igreja, os fidalgos e os frades esperam sempre um bom regimen absoluto: a religião é indispensável, porque mantém na regra e na obediência --mantém na fome – os desgraçados.

Sem dúvida esmagou, calcou, teve pedras no lugar do coração: se remexo mais fundo encontro, é certo, ódio, mas é preciso separar a dor da crueldade. E esta resta saber se lhe pertence.<sup>5</sup> No segundo plano outra figura pior de decifrar remói suspeitas. El-Rei Banal desconfia e engorda, e pergunto a mim mesmo quantas vezes o espinhaço de ferro do marquês se lhe fundiu perante o olhar do dono... Bajula-o, só se sustenta à custa do engrandecimento do poder real, e se D. José, na sua imensa vaidade de homem gordo e balofo (são os piores), chega a suspeitar que papel subalterno o futuro lhe destina, o outro acabava no fundo de qualquer masmorra – da pior.

O Pombal de cenário – el-rei ao trono, o marquês no trono – é falso como Judas.<sup>6</sup> Foi uma fórmula sem piedade. «Queixumes e gemidos soam de toda a parte», diz o conde de Merle.

Foi a dor, mas nação que não sofre é incapaz de sonho e extingue-se... Por terra é que é vê-lo agora: a poderosa e antipática figura conserva mesmo no chão extraordinária grandeza. Quando cai é que se lhe mede o tamanho.

Ouçõ machadadas num tronco, ouçõ-o despedir com palavras secas: – Pode retirar-se do paço onde já não tem que fazer –; ouçõ-o cair com o baque duma árvore

---

<sup>4</sup> Ditirambo que se cantou a três vozes na sessão académica em honra do marquês, composto por António Dinis da Cruz e Silva e Teotónio Gomes de Carvalho.

<sup>5</sup> «Debe confessarse que a los portugueses nada les habia quedado da sua antigua gloria, sino los instrumentos de sus vicios.»

<sup>6</sup> Um dos maiores inimigos de Pombal, O intrigante cardeal Cunha, o *cardeal* otomano, é o amigo íntimo do rei. Fala-lhe horas e horas ao ouvido. Pombal prepara um sucessor, José de Seabra, e o rei, de repente, degreda-o, sem dar razões ao ministro. Quando chega a vez do ódio: o ódio da rainha velha, dos fidalgos, da Igreja, todos recuam: Pombal só diz quando se trata de degredos, mortes, etc.: «Cumprí as ordens de El-Rei». Porque o não perdem de todo? Porque param diante dessas palavras? As maiores crueldades da época pertencem ao rei. Obedecem sabe Deus a que vinganças pessoais e a que móveis secretos. – E que rei a não ser um Santo se despe assim de orgulho, a ponto de dizer a outro: – manda? D. José era, de mais a mais, um homem frio, orgulhoso e desconfiado. Por vezes procura saber se Pombal o informa bem. Espia-o e manda, por exemplo, com o maior segredo, devassar no Maranhão se as queixas dos jesuítas contra Francisco Xavier de Mendonça, irmão do marquês, são melhor justificadas que as do governador Mendonça contra os jesuítas. – Por último – e para não falar em certas cartas que desapareceram e que lançariam luz clara sobre as figuras – transcrevo as palavras dum contemporâneo, de Raton: «O desembargador França, que fazia de juiz no processo deste Ministro, e com quem eu tive alguma familiaridade, me segurou, que não fora possível achar, entre muitos quesitos de interrogatório, um só a que não respondesse com prontidão e acerto; e não citasse documentos, que averiguados mostravam, que ele nada fazia senão por ordem do soberano.»

que tivesse sido força. Vejo-o diante de mim, absorto, a caminho da expiação que começa, a boca vincada na figura imperiosa, a que só os cabelos brancos dão ternura.

Desabam panfletos, sarcasmos, ódio. O povo espera-o nas estradas e vê-o passar, de ferro ainda. O velho é temeroso. Acusam-no de ninharias e infâmias – do furto de baixelas, e ele queda-se de olhos fitos e cabelos todos brancos. Os mediócrs interrogam-no com minúcia e guia. Assobiam-no os garotos debaixo das janelas. Cai-lhe tudo em cima, povo, ralé, fidalgos e padres. Não faltam os poetas... Lugar ao obsceno Lobo de Carvalho:

...Um clama ao céu justiça, nutro que morra  
Nada o altera; chama-lhe impudentes;  
Filho da puta, gabo-lhe a pachorra!

Arrancam-lhe por fim estas palavras, que lhe deviam vir à boca num golfão de fel: «Peço humildemente perdão a Sua Majestade a Rainha, por todas as faltas que cometi.» E acrescenta isto: «Espero obtê-la graças à demência de que Sua Majestade é dotada.» Largam-no gasto, amachucado, na casa friorenta, a dois passos da morte. Está só – está velho – está rico. Rendimento 120000 cruzados. Mas, a cada novo vexame, a figura cresce, e peraltas, sécias, padres, poetas, intrujões, os que o adularam e os que o atacaram, e tudo o que nele houve de quezimento e mesquinho, desaparece de vez. O velho comido de lepra, comido de dores, é o passado inteiriço: tem grandeza. Insultam-no: nem os ouve. Mergulha em trágica absorção...

O edifício que construiu à força, não lança raízes nas almas, não pode. O mundo transformara-se. Há que séculos se grita! A aflição, a injustiça, o sonho, vão enfim gerar. Os desgraçados – ninguém morre em vão oprimido e sufocado de dor – empurram os vivos para a frente. Por isso é tudo inútil, até a crueldade. Com ele desabam alçadas, terrores, cárceres, o absolutismo em tudo a sua grandeza, o edifício de alicerces inabaláveis, a construção temerosa, matemática e hirta, a grande máquina de peças complicadas, – o povo calado, submetidos os fidalgos sob um jugo de ferro, no alto El-Rei Nosso Senhor, um nível, um compasso e um prumo. Tanto esforço, tantos gritos – tudo inútil, tudo inútil...

O facto capital do mundo tinha sido outro. Ninguém deu por ele – toma agora extraordinário relevo.

Um velho barco de madeira largara das costas de Inglaterra no século dezassete. Aproa a América. Leva dentro um bando de perseguidos. São pobres mulheres, de mãos delicadas, fidalgos que vão arrotear a terra, abrir alicerces, construir casas, através duma existência incerta. Atravessam O mar. Que pesa na existência do mundo e na convenção das cortes o velho barco *Mari Flower*, perdido na escuridade da bruma, com um bando de heréticos a bordo? Nada – e é da fé, da obstinação desta gente, que nascem as raízes que mais se hão-de apoderar de todas as consciências. Anos volvidos atrevem-se e pronunciam enfim estas palavras: «Os homens foram criados iguais; foram dotados pelo seu Criador de certos direitos inalienáveis e entre eles a vida, a liberdade, o direito de procurarem a ventura.» Di-las uma gente pobre e convencida, que, para fugir aos ódios religiosos, atravessou o oceano e procurou a floresta e uma terra selvagem que desbravar. Entranham-se no coração dos humildes. Era de certo um povo grosseiro, mas cada homem, cada raiz imensa deitada ao céu, cada raiz enorme agarrada à terra. São frases, é a dor estreme que vem à supuração. Pronunciam-se num canto remoto, vão repercutir-se no globo.

\*

A revolução é sempre um desenlace: estava feita antes de começar e é mesmo essa a única realidade bem patente em cada alma. As consciências tinham-se transformado. O que resta de pé são fachadas. Nem os poderosos do mundo ligados pelo interesse têm já convicções. O rei da Prússia é filósofo; na Áustria o irmão de Maria Antonieta apodera-se dos bens religiosos; o da Dinamarca dizia habitualmente: – «Foi Voltaire quem me ensinou a pensar» –; a Catarina da Rússia é o próprio Voltaire quem lhe escreve: «Deusa, Diderot, d’Alembert e eu levantamos-te altares.» Maria Luísa de Parma, a de Espanha, é discípula de Condillad. A educação filosófica deixa-a sem fé nem lei, mas supersticiosa a ponto de se cobrir de bentinhos. Até no fundo das bibliotecas dos nossos fidalgos se encontram os poetas e os filósofos.<sup>7</sup>

Forma-se a força que explode em Paris (talvez por leis desconhecidas a França seja o núcleo onde os fios magnéticos se concentrem e actuem) e expande-se no mundo, porque só encontra fórmulas caducas diante de si.

Oito de Agosto de 1788 – Estados Gerais. Uma simples data e o mundo é outro. Há muito que o sonho lateja na obscuridade... Sumiram-se para sempre no nada essas multidões coléricas: caiu-lhes em cima um peso enorme: da sua cinza esparsa nos quatro cantos da Terra nem vestígios restam: – e ainda hoje sacode o livro inerte o mesmo redemoinho que na época transiu o globo. Tem nervos o papel gelado onde se contam estes factos. Há anos que a história é isto e aquilo, cenário e palavras: ouvem-se vozes em falsete... – Mas intervém o jacto, a mixórdia, a lama, o sangue, e logo, por os buracos da lona em farrapos, se contempla a vastidão do universo. É temeroso? De certo. É a vida. Caso estranho e cheio de ternura: é entre o ódio e as paixões que o homem pela primeira vez estaca diante da natureza sua mãe (Rousseau). Mais: o século da libertinagem e da infâmia (Casanova) precisava de liquidar em sangue, para que o homem tomasse a vida a sério.

Figura dessas com quem uma vez entres em contacto nunca mais a esqueces. Porquê? Porque tirou a máscara e fala não com a minha nem com a tua, mas com uma extraordinária voz, onde se repercute o eco de outras vozes para sempre extintas. Pergunto: – Marat é apenas Marat? Que tempo levou Marat a gerar? Eles exprimem desespero, injustiça, opressão. Luís XVI não é talvez culpado. Mas paga. É justo que pague. Paga os gritos dos galerianos (Jean Marteilhe), paga as construções de afronta de Luís XIV, a fome e a miséria. É justo que pague. A dor paga-se sempre. Mas – dizes – é paixão hedionda, são interesses também e figuras de pesadelo. São, e nem dessas consegues desviar os olhos: são até talvez as que mais te prendem, porque nelas reconheces

---

<sup>7</sup> O autor de *Mercúrio* Britânico, o mesmo que conheceu pessoalmente Madame Roland e que a define «capaz de merecer pela alma ardente e ambicioso espírito ou um convento ou um principado, e que pelo seu finíssimo e turbulento juízo era tão capaz de dirigir intrigas» diz da Revolução em Dezembro de 1798: «Quando um Rei se vê obrigado como o foi aquele generoso e benéfico Luís XVI, a chamar ele mesmo uma Revolução devemos tê-la por inevitável».

«Pour nous, jeune noblesse française, sans regret pour le passé, sans inquiétude pour l’avenir, nous marchions gaiement sur un tapis de fleurs qui nous cachait un abîme. Riants frondeurs des modes anciennes, de l’orgueil féodal de nos pères et de leurs graves étiquettes, tout ce qui était antique nous paraissait gênant et ridicule. La gravité des anciennes doctrines nous pesait. La philosophie riante de voltaire nous entraînait en nous amusant. Sans approfondir celle des écrivains plus graves, nous l’admirions comme empreinte de courage et de résistance au pouvoir arbitraire.

«Jamais on ne vit plus de contraste dans les opinions, dans les goûts et dans les moeurs: au sein des académies, on applaudissait les maximes de la philanthropie, les diatribes contre la vaine gloire, les vœux pour la paix perpétuelle; mais, en sortant, on s’agitait, on intriguait, on déclamait, pour entraîner le gouvernement à la guerre. Chacun s’efforçait d’éclipser les autres par son luxe, à l’instant même où l’on parlait en républicain et où l’on prêchait l’égalité. Jamais il n’y eut à la cour plus magnificence, de vanité, et moins de pouvoir. On frondait les puissances de Versailles et on faisait sa cour à celles de l’*Encyclopédie*». *Mémoires et Souvenirs* – COMTE DE SÉGUR.



uma parte obscura do teu próprio ser: estão presas por nervos, por fios desconhecidos, a toda a humanidade. Todos nós temos responsabilidade nesse drama tremendo, lá andámos também envolvidos, e connosco outros, os mortos, dos quais nem memória resta... – A dor nunca se perde no mundo, a desgraça acaba sempre por ter voz. Reparem bem nuns e noutros homens, nas figuras antigas—e não é só o tempo que nos separa e nestas esplêndidas de ódio, de paixão e de cólera. Uns estão muito longe na história e nos livros: não nos interessa nem os seus vícios, nem os seus ridículos, nem as suas maneiras, nem as suas ideias longínquas. Os outros são nossos contemporâneos: lidei e sofri com eles. Até os seus crimes nos aproximam. Que tempo levou esta dor estreme, este sonho em brasa, a gerar? Nasce de tão longe, fio a fio, grito a grito, só desespero e alma, que o perco. A árvore secular desentranhou-se por fim em dor, cobriu-se de dor, mas as suas raízes vêm do fim do mundo e do princípio da vida. Eu vejo, positivamente vejo, os mortos a empurrarem os vivos. São multidões sobre multidões compactas, tão grandes que não caberiam no vale de Josafat...

E um dos raros momentos da história em que todos falamos ao mesmo tempo, os vivos e os mortos, e mais alto os mortos que os vivos. A revolução é feita por fantasmas, por um mundo esboçado, pelos esforços empregados de além-túmulo pela força real que nos sustenta na vida. O formidável drama desenrola-se perante a Europa atónita. Cada dia o espectáculo diverge. Todas as feras têm voz, mesmo as feras são necessárias. Marat é um ser completo; descobre-se que Fouquier Tinville vai no rodilhão levado, empurrado nem ele sabe para onde. Uma máquina assim precisa de rodas de ferro. Tirem-lhe as figuras de espanto e o quadro perde o interesse. Arranquem-lhe Marat e verão que faz lá tanta falta como Danton, Vamos mais fundo, vamos às raízes... Procuremos as figuras que estão por trás dessas figuras e os gritos – que só se ouvem, nesses momentos de torvelinho magnético em que as fórmulas não existem e a vida artificial se reduz ao mínimo – os gritos que estão por trás desses gritos. Escutas enfim a tua voz? Assistes enfim ao teu próprio drama? Ousas reconhecer-te naquela figura de espanto, que só vive alguns minutos fugazes, e que reaparece de séculos a séculos, logo sepultada em camadas que tem léguas de espessura, e que és tu! és tu, que nem a ti próprio és capaz de narrar o que sofreste desde séculos e séculos, e que já esqueceste de todo o monólogo desarticulado e angustioso, com que vens comentando a vida, sempre baixinho, sempre lá no fundo mais recôndito da tua alma?... Pensemos bem: se não fossem esses gritos, esse espezinhar de vida, estávamos ainda hoje nas mãos de cortes de opereta. O homem só se sente viver depois da Revolução. Que dizer: o turbilhão de ideias modernas gerou-se então no ódio, criou-se porventura no sangue? Não: criou-se na dor. O francês é talvez um povo detestável, mas o mundo ganha sempre com os seus erros e os seus crimes.

Em 1789 não é um trono que cai, não é só o mundo exterior que desaba – é o mundo interior que rui para sempre. Até Goethe o frio Goethe, se comove; Klopstock reza, e Kant, o de ferro, di-lo Michelet sai do seu caminho (toda a vida, às mesmas horas, como um pêndulo, passeia absorto no mesmo sítio) sai do seu caminho e do seu sistema e interroga, pergunta, quer saber. Anda no mundo sonho misturado com dor, e do desespero, dos interesses, dos gritos, dessa miscelânea feroz, sai a solidariedade – a instrução gratuita a moral universal base da sociedade e a consciência universal base da lei – a liberdade dos negros – o mundo novo enfim.

As cortes só se decidem a avançar quando supõem que a queda do trono de Luís XVI pode arrastar os outros tronos. Até aí a Europa, dividida por vários interesses, não

intervém: a prática Inglaterra aproveita a ocasião e aumenta o negócio.<sup>8</sup> Ao redactor da *Gazeta* é imposto silêncio. Desde 5 de Setembro de 89 até 15 de Dezembro, só há de importante em França para a *Gazeta* uma reunião de académicos. Em Portugal, como em Espanha, os emigrados são abertamente protegidos e fazem uma guerra de morte à República. José Seabra aperta com a *mesa censória* e proíbe-se tudo de escantilhão. Recomenda-se ao clero que ensine com fervor a cartilha, e o bispo do Algarve declara em edital de 14 de Setembro «excomungados todos quantos comprassem ou vendessem ou conservassem livros ou escritos perniciosos de qualquer herege, dogmático, apóstata, ímpio, libertário, seguidos de qualquer erro ou danada seita ou superstição». Vem Valmy e o terror aumenta. Já há clubes na Inglaterra. Os jacobinos são obra do inferno. Suwarow devia mais tarde defumá-los para lhes tirar o diabo do corpo.

Não há, porém, peste que se pegue como as ideias... É difícil seguir a infiltração da liberdade, veio subterrâneo que forceja, através de obstáculos desmedidos e através dos séculos, por romper para a luz. Lê-se muito. Lafões rodeia-se dos espíritos mais esclarecidos do seu tempo, e o general Foy afirma que as ideias democráticas fermentam nas classes abastadas do país.

De quando em quando aparece um pasquim ou correm de mão em mão alguns papéis, o *Catalão* republicano «infame e sedicioso» ou outros «incendiários que mereciam ser queimados na Praça do Rossio pela mão do Algoz».

Em 1778 eram presos em Valença pela Inquisição, saindo penitenciados a 11 de Outubro, sendo inquisidor-mor o cardeal Cunha, Miguel Kincerlate, de Bruxelas, sargento-mor do regimento de artilharia do Porto; Aleixo Vacher, francês, cirurgião militar do mesmo regimento; José Leandro Meliani, tenente; José Anastácio da Cunha, o ilustre geómetra; José Barreto, cadete; Henrique de Sousa, cadete; Manuel do Espírito Santo, cabo; e os soldados João Manuel de Abreu e José de Sousa e o estudante José Maria Teixeira. Diz Miguel António Dias nos *Anais e Código dos Pedreiros-Livres* que a maçonaria foi introduzida em Portugal em 1733. Em 1735 já há lojas em Lisboa e províncias. As perseguições, segundo o mesmo autor, começam em 1742, e em 1762 propaga-se a maçonaria no país por intermédio dos oficiais do exército. No ano de 1778 são perseguidos Francisco Manuel do Nascimento e os doutores António Nunes Ribeiro Sanches, Félix Brotero e o abade Correia da Serra, que se expatriam. Havia focos liberais em Coimbra, Lisboa e Valença. João Maria Teixeira era um grande propagandista de ideias liberais. A polícia persegue Francisco Salles de Origny, e o *infame Cagliostro* que é expulso. As *moscas* correm os cafés, as casas de pasto e as casas de hóspedes, e José Anastácio Cardoso descobre a loja da Boa-Vista, a Buenos Aires. Em 1792 são perseguidas muitas famílias da Madeira, que fogem para a América, e D. Maria ordena ao governador da ilha que entregue ao Santo Ofício todos os maçons. Em 1793 há uma loja em Coimbra, da qual é venerável um alemão, Matheus, e a que pertencem Francisco José Paula e o doutor Bernardo José Abrantes. Nesse ano é preso Francisco Coelho da Silva, por espalhar cópias de uma obra revolucionária. E em 1795 sabe-se da existência de uma loja no Porto. Em 1796 procede-se contra Alexandre Campeluzi, mas logo em 1797 se fundam várias lojas em Lisboa, depois de uma reunião de maçons a bordo da fragata *Phenix*. Em 1799 são

---

<sup>8</sup> A nossa Revolução escrevia de Urtudize a Montmorin a 16 de Junho, causa aqui (Madrid) um terror que não posso descrever, todo o francês é olhado como um homem que vem para atizar a revolta». (*Geoffroy de Grandmaison*).

«Goday, dizia Sandoz num dos seus officios, é por principio antifrancês e a rainha partilha o seu posto de vista por paixão por ele. Entretanto declaram-se ambos apostos a medidas aggressivas, que lhe custariam o dinheiro que preferem gastar com os seus prazeres». (*Baumgarten*).

«Em 1791 faltavam 7 milhões de reais para o salário das operárias dos portos: a rainha tinha-os gasto» em jóias e trapos.

denunciados como liberais Manuel Teles Nogueira, Francisco Inácio Cid de Melo e Castro, o capitão Alexandre Aro Lacueva, o ourives Francisco Sales, o padre Lucas de Campos, o cirurgião Simão Gomes, o bacharel António Ferreira Nóbrega, etc.

Na província, em Barcelos (1797) é preso Manuel José Pereira Coutinho, que lia a outros o Credo da República Lombarda: «Creia na República Francesa uma e indivisível, criadora da liberdade e igualdade», etc. Um padre denuncia alguns estudantes (Junho 1797) que espalham folhetos. (Torre do Tombo. M. 325 a 327).

Em 20 de Outubro de 1799 é presa no Rio de Janeiro, e depois ao desembarcar em Lisboa, M.<sup>me</sup> Entremeuse, e a 18 de Novembro João Seco, pedreiro-livre «mestre da infame seita que tinha a lógea na casa em que habitava». Juntava-se com clérigos irlandeses e outros que associava nas lojas de bebidas do Cais de Sodré. A polícia entendia que a época era muito crítica por saber que «na grande lógea daquela capital (Paris) de que era grão Mestre o Duque de Orleans foi tramada a infelicidade da França e de toda a Europa». Em todo o país, «em todo o orbe (Março) os jacobinos ou falsos iluminados têm espalhado as suas máximas infames e odiosas, procurando todos os meios de atacar a Religião e os seus Ministros.» Em 1801 a polícia já tinha descoberto «cinco lógeas de Pedreiros livres e irlandeses iluminados, contando esta infame sociedade muita gente de todas as jerarquias». Alguns proclamavam-se republicanos nos cafés e nas casas de bilhar, tal como Manuel Teles Nespereira, do Porto. De quando em quando corriam papéis clandestinos – *Epístola ao M.<sup>to</sup> Rev.<sup>mo</sup> P.<sup>e</sup> Frei de Carmelos* estampada em Londres em 1791. Nas casas dos fidalgos «fala-se com toda a liberdade» – marquês de Alorna, duque do Cadaval, marquês da Ponte de Lima. Em Coimbra «vários sintomas que apareceram depois da Reforma deram indício de que alguma porção do mesmo mal havia infeccionado a Academia Portuguesa porque o prazer, e o alvoroço dos Membros da Universidade em discursos indiscretos, e escandalosos claramente o manifestaram numa aluvião de escritos liberticidas, e escandalosos e igualmente contrários à Religião e aos costumes, como os Baylés, os Furets, os Helvessios, e os Rousseaux que passarão às mãos dos lentes e opositores, e muitos deles às de uma grande parte dos mesmos Estudantes». Já se come carne à sexta-feira sem licença da polícia. Em Belas um francês, Barbier, que tomava águas férreas, aliciou muita gente para a seita. (Contas para as Secretarias – Livro VI).

Havia já três lojas em Lisboa, uma no regimento de dragões ligeiros e outra no regimento que guarnecia a torre de S. Julião. A Intendência da Polícia alcança uma relação dos estrangeiros, que constava serem maçons. Em 1801 iniciam-se na loja *Virtude*, perto do convento da Estrela, onde morava o maçom André Jacob, inglês, e à qual pertenciam alguns oficiais franceses do regimento dos Leais Emigrados, João Crisóstomo Ribeiro de Sousa, João de Sousa Pacheco Leitão, Curvo Semedo, José Carlos de Figueiredo, todos três engenheiros, Estanslau José Ribeiro e o padre José Joaquim Monteiro de Carvalho e Oliveira. E se rebuscarmos com paciência não é difícil fazer com várias relações manuscritas uma lista exacta de pedreiros-livres. Numa de jacobinos «incorrigíveis e temerosos» (M.s 855, colecção Moreira) lá vem João Aleixo Falcão Trigoso Wanzeller, grão-mestre da maçonaria, alguns padres, oficiais superiores do exército, Dr. Vicente José Ferreira Cardoso da Costa, Filipe Alberto Patroni, o Mata-Diabos, capitão-de-mar-e-guerra, Dr. Domingos Vondelli, lente da Universidade, Jacome Raton, o ilustre cirurgião António de Almeida, o Dr. Bernardo José de Abrantes e Castro, físico-mor do exército, o pagador-geral do Correio, o prior de S. Jorge, o desembargador vereador do mercado da câmara, oficiais da armada, Manuel Ferreira Gordo, dois oficiais da Intendência da Polícia, D. André de Moraes Sarmento, capelão do hospital militar de Beato António, que ele próprio se denunciou à Inquisição como pedreiro-livre, o professor e médico da Real Câmara, Henrique de Paiva, o grande

pintor Domingos António de Sequeira, o poeta Maximiano Torres, vários negociantes e muitas outras pessoas, todas ou quase todas expulsas mais tarde de Lisboa.

«É de saber, que então era o tempo de maior efervescência da revolução francesa, e que tudo o que ali se passava era de maior interesse para o mundo.» Havia muita gente que tinha livros franceses e que pedia para lhos traduzirem «outros que escreviam uma espécie de boletim» que mandavam aos amigos. A peste chegara aos conventos... (Colégio de S.<sup>ta</sup> Cruz de Coimbra). «Os professores novos começavam a ensinar aos discípulos, e estes recebiam com avidez doutrinas que particularmente eram avessas ao velho dogma da infalibilidade do Papa e do poder deste sobre o governo temporal das nações (1790, José Liberato). No fundo de tudo isto lateja um grande sonho... E é curioso que já nessa época os partidários de Pombal são perseguidos como liberais... (M.s – *O escritor de si mesmo* – B. M. do P.) «e no convento só lhes dão pão e água, matando-os à fome.» Um pouco mais tarde, um santo, Fr. Caetano Brandão, não se podendo conter, havia de exclamar: – «Sabe que mais! Sinto um certo prazer ao lembrar-me que os franceses entraram em Roma. Roma precisava dum grande castigo, porque dali têm saído grandes escândalos para a cristandade!» (Liberato – *Memórias*).

Nós opusemos a esta torrente esplêndida uma criatura famosa: Manique, misto de conselheiro Acácio e de polícia secreto. Eis aqui o homem... O que ele produz é espanto. Este sim, é compacto – é maciço – é sincero. Dos ofícios, da papelada, da frase gorda e caminhando com aparato atrás duma charanga, das suas palavras e das suas obras, conclui-se essa nítida verdade: foi um antepassado: encarnou uma época: foi um ser inteiriço, colocado no próprio meio, desenvolvendo à larga todas as suas faculdades. Chega-se a isto: a admirá-lo. Não tem uma única falha: é o representante autêntico do português grosseiro e mandam – em casa de seu sogro. Escarra grosso. Devia ter sido feliz, exuberante, solene, tenaz e inquisitorial. Mete medo. Teve às suas ordens cárceres, baionetas, esbirros; fez sofrer muita gente de coração. Estou a ouvi-lo exclamar: – É jacobino! é maçã! –. com os olhos arregalados de pavor. E esse pavor sente-o até à medula do seu ser. Para ele não existem dúvidas na terra: caminha sem hesitação, num traço recto e lógico. Faz respeito. Seu ideal de sociedade, é o de um povo servil, rei no alto e na corte, literatos pedinchões, fazendo versos nos anos dos fidalgos e em baixo a canalha. Aparecem bandos de crianças com fome nas ruas? Casa Pia com elas. E muita ordem e respeito, muito temor a Deus e a El-Rei Nosso Senhor, nada de livros nem de maquinações filosóficas, bons esbirros, e cárceres espessos para quem se atreva a pensar. De mais algumas estradas, trabalho, e cada qual em sua casa à noite com a família a rezar o terço. Remexeu tudo, vasculhou na roupa suja duma época e proibiu-se de escantilhão Voltaire e as poesias do abade de Jazente. Dizia condenando um livro adoptado para ensinar a língua francesa:

«Não é próprio adoptar as instruções dos indivíduos duma nação tão prevaricada, infeccionada de errados princípios». De toda a parte lhe surgem conspiradores e conspirações. «Os fins destas reuniões fazem-me tremer» (16 de Agosto de 1794). E tremia. O melhor era acabar de vez com leituras, com a inofensiva e mazorra *Gazeta de Lisboa*. Ele irrompe da papelada e dos ofícios intacto, completo, admirável, com a malta dos esbirros sujos e famélicos à roda. Lendo-o surge o homem a falar de papo, no tom de voz decisivo de quem tem o hábito de mandar, com a onipotência dos que se sentem temidos. Passou por grandes aflições – desculpemo-lo. Atrapalhou-se em contas, a ponto de ser necessário dar-lhe tudo por liquidado: não pensemos mais nisso, porque a um homem que viveu no terror perpétuo dos jacobinos, não lhe era possível descer à minúcias dum exacto guarda-livros.<sup>9</sup> Em Manique é ainda o passado que rosna

---

<sup>9</sup> Quanto às duas ou três estradas que mandou construir, ao triste casarão de piedade, à ridícula iluminação de Lisboa, que só mais tarde Rodrigo de Sousa Coutinho realizou, futilidades e bugigangas.

e mostra os dentes... Debalde, debalde.

Debalde se opõe a cartilha à Revolução. É Seabra quem recomenda com fervor o ensino do catecismo. Depois da guerra da independência da América recorre-se em Lisboa às rezas, aos lausperenes, às preces nos primeiros domingos de cada mês «para afugentar os jacobinos internos e externos». As ideias atravessam o espaço como a electricidade.<sup>10</sup> Há momentos em que as sociedades constroem no ar, em que os homens por egoísmo, por interesse, por ambição ou por comodidade se submetem à mentira. Tudo isto dura às vezes anos, tudo derrui num único instante...

Luís Pinto<sup>11</sup> propõe fantásticos tratados de aliança – uma tríplice – a Inglaterra, a Espanha, Portugal contra a França. Em vão a Convenção mandara um embaixador a Lisboa (1793). Os emigrados franceses têm decidida influência nos nossos homens de Estado.<sup>12</sup> Isto hoje faz rir, mas como podia Pinto compreender a Revolução com os Assassinos, o Terror e o Inferno desencadeado? Inglaterra e Espanha fazem afinal uma convenção sem sequer nos ouvirem, e os acontecimentos precipitam-se com a morte de Luís XVI no cadafalso. A Inglaterra arrasta-nos, a nossa esquadra fica às suas ordens, as nossas tropas às ordens dos Espanhóis na inútil campanha do Rossilhão (Setembro de 1793). Já Luís Pinto comenta: – «Lá giramos nós à roda do turbilhão espanhol!» – Era a França subvertida, mas a nação acode às fronteiras e a Europa recua. As hostilidades cessam. Assina-se o Tratado de Basileia (1795). Em Lisboa ignora-se tudo. A Espanha requer a paz, a Holanda capitula, cedem a Áustria e a Prússia. Fica a Inglaterra, ficamos nós, sob a direcção do polido *Pinto fidalgo embaixador da Mancha*, que prometera às damas do paço mostrar-lhes alguns espécimes de jacobinos dentro duma gaiola de ferro. O governo francês abstém-se de nos declarar a guerra. Só em 1794 é que os seus corsários começam – mau sinal – por nos apresarem uma embarcação, *O Senhor dos Passos*. Martinho e Melo acusa a França duma «guerra insidiosa». Que vai fazer este mundo de velharias, este mundo que se baba, contra a vida desabalada? As consciências mudaram a ponto de na imensa, na católica Espanha, o conde de Aranda, sucessor de Florida Blanca, se declarar discípulo de Voltaire e fundar o Grande Oriente. Por isso estrebucha: apela para a burla, para o dinheiro dos escravos, para o suor do negro.

Acabaram-se as folhetas, o oiro em pó, as arrobas de oiro laminado.<sup>13</sup> Quinze

---

Protegeu as letras para as ter sob o seu domínio. O seu sistema política era o que se funda na delação, na espionagem e no despotismo social.

<sup>10</sup> «A história da espírita humana é cheia de sincronismos estranhas que fazem que, sem haverem comunicada entre si, fracções muito apartadas da humana espécie cheguem ao mesmo tempo a ideias e a imaginações quase idênticas. No século XIII, os Latinos, os Gregos, os Siríacos, os Judeus, os Muçulmanos fazem escolástica e quase a mesma escolástica, desde York até Samarkand; no século XIV, toda o mundo se dá a alegoria mística, na Itália, no monte Atlas, na costa do Grão-Mogol, sem que S. Tomás, Berhebraecus, as rabinos de Narbona, os *motecallenim* de Bagdad se tenham conhecido, sem que Dante e Petrarca tenham visto algum soufi, sem que passasse em Delith algum discípulo das escolas de Perósia ou de Florença. Era como se grandes influências morais corresse a mundo, à maneira de epidemias, sem distinção de fronteiras ou de raças» (Renan).

<sup>11</sup> Luís Pinto de Sousa, depois visconde de Balsemão. Entrou na Secretaria das Negócios Estrangeiros e Guerra no mesmo dia que Seabra da Silva. Depois da saída deste passou para a do Reino. «Muitos se locupletaram à sua sombra».

<sup>12</sup> Influem na espírita do inepto Pinto de Lima; Pinto e Martinho e Melo optam pela Inglaterra; Seabra e Lafões pela neutralidade.

<sup>13</sup> Na frota que trouxe a notícia da perda de Santa Catarina tinham vindo em diamantes 130000 libras esterlinas; em 1764 da Rio e da Baía 15 milhões de cruzados, 220 arrobas de ouro em pó e folhetas, 437 arrobas de ouro em barra, 48 arrobas de ouro laminado, 8871 marcos de prata, 42803 peças de 6400, 3083 oitavos e 5 quilates de diamantes, etc.

anos depois de Pombal varreu-se tudo.<sup>14</sup> Fabrica-se papel-moeda a juro de 6% e dá-se, espalha-se papel, obtém-se papel até em troca de imaginárias dívidas. Julgando ter descoberto um poço sem fundo o governo usa, abusa, deita papel ao vento.<sup>15</sup> Restam as pedras, as jóias, os diamantes brutos – e Pinto que remexe no cofre...

Só em 1797 Seabra consegue convencer o Príncipe de que é necessário tratar com a França. A Espanha concentra tropas na fronteira, quando António de Araújo parte de Holanda para Paris a negociar. Ao desespero sucedera o Directório. Barras vende-se, o amável aventureiro Mr. de Talleyrand tem decidida influência nos negócios de Estado. Pela primeira vez ouve-se no mundo um nome estranho: *Buonaparté*. Surgira o vago Revellière Lesprés e Barras, um traficante. Vêm à tona outros homens, uma alegria que dá a impressão de ser fictícia, o poderio dos bancos, do dinheiro, da matéria.<sup>16</sup> «Aceite tudo», acena de cá o ministro. A Espanha só nos garante duma invasão se sacrificarmos a Inglaterra. Era a perda do Brasil e das colónias. A 26 de Abril de 1797 França e Espanha fazem uma convenção secreta para a conquista de Portugal. A Inglaterra instada envia-nos 6000 homens de socorro. Foi nessa ocasião que estivemos vai não vai para mandar vir de fora um general ilustre, o general Mack – o das derrotas!...

Chega-se a um tratado (1797) com um artigo secreto – dinheiro – quando a Inglaterra intervém. Pinto aflige-se, o embaixador reclama, a república nomeia o general comandante das tropas de invasão, e por fim a Inglaterra cede. Já passara porém o prazo marcado para Talleyrand, – Aí vão mais diamantes! mais dinheiro! mais pau-brasil! escreve Pinto. Aí vão três milhões em vez de dois, e que desapareçam as últimas dúvidas... – É tarde. O embaixador português é preso no Templo.

Aumenta o perigo, a Inglaterra retira dois regimentos de Portugal. Cheira a saque. Corre que no país, no fundo dos paços régios, há cofres abarrotados de diamantes brutos. Diogo de Carvalho, depois visconde de Vila Verde, bate, em Paris, à porta dos traficantes diplomatas e oferece mais um milhão em diamantes, mais 500 mil cruzados em oiro (1798). Por um momento Luís Pinto ordena: – Tenha mão. – (Sowarow batera os Franceses...) Tudo abana e desaba: os Ingleses assenhoreiam-se dos nossos portos, a França exige o rompimento imediato, a assinatura dum tratado vergonhoso. Já é outra a força que se impõe, Bonaparte. Dois de Março – declaração de guerra: a Espanha, levada pelos Franceses, invade-nos. Não temos generais, não temos soldados. Ordem às praças-fortes: – Fechem as portas. – As praças não têm portas! – Luís Pinto corre a Badajoz, a oferecer diamantes, mais oiro, e reclama a paz. É o fim de tudo? Vai desabar o velho mundo carunchoso? O general em chefe do exército, o céptico Lafões, bem se esforça por demonstrar ao inimigo a inutilidade da guerra: – «Para que havemos de nos bater? Portugal e Espanha são duas bestas de carga, a Inglaterra excita-nos, a França aguilhoa-nos. Agitemos os nossos guizos, mas pelo amor de Deus não nos façamos mal». – Os soldados fogem com medo, e a fuga é classificada pelos Espanhóis como

---

<sup>14</sup> Se é que Pombal deixou milhões no cofre... Segunda Alberto Teles essa história não passa duma lenda...

<sup>15</sup> Isto não impedia o ministro D. Rodrigo de Sousa Coutinho, depois visconde de Linhares, – que fora chamada para a Secretaria do Ultramar por falecimento de Martinho de Melo e Castro, de dizer «Temos muito dinheiro... – Contudo neste mesmo tempo se pediam, por sua insinuação, contribuições voluntárias a todas as classes, e se aceitava até a diminuta quantia de oito testões». (Ratton).

<sup>16</sup> A 25 de Junho escreve Araújo para Lisboa:

«Para comprar os membros do *directório* e outros indivíduos que cercam o governa a fim de impedir a colisão Espanha, demorar a ruptura desta potência e

adiantar a nossa negociação, fiz despesas de que ainda não posso dar contas, porque, correndo por via de Peppe, este se não achava em Paris no momento da minha partida. Em Paris não se dá passo algum sem dinheiro, e é precisa destinar três ou quatro milhões de libras para comprar os *directores*, ainda que a saída de Letourneur, que era um dos corruptíveis, diminuiu aquela despesa. O secretário do *directório* e o ministro das relações exteriores são igualmente corruptíveis e Barras vende-se a quem mais dá».

diabólica marcha de guerra; Olivença rende-se aos primeiros tiros e o governador prega aos soldados – Não façam mal ao inimigo! – Tropas fechadas nos quartéis de Arronches deixam os Espanhóis à solta. Os campónios matam alguns a fueiro. Lafões, ao arraiar da madrugada de 30 de Maio, safa-se para Lisboa, antes que o exército retire. A indignação da capital produz um pasquim: «Perdeu-se entre Portalegre e Arronches um menino de 82 anos, pouco mais ou menos, com umas botas de veludo negro: roga-se, portanto, aos que o acharem que o entreguem no escritório dos anúncios.» E foi tudo. Vale-nos Gomes Freire em Trás-os-Montes – vale-nos isto: a Carlos III sucederá Carlos IV, e Godoy a Florida Blanca.

Conclui-se o Tratado de Badajoz; Luciano assina à pressa, com as algibeiras cheias de diamantes, antes que chegue o correio de Napoleão com ordens severas.<sup>17</sup> - <sup>18</sup>

É assim de vexame em vexame, de irresolução em irresolução, de vergonha em vergonha, que vamos como um trambolho, de rabicho e farda, até ao Tratado de Fontainebleau. O velho mundo esfarela-se: já não há artifício que o sustente de pé...

Agora podemos encarar um momento as figuras... Uma ideia gasta-as e desgasta-as, outra ideia se apodera de todas as almas. Se Pombal é de ferro, no próprio Pombal se sente o trabalho lento da época: a sua obra cai exactamente porque não pôde amparar-se nas consciências do seu tempo. Os outros são meras sombras, são cadáveres: por fora pompas, galas, por dentro o vácuo. Falta-lhes solidez, falta-lhes sobretudo convicção. O tropel apanha-os e leva-os diante de si como farrapos. Só o velho, de cabelos brancos, que já há muito resvalou da solidão de Pombal para a frialdade do sepulcro, e que dispôs de horas atrás de horas consecutivas para compreender a inutilidade do seu esforço, se avoluma e se impõe... Os seus últimos dias são amargos. Não dorme. É difícil arrancá-lo à imobilidade pétrea, à muda contemplação em que se entranha. Não fala. Se vê é já outro mundo, pelo qual espera nas noites sem fim do exílio. A treva é temerosa, a treva acusa-o, o negrume povoa-se de gritos, arfa de desespero, vai tragá-lo sabe Deus para que destinos ignotos, e no entanto ele olha cara a cara a própria consciência e não desvia o olhar.

Não conseguia dormir, e assistiu à revolução na América, aos primeiros gritos que explodem no mundo. Compreendeu ou não o seu significado? Essa era a ocasião em que valia a pena focá-lo num grande drama todo interior: a consciência rígida em frente da revolução iniciada... – Ou, reduzido a manequim com os ossos a ranger, e mal podendo suster-se de pé, assestou a tremenda luneta para os factos, as ideias e os acontecimentos, com serenidade e desprezo?... Este é o drama que importa... Os outros são bonifrates; de balde se agitam no fundo obscuro, não nos interessam. Toda a resistência é também inútil, vão todo o apelo para o passado. O mundo é o mesmo, os homens mudaram.

---

<sup>17</sup> «La paix de Badajoz est pour Felix Despartes comme pour Lucien, une source de brillants cadeaux» (Savine). É depois da paz de Badajoz que Luciano se instala com esplendor em Paris, na Plessis-Charmant. Em França avalia-se em 50 milhões o que Luciano apanhou em Espanha (M.<sup>me</sup> Rumusat). E ele próprio confessa: «Pelo tratado da Toscana recebi 20 belos quadros para a minha colecção, e mandaram-se encastoar 100 mil escudos de diamantes para mim. *Pela paz de Portugal hei-de receber outro tanto*».

<sup>18</sup> E a Inglaterra? Tenta-a a ocasião de se apoderar das Açores, da Madeira, da Brasil, das colónias. Chega a desembarcar tropas em Goa. Catre as seus diplomatas e a França trava-se este curiosa diálogo:

– Lisboa e Porto vão pertencer-nos. O primeiro-cônsul pode rejeitar a tratado que neste momento se negocia em Badajoz, se a Inglaterra não abandonar Malta, contentando-se com a ilha de Ceilão.

E a Inglaterra responde:

– Se o primeiro-cônsul invadir Portugal na Europa (É Lord Handkesbury quem fala) a Inglaterra invade os estados ultramarinos de Portugal. Toma os Açores, o Brasil, e arranja penhores que nas suas mãos valerão muito mais do que o continente português nas mãos da França.

## II – A MARCHA

Napoleão desaba sobre o mundo. É a tempestade: assola, destrói e saneia. Revolve tudo, remexe tudo: as nações bolorentas e espessas, os povos no marasmo, as cortes de aparato, a Espanha, a Alemanha, a Itália e o Papa, tudo a soldadesca num ímpeto derruba, levando-o em cacos diante de si. Sobre a Europa extravasa esses homens, numa perpétua agitação, a geração do Terror, e cria outras ideias, espalha outras ânsias. Por cima das ruínas e da morte paira um desmedido sonho de aflição...

Porém a matéria só na verdade gera a matéria, O que sacode as almas é uma força espiritual, que Napoleão, colocado por acaso na sua frente, desvirtua e desnorteia. O mundo transformou-se – o homem interior, como disse, é que se transformou, e só assim se compreende, primeiro a exaltação dos exércitos napoleónicos; depois as vitórias consecutivas, as hostes arcaicas em farrapos, as cortes desmanteladas, os generais derrotados, a Europa revolvida de lés a lés. Génio do chefe, nova maneira de combater, planos, Napoleão ou Berthier, são considerações secundárias, quando não provêm exactamente do facto capital e decisivo: – outro homem, outro ideal, outra existência necessária. Vêem-se as aparências: canhões, baionetas, levadas humanas, gritos, mortandade: a realidade é outra, a realidade é a força imensa do sonho que engendra o mundo novo...

Após a Paz de Tilsit, só um inimigo resta na frente de Napoleão: a Grã-Bretanha, O combate da Inglaterra com a França vem de longe, vem da Revolução, mas agora, em definitiva, o mar é dos Ingleses a terra de Bonaparte... Um momento... Para bem compreender a Inglaterra é necessário ir vê-la ancorada no oceano, nevoenta e profética, com negros de chapéu alto a pregar nas praças e ao lado tesouros de assombro – quase ridícula e temerosa, negra de fumo e de carvão, e capaz de gerar Shakespeare. Mixórdia e contraste: os seus profetas são práticos, o sonho desse colossal navio-forja é prático, e os seus poetas são os maiores do mundo... Londres precisa de névoa ou da noite. É o seu vestido. O sol amesquinha-a: na sombra desaparece o grotesco. Também a Inglaterra, exclusivista e prática até em religião, pautada e trágica (ainda hoje na Torre ecoam os gritos dos fantasmas...) com uma história cruel e positiva, precisa do espesso nevoeiro dos séculos para ser avaliada com toda a sua grandeza. A raça tem não sei o quê de semítico–afora o sonho! afora o sonho!... E ei-la negra de pó, ao estrondo e ao clarão de inferno das suas máquinas, ei-la que perde o pé e tem alucinações... Há que tempos que a cisma de sujeitar o mundo a traz sobressaltada – e não descansa, não pode...

São estas as personagens: a Inglaterra com o mar, as esquadras, os cofres abarrotados de ouro e um misto de ódio, de orgulho e de sonho; Bonaparte com exércitos após exércitos, levadas impetuosas e exaltadas. A Europa atónita espera, desconfiada e dividida, com as suas cortes inimigas, cheias de preconceitos e rancores, de espiões, de intrigas, de generais derrotados, de diplomatas cerimoniosos levados à ponta de baioneta, e de agentes de Pitt com os bolsos cheios de ouro, concitando obstáculos e atritos entre farrapos do cenário antigo dosséis, tronos, cerimónias, pompas. Isolar a ilha, separá-la do mundo e arruinar-lhe o negócio, era o plano de um; era o plano do outro reunir os escorraçados e os batidos, insuflar-lhes vida e ouro – ouro sem fim, ouro às pazadas – até aniquilar a França. A Inglaterra há-de ser sempre o inimigo de todos os poderosos que se atrevam a sonho maior que o seu.

Dois homens haviam encarnado a tenacidade dessa raça orgulhosa e persistente – Pitt e Pitt. Lord Chatam pode dizer-se – sucumbe em pleno parlamento, como um grande actor no tablado. Embrulhado em cobertores, ampara-o o filho, e todo ele dor, já



nas mãos da morte, encontra ainda este grito desesperado e supremo: A guerra! a guerra! A um mata-o a independência da América, ao outro Napoleão. O primeiro foi um homem colérico – e maníaco, dizem os historiadores – um idealista. Mas escutem: sonhou e a cisma deu-lhe em troca o desprezo absoluto do ouro, dos homens, das ridículas grandezas, e um amor tão obstinado ao seu país, que só o comparo à árvore: se lhe falta a terra, falta-lhe logo a vida. Teve, é certo, uma ambição desmedida do poder, da glória, da vingança – quem a não tem? – mãos de ferro, coração de ferro, e, num tempo de corrupção e de ganância, o mais escrupuloso e teatral desinteresse. Cresce a Inglaterra sob o domínio do *grande burguês*: à vitória segue-se a vitória, e funda no Oriente um império mais vasto que os de Pizarro e da lenda. O dinheiro, que coisa estúpida, se não serve à glória e à paixão! Em si é apenas metal ressequido, e é também vida, poderio, mistério, conquista, e liberdade. Sabe-o despender à farta: arromba os cofres inexauríveis da Inglaterra, e o ouro extravasa como jacto; aos generais, aos embaixadores, aos soldados comunica audácia e ímpeto, e, se no parlamento o combatem, de sua boca desdenhosa saem gritos, desdém, cóleras, espuma. Maneja como nenhum outro a invectiva e o sarcasmo, e diante de seu olhar, tal força gera, os adversários recuam. Serve-se de todos os meios para alcançar o poder e para engrandecer a sua terra. E mesmo quando a doença, os desastres e o estúpido desafecto da corte o abalam, e Pitt é tão-somente uma ruína – é um colosso ainda. Macaulay só o compara – e baixa o tom da voz – ao Coliseu. Quando o segundo Pitt chega ao acume do poder, aos 26 anos de idade, a Inglaterra está de novo em perigo, até no seu elemento, o mar. Apodera-se de todo o seu ser esta imensa absorção – a grandeza do país. Na tenacidade, no orgulho, na resistência, parece-se com o pai. Pode a desgraça suceder-se à desgraça – a fatalidade encontra-o sempre de pé. Perde horas preciosas dum tempo precioso a incutir energia ao rei idiota e à corte versátil. É de aço. Como todo o homem de estado, vive na falsidade, na mentira, numa atmosfera de suspeições. Atende o que é mesquinho e inútil, os pequenos-nadas, os ditos, as frivolidades, os trapos, as vaidades e os ridículos, o soberano sem miolos, os homens fúteis, os bonecos da corte, e depois arca com a tempestade napoleónica. Avaliem, se podem, o que isto representa de sofrimento oculto, de gritos represados, de desespero e de orgulho, de esfarrapar de todo um ser e de verdadeira grandeza... A Revolução não a entende. Passa horas no parlamento a convencer – a convencer-se – de que a República está esgotada, e sempre que os seus exércitos desembarcam, a capitulação segue-se à derrota. Tenta tudo, até os meios inconfessáveis, e já outra força inesperada lhe surge – Bonaparte. Concita a Alemanha e a Rússia, o outro destroça-as; a Áustria, a Europa e o outro bate-as. Espreme os cofres, espalha o ouro, alia, inventa – e a outra figurinha, com as mãos atrás das costas, cisma em invadir a própria ilha: prepara tropas, canhões, barcos de fundo chato para a abordagem, e marca um ponto na carta, Dublin. Cautela! O plano parece um romance inventado por Wells. As nações atendem, Pitt, porém, não desanima. Ignora a ciência da guerra e estuda-a; todos os dias insufla vontade ao rei inepto; junta a Áustria e a Rússia – Napoleão destroça-as. Cai sobre os Austríacos em Ulm e a derrota abate o grande ministro. As notícias de Trafalgar ainda o reanimam, mas Austerlitz prostra-o de vez, Poucos dias lhe restam de vida. Tem um sobressalto, recorda-se: não perdeu um minuto da existência, salvou a Inglaterra: lembrou-se de tudo, acudiu a tudo – esqueceu-se de viver. O grande e desgraçado ministro morre virgem e pobre.

Falta o outro... O outro é Napoleão. Vale a pena esboçar a figura: Bonaparte passa os primeiros anos da sua vida de pobre a sonhar, e enquanto põe em prática o sonho de que se impregnou, marcha sem hesitações. Previu tudo, até os mais ínfimos pormenores. Alguém que o viu pela primeira vez na Itália espanta-se: «Parece que

escuta com mais distração que interesse, e que ouve antes os seus próprios pensamentos que os alheios.» Sem dúvida. É que os anos de fome e de desgraça levou-os a sonhar, a encher-se de combinações, a exaltar-se, a arder. A sua queda começa exactamente no minuto preciso em que se esvazia de sonho. Não é só o orgulho que o leva a combater a Inglaterra, a despedaçar o Tratado de Amiens, e que o arrasta a Ulm, a Iena, a Wagram, é também o imperioso sonho. Não pode quedar-se este sonhador, que é ao mesmo tempo, por destino, o representante do materialismo, dos banqueiros, do negócio, da gente que exige a ordem acima de tudo para encher os cofres: – levadas impetuosas empurram-no para a frente... Na paz abre a boca com sono. A morte dos outros exalta-o, Para não se aborrecer massacra cinco milhões de existências, e para dispor dos instrumentos das suas paixões, todos os anos distribui pelos apaniguados a soma colossal de trinta e cinco milhões de francos. Quando do sonho só lhe restam cinzas extintas, tacteia como um cego num mundo de realidades, desconhece os homens e pratica tolices indignas do seu génio. Esvaíra-se a força magnética que até aí o dominara. Falta-lhe a inspiração. Era imperioso e lacónico, fica difuso; era nítido e pronto, cai numa espécie de torpor. Só a desgraça terá mais tarde o poder de o abalar, ressurgindo traços da figura seca dos primeiros tempos. Era quase um ignorante – adivinhava tudo. Aos 23 anos, antes de partir para a Itália, desanda a interrogar num salão sobre verdadeiras insignificâncias de táctica, velhos guerreiros, que olham de alto o generaleco coçado. Incapaz de manobrar um regimento, conquista a Europa. Ignora a táctica; despreza a cómica manobra das antigas batalhas e emprega a estratégia. Refugia-se nos sítios românticos de Malmaison, onde, entre árvores desgrenhadas, em que não repara, porque detestou sempre a Natureza – maquina a devastação da terra, enfileirando exércitos hipotéticos e distribuindo coroas. É nessa paz esplêndida que organiza o saque da Europa.

Todos os que se lhe aproximam são concordes em afirmar que gera um poder estranho. Dele emana, realmente, nos primeiros anos de triunfo, um fluido ainda desconhecido, perante o qual todas as vontades se fundem, e que o leva de vitória em vitória, fazendo marchar para a morte aos gritos de – Viva o Imperador! – a França em peso numa só vontade. E como prende os homens pelos vícios e pelas paixões, é adorado como nenhum outro déspota o foi. Uma figura assim cobre-se de glória, e nem sequer (não tem tempo) escuta os gritos. Os homens para ele não passam de algarismos: quando muito soma-os. A dor alheia é zero. Chega a pedir a uma população esgotada por três mil combates e batalhas, mais de um milhão de soldados. Acabaram já as velhas legiões, e nem reminiscências existem da disciplina de Saint-Just e Lebas, que mandavam, em 1794, fuzilar os voluntários por furtarem ovos numa capoeira. Um ano depois de 94 ainda a brigada de Latour d’Auvergne, cognominada a «coluna infernal») acampa na Biscaia, sem que os velhos soldados da República se atrevam a saquear as cerejeiras carregadas de fruto. O soldado de Napoleão é outro: é camarada da Morte e destinado à Morte... No fim da vida faz-se comilão. Engorda. Rodeia-se dum pomposo cerimonial de opereta. Parece um velho actor medíocre, pela vaidade enfermiça e pelo aspecto balofo. Afasta os que o conheceram pobre. Há nele duas figuras sobrepostas: a do instinto, o fantasma, em que a força magnética das multidões actuam, e o comediante subalterno que estuda frases de efeito...

A esfera engrandeceu também a ponto de ele próprio tactear. Os exércitos são enormes, temerosas as forças desencadeadas. Pede-se um deus – cria barriga. Só lhe restam tropas de estúpida conquista, para colocar no trono reis de ópera-cómica. Mas há outra coisa também... Lembro uma página de Ségur que muito tempo me fez cismar... Na retirada da Rússia, Berthier, sonâmbulo, continua a indicar a disposição de imaginários corpos de exército. Já não existem nem forças ordenadas, quanto mais

exército – e ele todos os dias regularmente expede ordens sobre ordens a fantasmas. Comédia? Impossível. É a força do sonho que os domina e impele. Berthier comanda aos vivos e aos mortos...

Um dos adversários domina, finalmente, depois da Paz de Tilsit, a Europa; é dos Ingleses o mar. Napoleão isolara-os, fechando-lhes com sacrifício todos os portos. Apenas Portugal resta indeciso e suspeito, ao lado do inimigo irreconciliável. Junot marcha logo de Baiona para o golpe decisivo.

\*

A horda corta pela trágica Espanha com neve, assassinatos, gritos. Nos livros tudo isto joga com regularidade de peças aliadas: é uma máquina. Na realidade é uma máquina viva, desespero e dor, com sangue, os pés inchados, a boca sequiosa, frio, fome, sofrimento. No papel não se ouvem gritos, a marcha é uma linha no mapa, os homens são números postos uns ao lado dos outros: nos livros o exército de Junot é isto:

O *exército de observação da Gironda* é constituído por 3 divisões, a primeira sob o comando de Laborde, a segunda de Loison, a terceira de Travot. Cada divisão compreende 2 brigadas, cada brigada 3, 4 ou 5 batalhões.

O efectivo da 1ª é de 8 471 homens  
o da 2ª é de 8296 »  
o da 3ª é de 6196 »  
22 963

A divisão de cavalaria do comando do general Kellerman tem o efectivo de 2151 homens, e fracciona-se em 2 brigadas, a primeira comandada pelo barão de Margaron, a segunda pelo barão de Maurin. A artilharia – 22 peças de calibre 4,10 de calibre 8, e 6 obuses de 6 polegadas – sob o comando do general Taviel, dispõe de 38 bocas de fogo, com 6 companhias, uma de operários, e de um batalhão de trem de artilharia. Efectivo 1073 homens. A engenharia, com 18 praças de *prêt*, é comandada pelo coronel Vincent. O efectivo do trem de equipagens é de 292 homens, 550 cavalos, 114 *fourgons*. Chefe de estado-maior-general de brigada barão de Thiébault, subchefe de estado-maior Mr. de Bagneris, ajudante comandante. Total aproximado 26000 homens.

Na realidade quanto sofrimento nestes números: a terra empapada, os caminhos, a marcha dia após dia, a fome e o cansaço!... É um monstro que aí vem, todo nervos, a Dor a caminho, a Morte a caminho, através da trágica Espanha. Da República a 1807 os exércitos tinham descido sempre. Parecem hordas. Para o soldado o problema só tem uma solução – a morte. A guerra nasce da guerra; homem ferido é homem abandonado. A dor que ninharia! Hoje vivo, amanhã caído num fosso. Muitos requerem a esmola dum bala. Na Itália, em 1799, numa campanha feroz, um granadeiro procura o general aos gritos: – Mande-nos matar! mande-nos matar! – O quê! – Somos duzentos feridos – mande-nos matar. Logo que o exército marche, o paisano esfaqueia-nos. Uma bala é melhor.

Os exércitos não têm *impedimenta*. – Vive-se até no deserto, explica Bonaparte, que não esquece nunca o cozinheiro, o mesmo homem ilustre que, na penúria de Marengo, descobre a receita do frango à Marengo. Como consequência lógica, a fome e o roubo. Napoleão, génio para quem os gritos – dos outros – não têm valor apreciável, descobrira que a vitória consiste, sobretudo na rapidez das marchas, para acumular num dado ponto forças superiores às do inimigo, como a boca de fogo, junta boca de fogo,

para abrir brechas nas muralhas humanas. A brecha segue-se o assalto. Portanto nada que prolongue a marcha, possa atrasá-la ou detê-la. Gritos! mais gritos – mais exaspero! Força é ser-se ladrão e fera.

Avançam homens de todos os cantos da Terra, mescla de inferno, que o grande imperador, como um mágico, fizera surgir dos *basfonds* da Europa. Desencadeara todas as paixões. Uns vêm para roubar, outros para matar. Há generais que querem encher-se, há-os que cismam neste gozo superior – a crueldade e a ruína. Saquear, dispor de vidas após vidas, romper num frenesi, aos urros, por uma cidade dentro, ouvir gritos de raiva, assistir ao grande quadro da destruição, é um espectáculo soberbo, cheio de imponência e beleza. Oh, há muitos desses voluptuosos! São exasperos em marcha, cóleras, infâmias, à espera de ocasião. Avante, avante! A Dor acorda e caminha...

Pertence às feras o primeiro plano. Numa sociedade bem organizada esses homens acabam no cadafalso: na guerra são indispensáveis, cobrem-se de ouro e de glória, enchem-se de honras e galões. Quem daria por Massena, Soult e Junot e pelo próprio Bonaparte? Sem o morticínio que os elevou, não saíam do desconhecido, tecendo em vão na sombra estéreis sonhos de ruína. É gente vinda de todas as partes do globo, sem escrúpulos, gente nascida numa época em que tudo parece baquear: ideias e sentimentos. Guindam-se aos mais altos cargos homens como Massena, contrabandista e estalajadeiro, ou como Napoleão, simples tenente de artilharia; varrem-se reis e tronos, que pareciam inabaláveis e maciços.

De resto esses marechais lendários de Napoleão pedem tudo, mendigam tudo como criados de servir. Um dia o general Vincent entra no quarto do imperador, já a caminho da desgraça: –Tem alguma reclamação a fazer? – Não, *sire*. – Bonaparte espera: é o momento habitual da pedinchice. Em vão. Então, com tristeza e espanto, exclama: Aqui está um que ainda me serve e não me pede nada! – Diga-se: Napoleão qué-los assim – sem escrúpulos. Todos os seus generais são ladrões agaloados. O roubo é corrente, e o ouro duns espicaça a ganância dos outros. Querem fartar-se à pressa – a morte está ali ao lado... Portanto de alto a baixo saqueia-se às escâncaras, e, como Napoleão gosta de luxo, atira-se o dinheiro alheio pelas janelas. Valem-se. Às vezes chegam a isto: roubam-se uns aos outros ou capitulam por causa das bagagens abarrotadas. Berthier marcha sobre Roma e promete um bode geral ao exército: guarda tudo para si... F intrigam, mentem, comprometem de propósito os camaradas, não chegam a tempo ao campo de batalha e, diz Blaze, que «o número de oficiais e até de generais que desaparecem logo que rompe o fogo, para se refugiarem longe da zona perigosa, é menos raro do que se pode supor».

Digamos porém, as coisas, como elas são na feroz realidade: quem poderia arrastar atrás de si, ano após ano, um exército por marchas forçadas, através da noite, da lama, do frio e do espanto, sacrificando os feridos e exigindo esforços sobre-humanos, sem lhe prometer honras, ouro, o estupro e o saque todas as esplêndidas violências? Quando muito, nessas circunstâncias, o que é permitido a um chefe é dar a esses crimes uma aparência de legalidade. Todos, portanto, mentem com descaro: «É à custa do nosso sangue que vos damos a liberdade... Vimos proteger-vos...» «Não lançaremos contribuições... » Palavras, mentiras, convenções, de que são os primeiros a rir. Napoleão... Napoleão fê-los à sua imagem e semelhança, com todos os seus defeitos e sem resquícios do seu génio. Secretamente detestou toda a vida os homens íntegros. Madame Remusat, que o conhecia intimamente, define-o em algumas frases cruéis: «Alma mais baixa não a havia. Não tinha generosidade nem verdadeira grandeza. Nunca o vi admirar, nem compreender uma bela acção.» Fez surgir à luz do sol, a ambição, o desprezo da morte, a cólera e os instintos selvagens. Desencadeou o inferno. «Na vida existem apenas obstáculos, e para os vencer todos os meios são bons,

contanto que decisivos e rápidos.» – *Sire*, o general Clarke não pode fazer a junção com Junot. – Porquê? – É terrível o fogo da bateria austríaca. – Tomem-na. – Regimento que se aproxime é regimento sacrificado. – Prà frente! prà frente! – Em Austerlitz os Russos retiram sobre o gelo e ele ordena às baterias: – Atirar aos homens é perder tempo. Fogo sobre o gelo. – E o gelo despedaçado engole regimentos inteiros. Arredou o sentimento: foi o matemático do crime e da catástrofe. «Só conheço duas alavancas para mover o homem: – o interesse e o medo.» Tinha razão, tinha génio? Decerto. Mas de que serviu o génio deste aventureiro à humanidade?

A horda que avança não é bem um exército: é um jacto de cólera, de paixões, de dor estreme. Comanda-a um doido, Junot. Foi general, duque, olhou para o mundo do alto dum pedestal, com trezentos contos por ano, e galões de ouro da cabeça aos pés – foi toda a vida sargento.

Ele manda, os outros obedecem. Segue-o a corte de aventureiros e soldados, quase todos imberbes, arrancados à França extenuada. Quantas dificuldades no recrutamento! Os homens desertam, mutilam-se, apedrejam os gendarmes, passam as fronteiras. A teta, à força de ordenhada, deita sangue. E com eles vêm polacos, velhos granadeiros, restos, bandidos de todo o mundo. O homem que todos os dias vive cara a cara com a morte, põe de lado as futilidades da existência: sua moral difere: o sofrimento humano não o toca: apressa-se a gozar. No peito mirra-lhe, como uma flor inútil, a inútil piedade. Dispõe apenas duma hora: a hora presente: toca a aproveitá-la. De resto, por onde passam estas hordas napoleónicas, passa o inferno. A lenda está desfeita: as velhas tropas, tão heróicas nos livros, na véspera de Iena caem de bêbadas e descarregam as armas sobre Napoleão. São em geral soldados patibulares, que ameaçam de morte os oficiais. Por onde passam, o habitante esmola. Seguem-nos judeus, bandos negociando rapinas – e mulheres de toda a casta, viciosas, belas, exaltadas e horríveis, acompanham os generais e os soldados. Umhas vestem fardas, outras trazem mantos roubados nas igrejas, paramentos, jóias de altares, colares de imperatrizes e coroas de rainhas. Acompanha a caterva – e não a larga – a sarna, a diarreia, a sífilis e outros males inclassificados. Segue-os o pesadelo e o limbo, figuras crepusculares, que rastejam na noite e na retaguarda. Toda esta violenta canalha, necessita de excessos. Alguns divertem-se espancando os hospedeiros, como o general Vialannes, que na Polónia todas as manhãs chicoteia o judeu que o sustenta. o deboche e os excessos matam quase tanta gente como os combates, e maltratar o burguês é um hábito inveterado da corja. (Morvan).

Como não há serviço de subsistências, o soldado prefere a morte à fome. É fatalista e – di-lo Morvan – não passa dum instrumento de glória, de despotismo, de destruição e de morte, mais que qualquer outro, que não teve a arcar como ele com dificuldades quase insuperáveis. Rouba tudo, escaca tudo. Dupont só abandona as cidades conquistadas depois de atulhar as bagagens com o ouro dos saques e os vasos sagrados das catedrais.

Os soldados começam a faltar-lhe. Em 1807 já tudo serve a Bonaparte – ladrões, aventureiros, canalha de toda a espécie e homens sem instrução militar. Abandonam doentes para transportar o ouro, e os generais só desejam o regresso para gozarem em Paris o dinheiro roubado em todos os cantos da Europa. A ladroeira chega ao auge e cada um só defende com verdadeiro desespero as suas bagagens.

Às vezes um frenesi apodera-se da corja, que destrói tudo com urros de prazer. A solidariedade findou e os chefes são os mais egoístas. De resto é impossível comandá-los com firmeza: ninguém se sujeitaria a viver toda a existência ao lado da morte, sem compensações extraordinárias. Num dia caem de fome, no outro banqueteiavam-se como nababos – ou violam magníficas criaturas sem defesa, ou recomendam com instância às

idades que resistam, para que lhes não falte a alegria frenética do saque. Essa vida sem freio, de hora a hora, no esplendor, na miséria, no regabofe, na agonia, aos gritos, torna a existência larga, e o homem violento, fora das regras e das convenções, todo ferocidade e instinto. Toca a viver! Demais sabem eles qual é a sorte dos feridos e doentes... Não há médicos: quando muito recrutam-se estudantes de Medicina sem prática. Reina o tifo, a diarreia e a sífilis, e outros males, até findar na morte sem assistência. São defeituosos os instrumentos de cirurgia. Cada corpo que marcha deixa um rasto de cadáveres. A 1 de Janeiro de 1806 estão 37 mil soldados nos hospitais, um por doze. Desgraçados esperam 36 horas à chuva ou ao sol de chumbo a amputação duma perna. Há divisões que nem farmácia possuem. A febre pútrida mata mais soldados depois da batalha de Austerlitz que a própria batalha – 16 mil homens. Ainda hoje é ignorado o número de mortos, de abandonados ou esquecidos da campanha de Itália. Os regimentos ficam muitas vezes reduzidos a metade. Os dias de batalha são horríveis: nem médicos suficientes, nem maneira de tratar os que caem das fileiras. 270 feridos são esquecidos em qualquer aldeola: quando por acaso se lembram deles, agonizam na podridão. Depois do combate arrastam-se de cidade em cidade, sem haver hospital que os recolha. Está tudo cheio. Um granadeiro implora: – Cortem-me a perna. Já estou comido de gangrena, quer ver? Bem sei que ninguém se importa com os feridos, são embaraço. Então acabem-me por uma vez!... Antes morrer. (Thiébault, Morvan, Biaze, etc.).

Certas batalhas ficaram memoráveis. Numa os instrumentos de cirurgia caem das mãos dos operadores tolhidos de frio e de cansaço. Um enfermeiro berra: – À direita as pernas! à esquerda os braços! – Os feridos gritam: – Salvem-nos! – Mas a muitos nem sequer os erguem do chão. No dia seguinte só se lhes descobre a cabeça fora da neve, e, apesar da violência do vento, tempo depois ainda o cheiro da gangrena empesta. Há ocasiões em que a sarna come tudo: outras é sífilis. A mortalidade é tamanha que chega a assustar o próprio Napoleão. E põe-se a cismar: «Se me faltam os homens...» Dá ordens inúteis. Os cirurgiões têm três meses de escola e o soldado morre para que os banqueiros encham os cofres e os aventureiros ganhem dinheiro a rodos. Não são raros os oficiais da administração que juntam, numa só campanha, 500 mil francos com os hospitais. Os enfermeiros roubam os doentes, e o soldado rouba o camarada que lhe cai ao lado. Entretanto Bonaparte nota os efeitos esplêndidos do sangue sobre a brancura da neve. – Grande general – dizia Kleber – grande general a 6 mil mortos por dia...

A promoção é de acaso e não raro recai sobre os menos dignos. General é Borghese, que na batalha berra aos couraceiros: – Estou perdido! quero-me ir embora! – A estatura, o ar marcial, são motivos de promoção – e a audácia também. A má reputação não os impede de trepar: assassinos e ladrões cobrem-se de doirados. A intriga é arma incomparavelmente melhor que o mérito. Um ajudante de Berthier, encarregado da sua matilha e cavalos, chega a general: outros oficiais, que cumprem o seu dever obscuro no regimento, não passam da cepa torta. O exército heróico e probo da República transforma-o Napoleão numa corte de aventureiros dispostos a segui-lo até ao inferno. Quase todos os oficiais superiores são jogadores, bêbados e ladrões. Stendhal, Courier, Becquerel, desgostam-se da vida militar. Eis alguns dos lendários chefes: José, alma de policia secreto, Luís, tirano a quem faltou o ensejo, o libertino Jerónimo, Murat, valente e histrião, Davout, que assistia por gosto à execução dos soldados, o grosseirão Lannes, Soult, que volta da Andaluzia a abarrotar de rico, Duroc, Sebastiani, Savary criado de quarto, Junot e tantos outros, audaciosos ou infames, roubando e massacrando sem piedade, vivendo na corrupção e no despotismo... (Morvan).

Depois do exército vêm ainda os restos, a escumalha, a jolda; mulheres, judeus,

bandos de traficantes, figuras sinistras, essência de pesadelo que forma, no último plano do quadro, a massa esboçada, e que por isso mesmo impressiona, como cotos de asas dum sonho disforme que a realidade tivesse partido...

É parte deste inferno que avança sobre o país.

\*

O céu pardo desfaz-se em água, e atrás de grossas nuvens em farrapos, outro tropel cresce cerrado e disforme. Chove sempre, um dia, outro dia baço, – toda a noite negra. O exército atravessa a Espanha, por montes e desertos a que só os pastores se atrevem duas vezes no ano, de Castela-a-Velha para a Estremadura, da Estremadura para Castela-a-Velha. De longe Napoleão espicaça-o: fazem-se marchas forçadas sob a lufada impetuosa e a chuva ininterrupta. Faltam guias e os soldados que se extraviam debalde gritam na escuridão. As noites não têm fim, é pegajosa a lama, o frio trespassa-os, o campónio esfaqueia-os mal os apanha longe das colunas. Do céu baixo e soturno, todo forrado de nuvens desabam sem cessar as cordas de água. O itinerário traçara-se de antemão, mas, à primitiva ordem de ocupar as posições que o general Leclerc tomara em 1801, sucede, durante a marcha de Valladolid para Salamanca, a de avançar sobre Lisboa pela margem direita do Tejo. Em Alcântara há-de reunir-se-lhe o general Caraffa com uma divisão, e outras duas também espanholas irão ocupar o Porto e invadir o Alentejo. Mas a Alcântara só chegam restos. Deitam contas ao destroço: a infantaria perdeu 2/5 do efectivo, a cavalaria está quase desmontada, as munições perdidas, e longas filas de bois acarretam as bocas de fogo. Compõem, remendam, saqueiam os arquivos da Ordem de Alcântara para buchas, e distribuem 20 cartuchos por praça. A situação do exército, di-lo Thiébault, é atroz. Junot resolve proclamar e proclama. A 18 de Novembro, daí a poucas horas, calcam os Franceses terra de Portugal. Lá em baixo agitam-se em vão, numa atmosfera de ridículo, a corte, os frades, os pregadores, os poetas, os ministros. Vem aí uma força desordenada: a animalidade estreme, generais, histriões, o Caraffa com um barrete de algodão na cabeça, uma garrafa de caldo e uma seringa de clisteres suspensa dos coldres do cavalo, Loison agitando o coto furioso, Delaborde, este, aquele, e a turbamulta que desfila e irrompe como um esguicho humano de cóleras e paixões.

Chove sempre. Anos depois Thiébault evoca com terror esses dias de espanto e classifica a marcha sobre Lisboa – de fome, esgotamento, dilúvio e causa inicial dos desastres do Império. A 19 de Novembro sai de Alcântara a vanguarda, atravessa a ponte sobre o Erjas em Segura e toma a estrada que passa por Zibreira e Idanha-a-Nova a Castelo Branco, onde chega às 20, às 6 horas da tarde. Nesse mesmo dia parte de Alcântara o resto da 1ª divisão, a 2ª, os dois batalhões do regimento de Maiorca, uma companhia de sapadores catalães, outra de mineiros e 6 peças de artilharia: atravessam a ponte em Segura e dividem-se em duas colunas. A saber: a 1ª divisão, as tropas espanholas e o quartel-general de Junot, rompem pela estrada do Rosmaninhal; a 2ª divisão segue pela estrada de Zibreira e Idanha; a 3ª com a cavalaria pela Zibreira e Ladoeiro a Castelo Branco; e as tropas espanholas, com Caraffa, pelo Rosmaninhal e Monforte. Já a canalha de Idanha atira com os doentes franceses do alto da serra ao fundo do Ponsul. A 21 as duas divisões entram em Castelo Branco. No dia 20, às 4 da tarde, espalhara-se na cidade que os Franceses estavam na Zibreira. Às 6 surge um oficial a galope e anuncia ao bispo a chegada de Junot, que só aparece às 9 da noite do dia seguinte com os soldados da 1ª divisão. Os ajudantes rebuscam o paço à procura de dinheiro, fora a soldadesca faminta brame: – Pão! pão! dêem-nos pão! – Ao clarão dos fornos cometem-se os piores excessos. Nesse mesmo dia sai de Castelo Branco a

vanguarda. Começa a marcha trágica. Não há caminhos, sucedem-se os desfiladeiros, os blocos de quartzo, a penedia afiada. Chove sempre. À chuva, que abrandara dois dias, recomeça logo. Gemem os pinheirais; a noite é caligem, e dias após dias a mesma nuvem pesada tudo envolve e trespassa. Acaba um dia na água, alvorece outro dia de chuva. Oito horas de claridade. Perde-se a ligação entre as tropas. Caminham de roldão, sem nexos, aos farrapos, sob a água incessante. A marcha recomeçada a 22, interrompe-se em Sobreira a Formosa para a 1ª divisão, que tomara a estrada de Serzedo. Os Espanhóis da 2ª divisão estacam perante a Portela das Talhadas. As imensas muralhas de granito, baças e disformes, parecem maiores. Infundem medo. O colosso à noite é temeroso: enche-se de treva, de grossas nuvens esponjosas, e a penedia aspérrima, toda em arestas vivas, redobra de proporções. No alto existe ainda um reduto do tempo de Lippe. Bastariam alguns homens para desbaratarem todo o exército invasor. Velhos soldados que tinham guerreado nos Alpes e na Suíça olham de baixo com espanto a serra e a muralha espessa. Cerra-se a noite de todo, cai a chuva a cântaros. Os primeiros homens que chegam a Sobreira, tateiam com aflição no negrume. Delaborde junta alguns tambores e ordena-lhes que rufem: das caixas, encharcadas, não arrancam som. Onze horas, meia-noite – mais água do buraco negro do céu. Em fila, a quarenta passos uns dos outros, surgem sombras após sombras: deixam-se cair no chão aniquiladas. Toda a noite atroz se ouvem gritos – outros gritos de morte respondem ao longe. São os que se despenham de penedo em penedo, os que tropeçam e se afundam nas torrentes – e o vento arrasta o clamor pelos ares. Acendem fogaréis, um bando de homens enconcha as mãos na boca e buzina: – Eh! eh! – mas da noite funda só responde o eco. Até aos primeiros livores da madrugada chegam os soldados-lama, e encostam-se uns aos outros como um rebanho amedrontado. Blasfemam ou atiram-se ao chão fartos de sofrimento. Alguns olham com idiotia e pasmo a claridade suja da manhã. E chove sempre. Levam Junot em braços para um casebre, cortam-lhe as botas, deitam-no sobre a enxerga. A água apaga as fogueiras, a lenha não arde, e quando a ventania tem momentos de prostração, só saem da noite uivos de desespero. Bremier não pode falar. Que é do exército?...

A 2ª divisão segue o caminho da vanguarda pela Portela da Milhariça, Perdigão e Mação. As ribeiras transformaram-se em torrentes. A tropa olha em volta com fome. O povo boquiaberto, agrupa-se nos altos para os ver passar. Fazem-lhe sinais... Debalde remexem nas lareiras ou procuram que comer nas choupanas de pedra. De Castelo Branco a Abrantes, durante 30 léguas, sucedem-se os rochedos, e de longe a longe duas ou três oliveiras carcomidas, um triste campo de milho, algum sobreiro trágico, desolação e pobreza. Os generais desconhecem totalmente o país, as dificuldades aumentam e sucedem-se. Sem interrupção a água desaba do céu baixo. A artilharia fica para trás: é impossível arrastá-la. Apenas a artilharia ligeira conseguiu chegar a Castelo Branco. Os soldados rodam, saqueiam, despedaçam tudo. Fuzilam-nos. Teriam de os fuzilar a todos: pior que a morte é a desgraça. Atiram os sacos fora, apegam-se às espingardas inúteis. O aspecto dos homens, di-lo uma testemunha, é hediondo: envelheceu-os a aflição. Dois terços são recrutas e com eles escória esfaimada: suíços, prussianos, italianos, aventureiros da pior espécie. Perderam-se as bagagens. Grupos ferozes deitam abaixo as portas para o lume, incendeiam com risos bestiais as choças de colmo; o resto marcha na sonolência e no pasmo, marcha por hábito, curvado sob a fatalidade e o chuveiro estúpido. Um cai, ninguém repara. Deixá-lo. Ficam outros para trás, mas a guarda da retaguarda leva-os à ponta de baioneta. O imperador ordena de longe: «20 mil homens vivem até no deserto». E proíbe, com medo ao desembarque dos Ingleses, que, sob o pretexto de subsistências, o exército retarde a marcha. – Prà frente! – Prà frente! – Prà frente – e há desgraçados que para fugirem à dor metem a



espingarda à boca e fazem saltar os miolos! A dias de aflição sucedem-se noites de tragédia. À Luz de archotes e fogueiras avançam levas desordenadas e incessantes, crostas de lama viva, olhos inquietos de cólera, olhos desesperados de dor. Revoam esparsos nos ares novelos de crepes – asas, castelos, negrimes, restos trágicos de tempestade... Passam focinhos de espanto sob a água que crepita nos fogachos, e o clarão ilumina fundos revoltos de nuvens monstruosas, a noite infinita de onde irrompem bandos sobre bandos como se surgissem do inferno. Esvoaça a luz, projectam-se no espaço sombras disformes, que a névoa baixa transforma em pesadelo. Mais gritos! mais gritos! Tudo isto dura um minuto, tudo isto não tem existência definida: sonho, caligem, massa confusa, mescla fora da realidade. Acolá um farrapo – além um grito. Uma figura imensa recorta-se na névoa. Outro grito – outro novelo que caminha estonteado sob o repelão do aguaceiro – outra forma indecisa que cai prostrada, e lá para a obscuridade espessa, entre a lama e a dor (o fundo dispõe-se a avançar como se gerasse vida) arrastam-se mais espectros no temporal e na caligem. Come-os de novo a escuridão opaca. Um momento e somem-se. Diríeis na verdade que desfila a leva do sofrimento humano. Lá vai o general a cavalo, com a seringa do clister ao lado e o barrete de dormir na cabeça; sob a fumarada e o aguaceiro atravessa a claridade o feroz Loison, curvo, braço morto ao peito, ruminando crueldades; este ridículo, aquele hediondo, aquele infame, e mais jactos e outro esguicho ainda, que logo a noite traga em silêncio... Avançam endurecidos, de olhar que transe, de olhar onde não há a esperar resquício de piedade, e bocas de agonia, bocas de blasfêmia, bocas de aflição, que já não têm força para gritos – e fisionomias imberbes, que os generalões espicaçam para a morte. E atrás destes outros, desfile sobre desfile mescla esboçada de gestos, de traços, mescla de dor, compacta ou esfarrapada, aos grupos, de mistura com réguas de animais atolados, sob o mesmo aguilhão implacável, na mesma caravana de sofrimento, sob a mesma chuva incessante... Prà frente! Prà frente! É necessário estar em Lisboa no dia 1 de Dezembro, para o golpe decisivo e fatal.

Eis o soldado napoleónico, eis o soldado das academias de David. A fachada, é de gala: sapadores com aventais brancos, o tambor-mor gigantesco, azul e branco, com chapéu bordado a prata e plumas; os granadeiros de barrete de peles, as companhias de azul e calça branca e o tricorne na cabeça; artilheiros de negro, carabineiros couraçados, espalhafatosos hussardos, sem falar, é claro, na esplêndida guarda com o seu esplêndido tambor-mor, cujo fardamento custa a bagatela de 30 mil francos. Mas isto é apenas aparato. A dificuldade em os vestir aumenta de ano para ano. Vistam-nos como puderem! Faltam sapatos – calcem-nos como puderem! Desde 1806 que vestir o exército preocupa o imperador. Os depósitos não chegam, e alguns dias de campanha bastam para que os penachos, os galões, os doirados, se desfaçam em cisco. Os famosos capotes esfarrapam-se, o calçado esburaca-se. Em 1806-1807 o uso é que o país conquistado vista o exército. A espingarda em serviço é do modelo 1777 ou simplificada, e a baioneta curta e de fraca resistência. Para atirar, o soldado começa por morder o cartucho com os dentes e vazar a pólvora no cano, calcando a bucha e metendo-lhe a bala. Depois arma-a. Muitas vezes, porém o sílex não faísca. Nestas condições, segundo Morvan, dispara 4 balas em 3 minutos. Se o fogo se prolonga, a velocidade do tiro reduz-se. O efeito é muito bom até 100 metros, bom até 200, e eficaz até 500. Para cima de 200 metros o atirador precisa servir-se do polegar como alça, o que tira toda a precisão ao tiro. O soldado recebe 50 cartuchos e 3 lascas de sílex.

O material de artilharia é constituído por peças de campanha de 4, 8, e 12, a primeira com um carro de munições, a segunda com dois e a terceira com três. A 600 metros o tiro é excelente, satisfatório até 1200, duvidoso até 1800.

Destas palavras, dos números, dos mapas sai ainda hoje um grito de aflição.

Varreu-se tudo, e ouço sempre na noite negra o mesmo uivo de desespero. Cortada aos pedaços a bicha avança na lama, sob a água, transidos, sonâmbulos, exaustos, apegados às espingardas. A pastada trágica, o torvelinho das nuvens, a corda do aguaceiro, trespassa-os, empurra-os, enrodilha-os. Escuridão e gritos. Do longo véu de tragédia que cobre o exército como um crepe de funeral, irrompe, e não cessa, esse grito pertinaz, que não me sai dos ouvidos. Morreu tudo, sumiu-se tudo: ficaram nos caminhos e nos fossos, no campo de batalha... Já lá vai um século – e o grito resta e ecoa, o uivo de dor, de aflição, de desespero; – Até Sobreira os soldados alimentam-se de bolota e mel. Vem-lhes diarreia e morrem. Em Sobreira distribuem quinze a vinte castanhas a cada homem. Marcham oito horas para avançar uma légua – e chove sempre. Em 23 sai a divisão para Cortiçada. Atrás ficam os retardatários e a artilharia já sem bois. A segunda passara a noite de 22 para 23 em Perdigão, e no dia seguinte só a primeira brigada chega a Venda Nova. Em 24 seguem pela estrada de Mação e vão ficar a Penascoso. Junot deixa a primeira divisão em Cortiçada, segue pela estrada de Cardigos a S. Domingos, onde pernoita. Marcha no dia seguinte para Abrantes. Chega a 24 de manhã. Já lá encontra a vanguarda. Delaborde segue Junot na marcha até Abrantes: parte da segunda divisão aparece a 25. A segunda divisão, que devia marchar em duas colunas, a primeira brigada por Sobreira a Formosa e a segunda por Perdigão, encontra-se na passagem do Ocesa, que leva dois dias a atravessar, chegando a Abrantes a 28 e 29. O destroço da cavalaria começa a aparecer a 29. É preciso arrancar os soldados de cima dos cavalos: perderam a fala. A artilharia gasta doze dias de Pedras Alvas a Abrantes. Muitas vezes foi preciso descê-la por caminhos a pique. Se a marcha dura mais um dia, o exército esvaía-se. Thiébault só encontra termo de comparação para o país que atravessa – no caos.

O armamento está deteriorado, os cartuchos molhados: três mil homens defenderiam ainda com êxito a passagem do Zêzere. Mas não há perigo... De Abrantes para baixo, o Tejo corre com majestade e beleza na planície fértil. Respiram. O aspecto da terra mudou – ramalhetes de oliveiras, quintas, hortas, abrigos. Os soldados reanimam-se. O pior já lá vai... Chove sempre, mas a chuva é morna: um feixe de sol doira enfim o amplo panorama líquido, os campos inundados, a vastidão etérea com um biombo de montes ao fundo, e o ar húmido cheira bem: cheira a laranjeira...

### III – A CORTE

É lindo Queluz? O que há de bonito em Queluz são as árvores que não envelhecem, ou que quanto mais velhas mais lindas, é a água, a mata e o seu romântico desalinho, os recantos onde o aroma a fruta consola – pomares, hortas, silêncio, um cheirinho a cemitério e um pássaro escondido a cantar... A um lado do palácio aparatoso e inútil, há um casarão amarelo onde apetece viver. Os jardins como todos os de Le Notre, são mais arquitectura e cenário que natureza, com balaustradas e talhões de buxo, onde outrora cresciam cedros em pirâmide; dos tanques de água e limo imergem sereias e tritões... Mas tudo isto requer mulheres empoadas, figuras preciosas e cediças. É um arremedo de Versa-lhes sem grandeza nem história – e sobretudo sem desgraça. Prefiro o casarão amarelo, as árvores solitárias; prefiro aquele sítio escondido, onde cheira a nêspera madura, e onde crescem as utilitárias couves imóveis como bronzes. Do palácio só na realidade é bela a parte que deita para os jardins, e a escadaria imponente, por onde descia o velho e alegre arcebispo, a rainha, as infantas, os ridículos *meninos da Palha vã*, *S. Crispim* e *S. Crispiniano*, como lhes chamava o conde de S. Lourenço, o cardeal-patriarca Silva, o obeso D. Tristão da Cunha, o Marialva e os filhos, o de Penalva autor da décima

O negócio se propõe.  
Duvida El-Rei, meu Senhor,  
Atrapalha o confessor...,

o da Fronteira, queixando-se da gota, o conde de Fontana, da Sardenha, o de Nápoles, conde de Rafadeli, o de Espanha, o núncio esperto e velhaco, monsenhor Gallepi, os literatos Verney e Semedo, e tantas mulheres encantadoras, de mistura com pretas, anões e palhaços. O palácio casa-se bem com a época, ao mesmo tempo pesada e fútil figurinhas galantes e o Príncipe do Brasil, saraus e D. Carlota Joaquina. Tire-se o decorativo e o que fica é reles: os tipos e as ideias que iam bem com os salões de espelhos – já sem estanho – com os faunos e as ninfas, que Manuel da Costa pintou ao tempo de Junot, com o quarto de Carlota Joaquina, chamado de D. Quixote, com as merendas e as frutas da sala de jantar, sumiram-se de vez. E ainda bem: antes a soldadesca exasperada, antes os gritos que a futilidade e a intriga. O mundo é outro: mais vasto. Se o galante Versalhes de Antoniette fedia, aqueles corredores deviam cheirar pior. Data dessa época o abuso das *cadeirinhas* de almofada e braços, e o uso dos bacios com uma grinalda de amores pintada no fundo. Hoje tresanda a bafio. Caem os estuques, apagam-se os doirados, enegrecem as pinturas. Fugamos para fora: fora é a vida: lá está o simpático e banal casarão amarelo, as árvores e a água humilde. Na mata respira-se. Da insignificância balofa das figuras nem sombra: só dos gritos resta memória...

Morto D. José, afastado o velho, que é ainda uma alma onde se apresenta com intensidade a vida, resta de pé um mundo grotesco, fica um cenário de pompa que se esfarela: mesmo no exílio, deita uma sombra que os absorve e dilui. Traga-os. Tanto monta agora o D. João da Falperra, coberto de veneras falsas, como El-Rei, matéria grosseira, de olhinho cheio de espanto por se ver de coroa no alto da cabeça; tanto vale a Rainha – tão simples, tão boa, tão pobre de espírito – como a D. Rosa vestida de escarlate. São bonecos com uma vida de empréstimo irrisória, o esqueleto preso por arames, o vestido de aluguer, os movimentos desengonçados. Custa a mexer na noite para os tirar da noite... Não passam de manequins de rabicho, entre galas, aparatos e preciosidades. Que nos importa a nós o ministério do outro mundo?... Chama-se uma

das sombras Aires de Sá, e as outras o conde de Vale dos Reis, os viscondes de Cerveira e o de Angeja, que encontra os cofres cheios e os vasa nos bolsos da família. É certo: a morte toca e engrandece, a morte redu-los a zero. Vejo-os passar cheios de medidas e grotesco. Avança o do reino em passo de procissão, com o peito constelado de veneras...<sup>19</sup> Intrigam. No paço intriga-se. O Cerveira, *grã-besta que chegou a ser grã-cruz* não pode ver o Tessalónica; o Tessalónica é filósofo: – Vão lá aturá-los!... Oh quem o dera sozinho, dentro do velho burel de trazer por casa! Fora soldado raso e depois cabo. Malicioso e áspero (talvez a casca grossa fosse uma maneira de levar a vida) fala de alto aos reis e põe e dispõe no ministério. Nos triste meandros de murta da Palhavã, onde reina a imponência e o sono, entre rezas, damascos e padres, intriga-se... A rainha é servida de joelhos pelos camaristas de semana; sorriem os ministros balofos; as damas, espantosas como araras, arrastam caudas de cor. Dinheiro para pedras, fidalgos e padres.<sup>20</sup> O Capacidónio – El-Rei, Nosso Senhor! – rói infindáveis terços e exclama com terror perante os papéis de Estado: Não opino! não opino! – As pretas dão risadas. Os bobos, os palhaços, os ministros agitam-se no vácuo... Ao som duma música cediça, duma música com poeira num instrumento desconjuntado, outras sombras efémeras vêm surgindo da noite. Sorriem com medidas, os vestidos fora de moda, quase lindas e ridículas, com pós, trejeitos, *moscas*. Súbito a noite enrodilha-as e leva-as a noite eterna. É esta, aquela, pó... Eis os vestígios: cartas, alguns velhos livros sem interesse no fundo de uma gaveta, um resto de sonho frívolo, pequeninas aflições, lágrimas que molharam lenços de velhas rendas, vaidades, um leque, meia dúzia de jóias encastoadas em prata. Que é feito dos lindos olhos inocentes de D. Maria da Penha, do riso da poetisa viscondessa de Balsemão, da frescura das *três graças*, filhas do marquês de Marialva, de D. Henriqueta de Lencastre, de D. Maria do Carmo, da condessa de Lumiares? Há um só momento fugidio em que a vida devia parar um só e fixar-se para sempre ou o olhar cheio de ternura, ou a boca que se ilumina ou a graça do andar, nada em que o imaterial se concentra. A boca inocente ri e desvenda o mundo, a luz dos olhos irradia mistério, é toda alma. Torno a ver a infeliz duquesa de Lafões, que sai de quando em quando do seu retiro da quinta do Grilo; a insignificante eterna D. Mariana e a desventurada D. Maria Benedita, que só pensa em ter um filho e debalde faz ingerir ao sobrinho e esposo remédio após remédio; futura rainha acaba sumida nos recantos do paço, sempre triste, sempre vestida de negro.

Muitos anos depois, em 1823, o barão de Neuville compara-a a um retrato de Velásquez. Tem oitenta janeiros, sorri, «com um vestido tão antigo que dir-se-ia ter saído intacta dum dos quadros do palácio». Onde tudo isto já cediço vai, com trejeitos fora de moda, risos, o famoso David Peres a ensinar-lhes árias, e serões, galas, homens vestidos de rosa e verde e agaloados de prata!... No paço fala-se uma mescla de português e italiano. Outros manequins avançam: o pretensioso duque de Lafões, general em chefe, com carmim, moscas e 70 janeiros; o abade Correia da Serra, *elefante científico e literário*; o crapuloso duque de Cadaval; o velho e devasso Marialva; o conde Sabugal; o duque de Loulé muito pequeno e muito feio; Luís Pinto de Sousa Coutinho, *Pinto fidalgo embaixador da Mancha*; os condes de Redondo e Catanhede; este, aquele, nada e o interessante conde S. Lourenço, que sai dos cárceres de Pombal,

---

<sup>19</sup> Vila Nova de Cerveira. depois marquês de Ponte de Lima, muito devoto e medroso... «A viscondessa soa mulher obteve da Mesa de Desembargo do Paço, segundo foi voz constante em Lisboa, uma provisão para administrar a casa e bens do maridos. (Ratton).

<sup>20</sup> O Núncio já escreve para Roma: vão restituir-se à cúria os privilégios que o marquês lhe extorquiria «com agrado universal de esta cidade e acatamento pelo supremo pastor. Espero receber os costumados breves, mas cheios de afectuosas expressões, bem devidos a soberanos tão bons, tão pios, tão religiosos.» E o Jesuíta José Pedro escreve de Ferrara: Não «nos façam crescer água na boca»... É Mariana vitória que se opõe à sua vinda fazendo a política do irmão.

sai da dor, encara com nojo a vida e a corte, e atira cheio de desdém a chave de camarista à latrina. Os outros olham-no estarecidos: passou por doido...

A rainha velha morre em 1871, essa figura imperiosa que D. José e Pombal nunca deixaram sair da sombra, e que com o nosso representante em Madrid maquina a absorção.<sup>21</sup> Morre em 1786 o pobre Capacidónio. Passou o mundo cheio de ódio aos papéis inúteis – estimo-o. Olhou desconfiado esta fantasmagoria da vida, moeu e removeu infundáveis terços, e acabou por se sumir no mesmo poço sem fundo onde cabemos todos. Morre em 1788 o jovial Tessalónica. Tem o hábito romântico de digerir o leitão assado nos sítios veneráveis da *matinha*. Moem-no com sacos de areia: apoplexia por ordem do senhor D. João. Nesse mesmo ano acaba um príncipe singular. Há porventura nessa corte empalhada alguém capaz de impulso, de dor, de sonho? Há o príncipe D. José. Morre–matam-no. A Igreja desde que um perigo trata de afastá-lo por todos os meios. Por vã ambição? Não só por a mais bela ambição do homem, a do mando, mas pela de levar a humanidade, coorte atrás da coorte, como um rebanho disciplinado, à salvação eterna. A Igreja teve-lhe medo, à Igreja bastara-lhe Pombal.<sup>22</sup> O marquês de Angeja morre em Maio e faz-se uma recomposição ministerial. O de Cerveira é nomeado definitivamente ministro assistente, e entra para a pasta da Guerra, vaga desde 1786, Luís Pinto de Sousa Coutinho homem de silêncios imponentes, com cara de estanho, e para a do Reino, José de Seabra da Silva. É a Morte também que introduz no paço outro confessor, o bispo do Algarve D. José Maria de Melo, da Congregação do Oratório. Este padre fanático chama-se o destino, chama-se a desgraça. Acaba o riso, entra a fria sombra, o negrume, a aflição. Revolve o paço, as pretas calam-se, estaca a D. Rosa vestida de escarlate, e a Doida passa, por entre os fâmulos agaloados, nos salões pomposos, com os olhos presos no eterno desespero. Segue-a o Inquisidor. – Ponho-me a pensar se este homem foi sincero. Se foi fez bem: amolgou-os, afundou-os na desgraça, exigiu o que era justo: a reabilitação dos Távoras, Aveiros

---

<sup>21</sup> A rainha velha representa a ideia pertinaz da absorção na Espanha. Roda com espalhato para Madrid. Os dois irmãos, que «parecem dois amantes» resolvem tratados. alianças a absorção. A Espanha tem um sonho: sente-se incompleta... O grande ministro de Carlos III dissera: «Enquanto Portugal se não incorporar nos domínios de Espanha por direito de sucessão, cumpre que a política trate de tini-lo pelos vínculos de amizade e parentesco.» É exactamente o que Mariana Vitória faz. Além de nos colocar pelo tratado na dependência da Espanha, levando-nos à estúpida guerra do Rossilhão, prepara os casamentos do infante D. João com Carlota Joaquina e o da infanta D. Mariana com D. Gabriel. Pombal nem no casamento do príncipe herdeiro D. José com uma espanhola consentira. Mariana Vitória odiou-o sempre. Costumava dizer ao ouvir-lhe os passos: – Lá vem os cepos. – (Os cepos eram as pernas entapadas do marquês. que as velhas Lobos curavam com unguentos e fios). Em troca do tratado que obtivemos? Perdemos Fernando Pó, etc. – Que negócio! – exclama o Coutinho. Lisboa é o refúgio dos piratas ingleses: o embaixador de Espanha vai ao paço entregar à rainha velha as cartas do irmão. O cônsul francês pergunta: «Le gouvernement se trouvant partagé entre les liaisons politiques que l'unissent l'Angleterre et les intérêts de famille que l'attache a l'Espagne, de quel côté penchera la balance?» Vence Carlos III – vence a velha. O governo decide-se enfim a proibir a entrada dos corsários no Tejo.

<sup>22</sup> Pobre Maria Benedita, que num instante viu ruir tudo que ideara: a morte do esposo reduziu-a a zero e fez em frangalhos toda a sua inteligente ambição. Há existências a que a gente tem pena de não assistir dum cantinho. Vestiu-se de escuro, e se de aí em diante sorriu, foi sempre através de lágrimas... Rodeiam o moço ingénuo, o Lafões, o inteligente Luís de Miranda e outros homens dados a ideias novas: Cenáculo tinha sido o seu mestre e confessor e estava indicado para seu futuro ministro assistente. Mas um dia o príncipe fala com Beckford, que viaja em Portugal, e diz-lhe – Achamo-nos uns poucos de séculos atrasados. São precisas reformas. A Inglaterra domina-nos. – E a respeito do clero, acrescenta: – Quando há tantos zângãos na colmeia é em vão que se conta com o mel. – O curioso lorde «achando a Igreja em perigo», corre a denunciá-lo ao arcebispo que exclama: Estes melífluos palradores afrancesados, italianizados, voltairianos e enciclopedistas, têm envenenado todas as sãs doutrinas! – «O príncipe pagou caro o ter dado ouvidos a maus conselheiros e ter despertado as suspeitas da Igreja», a quem só convém reis facilmente domináveis. «As consequências – lá diz o lorde apareceram com o tempo». Quem reinou foi O senhor D. João VI.

e Atouguias, seus parentes: mostrou à rainha o pai no inferno, por ceder, sabe Deus e uma consciência já dispersa na infinidade dos mundos, a que móveis secretos e infames. Era indispensável à mixórdia, era indispensável ao grotesco. Assenta bem entre os palhaços, a futilidade, as pretas, o D. João da Falperra e os ministros entoiridos. Chama-se o destino, chama-se a desgraça. A figura seca e imensa, a figura de pedra ao lado da ninharia, faz cismar: traz-nos para a realidade não dos factos absurdos e mesquinhos, das aparências vulgares, mas de uma lei que muitas vezes se esquece entre a agitação e o tropel. É um pedaço de céu negro – mas de céu – de súbito entrevisto entre as paredes duma cidade fantástica. Agarra na alma da rainha com mão de ferro e mergulha-a na loucura. Ouvem-se os berros – ele não a larga. Fez bem. Mas se foi simplesmente um ambicioso a frio, como tudo demonstra, se quis apenas dominar a rainha e a herança dos Távoras, esse homem que se impôs ao bando dos ministros, aos fidalgos e à corte, que foi a mola-real do governo, encheu o paço de berros e misturou tragédia ao grotesco, – tinha uma esplêndida alma de inquisidor, de uma só peça inteiriça. Que ambição remoída durante noites infindáveis, que magnífico sonho de negrume, a esbravejar sob o reles pano da sotaina!

Intervém de quando em quando a morte e só ela faz um trabalho insano: abre um largo caminho às ideias: deita uma geração a terra, deita um muro abaixo.

E com a morte a corte desce: já não é sacristia, é pior a corte da senhora D. Carlota Joaquina. A mãe foi destas mulheres que, mesmo envolvidas num trapo, exalam volúpia. Bela não, mas a boca é lascívia, os olhos, que Goya pintou, loucura, os cabelos violência. A filha saiu feia e devassa – saiu ordinária. E moda: na Rússia, na Espanha, na Itália reina a devassidão e a luxúria.<sup>23</sup> Na França a infâmia empoa-se e chama-se

---

<sup>23</sup> É interessante esta cena de bêbados na corte da Prússia, no século XVIII: «...En effet, à peine étions-nous à table qu'il débuta par nous porter coup sur coup plusieurs santés intéressantes auxquelles il fallut faire raison. Cette première escarmouche fut suivie d'un débordement de bons mots et de saillies de la part du prince et de quelques assistantes. Les fronts les plus graves se déridèrent. La gaieté devint générale, et les dames même y participèrent. Au bout de deux heures, nous sentîmes que les plus grands réservoirs ne sont pas de gouffres. La nécessité n'eut chez nous plus de loi, et le respect même, dû à la présence de la princesse royale, ne fut pas capable de retenir quelques-uns d'aller respirer l'air frais dans le vestibule. Je fus du nombre. En sortant, je me trouvai encore assez frais, mais l'air m'ayant saisi, je sentis en rentrant dans la salle un petit nuage de vapeurs qui commençaient à offusquer ma raison. J'avais devant moi un grand verre d'eau. La princesse, vis-à-vis de laquelle j'avais l'honneur d'être assis, fit par une petite malice blanche jeter cette eau et remplir le verre d'un vin de Sillery, clair comme de l'eau de roche, dont on souffla encore la mousse et la sève. De manière qu'ayant déjà perdu la subtilité du goût, mêlai mon vin avec du vin sans le vouloir, et comptant de me rafraîchir je me grisai, mais d'un gris qui commençait à tirer sur l'ivresse. Pour achever de me perdre, le prince royal m'ordonna de m'asseoir à son côté, me dit des choses très gracieuses, me fit voir dans l'avenir, aussi loin que mes faibles yeux pouvaient porter alors, et me fit avaler rasade de son vin de Lunel. Cependant le reste de la compagnie ne redoutait pas moins que moi les effets du nectar qui coulait à grands flots dans le festin. Une des dames étrangères, qui était enceinte, s'en trouva tout aussi incommodée que nous et se leva brusquement pour faire une petite absence dans sa chambre. Nous trouvâmes cette action héroïque, admirable. Le vin rend tendre. La dame fut comblée de caresses et de louanges à son retour. Jamais femme n'a été tant applaudie pour une expédition semblable.

«Enfin, soit par hasard, soit à dessein, la princesse cassa un verre. C'était un signal donné à notre gaieté impétueuse et un grand exemple qui nous parut digne d'imitation. En un instant les verres volèrent dans tous les coins de la salle, et tous les cristaux, porcelaines, jattes, trumeaux, lustres, vases, etc., furent brisés en mille pièces. Au milieu de cette destruction totale, le prince était comme l'homme fort d'Horace, mais enfin le tumulte succédant à la gaieté, il s'échappa de la mêlée et se retira, à l'aide de ses pages, dans son appartement. La princesse disparut presque au même instant. Pour moi qui, par malheur, ne trouvait un seul valet de pied assez humain pour guider ma marche et prendre soin de ma charmante figure, je m'approchai trop près du grand escalier, et sans m'arrêter je roulai les degrés du haut en bas jusqu'à la dernière marche, où je restai étendu sans connaissance...» (Bielfeld, *Lettres Familiales ou Autres*, 1, 83-88.)

galanteria. O pior é que esta mulher é feia, má, vulgar... Qualquer mulher do povo, por grosseira que seja, exala simpatia. Impregnou-a a desgraça. Ela não. Seus filhos são deste, daquele, da balbúrdia e do acaso. Tem vários amantes, além dum mariola efectivo, todo fibra e osso, duro como uma trave: João dos Santos, o eleito, acaba de velho, aos setenta anos, em Paço d'Arcos. Mistura à devassidão poesia. Teve sempre tendência para fazer seus cúmplices as árvores inocentes, a água humilde e as sombras veneráveis. Depois de 1802 faz ninho no Ramalhão e esconde os saloios entre os troncos centenários.<sup>24</sup> Os desembargadores, os poetas, as coscuvilheiras, a gente que ouve, escuta e segreda, afiança que a rainha os manda assassinar depois de servidos... A tropa cerca a casa do jardineiro do Ramalhão e chacinou-o. O ajudante do Intendente da Polícia, José Anastácio Lopes Cardoso, incumbido da devassa, acaba também com uma chávina de chocolate, que a princesa, meses depois, amavelmente lhe oferece em Maфра. Peçonha – tragédia. Desçamos alguns pontos à craveira... Do que ela, sem dúvida, é capaz, é de anotar com desprante um folheto que dizia infâmias da mãe com estas palavras justas: «El tal impresso dice verdades pero es desvergonzado.»

Fealdade e volúpia, com magníficos cabelos. Quer sorrir, cheia de jóias e plumas, mostra os dentes podres. Mais diamantes – um deslumbramento – carrega-se de diamantes como uma rainha de lenda: veste-se de sedas e fica pior, com um ombro mais baixo que outro, o nariz vermelho e coxa ainda por cima. Laura Junot afirma que lhe viu os braços sujos: felizmente esse grave ponto de história está hoje elucidado: era pêlo. Em Queluz rodeia-se da pior canalha, tocando viola, e nos seus aposentos fala-se em calão como nas estrebarias. Acocoradas no chão passam a vida em enredos: põem nomes a toda a gente, alcunhas imbecis ou pitorescas: – Ai vem o Dr. Trapalhadas... – era o Linhares. – Que é feito do Dr. Pastorim?... – Ouvem-se os gritos desesperados da Doida, condenada, sem remissão, às labaredas do inferno. E elas riem-se. Ri a D. Rosa, vestida de escarlata, riem-se as espanholas cantando *peteneras*, ri a doida Antonita e, curvada, derrete-lhe no ouvido palavras, volúpia, fogo, e a princesa ri, feia e vulgar, pondo à mostra os dentes cariados.

Onde ia o latim, que o embaixador em Madrid, o marquês de Louriçal, lhe gabara como uma prenda notável, quando viera, já noiva, para Portugal, aos oito anos de idade? Tinha-o esquecido nos recantos dos aposentos, na convivência dos fâmulos, das mulheres, da canalha viciosa, que vive no fundo dos paços. Só há um momento, naquela roda-viva de ambição e de intriga, em que Carlota Joaquina assume proporções de figura: é quando, de queda em queda, já velha e seca de desespero – tisonada como uma bruxa espanhola, das que lêem a sina e conhecem todas as molas secretas do vício, quando já despida de carne e de sexo e ainda dominada pela ambição perpétua de toda a sua existência – uma coroa, um império, mandar, intrigar, conspirar – se embrulha num trapo (qualquer gibão de chita lhe servia) e fica horas pelos cantos, desleixada e suja, a moer restos de sonho. O contacto com a morte mais a aferra à ambição. Rodeia-se de aventureiros, e, já um tipo como os inventores, os poetas e os avaros, tece sem repouso nem nexos empresas irrealizáveis e absurdas. Com mais grandeza dava uma figura como

...essa da Rússia, imperatriz famosa,  
que inda há pouco morreu (diz a gazeta)...

Enfim a intriga mirra-a. Um cirro no útero acaba por levá-la, e logo um padre beneditino, Frei João de S. Boaventura, lhe gaba sobre o caixão, perante Deus, numa

---

<sup>24</sup> Tomás Ribeiro viu – e de isso falou aos seus amigos – uma carta de Carlota Joaquina para o caseiro do Ramalhão, em que ela dizia: Estou desejosa de ir ao Ramalhão para... – E explicava-se com todas as letras e o habitual descaro.

pomposa oração fúnebre, as sólidas virtudes: «Morreu como tinha vivido, cheia de paz, de fortaleza e de resignação. Ela deve estar, ó meu Deus, no seio da Vossa Misericórdia; a nossa esperança é fundada nas heróicas virtudes que praticou em tão desastrosas crises.» Se o inferno existe, o diabo deve ter reservado para este frade um tição suplementar... A morte, porém, vem ainda longe, e entretanto o Príncipe Regente foge-lhe. Ela cai-lhe na vida e revolve-lhe a vida. Que praga! Maquina, maquina e maquina! A intriga não tem sequência nem lógica, mas a vida para ela resume-se na devassidão e na intriga. Reúne aventureiros e mulheres. Escreve à Mariana Leocádia: «...podes vir amanhã, ou depois, porque hás-de ter cozinha sem ser no quarto; e à vista te contarei o que houve a esse respeito que ainda é mais fino do que tu pensas. A D.<sup>s</sup> the a vista. Sou tua do coração. 4<sup>a</sup> f<sup>o</sup> 16 de 8.<sup>bro</sup> de 1805. C. J.»

D. João contempla-a estarrecido. Não a entende. Larga para o Ramalhão, mas, se o vê satisfeito, mina-lhe a existência com ciúmes: dá a impressão de que o escarnece, O triste, com achaques nas pernas, principia a achar a vida demasiado amarga. Olha em roda: gente inútil, fâmulos, ministros, criadagem no palácio imenso e doirado. Quase todos adulam as pretas, o Lobato, os palhaços.

Há que tempos que ele desconfia do veneno, da mulher, dos ministros!... Adoptara o processo de os trazer divididos para lhes enfraquecer o poderio, e sempre complicações, amantes, cartas anónimas, e a mãe aos berros com o diabo a arrancar-lhe as entranhas: só a aquietam no rio, de olhos postos no redemoinho verde das águas. Rodeiam-no o Vila Verde, ministro inábil, cortesão habilíssimo, jogador até aos ossos, e que enriqueceu a família à custa do Tesouro. Suprime o *porto franco*, que prestara serviços à navegação e ao comércio. Vasconcelos, comilão insaciável, ignorante, supersticioso e cúvido, já conhecido pelas delapidações quando vice-rei no Rio de Janeiro, e que acaba pela apoplexia e pela imbecilidade. Araújo, que passa por homem polido e notável até no estrangeiro. Chega a ministro e trata apenas de agradar ao Vila Verde e de encher o saco. Rodrigo de Sousa Coutinho, homem de projectos gigantescos, todos irrealizáveis, e de medidas intempestivas. O melhor de todos. Entrega a Napion a direcção do Arsenal, chama a Lisboa Bartollozi e Hase, ilumina a cidade, confia a Guarda da Polícia a Novion.<sup>25</sup> Manique que deixou ao filho uma das casas mais ricas de Portugal. Encoraja as delações, inventa conspiradores, torna-se indispensável ao Príncipe, que nele deposita ilimitada confiança.<sup>26</sup> Persuade-o que Portugal está içado de pedreiros-livres, e de que é necessário acabar com essa canalha porque «em todos os ajuntamentos é escarnecida, maltratada, cuspidada e arrastada uma imagem de Jesus Cristo crucificado», a qual derrama copioso sangue e dá sentidíssimos ais. Afirma-lhe que os maçons metem barris de pólvora nos canos das ruas da cidade nova, para ir tudo pelos ares quando o Príncipe Regente acompanhar a procissão de *Corpus Christi*.

– Ardo em sede – dizia Manique – e esta sede só poderá ser mitigada com rios de sangue dos pedreiros-livres

\*

– Tempo virá em que Portugal há-de pagar com lágrimas de sangue os ultrajes feitos à França – palavras de Napoleão.

A hora soara. Dum sopro varre-se o castelo de cartas da política de acaso. A França ameaça, a Inglaterra impõe-se, e a catástrofe só se demora à custa de abjecções,

---

<sup>25</sup> História de D. João VI.

<sup>26</sup> Manique nomeado Intendente em Janeiro de 1776, deixa o cargo a 1 de Junho de 1805 por imposição da França.



de ouro, de diamantes brutos do Brasil.

Com esse fatal ano de 1805 viera a Lisboa Lannes que só conserva sangue-frio nas batalhas. Na vida corrente é insuportável. Napoleão nomeia-o embaixador para pagar as dívidas. E ei-lo que desata a tratar de alto o Príncipe e os ministros, a arrastar o espadalhão nas salas, a fazer contrabando e exigências deprimentes, a aterrar a doida, que desata aos berros ao vê-lo.<sup>27</sup> Demite ministros, vai ao paço e impõe-se:

– Monsieur du Brésil?

– Não sei se Sua Alteza...

– Decerto que me recebe, diga a Monsieur du Brésil...

Lannes parte. Substitui-o Junot e a mulher, e como ela, a literata de meia tigela, se ri do país, da corte, da fealdade dos homens, dos aparatos ridículos, do grotesco vestido de cerimónia com que a obrigam a ir à recepção! Na capital aborrece-se. Em vão o Núncio esperto e velhaco a ajuda a dobrar as meadas e lhe diz galanterias, em vão... Apesar de tudo quem manda sempre em Lisboa é a toda-poderosa Inglaterra. Tinha havido cenas entre o ministro inglês Sir Robert Fitz Gerald, homem polido e frio, e o arrebatado Lannes. Junot também o não pode ver nem à embaixatriz, uma seca e quezilenta, de grande nariz imponente, que chama salteador a Napoleão. Da embaixada faz parte Lord Strangford, que dorme e traduz *Os Lusíadas*. Junot instala-se no palácio da embaixada ao chafariz do Loreto. Laura Junot traz de Paris magníficos vestidos, um de crepe branco bordado a ouro e toque branco com penas brancas e ouro, outro de *moiré rose* bordado a prata, com uma grinalda de folhas de prata aplicada. Os nobres visitam-nos de luto: só o conde de S. Miguel resiste e não aparece na embaixada, sem ordem expressa do Príncipe Regente. Junot apresenta-se em Queluz com o brilhante uniforme de coronel general de hussardos, branco e azul. Esbelto. louro, com cinco cicatrizes no rosto, uma das quais ainda perfeitamente visível, impressiona o Príncipe, que lhe manda pedir o uniforme emprestado, e daí a semanas aparece também barrigudo e triste, de uniforme azul e branco, sobrecarregado de diamantes. Laura Junot espanta-se, quando depara com Carlota Joaquina vestida de musselina da Índia, com prisões de diamantes, nos cabelos pérolas e diamantes duma admirável beleza, e brincos de brilhantes tão grandes e tão puros que a deixam extática, entre as damas da corte, vestidas como araras. Enquanto o tratado concluído por Lannes – tratado de neutralidade entre a França, Espanha e Portugal – não é ratificado, vai-se vivendo na intriga dos salões, os Araújo pela França, os Sousas e D. João de Almeida pela Inglaterra. O ministro Araújo recebe com suprema elegância o corpo diplomático na sua linda casa de Belém, que só tem, no arranjo e nas comodidades, outra que se lhe compare, a da duquesa de Cadaval, – o conde de Campo Alange, embaixador de

---

<sup>27</sup> Questiona na Alfândega e exige a demissão do Manique. Faz contrabando. A insolência chega a isto: Na estrada de Sete Rios, onde o general passeia com a mulher e um filho, vem uma sege em sentido contrário. O caminho é estreito. Pegam-se as rodas. E logo o embaixador irascível ordena aos lacaios que matem o boleiro do outro. *Tuez-le! Tuez-le!* – Pedras no ar e a polícia acode, impede que matem o boleiro. Miguel Franzini, filho do Dr. Franzini, que ia dentro da sege, procura-o no dia seguinte para lhe dar satisfações. Recusa-se Lannes a recebê-lo e manda-lhe dizer por Mr. Fitte que já recorrera ao governo. Servindo-se de esse pretexto não aparece na corte no dia de S. João, de grande gala. E datando assim: *Lisbonne le 3 Messidor an II de la Rep.<sup>e</sup> Française (22 Juin 1803)* manda ao ministro uma nota insolente: *Le Soussigné ministre plénipotentiaire Envoyé Extraordinaire de la République Française croit doit informer Son Excellence Monsieur d'Almeida, Ministre des Affaires Étrangères d'une insulte personnelle que lui a été faite hier, et dom te récit pourra faire suite aux griffes dont'il a cri l'honneur d'entretenir S. E. dans sa dernière Note.* Queixa-se que a sege, onde ia um português condecorado, fugira, depois de o ter posto em Perigo de vida, O governo dá-lhe explicações, acha «justos motivos de queixa e vai providenciar» (20 de Junho de 1803). E a 3 de Julho participa-lhe que o arrieiro já está no Limoeiro «e vai passar a Calceta. E semelhantemente se tem mandado prender os soldados que compunham a partida de cavalarias... E assina D. João de Almeida de Meio e Castro.

Espanha, o de Inglaterra, o Núncio, o da Áustria, conde de Lebzeitern. Há outras figuras de sociedade: o conde de Chalons, que morre de dor, ao saber Luís XVI levado ao cadafalso, e o seu fim romântico é discutido ainda; madame Braancamp e a duquesa de Cadaval, ambas francesas: a duquesa grande, bem feita e com um sorriso tão triste que não esquece mais – sonho ou desventura... As *três graças*, as três irmãs do marquês de Marialva, todas três encantadoras, a marquesa de Loulé, a marquesa de Louriçal e a duquesa de Lafões, que vive muito retirada na quinta do Grilo e entra para sempre num convento, logo depois da morte do marido. A família de Belas, pai, mãe, e filhas, detestando a França e adorando a Inglaterra; a família do conde de Lima: a condessa de Óbidos, já de idade e muito religiosa, a marquesa de Abrantes, sua irmã, empertigada e seca; o marquês de Ponte de Lima, casado com uma prima, a filha da condessa de Óbidos, bonita e gordíssima; o conde de Sabugal muito instruído e galante; o embaixador de Espanha, homem amável e benevolente, com o secretário da embaixada sempre ao lado, um enigma com cara de conspirador; o ministro da Rússia que se aborrece e aborrece os outros; o cônsul de Holanda, excelente pessoa; o da Áustria, que vive em Portugal há perto de cinquenta anos, família unida e simples, conhecida no corpo diplomático pela família da Ajuda; o dançarino marquês de Loulé e alguns velhos mumificados, de bengala com castão de ouro e a cada palavra um acesso de tosse. Viviam também na capital muitos emigrados franceses, o conde de Novion, o duque de Coigny, que forçaram a sair de Lisboa por não obedecer a imposições do governo, etc., etc. Os ministros aparecem pouco, a não ser o Araújo e o Vila Verde. O misantropo visconde da Anadia, fecha-se em casa com papéis de música e ninguém o apanha. Em compensação nunca falta aos saraus o espirituoso monsenhor Galepi, amigo dedicado dos Franceses, dos Ingleses e de toda a gente. Apesar dos 70 anos é certo em todas as festas de madame Junot, levando-lhe sempre *bombons* perfumados com ditos graciosos e mesuras galantes...

O ministério fora demitido por imposição do embaixador, e Almeida, *todo da Inglaterra* nomeado embaixador em Viena. D. Rodrigo retira-se<sup>28</sup>, Pinto morre, substitui-o o Vila Verde, que já era ministro assistente ao despacho; o embaixador Araújo é colocado nos Estrangeiros.<sup>29</sup> O Vila Verde, gordo e comilão, tem ainda o mérito de ser surdo como uma porta: os pretendentes berram-lhe ao ouvido, de forma que em Lisboa sabe-se tudo – os abusos, as tolices, as trapalhadas deste homem insigne, que o Príncipe estima mais que todos os outros. Manda o Vila Verde, impera o Lobato, que o aconselha a juntar um grande tesouro, e cujo valimento lhe trouxe a morte pelo veneno. As suas relações com Carlota Joaquina, que já eram más desde 1801, quebra-as

---

<sup>28</sup> Substitui-o Luís de Vasconcelos na Repartição da Fazenda.

<sup>29</sup> É com profundo suspiro de alívio que o Príncipe sabe que M.<sup>m</sup> Lannes vai partir. Decerto Lannes não tardará a segui-la. Tem-lhe medo. Ega participa-lho:

Sr.

Ontem à noite entrou o núncio em casa de M<sup>a</sup> d'Alorna vindo de casa do general Lannes, e disse haverem-lhe asegurado ali que se achava determinada a jornada de M.<sup>m</sup> Lannes com a maior brevidade para França; o que combina com a nota que também me deram de se haver aprontada uma uaua carruagem de jornada com malas na traseira. Pareceu-me necessário comunicar a V. A. R. esta novidade com que Lannes vai agora fazer novo aperto e nova força para conseguir os seus interesses visto haver cedidamente intervalo da jornada de Fitte; fico procurando saber o que mais se oferecer que terei a honra de fazer constar a V. A. R. a cujos pés com o maior respeito protesto ser

O mais fiel Vassalo e humilde criado

C. da E.

Junque<sup>ra</sup> 23 de 7<sup>bro</sup> de 1803.

de todo em 1806. Reza, pega-se aos Lobatos, ao seu afilhado padre João, ao José Egídio seu secretário particular.

Vai desabar o inferno. As hemorróides agravam-se-lhe; sente vertigens e acessos de melancolia. Começa a ter medo e evita montar a cavalo. Renuncia à caça: por toda a parte vê perigos e abismos: Em 1805 adocece; era um tarado. Deixa Queluz (fora lá que a mãe tivera os primeiros assomos de loucura), deixa Mafra, o cantochão e os filhos, D. Pedro, branco, rosado e destro, D. Maria Teresa, D. Isabel Maria, que veio a morrer em Espanha aberta por um médico que lhe fez a operação cesariana supondo-a morta... – e põe-se a correr no Alentejo. – Suprime as audiências, recebe mal toda a gente. É o momento em que Carlota Joaquina pensa em substituí-lo no trono. Chegaram a apreender-se proclamações impressas. Rodeia-se do marquês de Ponte de Lima, do conde de Sabugal, do aventureiro marquês de Alorna. Redigem um decreto que a proclama regente do Reino. Vila Verde manda abrir uma devassa, que é logo suspensa. O marquês, o conde, o João dos Santos, são desterrados. Ela, vendo a tramóia descoberta, não o larga mais. O desgraçado foge-lhe para Aldeia Galega, para o Alfeite, para o inferno – ela persegue-o. Parte para Vila Viçosa e Mafra – segue-o como uma sombra. O príncipe agarra-se ao Lobato. Mostra-lhe a língua, desconfiando da peçonha provável. É numa dessas correrias, que D. João, com medo de endoidecer, diz a palavra necessária e brutal. Ao lado da sege galopava, gentilíssimo, com 16 anos, o marquês de... Ao longe, na estrada, redemoinha uma nuvem de pó. O Príncipe Regente bota a cabeça de fora, e, ao avistar a carruagem de Carlota Joaquina, berra num desespero:

– Parem! parem! Voltem para trás que aí vem a p...!

Em Junho de 1806 fixa residência em Mafra. Para quê? Que faz a corte em Mafra? Ouve missas, assiste a festas, a ninharias, a novenas, como o anota Eusébio Gomes<sup>30</sup>, antigo empregado e depois almoxarife, nas suas curiosas memórias de que damos vários extractos:

1806 Abril 30. Chega S. A. a Mafra às Ave Marias.

Maió 4. Esta tarde se abriu a Aula de Música a que assistiu S.A.

Junho 2. Veio hoje S. A. e a 4 se começou a novena do Coração de Jesus com o Sacramento exposto depois de Vésperas, e juntamente a trezena de Santo António.

Outubro 22. Cantou-se hoje a Missa de Baldi. Cousa estrondosa.

Idem 26. Cantou a Missa o Guardiã e foi o Beijamã dos anos do Infante D. Miguel.

Dezembro 2. Hoje começaram as preces pelo parto da Princesa.<sup>31</sup>

Idem 23. Hoje às 7 h. da manhã se deu o sinal com os foguetes do parto de S. A. que teve uma menina. Tocaram, em seguida, os sinos grandes e carrilhões e ouviu Missa de Pontifical, e no fim antes da Bênção o *Tedeum*.

Idem 25. Dia de Natal. Toda a função, isto é Vésperas, Matinas, Missa da noite, Laudes, Missa do dia, tudo foi de Pontifical, a Musica da noite foi de Pulsi e de mão feito, a do dia foi de Marcos, e excelente. Comungaram as Pessoas Reais, e alguns Fidalgos e Damas na Capela Mor à Missa da noite. Os Pontificais desta função todos fez o Provincial.

Idem 28. Hoje é que foi o Beijamã pelo parto. Cantou a Missa o Guardiã.

Logo no princípio deste ano veio de assistência para Mafra toda a Família Real e aqui se conservou até à retirada para o Brasil, mas o Príncipe ia algumas vezes a Lisboa.

1807. Janeiro 6. Festa dos Santos Reis. Neste dia à noite é que se cantaram os Reis, o que não fizeram ontem por causa das matinas, que acabaram muito tarde. Foi a comunidade à Cela do Prelado e

---

<sup>30</sup> Eusébio Gomes, antigo empregado e depois almoxarife do Palácio de Mafra, deixou memórias dos acontecimentos que presenciou ou de que teve conhecimento, sucedidos no paço e na Vila de Mafra. Estas memórias abrangem o período de 1800 e 1832; contém a narração de factos sucedidos no paço e no convento, interessantes para quem se interessa pela historia daquela vila, assim como a notícia das batalhas e combates da guerra peninsular tal como chegaram ao seu conhecimento.

Os extractos que publicamos foram-nos obsequiosamente cedidos pelo sr. Júlio Ivo, distinto publicista.

<sup>31</sup> O parto de Carlota Joaquina. A menina nascida foi D. Ana de Jesus Maria.

foi o Príncipe à Cela do Provincial ver a brincadeira. À oferenda na Missa foram os Príncipes oferecerem em 3 vasos de prata incenso, mirra e 50 moedas em ouro, que se diz foram aplicadas para ornamentos da sacristia. A Missa cantou-a o Guardião como Pároco da Família Real.

Idem 18. Baptizado da S<sup>a</sup> Infanta D. Ana de Jesus Maria. Cantou a Missa o Guardião e benzeu a água na Capela das Virgens de tarde. O Deão foi quem baptizou, foram padrinhos a Princesa viúva D. Maria Benedita e o Infante de Espanha D. Pedro Carlos, cantou-se o *Tedeum* de Marcos que levou 48 minutos.

Idem 26. Hoje à noute se representou a comédia, *O Criado de dois amos*, a que assistiu S. A. muitos frades não foram lá, do que S. A. se scandalizou, e a mandou repetir e dar uma merenda aos cómicos.

Junho 6. Hoje depois dos três quartos para as 4 da tarde houve um grande tremor de terra, que encheu de susto toda a gente: e toda a gente do Paço saiu para a rua e encheu-se todo o largo na frente do Edifício. A Princesa D. Carlota trouxe nos braços a Menina que tinha apenas 3 meses, e a trouxe pela escada abaixo até ao Claustro. A Princesa disse à sentinela que estava de guarda à porta da entrada para a sala dos Archeiros, que a acompanhasse, mas o soldado disse: «Senhora, eu não posso desamparar o meu posto. Bem o sei, lhe disse S. A., mas acompanhe-me que eu respondo por tudo. Então a sentinela obedeceu, e no dia seguinte foi feito cabo de esquadra. Muita gente foi para a cerca e lá passaram a noite por temer ir para dentro do Paço, especialmente os que habitavam nos Mezaninhos.

Idem 10. Às 8 horas menos um quarto da manhã ouve outro tremor de terra pequeno e às 9 horas outro ainda mais pequeno.

Setembro 8 .Começou a ver-se um Cometa com duas caudas e cada dia se viu mais alto.

Outubro 24. Hoje se publicou em Lisboa um Edital pelo qual se declaram os portos fechados aos ingleses.

\*

Em vão o Príncipe desconfia e se aflige... Na solidão desta imensa noite de Inverno evoco a figura grotesca e rio-me, mas com o riso vem-me piedade de mistura, e hesito e cismo: acabo por achar este homem simpático. Bem sei, bem sei, é matéria e ronha, mas é um desgraçado também. Ridículo inda por cima. Se Deus lhe deu em quinhão, junto com a barriga e a fealdade, um átomo sequer de sonho ou um fio de nervos – o que pode muito bem ter sucedido – morria de desespero. Sofria, sofreu.

À sua volta encontra apenas affectação e interesse. Tão tímido, que só se sente bem ao pé dos seus iguais, do povo grosseiro, do Lobato, do Manique, do Vila Verde comilão e estúpido, da matéria espessa. Então expande-se, cheio de bonomia e ternura. Que vida, que mulher, que ministros, e ainda por cima aquela carcaça ordinária! O resto à volta são vaidades, charlatães com comendas e veneras, corte empavesada e inútil, e um país longínquo aferrado à terra e à dor. Quando encontra uma alma a que se apegue – a dum criado – trata-a com uma grande afeição. Espremido dá ternura.

Todos o enganam. Para encontrar um amigo fiel teve de descer ao Lobato. Só com ele desabafava, passeando em Mafra pelo seu braço, sem querer ouvir mais ninguém. Foi seu valido e, principalmente depois da morte do Vila Verde, seu primeiro-ministro. Só ele lhe podia entrar no quarto a qualquer hora e a carta em que lhe manda esta ordem parece a carta dum amante.

Escrevia-lhe com requintes de afeição:

*Meu Francisco faço estas duas regras s'embargo de te mandar amanhã Tomás para te dizer pessoalmente os meus sentimentos a teu respeito para te mostrar a minha amizade e o quanto me tem penalizado a tua separação que Deus permita que já se acabe mas te peço que não venhas sem estares restabelecido para não tornares a'doecer e me ver outra vez separado da tua companhia. J. D. tem ordem para te arranjar a quarto como tu tinhas ajustado com ele e me disse que te escreveria a esse respeito. Resta-me tornar-te a segnificar-te os meus sentimentos de amizade e do muito que desejo o dia de tornar a pessão a tua companhia pois não tenho um só momento*

*que tu me não lembres.*

*Escrita em Mafra a 5 de Outubro de 1805.*

*Amo que muito te estima*

*J.*

*Meu amor faço-te estas regras para te dar uma evidente prova que sempre estás na minha lembrança e o muito que senti o incómodo que tens por me ver privado da tua companhia e certamente não foi o vento que me impedia sair mas a tristeza de ir sem ti isto que te diga agora é brincando mas tu tens o incómodo mas tens o cómodo de fazeres a tua vontade a minha sem brinco não é outra se não estar sempre na tua companhia desejaria que já fosse hoje mas te peço que te não arrisques pois não quero por meu respeito que tenhas o mais leve incómodo mas as maiores felicidades como quem sempre será.*

*Amo que muito te estima*

*J.*

*Meu Francisco estimei muito as tuas cartas por me dizeres que estás milhar eu passo bem mas estes dois dias tenha tido algum piqueno incómodo de estômago aceites os bons anos que te dou e desejarei que os tenhas felizes como quem se preza de ser*

*Mafra em o 1º de Janeiro de 1807.*

*Amo que muito te estima*

*João.*

*Meu Francisco já que Deus não quer que me digas que estás bom mas sim que vai melhor sempre me consola muito que em breve terei a consolação de te ouvir dizer que estas bom de todo o meu coração te digo que já não posso sofrer a falta da tua companhia pois certamente não estimo mais outra que a tua pois estou persuadido que ninguém me ama, e serve com mais fidelidade que o meu amor estimei muito ter o gosto de te remeter o aviso pois deste modo julgo que para mim e ti foi milhar e Deus permita que chegue a tempo mais se não chegar não falta ao teu amor muitas cousas que te depois sempre desejarei ter motivos para te mostrar que sou*

*Amo que muito e muito te estima*

*João.*

Quando ele lhe morre três dias o príncipe não quer ver nem falar a ninguém. Cai em tristeza. Suspira. Talvez pense que de nove filhos não tem bem a certeza se é de três ou de quatro que é realmente pai. Parece que D. Pedro, D. Isabel Maria eram indubitavelmente seus. D. Ana é talvez o primeiro fruto de João dos Santos, D. Maria

Francisca é filha de Luís da Mota Feio;

D. Miguel, do Marquês de Marialva (D. Pedro); D. Maria da Assunção, de João dos Santos; e dos outros nem se conhece o pai – Nasceram no curral... são meus. – Em 1802 o *London Observer* e outros jornais ingleses contam que D. João declarara a vários membros do corpo diplomático que se não considera pai do recém-nascido D. Miguel porque há dois anos não tem relações com a mulher.

De todas as figuras que o rodeiam, o Príncipe, bronco e espesso, é decerto a mais ridícula e a mais humana, a melhor. Olhem bem para ele, grosseiro, fugindo com o olhar, barrigudo e triste, estatura mediana, sempre pronto a servir de padrinho dos filhos de todos os seus criados, afeiçoando-se até aos soldadões que o insultam – ao Junot e ao Lannes – sentindo-se mal disposto dentro da pele que lhe coube em sorte, sem saber exprimir-se e sem poder sentar-se, e digam se o que se sente não é piedade. Foi tudo o que quiseram que fosse, e, com outros ministros e outra corte, tinha acabado de podre refastelado no trono.

Era avaro e teve tanta sorte que nem as mulheres conseguiram arruiná-lo. Só duma vez amou... Amou – desculpem... Sucedem que a matéria também se alvoroça até às mais íntimas raízes. Os bichos repelentes, os bichos ignorados, esses amam com inocência e inabalável ternura. O senhor D. João sentiu-se um dia preso à senhora D. Eugénia de Meneses. Esteve para amá-la – empenhou-a. Mas o amor tais complicações lhe trouxe: aflições, flatulências, desgostos e hemorroidal, que não quis mais mulheres. Nem vê-las. Elas de balde o presenteavam... Deixem-no em paz digerir, deixem-no fartar-se de anedotas obscenas em Mafra, de cantochão, de festas de igreja, de rapé. Outros se encarregavam de lhe fazer os filhos, e, como D. Carlota Joaquina pedia favores para os amantes, ele próprio os despachava para lugares rendosos, sublinhando com esperteza opor justos e particulares motivos que tenho presentes... É que não queria que o tomassem por tolo. Coçava a papeira, aafiava certos ditos, era filósofo. Muito mais tarde havia o povo revoltado de lhe rodear o carro aos gritos de – viva o povo soberano!

E ele de si para si resmungava:

– Pois sim, sim, viva o povo soberano, mas eu cá ando de carro e vocês andam a pé...

Procurou sempre orientar-se nos negócios. Dava grandes audiências, ouvia com pachorra evangélica queixas eternas, eternas lamúrias, discursos fantásticos; lia todas as cartas anónimas que lhe mandavam. Toda a gente no paço as escrevia. Nem do Lobato aceitava os conselhos à primeira:

*«Meu amor não tenho expressões com que te explique a grande mágoa que tive com o teu incomodo como a grande alegria de te ver já quase restabelecido para ter outra vez a consolação de gozar uma companhia que eu tanto estimo pois já não tenho paciência de sofrer tão longa separação pelo muito que te amo. Eu passo bem e nesta Feita não tenho tido os incómodos que tu sabes, mas sim o da tua ausência, agora vou responder-te ao que me mandaste dizer ontem examinando o aviso vi que tinha uma cláusula que não era boa pois dizia que fizesse ciente ao d<sup>o</sup> do Aviso para mo representar cláusula que se poderia intepretar-se fazer-se o d<sup>o</sup> secretario imediato para receber minhas resoluções sobre a companhia julgo melhor esperar pela nomeação de secretario e fazer este a insinuação peço-te que me digas com aquela verdade que me costumas falar se me achas razão, faltava-me dizer-te que te não tenho escrito há mais tempo para te não obrigar a escrever e adeus meu amor até à vista que Deus permita que seja ainda este ano.*

*Amo que muito te estima do coração*

*J.*

Sofria – sofreu. Amachucado, traído, aos empurrões de todos, sucedeu-lhe a pior coisa que pode acontecer à matéria: veio-lhe fastio. Grotesco, feio, com a existência aos baldões, sem um bocadinho de ternura (a morte leva-lhe todos os amigos), rei ainda por cima, as suas anedotas, a sua vida, a sua figura, são ainda hoje motivos de grotesco... E no fundo, sob essa capa ridícula, por baixo da barriga, da papeira, da beiça, do olhar desconfiado, havia, houve sem dúvida uma ternura enorme. A mulher traiu-o; os filhos enganaram-no e mentiram-lhe; teve de fugir, de se livrar do veneno, das revoltas, da intriga, sempre a encostar-se à amizade de este, de aquele, dos generalões, dos embaixadores, dos ministros, dos criados... Não foi uma grande inteligência nem um grande carácter, mas foi uma extrema bondade. Passou a vida a afligir-se. Por qualquer lado que se encare é um motivo de chacota. É o senhor D. João VI – é o pataco – é o rapé – é a beiça –... É – mas é também o melhor homem da sua época, e, sob o grotesco, encontra uma grande beleza escondida, sumida, escarnecida. Sofria – sofreu.<sup>32</sup>

---

<sup>32</sup> Quando morreu, um frade, Fr. Mateus da Assunção Brandão, pronunciou na Academia das Ciências (10 de Setembro de 1826) o seu elogio necrológico. É no género do outro – o de Carlota Joaquina. Falando na fuga para o Brasil, o frade diz entusiasmado: «Mas que valor? que heróica resolução? que actividade não desenvolve o Senhor D. João VI em tão apurado lance?...

«...Não o desacoroçoam os incómodos e perigos de uma viagem tão inesperadamente determinada, não o intimida a falta de preparos e mantimentos da Esquadra que o deve transportar, não o detém o amor do pátrio solo, nem quaisquer outras considerações das mais óbvias e naturais. Tão intrépido e solícito como o antigo Eneias», etc.

## IV – A FUGA

Na hora fatal ninguém se entende. Dão-se ordens e contra-ordens, os diplomatas mentem, os emigrados intrigam, Luís de Vasconcelos e Sousa e António de Araújo são pela França; D. Rodrigo de Sousa Coutinho e seus irmãos pela Inglaterra. Apela-se para o cofre. Venha mais dinheiro, mais diamantes! Incumbe-se a toda a pressa o marquês de Marialva de ir pedir para o Príncipe da Beira uma das filhas de Murat, mas o marquês não consegue passar de Madrid. Mais ordens sem nexos: desguarnecem-se as fronteiras para iludir Napoleão, e finge-se defender a costa das esquadras inglesas. Mente-se, mente-se até ao fim. Um, o Araújo, tem uma ideia, aderir ao sequestro, indemnizando os Ingleses. E explica-se à Inglaterra: – Paga-se tudo a oiro!... – A ocultas assina-se com a Inglaterra uma convenção pela qual a nossa aliada se obriga a auxiliar a fuga da família real. Outro, Strangford, aconselha que se mande D. Pedro como vice-rei para o Brasil e equipa-se um navio que não chega a partir. Tudo desaba: sente-se que o vagalhão que os ameaça subverter cresce a todos os momentos. Aumenta o tropel, a confusão, a mixórdia. Os Ingleses fogem quando os ministros de Espanha e de França se retiram. O papel-moeda desce abaixo de 30%. – Fugam, fugam, aconselham no paço. – E o Príncipe Regente olha um e outro estremunhado, ou escuta-os irresolutos, num mudo espanto. As reuniões do conselho de Estado seguem-se, sem uma ideia, sem um altivo arranço. Apenas D. Rodrigo de Sousa Coutinho propõe, em 21 de Agosto de 1807, que se prepare o exército para a resistência, cobrindo a retirada e a fuga possível. Mas um dos insignes conselheiros de Estado (27 de Agosto, Mafra) exclama com imponência:

– Nada de armamentos, senhores, para não excitarmos a cólera dos Franceses!

E Araújo indigna-se, Araújo protesta.

– Resistir! defendermo-nos! Mas como? – E com simplicidade conclui assim: Não temos nada!

O da Anadia consultado é da mesma opinião.

– Nada de armamentos em terra.<sup>33</sup>

---

<sup>33</sup> Já não temos exército, que depois de Lippe decai. Soldados foram promovidos a capitães e capitães a coronéis; oficiais serviam à mesa dos fidalgos. Em 1792 é nomeado Lafões tenente-general do exército e não consegue nada. Em 1792 é nomeada uma junta para reorganizar o exército. E sempre que há receios de guerra pensa-se logo em reformar o exército... Pensa-se em 1799; pensa-se em 1800; pensa-se em 1802, exonerando Lafões e nomeando o conde de Goltz, que deixa o comando no mesmo ano, e pensa-se em 1803, 1804 e 1805. Mas não se fez nada. Desleixo e intriga, como se vê pela seguinte carta do conde de Goltz:

Son Excellence Monssieur le Conte d’Ega.

a son Hotel

Mon cher Conte

J’ai eu la nuit un peu de goutte au pied blessé, et ne peut venir aujourd’hui à Queluz, comme je m’étais proposé.

Ah mon cher Conte, qu’il y a d’intrigues contre moi, pour me faire du Tort. Le Ministre de Guerre, le Vieux Conte d’Aveiros, l’État major de Rossière, et toute la Clique émigrée m’est contraire, et dont assez hardi pour faire des affaires de Service dont je ne dois rien. Toute cela aboutit à se Soustraire au commandement, que Son Altesse Royale m’a confié gravieusement. Ils veulent me causer du chagrin pour que je m’en aille promptement. Je leur suit à charge et ma honnêteté leurs déplaît.

Don Rodrigo et Bailly se trouve à la tête de cette belle Cabale. Don Jouan s’est joint.

...Je suis fâché, qu’avec tout mon attachement e ne lui peux être utile. Il me faut abandonner le champ à la Cohorte Française, avec laquelle je ne puis rien avoir de commun, même par principe...



O mais lógico portanto é fugir. O pior é que não está nada preparado e a corte arrisca-se a cair nas mãos da soldadesca sem fé nem lei, mandando mais que imperadores e dispondo de reis como quem dispõe de recrutas. Debalde D. Rodrigo continua a pregar no deserto. Ele bem sabia «que a culpa não é deles (dos reis) é dos vis cortesãos que os rodeiam desde o berço e que lhes encobrem o que faria a sua desgraça e a fortuna dos príncipes.» Insiste na resistência e acha inútil a partida precipitada do príncipe herdeiro ou de qualquer das princesas, O marquês de Pombal, o de Angeja e o de Belas, esses estão por que se declare a guerra a Inglaterra e se atendam as exigências dos Franceses. No conselho de Estado de 2 de Setembro chega-se a discutir o que se havia de responder a Junot, quando ele propusesse mandar o Príncipe Regente para a Itália, para a Alemanha ou para a Ásia! Araújo insiste em que está tudo desorganizado: dispomos apenas de 26 mil homens. E a 17 de Outubro afiança «o exército (francês) nem marchou nem havia por – ordem de marchar.»<sup>34</sup>

Defendermo-nos como? Em vão Demourtez, o aventureiro, que por esse tempo vegetava em Londres, se oferecia para comandar as tropas portuguesas. Tocara-nos também a vez da oferta, mas nem o nosso governo lhe quis a espada, vergonhosa e célebre, gloriosa e mercenária. Ordena-se enfim às autoridades que dêem parte para Lisboa da marcha dos invasores, e a 24 sabe-se pelo tenente-coronel Lecor, do mando de Alorna, que os Franceses já estão em Abrantes. A família real vem de Mafra para Queluz e reúne-se à pressa o último conselho de Estado. Palavras, medo – as mesmas fardas, a mesma pompa, a mesma inutilidade. Que fica dessa última sessão? Uma anedota: o Príncipe interrompe o palavreado inútil, dando um berro e uma palmada nas coxas: Cá estão duas!... – Olham-no os conselheiros estarecidos, e ele mostra-lhes duas moscas esborrachadas na mão.

Resolve-se por fim fugir. O Príncipe ainda hesita: mas o embaixador inglês, que se refugiara a bordo da esquadra, todas as manhãs vem a terra insistir e instar. Por último mostra-lhe a notícia do *Monitor*. E, diga-se, fugir era decerto o mais lógico, o mais sensato, o mais simples. São três exércitos, é a tropa que bateu a Europa e desbaratou os melhores generais dos impérios: é uma canalha sórdida, descalça, feroz, e heróica: magarefes, generais, jacobinos e salteadores. Se prendem o Príncipe, a Inglaterra desembarca nas colónias é o fim de tudo. Fugir é portanto o mais sensato,

---

a 18 de Dec. 1801.

Goltz.

Antes de Lippe davam-se factos como este – de comédia: «Os Regimentos que estavam nos quartéis de Val do Pereiro e Campo d’Ourique, embarcavam nas pedras de Santos, e desembarcavam no mesmo Cais de Belém; e em uma das retiradas do Regimento que estava a Cruz dos quatro caminhos, havendo uma grande borrasca, que obrigou as embarcações a fugirem do cais, quando a Guarda rendida chegou, e não via esperança de poder embarcar, esteve muito tempo indecisa, e por fim resolveram-se a ir a pé para o Quartel, onde chegaram a que horas? e destroçados: poucos indivíduos deixarão de pedir Certidão ao Comandante.» Vol. XIV do *Teatro de Manuel de Figueiredo*.

<sup>34</sup> A fuga já estava há muito discutida segundo se depreende do mesmo officio ao nosso ministro em Londres (17 de Outubro de 1807) «sobre o importante objecto da retirada do Príncipe Regente N. S. torno a repetir que S. A. R. nem há-de desertar por terror pânico, o que já assustou o Povo desta Capital Suscitando que ele se dispunha a partir, nem também há-de esperar por o último perigo.» É tão extraordinária a atitude de Araújo que mais tarde o *Correio Brasiliense* acusa-o de estar feito com os Franceses. O nosso ministro em Londres informara-o do que os Franceses empreendiam, e a 31 de Outubro já ele sabia que Junot marchava através de Espanha desde 9 desse mesmo mês.

No princípio de Outubro o medo aos Franceses chegara a tal ponto «que pequenos e grandes e o mesmo Príncipe entraram em sentimentos piedosos de recorrer ao céu para uma protecção.» Fizeram-se procissões. Saiu o Senhor dos Passos para as ruas de Santo André, Mouraria, Rua Augusta, Terreiro do Paço, Ribeira Velha, Paraíso e Campo de Santa Clara, de onde voltou ao convento. (*Dietário de S. Bento*)

mas o bom senso, que fica bem nos mangas-de-alpaca, não assenta da mesma forma nos príncipes. O bom senso resolve as questões práticas da vida, é um país invadido não apela para o bom senso –apela para o desespero.

E o pior é que o que aí vem não são só homens, armas, canhões. Esta gente, a corte, o mundo velho, a pragmática, fogem diante de uma Ideia. Junot daí a dias toma Lisboa sozinho. Reparem que em Espanha o arranco é exactamente o mesmo. Vem aí o Terror, os jacobinos, a revolução, homens doutro planeta. O homem novo, o homem que o autor do *Antídoto para o Congresso de Rastadt* (1798) descreve assim: «Seu coração impenetrável às afeições ordinárias só às da Revolução é acessível; seus olhos obedecem a outras leis de óptica, seu espírito concebe e produz, e seu coração bate diferentemente dos outros homens.» Como dizia de Génova o Dr. Vicente Alorna, em papéis que correram o mundo com grande sucesso, à revolução

Seguem-se Ex-Rei, Ex-Reina, Ex-Calidad  
Ex-Papa, Ex-Cardinal, Ex-Religion,  
Ex-Cura, Ex-Fraile, Ex-Monge, Ex-devotion  
Ex-Culto, Ex-Templo, Ex-Feé, Ex-Caridad.

O que, segundo ele, havia de dar como resultado:

Ex-Paris, Ex-Nacion, Ex-Liberté!

A papelada era infernal: versos, insultos, mentiras. Os Ingleses enchiam o mundo de panfletos: «Almanaque da Família Imperial e grandes off.<sup>es</sup> de Estado Civis e Militares em França, depois da revolução, tirado do original Inglês: – Napoleão Bonaparte. Nasceu em 15 de Agosto de 1767. Imperador em França, rei de Itália, Mediador da Suíça e Protector da confederação do Rhin – Filho 2º de Carlos Bonaparte, Algazil da Cidade de Ajácio na ilha da Córseica. Seu verdadeiro Pai se julga ser o conde de Morboeuf, governador da dita Ilha. É o maior assassino, e de pior carácter público e p.<sup>ar</sup> que se conhece na história antiga, e moderna. Letucia Ramolini – Mãe da Família Imperial. Uma Prostituta semi-notória. Aos 15 anos de Idade teve um filho de um Frade, etc. Paulina, – Princesa de Borghese – Irmão mais velha de Napoleão, com quem teve trato incestuoso; ausentando-se de casa de sua Mãe aos 14 de idade com um cabo; em 1796 foi uma Prostituta comum em Paris.» Etc., etc. – E como este muitos. Uma nuvem de papéis. Como dizia o outro, dos Franceses até o Diabo tinha medo:

Sou Diabo e tremo  
Que esta multidão francesa  
Que com tanta presteza  
Se me introduz no inferno,  
Me tire todo o governo.  
Sem eu poder ter defesa!

Fujam! fujam! Canhões, homens, Bonaparte, a guerra, tudo isto é frenético e imenso. Foi grito, é agora vagalhão colérico, diante do qual reis, ministros, corte, cada vez se sentem mais pequenos e grotescos. É a Vida. É um século de discussão, de análise, de balbúrdia, de mixórdia, de cóleras, em marcha sobre a corte minúscula, sobre homens minúsculos. E é perante essa Ideia, que os apavora, que fogem, como diante dum jacto de luz. Por trás do pequeno exército que avança, há os mortos, há os milhares de milhares infindáveis, há uma Sombra desmedida que encobre o céu...

De Londres espalham o manuscrito que depois foi publicado em 1808 em

Coimbra, com o título de *Reflexões sobre a Conduta do Príncipe Regente de Portugal*, revisto e assinado por Francisco Soares Franco.<sup>35</sup>

O Príncipe vem a Lisboa dar audiências, não confia em ninguém, supõe-se traído. Os nossos diplomatas nem sequer suspeitam as negociações que precederam o Tratado de Fontainebleau – ou efectivamente traem-no...<sup>36</sup>

\*

Quem pudesse ir remexer no fundo das gavetas da época, ler as correspondências e as contas, raspar nas almas e nas bolsas, com os seus múltiplos interesses!... Ao lado da história, das frases, das leis, dos factos, há outra história mais viva e humana, oculta e terrível, a do ouro e da ganância. Dum lado o que se mostra, a pompa, o cenário, do outro o *Deve e Haver*. Contas.

O sórdido interesse – com resultados inesperados às vezes. A mola-real, o dinheiro, os papéis esquecidos no fundo das gavetas dos ministros, os livros dos diplomatas, os documentos e as cifras. Vêem-se os homens hábeis e polidos na culminância do poder, os artigos discutidos parágrafo a parágrafo, as conferências, os aposentos solenes, a mesa hirta com os papéis e o tinteiro em cima – medidas, relatórios, fardas – não se vê o ouro que corre de bolso para bolso, nem as consciências que amolecem, nem as algibeiras sem fundo – nem a vida secreta... E esta história seca, a dos interesses e dos vícios, é a verdadeira história dos últimos anos, nervosa, descarnada – diabólica. O exterior é pouco: é necessário atender aos vícios e às paixões. Por trás do pano aparatoso, com o arranjo que cada um lhe desenha – até com sinceridade – não cessa o ruído irresistível do dinheiro. Esta gente de negócio, diplomatas e traficantes do século XVIII, é materialista e céptica. Acresce a isto que o espectáculo do mundo é soberbo: um inferno de ideias, de discussões, de filosofias – a revolução – e por fim, o clarão do incêndio, a guerra, os gritos, os tronos escacados, a Europa a saque, o Bonaparte de tricorne na cabeça e as mãos atrás das costas, impondo leis... No fundo, nos recantos obscuros, o ouro corre e tilinta. Vende-se–vende-se tudo pelo gozo, pelo ouro, pelas fardas. Essa correspondência está dispersa ou reduzida a cinzas–mas alguma existe. A do Ega, embaixador em Madrid, dá a impressão nítida de que éramos traídos.<sup>37</sup> Por esta extraordinária carta se demonstra que entre o conde de Ega e Godoy havia mais que intimidade:

---

<sup>35</sup> «O príncipe do Brasil examina dum golpe de vista donde vem a Bonaparte a audácia de lhe fazer proposições, que um Rei não deve jamais ouvir e conhece que a posição de Portugal é a base da insolência do seu inimigo; conhece ao mesmo tempo o perigo e as consequências; é o Brasil a que ele vai confiar a sua honra, a sua segurança, a sua glória, e a do nome Português. Eis aí uma grande e bela Revolução! É assim que os Reis são verdadeiramente os defensores dos seus Povos e os libertadores da sua Pátria! Enfim eis – aí um Rei... Era permitido pensar que já os não havia. Mas hesitava, e o Príncipe do Brasil mostra ao mesmo tempo o animo a todos os corações e a esperança a todas as almas... Portanto não há mais que um partido a tomar que é de executar esta magnânima e sábia resolução, quaisquer que sejam as proposições de Bonaparte. E executando-a o Príncipe do Brasil oferece a Portugal a única esperança de salvação».

<sup>36</sup> O Tratado de Fontainebleau é assinado aos 29 de Outubro de 1807 pelo general Duroc, por parte da França e por D. Eugénio Izquierdo, por parte da Espanha. Napoleão não se deixa iludir; estava decidido a tudo para combater a Inglaterra e tornar eficaz o seu famoso sistema continental. O país é dividido em farrapos, retalho para este, retalho para aquele... Ver o tratado no fim do capítulo.

<sup>37</sup> O ilustre jornalista Sr. João de Meneses encontrou numa loja da Baixa diferentes documentos curiosíssimos, que estavam destinados a embrulhos, e entre eles as cartas que publicamos.

*Sereníss° Sr.*<sup>38</sup>

*Antes de expedir o correio a Lisboa, tomo a liberdade de enviar-te a carta original que escrevo ao Príncipe Regente Meu Amo, e como é concebida nas próprias expressões que te ouvi e me ordenaste transmitisse a S. A. R. espero que vendo-a me queiras dizer se digo quando tu me determinaste.*

*Ninguém mais do que eu sabe apreciar as tuas altas qualidades e ninguém será com mais constância e firmeza*

*De V. A. S.  
O mais fiel e respeitoso amigo*

C. DA EGA.

*Sereníssimo Sr. Príncipe  
Generalíssimo Almirante.  
Madrid, 6 de Agosto de 1807.*

Na carta, à margem, no alto, e do seu próprio punho, lê-se a resposta de Godoy:

*«Se estás seguro de que no se fiará otro uso de esa carta enbia-la pero acuerdate que hay en aquella Corte Personas que no te quieren.*

*es sempre tuyo  
af.<sup>mo</sup>*

*Ml.*

Em 22 de Outubro de 1807<sup>39</sup>, aparecia a declaração do Príncipe Regente, D. João, dizendo «houve por bem aceder à causa do continente unindo-me a Sua Majestade o Imperador dos franceses, rei da Itália, e a Sua Majestade Católica, com o fim de contribuir, quanto em mim for, para a aceleração da paz marítima».<sup>40</sup>

Logo Ega comunica a Godoy:

*Sereníssimo Señor.*

*A incomodidade que tens experimentado me impedia o gosto e honra de ser-te hoje, e por isso vou enviar por este meço a Carta de ofício que recebi ontem do Ministro d'Estado da minha Corte: nela se mostra com a maçar evidencia que*

---

<sup>38</sup> O Conde de Ega, às ordens do Príncipe da Paz, enviava para Lisboa, aí por 6 de Agosto de 1807, uma longa carta ao príncipe regente D. João. em que lhe expunha a conveniência de aderir ao Bloqueio Continental.

<sup>39</sup> Em 7 de Setembro, António de Araújo escrevia para o nosso embaixador em Londres a dizer-lhe que o Príncipe da Beira – D. Pedro, que tinha então 9 anos de idade – seguiria para o Brasil. O governo seria exercido em seu nome pela princesa viúva, D. Maria Benedita, auxiliada pelo antigo vice-rei daquele estado D. Fernando de Portugal.

<sup>40</sup> O mês foi terrível de temporais. Os dias 8, 9 e 10 ficaram assinalados. Entram no porto os navios da Rússia. (*Dietário de S. Bento*).

*finalmente se tem tomado o partido que mais convinha a Portugal: ali mesmo se vê também que a determinação de enviar o Señor Príncipe da Beira ao Brasil já se acha em muita duvida: e assim em breve devemos esperar se siga a notícia positiva da Declaração contra a Inglaterra. sem preceder aquela disposição.*

*Por um correio expedido de Angouleme na noite de 17 me avisa D. Lorenso de Lima vir seguindo em posta a sua viagem a Lisboa em comissão de que espera feliz resultado. O Passaporte vizado por ele ao correio mostra que o Governo francês o considera ainda como seu carácter que conserva de Embaixador junto de S. M.II. e R. o Imperador dos Franceses.*

*Praza a Deus que a estes momentos de inquietação se sigam os de tranquilidade que todos precisamos. e que a tua saúde se restabeleça de pronto como o deseja com o mais vivo interesse*

*Teu respeitoso e seg<sup>o</sup>  
Serv<sup>o</sup> fiel e verdadeiro am<sup>o</sup>*

J. AYRES.

*Sereníssimo Señor  
Príncipe Almirante  
Generalíssimo.  
Madrid 23 de Oct.<sup>bro</sup> 1807.*

E entretanto que em Lisboa se ignorava tudo, Ega carteava-se com D. Lourenço de Lima, como embaixador em Madrid, nestes termos:

*Não me foi constante o dia em que o General Junot saiu dessa Corte, mas foi o de haver chegado a Baiona o dia 3 pela noite, e de se achar ali alojado cai casa do cônsul de Portugal, José António Dubrorg, donde saiu alguns dias a encontrar-se com as tropas, voltando no dia 11 para mesma hospedage.*

*Naquelas imediações se vai reunindo o Exército de observação denominado da Gironda, o qual deve achar-se em força de 23:610 homens no dia 17 do corrente, e posto que dizem que se aumenta até 50 mil esta notícia por agora é muito vaga (Ofício de 11 de Setembro de 1807).*

E em 11 de Outubro de 1807:

*...e entretanto se acha em marcha uma grande parte do Exército Espanhol sobre a nossa fronteira: contudo as comunicações que aqui recebo que serão idênticas às que são dirigidas a V. Ex<sup>a</sup>, talvez possa ainda melhorar a nossa Sorte.*

*Nestes despachos se não trata da partida de S. A. o S.<sup>or</sup> Príncipe da Beira para o Brasil e como se conta com a entrada da Esquadra que cruzava no Mediterrâneo para a defesa do Porto de Lisboa, espero que esse projecto se tenha anulado.*

*Recebi o Despacho oficial de V. Ex<sup>a</sup> de 26 do mês passado: as tropas, que se asseverou nesta corte, haverem principiado a sua marcha desde Baiona, para entrarem em Espanha, no princípio do corrente, ainda no dia 5 ali se achavam todos os corpos, e Estado Maior.*

E nos seus papéis aparece entre letras de câmbio, entre fantásticos maços de letras

que não têm fim – oiro, dívidas, o diabo! – o seguinte documento... Desde quando é que se trama, sem que Ega o ignore, a absorção de Portugal na Espanha?

## CÓPIA

Plan politico de varias Potentias de la Europa comunicado á la Corte de Madrid por el Emperador Napoleon.

El Principe de Asturias casará con mi sobrina, á quien adopto por hija, e en dote doy el Reyno de Portugal, cuyo Gobierno obtendron por la vida de mi intimo aliado Carlos 4, y quando este falte se unirá Portugal á la España y sera proclamado el Principe de Asturias, Emperador de España, Portugal e sus Indias.

Los Reys de Portugal conservaron sus Indias y Estados ultramarinos: ademas se los adjudicará el Cond.<sup>do</sup> de Hanovre Frances, donde se proclamará Rey el Principe del Brasil.

El actual Rey de Napoles sera proclamado en Milan Rey de Italia, por cesion que ella le pago.

Mi hermano Luciano casará con la Reyna viuda de Etruria y sera coronado Rey de Napoles, uniendose ambos estados: y el Principe de Napoles casado con la Infanta de España sera coronado Rey de Cerdena y Sicilia.

Al S.<sup>to</sup> Padre se le conservera en sus Estados Pontificos en el mismo Estado en qual hoy se hallan reducidos, saliendo garantes de su conservacion los Principes Catolicos.

Los demas Potentados de la Europa. aliados de la Francia obtendron los Estados quel actualmente posean, con cuyo motivo y resultado quedara la Europa coligada y de comun acuerdo contra la Inglaterra.

Hecho en Paris en el Palacio Imperial á 16 de febrero de 1806.

*Nota.* Que el Principe de Asturias es Gener.<sup>mo</sup> de Francia no hay duda.

Napoleon ha salido por las Costas de Brest con diression á España.

## TRADUCTION

Plan politique relatif aux différentes Puissances de l'Europe, communiqué à la Cour de Madrid par l'Empereur Napoléon.

Le Prince des Asturies épousera ma nièce que j'adopte pour fille et lui donne pour dote le Royaume de Portugal, dont ils obtiendront le Gouvernement pendant la vie de mon intime Allié Charles 4. – à sa mort le Portugal sera réuni à la Espagne et le Prince des Asturies sera proclamé alors Empereur d'Espagne, do Portugal et de leurs Indes.

Les Rois de Portugal conserveront les Indes et états d'outre mer; le Hanovre français leur sera également adjugé. – Le Prince do Brésil en sera proclamé Roi.

Le Roi actuel de Napoles sera proclamé à Milan Roi d'Italie d'après la cession que j'en fais en sa faveur.

Mon frère Lucien épousera la Reine veuve d'Etrurie: il sera couronné Roi de Naples, les deux états étant réunis; Le Prince de Naples, marié á l'Infante d'Espagne, sera couronné Roi de Sardaigne et de Sicile.

Le S.<sup>t</sup> Père conservera ses états Pontificaux donc le même état au quel ils sont réduits aujourd'hui: Tous les Princes Catholiques en seront garants.

Toutes les autres Puissances alliées à la France conserveront les Etats qu'Elles possèdent actuellement et l'Europe sera ainsi coalisée pour faire cause commune contre

l'Angleterre.

Fait à Paris dans le Palais impérial le 16 février 1806.

*Note.* Il n'y a point de doute que le Prince des Asturies ne sou nommé Généralissime de France.

Napoléon a quitté la France du Coté de Brest se dirigeant vers l'Espagne.

E se Ega trai, Lourenço de Lima trai:

S.S.

*Não posso separar-me desta fronteira sem significar ao meu respeitável amo.<sup>o</sup> e S.<sup>or</sup> o disgosto com que o faço: a satisfação com que ocupava o lugar de Embaix.<sup>or</sup> nessa Corte, as inumeráveis honras que SS. MM. se dignaram prestar-me; haver de tratar os negócios com uma Pessoa das tuas altas qualidades e de que recebi o favor de declarar-se e mostrar-se constantemente meu amigo: fazia agradável a minha situação: mas o meu governo atendendo mais a sugestões insidiosas do que aos são conselhos que tu tão nobremente e tão oportunamente lhe intimaste vacilou por algum tempo nas suas deliberações e deu assim motivos aquanto vemos e sentimos: as últimas determinações tomadas por S. A. R. o Príncipe Regente meu amo, e que por um correio extraordinário que encontrei em caminho me foram comunicadas, são inteiramente conformes em toda a sua extensão às resoluções de S. M. e Imperador dos Franceses expôs a S. M. C. tão eficazmente apoiadas: e por isso quero lisonjear-me com a agradável esperança de que S. M. I. e R. logo que isto lhe conste se preste a todo o acomodamento: o Correio foi seguindo a Paris com Despachos dirigidos a m.<sup>r</sup> de Champigny o caso está que lhe fosse remitido. S. A. R. o Príncipe meu amo havendo nomeado ao Marquez de Marialva, cavalheiro maior da Rainha fidelíssima N. S. e seu Embaixador extraordinário à corte de Paris, também me ordenava que requeresse pelo meto que me fosse possível, o necessário Passaporte de S. M. C. para poder seguir a sua viagem por Espanha; igualmente se mandaram pedir os Passaportes a M.<sup>r</sup> de Champigny para poder entrar em França com aquela qualidade. Se pois o P. A. G. quisesse solicitar de S. M. C. a concessão deste Passaporte o Marquês poderia ir principiando a sua viagem até receber os de França e concorreria assim para adiantar os meios da desejada reconciliação entre as nossas Cortes: D. Lourenço de Lima segundo me dizem deverá partir de Lisboa logo que se restabeleça de algum incomodo com que chegou; mas eu vendo a nova ordem das coisas receio que encontre obstáculo a entrar em França.*

*Eu continuo hoje a minha jornada para Lisboa havendo-me demorado dois dias com o meu amigo o Marquês d'Alorna que possuído como eu do verdadeiro interesse do Soberano a quem servimos – da Pátria que nos deu o ser, nos somos Lastimado que o nosso Governo não conhecesse mais cedo o melhor partido que deveria abraçar.*

*A Condessa ao tempo que eu dela me siparava recebeu a carta que tu lhe dirigiste, e vendo nela a honra com que S. S. MM. a tratavam, e a atenção que tu prestavas à sua situação o seu ânimo se tranquilizou na Justa esperança de que haveria sempre por ela aquela benevolência que todos procuramos merecer nessa corte.*

*Com grande contentamento meu sei que a Paz interior da Augusta Real Família se tranquilizara; sensível à dor acerba dum pai Soberano eu maldezia os Preversos que haviam concebido o mais horroroso e negro crime; desejando que as circunstâncias políticas que me separam dessa corte me não privassem nestas ocasiões de inquietação e agora de tranquilidade a honra de segurar aos Reais Pés de SS. MM os sentimentos*

*mais puros do meu coração sincero e os Votos mais vivos pela conservação das Suas Augustas Reais pessoas, o sossego interno na sua família; a prosperidade desta monarquia: e o reinado dilatado para felicidade dos seus povos; E a ti cordialmente desejo que restabelecida a tua saúde continues a fazer a glória de Espanha servindo ao teu Soberano com amor zelo e inteligência que sabem apreciar os que como eu tem a satisfação de conhecer os teus grandes merecimentos. Manda-me e serás obedecido com muito gosto e aceita as mais finas expressões de amizade e reconhecimento com que tenho a honra de dizer-me*

*Teu respeit.º e seg.º  
Servidor fiel e verdadeiro Amº q. t. a. b.*

J. AYRES.

*V. Viçosa 11 de Novembro de 1807  
Ao Príncipe da Paz.*

E em 21 de Novembro, já os Franceses marchavam sobre Portugal, escreve a seguinte carta a Godoy. Ega estava em Lisboa. D. Lourenço de Lima voltava a França. Mas Ega continuava nas melhores relações com o Príncipe da Paz:

*Sereniss.º Señor*

*Meu Am.º e Señor meu:*

*D. Lourenço de Lima solta por essa Corte para a de Paris: na sua passagem para Lisboa não lhe foi possível ter a honra de se te apresentar, mas deseja procurá-la agora. e te pede por mim lha permitas, eu que estou persuadido que ele receberá de ti instruções que serão de grande utilidade ao fim importante para que todos desejamos concorrer: te rogo incessantemente queiras, como sempre o fizeste, prestar os teus auxílios em benefício de uma nação a que também pertences...<sup>41</sup>*

*Protestos de ansiedade, de consideração, respeito e obediência, são expressões que se repetem sempre, mas que eu constantemente sinto por ti, de quem me digo*

*O mais respeit.º e Seg.º  
Servidor fiel e verdadr.º amo q. t. m. b.*

*Sereniss.º Snr. Príncipe  
Almirante Generaliss.º  
Lisboa, 21 de Novembro de 1807.*

Fujam! fujam!... Na capital espalham-se notícias e boatos. Vêm aí os Franceses! A corte embarca. Há quem se lembre a resistir, mas tudo se reduz a falatório nos cafés. A 13 de Novembro apareceram cópias dum aviso que falsamente se dizia dirigido ao

---

<sup>41</sup> Esta frase de «uma nação a que também pertences» não será alusiva ao Tratado de Fontainebleau, que Ega devia conhecer?



Intendente para o recrutamento de 14 mil homens. O autor «e de toda a suspeita que fora um cadete do Rio de Janeiro por nome Augusto César.» Este homem tem «a sua efectiva residência nos cafés, onde fala com demasiada liberdade em todos os objectos relativos à situação política da Europa» (*Livros da Intendência*). O povo sai para a rua, mas o povo não sabe exprimir-se ainda. Fala baixo, aos magotes. Já vem gente fugida na frente dos invasores, e, com exagero, narra o saque. o estupro, o vinho que corre nas adegas, o clarão do incêndio nos ares. Ninguém manda. Há um momento de trágica confusão... À pressa expedem-se proclamações, ordens para que se não resista. Uma regência é nomeada à última hora, as esquinas forradas de papéis.

Tendo procurado por todos os meios possíveis conservar a Neutralidade, de que até agora tem gozado os Meus Fiéis e Amados Vassallos, e apesar de ter exaurido o Meu Real Erário, e de todos os mais Sacrificios, a que Me Tenho sujeitado, chegando ao excesso de fechar os Portos dos Meus Reinos aos Vassallos do Meu antigo e Leal Aliado o Rei da Grã Bretanha, expondo o Comércio dos Meus Vassallos à total ruína, e a sofrer por este motivo grave prejuízo nos rendimentos da Minha Coroa: Vejo que pelo interior do Meu Reino marcham Tropas do Imperador dos Franceses e Rei de Itália, a quem Eu Me havia unido no Continente, na persuasão de não ser mais inquietado; e que as mesmas se dirigem a esta Capital: E Querendo Eu evitar as funestas consequências, que se podem seguir de uma defesa, que seria mais nociva, que proveitosa, servindo só de derramar sangue em prejuízo da humanidade, e capaz de acender mais a dissensão de umas Tropas, que tem transitado por este Reino, com o anúncio, e promessa de não cometerem a menor hostilidade; conhecendo igualmente que elas se dirigem muito particularmente contra a Minha Real Pessoa, e que os Meus Leais Vassallos serão menos inquietados, ausentando-me Eu deste Reino: Tenho resolvido, em benefício dos mesmos Meus Vassallos, passar com a Rainha Minha Senhora e Mãe, e com toda a Real Família para os Estados da América, e estabelecer-me na Cidade do Rio de Janeiro até à Paz Geral. E Considerando mais quanto convém deixar o Governo destes Reinos naquela ordem, que cumpre ao bem deles, e de Meus Povos, como cousa a que tão essencialmente estou obrigado. Tenho nisto todas as Considerações, que em tal caso Me são presentes: Sou servido Nomear para na Minha Ausência governarem, e regerem estes Meus Reinos, o Marquês de Abrantes, Meu Muito Amado e Prezado Primo; Francisco da Cunha de Menezes, Tenente General dos Meus Exércitos, o Principal Castro, do Meu conselho e Regedor das justiças; Pedro de Melo Breyner, do Meu Conselho, que servirá de Presidente do Meu Real Erário, na falta e impedimento de Luís de Vasconcelos e Sousa, que se acha impossibilitado com as suas moléstias; Dom Francisco de Noronha, Tenente General dos Meus Exércitos, e Presidente da Mesa da Consciência e Ordem; e na falta de qual deles, o Conde Monteiro Mor, que Tenho nomeado Presidente do Senado da Câmara, com a assistência dos dous Secretários, o Conde de Sampaio, e em seu lugar Dom Miguel Pereira Forjaz, e do Desembargador do Paço. e Meu procurador da Coroa, João António Salter de Mendonça, pela grande confiança, que de todos eles Tenho, e larga experiência que eles tem tido das cousas do mesmo Governo; Tendo por certo que os Meus Remos, e Povos, serão governados, e regidos por maneira que a Minha Consciência seja descarregada, e eles Governadores cumpram inteiramente a sua obrigação, em quanto Deus permitir que Eu esteja ausente desta Capital, administrando a Justiça com imparcialidade, distribuindo os Prémios e Castigos conforme os merecimentos de cada um. Os mesmos Governadores o tenham assim entendido, e cumpram na forma sobredita, e na Conformidade das Instruções, que serão com este Decreto por Mim assinadas; e farão as participações necessárias às Repartições competentes. Palácio de Nossa Senhora da Ajuda em vinte e seis de Novembro de mil oitocentos e sete.

*Com a Rubrica do Príncipe Regente N. S.*

*1807, Novembro 26*

## INSTRUÇÕES

### A QUE SE REEERE O MEU REAL DECRETO DE 26 DE NOVEMBRO DE 1807

Os governadores, que Houve por bem nomear pelo Meu Real Decreto da data destas, para na Minha Ausência governarem estes Remos, deverão prestar o Juramento do estilo nas Mãos do Cardeal Patriarca; e cuidarão com todo o desvelo, Vigilância e actividade na administração da Justiça, distribuindo-a imparcialmente; e conservando em rigorosa observância as Leis deste Reino.

Guardarão aos Nacionais todos os Privilégios, que por Mim, e pelos Senhores Reis Meus Antecessores se acham concedidos.

Decidirão a pluralidade de votos as Consultas, que pelos respectivos Tribunais lhes forem apresentadas, regulando-se sempre pelas Leis e costumes do Reino.

Proverão os Lugares de Letras, e os Offícios de Justiça, e Fazenda, na forma até agora por Mim praticada.

Cuidarão em defender as Pessoas e bens dos Meus Leais Vassallos, escolhendo para os Empregos Militares as que deles se conhecer serem beneméritas.

Procurarão, quanto possível for, conservar em paz este Reino; e que as Tropas do imperador dos Franceses e Rei de Itália sejam bem aquarteladas e assistidas de tudo que lhes for preciso, em quanto se detiverem neste Reino, evitando todo e qualquer insulto que se possa perpetrar, e castigando-o rigorosamente, quando aconteça; conservando sempre a boa harmonia, que se deve praticar com os Exércitos das Nações, com as quais nos achamos unidos no Continente.

Quando suceda, por qualquer modo, faltar algum dos ditos Governadores, elegerão a pluralidade de votos quem lhe suceda. Confio muito da sua honra e virtude, que os Meus Povos não sofrerem incómodo na Minha Ausência; e que, permitindo Deus que volte a estes Meus Reinos com brevidade, encontre todos contentes, e satisfeitos, reinando sempre entre eles a boa ordem e tranquilidade que deve haver entre Vassallos que tão dignos se têm feito do Meu Paternal Cuidado.

Palácio de Nossa Senhora da Ajuda em Vinte e seis de Novembro de Mil oitocentos e sete.

PRÍNCIPE.

\*

Este quadro exige chacota e tintas grossas. A exactidão não tem aqui que fazer. Reclama exagero, linhas que avolumem as figuras e salientem os traços de aflicção e de grotesco... No fundo turvo a soldadesca avança sobre Lisboa. O ministro corre a dar ordens e contra-ordens ansiosas. A resistência é inútil – é talvez tarde também para fugir. Faltam as coisas mais essenciais: fazem-se barricadas de madeira preciosa. Enfardela-se tudo. Nas casas do Lavradio, do Angeja, do Cadaval, do Alegrete, aferrolham-se as arcas e enfardelam-se de mistura, numa mixórdia de saque, as jóias, as inutilidades e as seringas de clisteres. Correm desorientadas as pretas, as criadas e os anões. Depressa! depressa! Foge tudo, foge toda a gente de representação e de vergonha. Vai tudo – o sacco das moedas, os quadros de Sequeira e as aves de estimação em gaiolas doiradas. Depressa! depressa! Os navios podem levantar ferro e não haver lugar nos porões.

Falta água nos tonéis. Na véspera buscam-se mantimentos em terra. O céu desfaz-se em água, o vento abana as vidraças, e lá para o fundo enovelados de dor—cada vez mais perto—Os outros avançam sempre. Não são alguns milhares de soldados —é uma visão de pesadelo... Quem é aquele que sobe à guilhotina?

É o rei! é o rei! E aquela figura, que a desgraça reduziu às linhas essenciais da dor, é Antonieta! Por mais que a façam sofrer já não tem lágrimas para deitar. Vocifera a plebe — a mesma horda que desaba sobre a Europa... O carrasco mostra à multidão, suspensa pelos cabelos, outra linda cabeça, que ainda segura nos dentes a rosa que lhe deu o amante dum dia e da eternidade... E mais gritos — e a canalha esfarrapada — e no fundo, cada vez mais temeroso, um espectro que se avoluma na névoa... Fugam! fugam!... Na quarta-feira à noite juntam-se as riquezas das reais capelas, de Queluz, da Ajuda, da Bemposta e as do palácio real, as preciosidades, os tesouros que tinham celebridade na Europa. É um verdadeiro saque: calcula-se que vão para o Brasil mais de 80 milhões de cruzados. Deixa-se o calote, os empregados públicos por pagar, os cofres varridos, o papel-moeda depreciado em 30% — e a ralé para sofrer. Essa fica para o drama. E diz, olhando cheia de tristeza os reis, os fidalgos, as trouxas levadas de escantilhão para bordo:

Lá vai tudo para a Inglaterra!...

O Príncipe geme. Na véspera tinha-lhe dado, mais violento um ataque de hemorroidal. E com a beija caída, vágados, mal podendo sentar-se nos estofos, a mulher aos berros, a mãe aos gritos: — O inferno! o inferno! — foge de sala para sala, por entre a desordem, as malas arrombadas, as trouxas enormes, a papelada inútil, seguido passo a passo pelos criados de farda. Juntam-se todos em Queluz, e ele para lá vai a 26, com o *Monitor*, a notícia fatal de que os Braganças deixaram de reinar na Europa, e assiste aos ais, aos desmaios ridículos, aos guinchos das pretas espavoridas, acoradas pelos cantos, ao desfazer da feira, ao tablado já desmontado da corte, agora só lixo, papelão, desordem. Enfardelam e gemem. Não fazem caso dele, que bem quer consolá-las, falar-lhes, mas põe-se-lhe um nó na garganta, e sobe-lhe num arranco uma explosão de lágrimas por ter de deixar a pátria — Queluz. Maфра, os frades, as sabias, os hábitos inveterados. as vastas comezainas. Demais a mais o golpe apanhara-o desprevenido. Três dias antes, ainda ele e aqueles homens notáveis haviam resolvido comprar os Franceses com mais diamantes. Vai de sala para sala com olhos de idiotia e pasmo. Dá ordens para que sejam recebidos a bordo todos os portugueses notáveis que queiram fugir, a tropa, a segurança, as baionetas destemidas. Mas os notáveis são todos, era Lisboa em peso se houvesse lugar nos porões. Na esquadra tinham-se, não se sabia como, esgotado as provisões dos navios: os tonéis da aguada estavam secos. Tudo, nessa hora suprema, é confusão e espanto.

A 27 embarca-se. É um carvão feito a traços de desespero. Era preciso o lápis de Sequeira para fixar: 1.º a multidão obscura, a multidão anónima, submissa por séculos e séculos de ignorância, e no entanto — meu Deus! — colérica; 2.º as figuras que vão passando, já despidas de prestígio e pompa, reis, ministros, personagens vexados, 3.º grupos de fidalgos, de frades, de damas vaporosas com cólicas de medo; e por fim o redemoinho, os gritos, as seges, os caixões, a balbúrdia, a trágica mixórdia. Há um momento confuso, em que de escantilhão, aos encontrões, para chegar mais depressa, correm todos para bordo: corte, ministros e lacaios; há um momento em que o povo se atreve e cospe-lhes injúrias... Devagar! devagar!... Do céu de chumbo, todo o dia, toda a noite anterior, a água desabara 4 cântaros. Manhã, numa interrupção momentânea, vê-se um pedaço de céu, alguns jorros de luz, e logo crescem da barra crepes sobre crepes de nuvens. Está frio, e vem surgindo da noite a multidão silenciosa, os grupos esfarrapados e hostis. Primeira claridade inda dúbia — lama e uma mescla de baús, de

cacos desconexos, as últimas coisas arrancadas à pressa das casas e do país a prata da Patriarcal, os quadros de Rubens, de Murillo, de Van Dyck, os móveis frágeis, levados de mistura com resto de cortinas de damasco e bambinelas rasgadas... Sobre isto ânsia. O povo espera: assomam das ruas, por entre as trouxas abandonadas, bandos suspeitos. Correm ajoujadas as pretas e os criados, numa confusão medrosa. A lama recomeça a tombar de um céu pegajoso e baixo. As damas com moscas e o vestido a rasto, abraçam cofres, bagatelas, fardos, E a multidão olha-as com cólera represa. Há-os que choram, há-os que se não contêm e se surpreendem a falar alto e a vomitar sarcasmos. O ministro Araújo passa: assobiam-no, E um momento, um segundo, a onda oscila, a onda sobe, a maré salpica as fardas, e vai talvez num repelão despedaçar e afundar na lama os caixotes, as seges, a corte, os fidalgos. Tudo se enovela sob a água que desaba do céu. Gritos. Tropeçam nas arcas de pregaria amarela, empurram e amarfanham os grupos mais próximos. mas ei-los logo num recuo, prostrados, avassalados, submissos... Tem medo o ministro que só embarca de noite a ocultas.

Surge a primeira figura. É o Príncipe Regente: acompanha-o o infante D. Carlos. E a multidão, ao ver esse homem feio, gordo e apático descer estonteado da carruagem. precipita-se sobre ele como se quisesse arrancá-lo, levá-lo, impedi-lo de fugir. Rodeiam-no num ímpeto e hesitam. Ainda – e talvez de propósito...– o conde de Novion não tinha tropa no largo: rei e povo acham-se frente a frente, sós, sem ministros, sem baionetas e sem corte. Desatam ambos a chorar– desatam ambos a chorar! Ele faz um sinal com a mão, arredam-se. Dois soldados lançam pranchas sobre o atoleiro. Ao lado está um montão de madeira e sobre esse trono improvisados dá-lhes a mão a beijar: a beija aumenta-lhe, correm-lhe num trémulo as lágrimas em fio. Em volta a canalha vocífera. Aperta as mãos que se lhe estendem: Adeus! adeus! – Levam-no dois polícias em braços e consegue saltar na galeota. A artilharia troa e o clamor imenso responde-lhe. – Adeus! adeus! – Nove horas da manhã.

E o desfile segue, as bagagens. o tumulto, os grupos hostis que crescem de momento a momento, quando a carruagem chamada o *oitavado* chega com a Sr<sup>a</sup> D. Carlota Joaquina e os filhos, duas camareiras-mores e a ama-de-leite. Passa num clamor, por entre lágrimas, vaias e exasperos. Outras seguem-na. mais seges, mais fardos da última hora, redemoinhos de povo. tropa que não obedece ao mando, guerreiros que correm numa ânsia para bordo, e sobre isto a chuva que vem em cordas sobre cordas ininterruptas do lado da barra. D. Pedro de Alcântara demora-se à espera da avó, que duas damas arrancam afinal do carro.

– Não quero! não quero!

Levam-na à força. O povo olha-a num espanto: não tornara a vê-la havia 16 anos. A Doida descarnada desata aos berros de olhos turvos e cabelos brancos estacados. Atira os braços para a frente, num movimento de recuo e protesto:

– Devagar! devagar!

Talvez suponha que a levam para o cadafalso, para a expiação dos crimes do pai, das torturas das Távoras...

– O patíbulo!

Segue o desfile: as duas princesas, a corte, e num último impulso. empurrando-se e gritando, os frades, os literatos, os lacaios, a gente sobraçando gaiolas e trouxas, bugigangas, as cadeirinhas, as berlindas que forcejam por avançar, os moços de estribeira, as negras, as açafatas, camareiras-mores, damas de honor, damas da câmara da Rainha Nossa Senhora, viadores, confessores, guarda-roupas, capelães da Casa Real, servidores da toalha, oficiais de cavalaria e mosenhores mitrados, mosenhores proto-notários. mosenhores acólitos, mestres-de-cerimónias, cantores, pregadores régios, conselheiros de Estado, brigadeiros e marechais de campo–crianças de mama e

velhos de 89 anos como Forbes Shellater – a vida falsa e ridícula de ficções, dispersa diante da realidade.<sup>42</sup> A etiqueta esqueceu. Tudo o que era aparato desapareceu, e lá vão aos encontrões com medo de ficar, de perder o lugar, agarrados aos fardos mais preciosos, largando as mulheres e os filhos, separando-se dos seus por entre os insultos da multidão. São cerca de quinze mil os que embarcam. É o duque de Cadaval, a duquesa e os filhos, são os marqueses de Alegrete, de Belas, Angeja, Pombal, Lavradio, Torres Novas e Vagos: são os condes de Pombeiro, Caparica, Redondo e Belmonte; são os ministros, os nobres, os ricos: a gente que tem a perder, de mistura com lacaios e borras. Lá vai também o Dr. Picanço, o mesmo que encontrou pedras no coração de Pombal. Os regimentos, sem ordem e sem chefes, debandam. Muitos dos que partem só tornam a encontrar a mulher e os filhos no Brasil... Lá para o fundo os outros avançam sempre. Já se lhes ouvem os passos...

É o momento em que todo o cenário de pompa se esfarela, e só se vêem ripas podres, farsa que à custa de exaspero chegasse à dor estreme. Já ninguém manda, nem ministros pomposos, nem polícia, nem corte: misturam-se a lama e os doirados: famulagem e guerreiros, frades e reis, safam-se com cólicas de medo, e a multidão assiste ao espectáculo estranho de ver de rasto a imponência e o trono, nomes de glória e nomes de ódio, beatério, podridão e ganância. Nesse momento todas as figuras ressumam desespero ou medo. A luz que se projecta das nuvens é um clarão brutal: Príncipes, fardas dor – o rio imenso – o céu turvo – e a feira da ladra... A desordem é reles, o medo é reles, a canalha vocífera, assaltam-se os barcos, perde-se o resto de vergonha e prestígio, e homens, damas, safardanas e bagagens, são atirados à pressa para os porões dos navios. É um vazadouro: são as princesinhas já beliscadas pelos faceiras nas matas do Alfeite e de Belém; lacaios e nobres; ciganos; outeiros, versos, lausperenes, ao lado da grosseria e do deboche; mentira e grotesco, criaturinhas com penteados monstruosos de plumas, cheias de ademanes, medidas e corrupção. É não sei que de falso, fora da realidade e da vida: homens sisudos de rabicho, entouridos de estupidez; frades; um mundo inteiro que se subverte, atirado para os porões, e que vai para sempre sumir-se no Atlântico – fantasmagoria que a rude claridade da manhã dissolve como um sonho. – Fica a multidão, a dor, a Pátria.<sup>43</sup>

Desguarnecem-se as fortalezas e encrava-se a artilharia que bate o Tejo. Mas o vendaval brusco não deixa sair os navios necessários. À meia-noite do dia 28 ainda se

---

<sup>42</sup> Só Luís de Vasconcelos. ministro da Repartição de Fazenda e Presidente do Real Erário, depois da demissão de D. Rodrigo de Sousa Coutinho. fica – por estar doente...

<sup>43</sup> Diário de Eusébio Gomes:

Novembro 25. hoje passaram para a banda de Lisboa mais de 30 navios ingleses.

Idem 27, hoje embarcou toda a Família Real no Cais de Belém tendo dado ali Beijamão às pessoas que ali concorreram entre lágrimas e suspiros gerais, e no dia 29 com bom vento se fez à vela a Esquadra Portuguesa que conduziu o nosso Amabilíssimo Príncipe e toda a Família Real para o Brasil, cuja Esquadra se compunha de 8 Naus, três Fragatas, dois Brigues, uma Escuna e uma charrua de mantimentos; e com ela 21 Navios do comércio nacional. Nesta noite de 29 para 30 houve um temporal tão violento que causou grandes estragos por várias partes, e no mar foi ele tão violento que a Esquadra se dispersou por tal forma que cada uma das embarcações tomou seu rumo e navegou como pôde sem jamais se avistarem na viagem, mas todos foram a salvamento.

E é impossível descrever o que se passou no Cais de Belém na ocasião do embarque da Real Família, que saiu de Maфра a toda a pressa para embarcar, porque à mesma hora se soube que os Franceses estavam a chegar a Lisboa. Que grande confusão houve então no Cais de Belém!!! Todos a quererem embarcar, o cais amontoado de caixas, caixotes, baús, malas, malotões e trinta mil cousas, que muitas ficaram no cais tendo seus donos embarcado, outras foram para bordo e seus donos não puderam ir. Que desordem e confusão. A Rainha sem querer embarcar por forma alguma, o Príncipe aflito, por este motivo. Foi o Laranja, (Francisco Laranja capitão de fragata e patrão mor das galeotas reais) quem fez que a Rainha embarcasse. E então o Príncipe deu Beijamão às pessoas que ali estavam e entre lágrimas e suspiros começaram a embarcar, e não se pode descrever o que aqui se passou.

procuram em terra. Os governadores do Reino, logo que o Regente embarca, vão prestar juramento perante o Cardeal-Patriarca. Algumas vezes procuram a bordo o Príncipe, mas ele só chora ou geme. A borrasca continua: a esquadra não larga ferro. É sudoeste todo o dia 28 e só a 29 ronda para o norte. Larga então velas no momento do eclipse do Sol. Todo o dia 29 fica porém ainda perto da barra, e só a 30 de manhã, o povo a perde de vista. Com os navios mercantes sobem a cerca de 60 os que vão apodrecer no Brasil. A esquadra inglesa destaca 4 naus de linha para os acompanhar. Na barafunda esquecera no cais de Belém a prata da Patriarcal. Ainda fica muito que roubar.

Toda a noite o tufão sacode as vidraças. Voam pelos ares pedaços de telhado. Altas horas um homem encapotado aldraba a porta do padre José Agostinho de Macedo. A Snr<sup>a</sup> Josefa do Nascimento, moça solteira nascida em Castelo Branco e criada do *padre Lagosta*. entreabre e espreita. – Sou eu, sou eu... – E pela porta dentro irrompe um poeta da época. que o quadro trágico inspirara. Mede-o de alto a baixo o padre com sarcasmo, saca o outro do papel e exclama:

Que escuto! O Tejo alegre anima as filhas!  
Cessem, diz, vossos prantos,  
Antes mil parabéns nos demos hoje;  
É salva a Regia Prol, que, gloriosa,  
Veremos algum dia  
Vir na grande Ulisseia as leis mais sábias  
Ditar a Lísia, à Europa, a Toda a Terra!

## TRATADO SECRETO DE FONTAINEBLEAU

(OUTUBRO, 1807)

«Napoléon, pour la grâce de Dieu. etc., etc., ayant tu et examiné te traité conclu et signé à Fontainebleau, te 27 octobre, par te général de division Michel Duruc, grand-maréchal de notre palais, etc., etc.. en vertu des pleins-pouvoirs que nous lui avons donnés à cet effet, avec don Eugène Izquierdo de Ribera y Lezaun, Conseiller d'état honoraire de S. M. le roi d'Espagne, muni également de pleins-pouvoirs de souverain, lequel traité est conçu ainsi qu'il suit:

S. M. l'empereur des Français, roi d'Italie, etc., etc., et S. M. catholique le roi d'Espagne, désirant de leur plein mouvement. régler les intérêts de deux états et déterminer la condition future do Portugal, d'une manière conforme à la politique de deux nations, ont nommés, pour leurs ministres plénipotentiaires, savoir: S. M. l'empereur des Français, le général de division Michel Duroc, grand-maréchal do palais, etc.; et S. M. catholique te roi d'Espagne, don Eugène Izquierdo de Ribera e Lezaun, son conseiller d'état honoraire, etc.; lesquels, après avoir échangé leurs pleins-pouvoirs, sont convenus de ce qui suit:

Article I. Les provinces entre Minho et Douro, avec la ville d'Oporto, seront données en toute propriété et souveraineté, à S. M. le roi d'Étrurie, sous te titre de roi de la Lusitanie septentrionale.

Art. II. Le royaume d'Alemtejo et le royaume des Algarves seront données en toute propriété et souveraineté au prince de la Paix, pour en jouir sous le titre de prince des Algarves.

Art. III. Les provinces de Beira, Tras-los-Montes et l'Estramadure portugaise, resteront en dépôt jusqu'à la paix générale, où il en sera disposé conformément aux circonstances, et de la manière qui sera alors déterminée par les hautes partes contractantes.

Art. IV. Le royaume de la Lusitanie septentrionale sera possédé par les descendants héréditaires de S. M. le roi d'Étrurie, conformément aux lois de succession adoptée par la famille régnante de S. M. le roi d'Espagne.

Art. V. La principauté des Algarves sera héréditaire dans la descendance du prince de la Paix, conformément aux lois de successions adoptées par la famille régnante de S. M. le roi d'Espagne.

Art. VI. À défaut de descendant ou héritier légitime do roi de la Lusitanie septentrionale, ou do prince des Algarves, ces pays seront données par forme d'investiture, à S. M. le roi d'Espagne, à la condition qu'ils ne seront jamais réunis sur une tête, ni réuni à ta couronne d'Espagne.

Art. VII. Le Royaume de Lusitanie septentrionale et la principauté des Algarves reconnaissent aussi comme protecteur S. M. Catholique le roi d'Espagne, et les souverains de ces pays ne pourront, dans aucun cas, faire la guerre ou la paix sans son consentement.

Art. VIII. Dans les cas où les provinces de Beira, Tras-los-Montes et l'Estramadure portugaise, tenues sous le séquestre, seraient à la paix générale rendues à la maison de Bragance en échange pour Gibraltar, la Trinité et d'autres colonies que les Anglais ont conquises sur les Espagnols et leurs alliés, le nouveau souverain de ses provinces serait tenu envers S. M. le roi d'Espagne, aux mêmes obligations qui liaient vis-à-vis d'elle le roi de la Lusitanie septentrionale et te prince des Algarves.

Art. IX. S. M. le roi de l'Étrurie cède en toute propriété et souveraineté le



royaume de l'Étrurie à S. M. l'empereur des Français, roi d'Italie.

Art. X. Lorsque l'occupation définitive des provinces de Portugal aura été effectuée, les princes respectifs que en seront mis en possession, nommeront conjointement des commissaires pour fixer les limites convenables.

Art. XI. S. M. l'empereur des Français, roi d'Italie, garantit à S. M. catholique le roi d'Espagne, la possession de ses États sur le continent de l'Europe au midi des Pyrénées.

Art. XII. S. M. l'empereur des Français, roi d'Italie, consent à reconnaître S. M. catholique le roi d'Espagne, comme empereur des deux Amériques, à l'époque qui aura été déterminée par S. M. catholique pour prendre ce titre, laquelle aura lieu à la paix générale ou au plus tard dans trois ans.

Art. XIII. Il est entendu entre les deux hautes parties contractantes qu'elles se partageront, également les îles, colonies et autres possessions maritimes do Portugal.

Art. XIV. Le présent traité sera tenu secret. Il sera ratifié, et les ratifications seront échangées à Madrid vingt jours au plus tard après la date de la signature.

Fait à Fontainebleau,

*Duroc, E. Izquierdo.*

Nous avons approuvé et approuvons par ces présentes te traité qui précède, et tous et chacun des articles qui y sont contenus. Nous déclarons qu'il est accepté, ratifié et confirmé, et promettons qu'il sera inviolablement observée.

En foi de quoi nous avons signé de notre propre main les présentes, après y avoir fait apposer notre sceau impérial.

A Fontainebleau, le 29 octobre 1807.

NAPOLÉON.

Le ministre des relations extérieures,

*Charnpagny.*

Le ministre secrétaire d'état,

*H. B. Moret.*

## V – A ÉPOCA

O côncavo do vale é verde e húmido; de um lado e de outro montes solitários, e o tropel de pinheiros, altivos como lanças, desce, estaca ao pé da casota de pedra que se encosta a uma árvore centenária. Sempre que passo cismo: que mansidão! que sonho! que mentira! O pobre nem sequer olha a Natureza, não tira os olhos da terra: o cavador tem de seu a enxada e a fome.<sup>44</sup> – Olha-me e estremeço... – Quase tudo que consegue extorquir aos calhaus lho levam. Ele nem é meu nem teu igual. Vive com a terra, faz parte da terra, não se distingue da terra. À noite (arde a luzinha na candeia) à noite, rodeia-o a imensidão: reza o terço... Passa fome: o alqueire de milho vai de 400 a 1\$000 réis, conforme os anos, e um jornaleiro ganha oito vinténs diários. Sucede também deixar-se morrer com uma resignação estúpida. Ele é o pão e todos lho tiramos da boca. Resultado: escolhe a pior terra para o semear.<sup>45</sup> No fim do século XVIII Portugal, com excepção do Minho, Trás-os-Montes e parte da Beira, convertem-se em charneca: a terra não produz...<sup>46</sup> Que faz a Igreja perante esta desgraça profunda, a Igreja dos pobres e dos humildes? Mantém-no na ignorância. Explora-o e mostra-lhe, depois de uma vida de fome, outra vida pior: o eterno desespero. Na vila, de granito áspero os penitentes, na época das procissões, confessam-se e morrem em plena rua; açoutam-se, carregam traves como a do Redentor. Pior: há conventos, como o do baboso padre Teodoro de Almeida, em Belém, com araras, música, frivolidades, doces, raparigas criadas na sombra e no torpor, Soror Teresa mestra na aritmética, Soror Francisca Salésia na moral e a venerável madre na gramática. Cheira a jasmim e a harém, e o padre extático põe os olhos em alvo... «Discutiam as freiras se haviam de trazer chinelas ou sapatos atacados com fita de pelica roxa ou preta; se haviam de preferir aos toucados redondos, que favoreciam mais a idade, os de bico; se haviam de ser os cantos do toucado mais ou menos altos, para que se lograsse alguma porção maior dos fios de ouro, ou de azeviche; se os lenços haviam de ser mais francos ou muito aconchegados». Ninguém se lembra do outro perdido na vastidão da terra... Fecha-se a noite imensa em roda do cavador. Sua vida é a terra (mexe, ara, revolve), seu futuro o inferno. E no entanto é o único que conserva a tradição cristã. «A devoção anda misturada à libertinagem de uma forma tão indecente como ridícula, e é comum ao fim da tarde verem-se as momices e os ditos lascivos das cortesãs, interrompidos pelas genuflexões e repetidos sinais da cruz, quando toca o Angelus», – diz o príncipe de Broglie.<sup>47</sup>

---

<sup>44</sup> Diz um contemporâneo fr.\*\*\* doutor Conimbricense: «Nas terras, que tem senhores, ou donatários. a condição dos colonos é tão miserável como a dos antigos servos da Rússia. Rações de terço e quarto: Jugadas: Oitavos: Dizimos: Coimas: Inumeráveis imposições: dureza dos exactores: Usura dos Rendeiros: tudo isto impede a população enquanto defrauda os meios de subsistir.»

<sup>45</sup> E a razão é simples: é que do vinho e do azeite só paga um oitavo de ração.

<sup>46</sup> Tinham sido infrutíferas as tentativas, do tempo do Marquês nos pauis virgens de Barroca d'Alva feitas depois por Ratton em Rio Frio: as do conde Vila Nova no vasto paul de Rilva, as do Marquês de Castelo Melhor e as da casa do Infantado: inúteis as *Memórias de Agricultura*, da Academia Real das Ciências num país de analfabetos.

<sup>47</sup> ...«No dia seguinte, fomos ao convento ver as educandas e as freirinhas. Eram lindas e trigueiras e seus olhos negros tinham um supremo encanto. Duas temerosas grades separavam o pátio do interior do convento. A madre abadessa, seguida por vinte educandas, aproximou-se da grade: parecia uma dessas figuras que estamos habituados a ver nos retábulos de abadessas do século XIII, e para ser em tudo completa a semelhança, apoiava-se com majestade a um báculo. Depois dos primeiros cumprimentos, e quando todas se sentaram, disse-nos o cônsul, que, segundo o costume português, podíamos ser o mais amáveis possível, porque desde tempos imemoriais a devoção e a galanteria reinavam juntas e sem discórdia nos claustros do cavalleiresco Portugal. Cada um escolheu portanto aquela que mais ternamente o impressionou e a que parecia responder com seus olhos a nossos olhos inquietos. E logo falámos de

A Inquisição reabre os cárceres em Lisboa, em Évora e Coimbra. Debalde. Há muito já que a religião não passa de uma fórmula. A Igreja, que com S. Francisco de Assis ainda entenece o mundo, impõe, ajudada pela Inquisição, a partir do Concílio de Trento, a regra, a uniformidade, o método, a *secura*.

Os frades não se podem ver. Os Bentos odeiam os Jerónimos e os Agostinhos os Bentos, os Lóios e os Bernardos. Há os piadistas, os pregadores, os tipos célebres: Frei João Jacinto, pregador de fama, Frei José Botelho, de costumes dissolutos, Frei José Maria Santana Noronha, que assistiu religiosamente à morte de Bocage, etc. É um mundo de padres e frades. Só a capela real da Santa Basílica da Patriarcal compreende – em vésperas da invasão – o Cardeal-Patriarca, quatro Príncipes primários; três presbíteros; quatro diáconos, que vestem hábitos prelatícios roxos fora da igreja e dentro encarnados como os cardiais da Santa Igreja de Roma; treze monsenhores mitrados; três monsenhores proto-notários; cinco monsenhores subdiáconos; nove monsenhores acólitos; dezassete cónegos presbíteros; quarenta e quatro beneficiados, doze que se chamam da antiga criação e que recebem de renda anualmente 700\$000 réis; e trinta e dois da nova criação que recebem 500\$000 réis; mais trinta e dois clérigos beneficiados que têm de renda 250\$000 réis; e sessenta e um capelães; dez mestres-de-cerimónias de capela e sete da basílica e muitos cantores portugueses e italianos, além de sessenta pessoas a mais que exercem cargos subalternos. Há-os que lêem livros franceses, há-os ateus. José Agostinho de Macedo costuma dizer à escrupulosa Domingas: – Filha, deixa-te de tolices. Qual inferno! isto da formação do mundo é uma santa história!... – O povo põe alcunhas aos fradaldões: os carmelitas descalços são conhecidos pelo nome pitoresco de *albardas*. Satirizam-nos os poetas:

Desterrado murmura o Jesuíta,  
O Domínico seu lugar pretende,  
O Nery novos *métodos* defende  
E às ricas confessadas faz visita:

---

amor, mas muito inocentemente, graças à presença das duas grades e à da imponente madre abadessa. Servia-nos o cônsul de intérprete e o sinal de romper o colóquio deu-o uma moça educanda, a senhora dona Maria Emegilina Francisca Genoveva de Marcellos de Conniculo de Garbo. (!) Impressionada pela figura, pela fisionomia espirituosa e pelo uniforme de Lauzun, atirou-lhe sorrindo uma rosa através da grade, perguntou-lhe o nome e apresentou-lhe uma ponta do lenço, que logo esticou, procurando atraí-lo para si. Seguimos-lhe o exemplo: os lenços voaram dos dois lados, e como as lindas portuguesas nos olhassem de tal forma, que pareciam lastimar que as grades nos separassem, em resposta aos seus tagatés, atiramos-lhes beijos, ainda que hesitando e com medo aos reparos da madre abadessa. Mas ela nem sequer desarranjou as pregas da sua gravidade. Continuámos portanto a dar beijos na ponta dos lenços, ao que as freirinhas correspondiam, beijando também a ponta que tinham nas mãos. Depois experimentamos, com algum português e italiano à mistura, fazer-nos compreender, de sorte que a conversação tornou-se mais directa e mais viva. Por fim a madre abadessa, compreendendo que, por entre a nossa alegria, havia muita surpresa, explicou-se assim: O amor puro é muito agradável aos olhos do Senhor. Estas meninas, aprendendo a agradar, serão um dia mais amáveis para seus maridos, e as que se consagrarem à vida religiosa, tendo exercido a sensibilidade da sua alma e o calor da sua imaginação, amarão mais ternamente Deus. Por outro lado esta galanteria, outrora tão estimada, só pode ser útil a moços guerreiros.» – Isto dito com calor, imponência e dignidade, transportou-nos a alguma velha ilha encantada de Ariosto e ao tempo dos paladinos. Assim reanimado por três conselhos redobrei de ardor e o bonito lenço da dama dos meus pensamentos andava numa fona...

...Quando no dia seguinte voltámos ao convento, encontrámos a grade coberta de flores e as nossas damas mil vezes mais amáveis que na véspera. Fez-se música. A namorada do príncipe de Broglie e a do duque de Lauzun cantaram ternamente acompanhando-se à guitarra. A namorada do visconde de Fleury e a minha dançaram, elas de um lado da grade, nós do outro, figurando o melhor que podíamos as marcas, que os odiosos ferros nos impediam de executar Era extraordinário, mas mais extraordinário e mais divertido ainda era ver a imponente madre abadessa marcando o compasso com o majestoso báculo » É isto que conta nas suas memórias o conde Ségur, que na época passou pela Terceira.

Intrometer-se o Grilo premedita:  
O Crúzio, que está só, francês aprende,  
E em casa do juiz, de quem depende,  
Entra com pés de lã o Carmelita:

O Capucho no estrado toma assento,  
Exorcisma, e responsa qualquer dano,  
E depois sempre traz para o convento:

O Lóio é fofo, triste o Graciano,  
Tolo o Bernardo, comedor o Bento,  
O Franciscano, enfim, é Franciscano.<sup>48</sup>

São todos assim? Nem todos. Se quisermos encontrar um homem nesta sociedade que se dissolve, temos de o procurar na Igreja, tão certo é que aos que lidam com Deus, se lhes apega sempre grandeza. Falo, por exemplo, do bispo do Algarve, falo de Frei Manuel do Cenáculo. O de Évora é um grande espírito e um santo, mas o outro encanta: poda e sorri; trepa aos andaimes e ajuda os operários; abre estradas, constrói pontes; leva horas a ensinar a enxertia aos lavradores; ao meio-dia – hora do jantar – sobe ao mirante, para ver se há chaminé que não fumegue – lar sem pão; e quando morre sua roupa nem pelos pobres pode ser aproveitada. Na maior parte andam, porém, pelas feiras e bodegas, na companhia de mulheres de má nota. Saem dos conventos por meses e anos inteiros. A piedosa Senhora alvoroçada, numa carta régia, diz terem chegado a lamentável decadência as ordens religiosas, e Manique fala– 31 de Maio, 1792-- «na grande relaxação dos frades» que são escarnecidos e ludibriados. Só em Lisboa há 39 conventos de frades, entre os quais os Barbadinhos italianos, os franceses, os irlandeses do Corpo Santo, os alemães de S. João Nepomuceno; no Porto, com 60000 habitantes, 8 conventos; em Santarém, II; em Évora, 12. Numa só província, Minho, há 63 conventos de frades e 24 de freiras. O *Itinéraire d'Espagne et du Portugal* dá ao país 3266000 de habitantes, dos quais 230 000 eclesiásticos, e o *Dicionário de Economia Política e Diplomática*, 2000000 e destes 300 000 eclesiásticos. Woodoberry afirma que em Lisboa e seu termo há 180 conventos e recolhimentos de frades e freiras. O Almanaque de 1805 dá este número de conventos: de religiosos 418 e de religiosas 108, além de mais conventos de freiras sujeitos ao Ordinário. O frade pulula, o país é charneca, o cavador passa fome. E o pão? O pão vem de fora.<sup>49</sup>

---

<sup>48</sup> Abade de Jazente.

<sup>49</sup> RELAÇÃO DA QUANTIDADE DE GRÃOS E FARINHAS IMPORTADAS DAS NAÇÕES ESTRANGEIRAS E ILHAS PARA O REINO DE PORTUGAL, NOS ANOS DE 1801 A 1806\*

Anos	Medidas	Aveia	Centeio	Cevada	Milho	Trigo	Farinha	Total
------	---------	-------	---------	--------	-------	-------	---------	-------

Com um governo paterno, a Intendência da Policia, e este fervor religioso, dir-se-á que o povo vive na maior santidade. Laura Junot escreve: «Os nobres e a classe média merecem bem pouco interesse, o povo das cidades é *odioso de corrupção*.» É que «os frades vivem na libertinagem desenfreada e as religiosas não passam de cortesãs enclausuradas. Uns e outras podem passar pelos mais libertinos e corrompidos de toda a cristandade».<sup>50</sup> Não se respira. É um sepulcro, com esta pedra em cima: a ignorância. A delação é premiada, ninguém se atreve a pensar: forma-se uma atmosfera de bafio e terror. Acuso a Igreja, não de alguns milhares de homens reduzidos a torresmos, não das atrocidades dos cárceres. Os homens morrem – nascem. Segue a vida seu curso inalterável. Acuso-a de pior: do medo, da hipocrisia, da deformação lenta das almas. Tudo afinal se pode resumir em meia dúzia de palavras e nesta imagem; o amor que impregna os Evangelhos evaporara-se para sempre da igreja. Em Santo Angelo in Formis, perto de Cápua, há uma Ceia que traduz melhor esta impressão: é no próprio momento em que dá aos apóstolos a sua carne e o seu sangue, que Jesus repele os danados com um gesto de maldição...

E a nobreza? Eis três depoimentos de contemporâneos sobre os nobres:

«Os fidalgos crescendo em delícias, crápula, ódio, moleza e jogo, não é de admirar que sejam brutais em seus apetites, incapazes de freios em seus transportes e mais dobradiços que uma cana ao sopro de alheia persuasão, mais porosos que as esponjas para sorver sem dificuldade todo o mal da maledicência, todo o ácido da inveja e o mais pestífero veneno dos aduladores e cortesã perfidia».<sup>51</sup> Laura Junot afiança: «A nobreza não tem educação nem talento. Passa a vida em cortesias ridículas.» E Beckford completa o quadro com estas tintas: O arcebispo de Tessalónica chama para junto de si e do inglês, o visconde de Ponte de Lima, o marquês de Lavradio, o conde de Óbidos e mais alguns fidalgos de serviço, todos é claro de farda, e quem sabe se cobertos de veneras de alto a baixo – e apontando-os diz: – «Meu caro inglês, tudo isto é uma súcia de marotos aduladores: não acredite nem uma palavra do que eles lhe disserem. Apesar de brilharem como oiro, a lama não é mais vil: eu conheço-os bem. Aqui está – continuou ele pegando-me na aba da casaca – uma prova da prudência inglesa. Este botãozinho para segurar a algibeira é uma invenção preciosa especialmente na sociedade: não o tire, não adopte nenhuma das nossas modas, ou terá de se arrepender.»

Que imaginam que eles fazem assim injuriados? Sorriem, curvam-se, recebem o insulto na cara, e «apesar de todo eu ser ouvidos – continua o inglês – custou-me a ter fé num e noutros, vendo as mais cortes gesticulações e ouvindo os mais abjectos

1801	Moios	430	1	3	1	1	1	1	1	1
			2	4	4	4	2	4	4	4
1802	Ditos				1	1	1	1	1	1
					4	4	4	4	4	4
1803	Ditos		3	3					1	
									2	
1804	Ditos	430	4	1	1	1	1	1	1	1
					2	4			2	
1805	Ditos	88	3	1	1		1	1	1	1
			4	2	2		2	4	4	2
1806					1			1	1	
					2			2	2	

\* «Os frades no Tribunal da Razão.»

<sup>50</sup> Demouriez.

<sup>51</sup> José Agostinho de Macedo.

protestos de dedicada afeição de todos os presentes à sagrada pessoa de Sua Reverendíssima.» A razão é simples: ele é onipotente, ele dispõe do cofre...

O trabalho é uma degradação, a instrução está nas mãos do clero. Ter ideias é perigoso. D. Francisco de Lemos, reitor de Coimbra, depois duma desordem entre a academia e os milicianos, propunha ao governo este regímen disciplinar: buscas nas livrarias à cata de maus livros e exame de catecismo aos estudantes (1804).

É preciso dizer-se que o mundo era muito maior. Os montes submergem a aldeola achapada e perdida na terra: separam os homens distâncias incomensuráveis. Uma ideia leva anos e anos a entranhar-se através de essas paredes sobrepostas e imensas. Aí tens a vila adormecida e escura, com muralhas de granito; a praça, e em volta as lojas onde os mercadores esperam anos sem bulir; o chafariz, o postigo, as ruelas de casas encostadas umas às outras; dois ou três palácios de fidalgos; uma feira todas as semanas – sonolência e bafio. As almas petrificam-se. Hoje a humanidade está presa por fios de nervos – pelo telégrafo – e o mesmo fluido instantâneo corre o globo. As ideias latejam, envolvem-no, aguilhoam-no... – As estradas eram perigosíssimas: bandos de salteadores saqueiam, matam. Todos, a começar pelos fidalgos, desrespeitam a justiça, que depende dos *juizes de fora*, subordinados a *Corregedores* e *Ouvidores*. E justiça significa extorsão e chicana. Quem lhe cai nas mãos só de lá sai arruinado.<sup>52</sup> Em 1783 são tantos os roubos e assassinatos na capital que de noite só se sai com um bando de criados.

Ainda no princípio do século Lisboa é perigosa: em 19 de Janeiro de 1802 são condenados Francisco Garcia, Vicente José, aliás José Francisco ou Vicentinho, José Marques Marujo, José Maria, homem pardo e José Joaquim Durmedurme, a que com baraço e pregão sejam conduzidos pelas ruas públicas de Lisboa até ao lugar da forca, e sendo-lhes cortadas as cabeças, levadas a do 1.º para o lugar do delito no sítio da Tapada, a do 2.º para o Poço do Forno em Almada; a de José Marques para a Rua das Trinas «onde se porão em postes altos até que o tempo as consuma.» E a ré Catarina de Sena a ser açoutada pelas ruas públicas e degredada para Angola, e os réus Anastácio José dos Reis, Jacinto Ferreira e Joaquim Marujo a açoutes com baraço e pregão e depois ao serviço de galés para toda a vida, e os réus João Fernandes Maneta e Joaquim Geraldo, o Catita, em açoutes com baraço e pregão e galés por 10 anos, etc. Era uma quadrilha temível.<sup>53</sup>

Anos antes quadrilhas de soldados dão senhas aos oficiais para poderem passar, e há oficiais que têm parte nos lucros... E a polícia? A Guarda Real da polícia compreende 8 companhias de infantaria e 4 de cavalaria. Saem todas as noites 172 patrulhas de infantaria e cavalaria. Mas esta Guarda, cujo estado-maior tem o quartel no Largo do Carmo, só é criada no ano de 1801. Por todo o país há salteadores. Quem viaja fá-lo em muares por caminhos péssimos, leitões de correntes, com o credo na boca. Alguém pergunta a Wellington: – Então como viajam os portugueses no Inverno? – E ele responde: – Decerto não saem de casa. – Estradas regulares há-as nos arredores de Lisboa, mandadas fazer por Pombal e Manique. «Pela ruína delas não podem os habitantes Lavradores transportar os Frutos do seu trabalho, nem por falta de Exportação e Consumo adiantar a sua Agricultura.» Por Alvará de 28 de Março de 1791

---

<sup>52</sup> Demouriez.

<sup>53</sup> Na noite de 4 de Agosto de 1801, pouco depois da meia-noite, juntos no Largo do Poço Novo, destacaram o Garcia e outro, armados de bacarmates de menos de 4 palmos de cano, e seguindo uma sege que subia pela Calçada do Carmo. ao chegarem quase defronte do correio-geral dispararam para dentro ferindo Inácio de Aguiar nas coxas junto às virilhas. Quando o juiz do crime do bairro de Santa Catarina os quis prender. o Vicente José e o Anastácio, que estavam encostados a umas casas de João Evangelista de Campos. na Rua da Bica Grande, fugiram, disparando sobre os oficiais da ronda e ferindo um deles na cabeça Agarraram um. Reconheceu-se que era soldado. Tinha assaltado e roubado meia Lisboa.

ordena-se a conclusão da estrada de Lisboa ao Porto, passando por Leiria e Coimbra e o encanamento do Mondego. Manda-se que a estrada tenha 40 palmos de largura.<sup>54</sup>

Nas estalagens dorme-se em esteiras, na cozinha enfumaçada, com almocreves, bestas e ladrões. Em 6 de Setembro de 1798 dão-se instruções para o serviço de diligências entre Lisboa e Porto. «Logo que se acabou a estrada nova de Lisboa até Coimbra se estabelecerão carruagens de posta, a que se chamarão *diligencias*, por meio das quais, com módica despesa, e muita comodidade podiam ir quatro pessoas de Lisboa a Coimbra em dois dias; mas como nas relações entre Coimbra e Lisboa não são de grande monta, havia poucos passageiros que cobrissem a despesa que se fazia com as tais diligências, o que não teria acontecido se a estrada chegasse ao Porto...» (*Ratton*). Por isso esse serviço durou pouco tempo. As cartas são expedidas semanalmente constituindo monopólio e só em Janeiro de 1797 é reivindicada para a coroa a administração do correio. O correio da Beira parte nas segundas, quartas e sábados de tarde, chega às segundas, quartas e sextas de manhã. As cartas devem lançar-se na caixa até às 5 horas da tarde. O do Alentejo parte nas quartas e sábados ao meio-dia e chega nas terças e sábados de manhã. O correio dos países estrangeiros parte nas terças e sábados.

Nas ruas de Lisboa vagueiam bandos de crianças. De quem são? Ignora-se. Pedintes e ciganos, ladrões vão por esse país fora, de porta de convento em porta de convento. O número de expostos é colossal. Chegam a ter preço, 4\$800, 6\$400 réis. Os espanhóis da raia compram-nos nas rodas próximas. Vem de fora o arroz e o trigo, chega-se a importar o azeite.<sup>55</sup> A pesca do bacalhau da Terra Nova passa das mãos do pescador de Aveiro para as do inglês e norte-americano, e o esperto algarvio perde o rico negócio do atum. O Brasil acode-nos, mas em suma o comércio de Lisboa resume-se nisto: saem os navios com missanga para a África, carregam-se os porões de escravos e navegam para o Brasil, de onde voltam com géneros coloniais, que da capital se exportam para Inglaterra e Hamburgo. Número de navios entrados no porto de Lisboa em 1789: portugueses 252, estrangeiros 640; idem em 1803: estrangeiros 882, portugueses 386; idem de Janeiro a Outubro de 1804: estrangeiros 882, portugueses 349. A indústria, que Pombal impulsionara, decaiu: em 1806 existem cerca de 500 fábricas: as de chita na vila de Nogueira de Azeitão, as de chapéus de Elvas, de fiação em Tomar, de vidros em Leiria, etc. As de Portalegre, Torres Novas, Alcobaça, Elvas, Redondo e Fundão ocupam já pouca gente: Stephens, na Marinha Grande, emprega em 1791, 500 operários e em 1800, 265. Manufactura-se louça, cambraias, sabões, papel, lanifícios e tabaco; explora-se o ferro em Figueiró de Vinhos, o chumbo de Marvão, o estanho de Monforte, o antimónio da Beira.

A administração anterior a Pombal era um caos, depois as contas são de saco. Os tributos que entram em diversas repartições fiscais do Estado, encarregadas também de pagamentos, centralizam-se em Dezembro de 1761 no Erário Régio. Por Alvará de 26 de Setembro de 1762 fixa-se definitivamente a quota e cobrança das décimas— 10%. É o marquês que põe em ordem o caos. Mas já em Março de 1799 Rodrigo Coutinho se queixa: ninguém sabe o que se gasta, o que se cobra, o que se delapida. São enormes os lucros dos contratadores. Falta completamente o cálculo verdadeiro dos elementos que formam a renda anual. Não há orçamento de despesa, à excepção da Repartição de

---

<sup>54</sup> «Também durante o ministério de José de Seabra da Silva, se fez a estrada do Alto Douro, debaixo da direcção do engenheiro Auffdiener, o qual foi mandado vir de França por Ordem da Rainha Nossa Senhora Que Deus Guarde. pelo Visconde de Balsemão, e escolhido por Mr. Perronet, chefe do corpo das Pontes e Calçadas, vencendo de ordenado quatro mil cruzados pagos pela Companhia do Alto Douro, além do soldo da sua patente no corpo dos engenheiros em Portugal» (*Ratton*).

<sup>55</sup> Um viajante inglês (1789) diz que Portugal não produz trigo para o consumo de três meses.

Marinha, nem mesmo contas nas diferentes repartições. Todos metem a mão – todos tiram.<sup>56</sup> Em 1800 a dívida resultante do excesso da despesa sobre a receita, orça em cerca de noventa milhões de cruzados. O balanço de fundos disponíveis, que se encontram no Real Erário em Janeiro de 1801, acusa a existência de 12 a 13 contos em papel-moeda e pouco mais. De Janeiro a Maio a receita eleva-se a cinco mil contos havendo excesso sobre os mesmos meses do ano anterior. Nunca a renda do Estado fora maior. Em 1803 atinge dez mil contos. As décimas tinham sido empenhadas. A décima de Lisboa e seu termo. que em 180?, com Rodrigo Coutinho na Fazenda, 111 contos, o Minho em 1800 – 77, em 1801 – 93; o Alentejo em 1800 – 17, em 1881 – 73. Em 1800, gasta-se com o exército 201 834\$839 e com as reais cavaliarias 67563\$871; e em 1801 com o exército 2 635 725\$307 e com as reais cavaliarias 58 840\$378.

Fazem-se todas as despesas sem responsabilidade. Os ministros cuidam de si e dos seus. As repartições estão cheias de empregados inúteis. É difícil encontrar-se em qualquer outro país, diz Pereira da Silva, uma administração de maior fausto e dispêndio.<sup>57</sup> Manique tem meia dúzia de empregos e quem tiver pai alcaide pode ser

---

<sup>56</sup> Os empréstimos e impostos sucedem-se. Em Março de 1797 é criado o imposto de selo: por Alvará de 13 de Julho do mesmo ano criam-se três milhões de papel-moeda, para se receberem em metade de qualquer pagamento: em Junho de 1799 estabelece-se em loteria real com o fundo de dois milhões: em 31 de Maio de 1800 novos impostos: em 13 de Julho de 1800 encarrega-se a Junta Provincial do Erário de consultar o meio para se extinguir o *deficit*: em Março de 1801. novo empréstimo: em Maio de 1803 outra loteria a bem da Fazenda, etc.

<sup>57</sup> E tinha-se legislado tanto! Desde 25 de Abril de 1795 até 26 de Novembro de 1807, véspera da fuga para o Brasil, publica-se o seguinte:

*Para a marinha:* Cria-se o conselho do Almirantado para desenvolver a marinha (Decretos de 25 de Abril, 20 de Junho, 6 e 30 de Agosto de 1795 e 26 de Outubro de 1796): cria-se a Brigada Real de Marinha (Decreto de 28 de Agosto de 1797): a da Sociedade R. Marítima, encarregada de levantar cartas hidrográficas, geográficas e militares (Decreto de 30 de Junho de 1798): a do Observatório da Marinha (Aviso de 15 de Março de 1798, e Resolução de 10 de Julho de 1799): a do Hospital R. de Marinha, com Laboratório e Dispensário Farmacêutico (Alvará de 27 de Setembro de 1797): reformam-se os estudos da Academia dos Guardas-Marinhas (Carta de lei de 1 de Abril de 1796); estabelecem-se prémios para os que se distinguirem em requisitos para as promoções (Carta de lei de 22 de Outubro de 1805, Alvará de 20 de Maio de 1796, Resolução de 26 de Outubro de 1796); providencia-se sobre madeiras para construções navais (Alvarás de 31 de Janeiro de 1798, de 25 de Maio de 1799 e 28 de Março de 1800): e sobre vencimentos e benefícios do Monte Pio (Resoluções de 30 de Dezembro de 1797, de 28 de Junho de 1797, de 14 de Novembro de 1802 e 17 de Dezembro de 1806).

*Para o exército:* – Aumenta o número de combatentes, o soldo e as honras (Decretos de 17 de Novembro de 1792, de 22 de Agosto de 1793, de 1 de Agosto de 1796 e de 20 de Junho de 1799); cria uma nova legião de tropas ligeiras (Decreto de 7 de Agosto de 1796): cria a Guarda R. de Polícia (Decreto de 10 de Dezembro de 1801); dá nova forma às Milícias (Decretos de 7 de Agosto de 1796 e 1 de Setembro de 1801); manda vir chefes estrangeiros (o príncipe de Waldek e o conde de Goltz): manda reparar as fortalezas do Reino (Decretos de 28 de Novembro de 1795 e 4 de Abril de 1796). institui uma junta para reformar o Código Penal Militar (Decreto de 9 de Abril de 1805); trata dos militares enfermos nos hospitais (Decreto de 27 de Março de 1805): dos reformados e inválidos (Decreto de 21 de Junho de 1794 e 30 de Dezembro de 1804), e das famílias dos que envelheçam ou morram no serviço Decreto de 17 de Agosto de 1801).

*Administração das rendas do Estado:* – Cria uma Junta para examinar as dívidas do Estado (Decreto de 15 de Março de 1800); obriga todas as classes ao pagamento de décimas e sisas (Alvarás de 14 de Outubro de 1796 e de 8 de Julho de 1800).

*Comércio.* – Reduz a 4 por cento os direitos de baldeação das fazendas transportadas em navios nacionais (Alvará de 17 de Agosto de 1795); estabelece em Lisboa o porto franco (Alvará de 13 de Maio de 1796).

*Indústria:* – Isenta de penhoras e execuções os teares (Decreto de 1792); de direitos de saída os chapéus grossos (1793): no Ultramar as manufacturas de fiação e tecelagem, de direitos de importação as lãs para o consumo das fábricas, as máquinas, etc. (Alvarás de 12 de Fevereiro de 1793, 27 de Abril de 1797, 15 de Julho de 1802, etc., etc.)



tudo, até cónego. Requer o canonicato, com obrigação de se ordenar presbítero num dado prazo, e obtido o despacho nunca mais cumpre a promessa...

A arte, o sumo extracto desta sociedade formalista e devota não podia deixar de ser o que foi: uma fórmula longe da realidade, batida em moldes clássicos e protegida pela Intendência de Polícia. Seus pastores são pastores de Arcádia, o cenário de papelão. E quando sucede sair fora disto, sai para a obscenidade. Tinha de ser: ponham em cima a opressão, os fidalgos e os frades, ressuscitem o Manique, rodeiem os homens de talento, da Inquisição, da polícia, da atmosfera irrespirável, da abóbada de ferro, e fazem deles desgraçados. Se ao menos fosse possível sequestrá-los de todo! se fosse possível alimentá-los só de fórmulas, transformá-los em manequins respeitosos!... Mas não. Um sequioso sente a água bulir através de um penedo: e o cheiro de água entra-lhe por todos os poros. É pior, é horrível, Manique não basta, a cadeia, o degredo, a inquisição não chegam. É por isso que todos os homens de alma da época são desgraçados. Através da fórmula sente-se o esforço, sente-se a dor vir à supuração, Adivinha-se que já não é aquilo que eles sentem, mas a abóbada sufoca-os e oprime-os. Não são meras sombras, são vivos num sepulcro. Fizeram de Bocage, do senhor Manuel Maria, que ao inglês se lhe afigura um homem extraordinário, um puro desgraçado. E de José Agostinho, e de Tolentino. e de tantos outros que fizeram? Não, não é contra a pedinçice de Tolentino, contra a obscenidade de Bocage, contra os excessos de José Agostinho que o meu coração se revolta. A quem eu vou legitimamente pedir contas é às figuras de opressão e de ridículo. Para cada alma esplêndida que se debate e afunda, não chega o vilipêndio de séculos. Felizes os que vivem na ignorância ou na pretensão, felizes os poetas da Arcádia, o França, o Amaral, o Caldas Barbosa, da *Viola de Lereño*:

Morre o triste Lereño  
De mal d'amor,  
E dos bens que possui  
Quer já dispor.

Ah, sorte ingrata  
Morre o triste Lereño  
Nerina o mata!

É o nada. Funde-se embora outra Arcádia; cante o abade de Almoester modinhas em francês à viola; puxe Fr. José Botelho Torresão, afamado pregador, do papel com versos... Que importa? A *Gazeta de Lisboa* publica anúncios: «O doutor Talassi, poeta ao actual serviço de S. M. dá esta noite uma Academia de Poesia italiana, de improviso, numas casas que ficam defronte do quartel-general botânico a Buenos Aires.» Preço 15600. Funcionários, Curvo Semedo, capitão de engenheiros e escrivão da Mesa Grande das Portas Secas da Alfândega Grande de Lisboa, desembargadores, frades, escrevem coisas piedosas, versos, ninharias. Manique no alto protege e preside o novo conluio de poetas, a Arcádia, que recolhe na Casa Pia, no Castelo de S. Jorge, aí por fins de 1794. Tudo isto desanda enfim na obscenidade. Os frades cultivam-na: os

---

*Agricultura.* – Providência sobre a cultura de pinhais e matas, e amoreiras (Alvarás de 30 de Janeiro de 1802); promove a criação de gado (25 de Fevereiro de 1802); etc.

*Instrução pública:* – Cria uma junta que encarrega de dirigir os estudos e escolas menores do Reino (Carta régia de 17 de Dezembro de 1794); funda a Real Biblioteca Pública (Alvará de 9 de Fevereiro de 1796); cria a Academia de Marinha no Porto (Alvará de 29 de Junho de 1801); legisla sobre a escolha dos opositores e professores da Universidade (Alvarás de 1 de Dezembro de 1804 e de 16 de Janeiro de 1805); dota a Academia Real de Ciências e protege-a, etc., etc.

manuscritos de Bocage, de Lobo de Carvalho de José Agostinho e de outros correm de mão em mão, lêem-nos os desembargadores, os fidalgos e a corte. Regala-se o Manique. Como na Itália oprimida, a obscenidade vem à supuração: é a única válvula aberta – tudo se converte em lama... O que importa é Vieira Portuense, que a morte, levando-o cedo livrou da desgraça; é Gama que acaba de fome no Porto em 1789, tendo recorrido à pintura de tabuletas: é o ilustre pintor Sequeira, exasperado e doente, A vida destes homens foi – devia-o ser – um perpétuo drama. Era preciso recalcar-se tudo que não crescesse segundo a regra, tudo que fosse vida, impulso, sonho. Que letras as do tempo! A Inquisição vela, Pina Manique vela, e se acaso a consciência, o homem oculto, a alma, irrompem abrem-lhe logo a prisão. Ora sucede que a alma ou sobe ou desce; se a oprimem afunda-se; se lhe não deixam livre o seu caminho natural, a ascensão, degrada-se. Cada época tem a sua atmosfera. As ideias pesam, as ideias sufocam, as ideias amolecem e derrancam. Fios enovelam-se e tecem-se em volta de cada alma. O que tu pensas não me é indiferente, o que eu cismo influi na tua consciência... Bocage, Tolentino, Sequeira e os outros sentem-se subalternos. Livros, poemas, sonetos, são dedicados a príncipes e a fidalgos, que lhes dão esmola de alto, como a lacaios. O ser interior amesquinha-se. Que alma pode resistir a semelhante meio? O riso fingido, a cortesia falsa, a espinha que se dobra, a boca que diz o que não sente, a alma que faz rapapés, palavra ou gesto, repercutem-se e gravam-se para sempre na parte mais pura e mais íntima do teu ser, no nada ou no infinito que te veio de Deus, só à eternidade pertence, e um simples bafô em bacia.

Os fidalgos exigem a chacota. Querem bobos e criados, o servilismo e o riso. Portanto tudo quanto há no mundo de mais ténue, a beleza que se mistura com Deus, a ideia e a dor, se transformam. Os desgraçados fazem-se bobos: a época amassa, cria Lobo de Carvalho, atira com Bocage para a Inquisição, quando o génio lhe irrompe pelas costuras dos moldes, e faz desse homem tão desgraçado, tão triste e tão nobre, uma figura de mesa de botequim e de cela de frade. Pergunto se não sentem a dor? Passa embrulhado num resto de capa, e a última obscenidade que vem à boca, sai-lhe já com lágrimas. Tolentino pedincha e mendiga: é mestre de meninos. Rebaixa-se. Estende o chapéu aos fidalgos: só faz versos para pedir. Mas sofre. Falta-lhe dignidade e espinhaço. Podia acaso tê-los? Procura bem que encontras amargura:

Moças, irmãs desvalidas.  
A quem dou pobre sustento  
Foram por vós deferidas:  
Vivem em Santo Convento.  
Dignamente recolhidas.

Pão com lágrimas ganhado  
Lhe adoça a dura pobreza  
Por mim ao meio cortado...

Aos 43 anos consegue, depois de uma lamúria de pedinte, o lugar ambicionado. Ganha 1600\$000 réis, e ao fim da vida enche o saco: três contos por ano... A época atira com Sequeira, na volta de Roma, em 1796, para o convento da Cartuxa das Ladeiras. Foge. Que resta de grande no tempo? O convívio com Deus, na solidão de um eremitério, que é já um sepulcro. Faz da vida um inferno poético, e no isolamento pinta alguns dos seus melhores quadros. É o único que troca a vida pelas paredes de uma sepultura, para se sentir sozinho com uma ideia formidável? Não é. «Alguns dos monges, com permissão do seu superior rodearam-nos, e um deles, alto e de uma fisionomia interessante, atraiu-me a atenção pela funda melancolia que lhe transluzia no

rosto. Perguntei quem era: responderam-me que tinha apenas 24 anos, pertencia a uma família ilustre e possuía brilhantes talentos. Mas a causa imediata de ele ter procurado esta mansão do silêncio e da mortificação, não ma disseram. Não pude deixar de observar – quando a vítima estava defronte de mim, e eu encarava o sol-poente, que dourava as arcadas do claustro – quantos sóis ele havia de contemplar iluminando com os seus raios aquelas paredes». <sup>58</sup> Quem era? Um desgraçado.

Em 1802 o Príncipe Regente vai buscar Sequeira à Cartuxa... Desgraçados foram Filinto Elísio e o padre José Agostinho de Macedo, poeta, filósofo, figura de grande jornalista, que nunca pôde conformar as suas ideias e paixões com a vida exterior. Desgraçado é o próprio Lobo de Carvalho, *pasquim vivente*, como lhe chama um advogado do tempo. A época deforma-os. Este ao menos é um protesto vivo. Só consegue ser livre à custa da própria dignidade, enlameia-se para insultar os outros. Embrulhado nos farrapos de capa, atira do alto da água-furtada da Madragoa, no prédio do conde de Calheta, sátiras, obscenidades, lama, aos ridículos que triunfam e passam. A Inquisição e a polícia deixam o bobo na infâmia e na chacota. Ele tinha porventura descido tão fundo que já não fazia mal a ninguém. E isto dura até que a vaidade balofa de um duque, o de Cadaval, que se quer rir à custa, é ao de leve ferida. Oferece-lhe um quarto em casa o fidalgo – responde com altivez o bobo num soneto:

Não vou servir-vos só por não ter praça,  
No livro mestre dos Santões canturras.

Vinte oito dias de Limoeiro, e como o não dobrem de vez. como não mergulhe para sempre no lodo, diz-se que o mataram com veneno...

Nenhum púlpito que valha a teatro; é acção viva, que entra como uma espada no coração do espectador. Quatro tábuas, dois ou três farrapos de lona a cheirarem a tinta, não sei o que de alcouce, não sei o que de duvidoso e falso—exercem um prestígio enorme sobre todos os homens de imaginação. Portanto o teatro é um perigo nos países oprimidos, onde só a música, a dança, o ópio e o sonho, que substituem a feroz realidade, a ausência de ideias e de crítica, prosperam com o aplauso da polícia. Em 1768 representa-se o *Tartufo* no Bairro Alto, com Luísa de Aguiar Tódi, tão linda, e que depois teve como cantora reputação europeia, mas em 1782 já enchem os palcos visualidades, ninharias, mágicas. Funcionam três teatros, qual deles pior, o da Rua dos Condes, com um café, o do Bairro Alto e o do Salitre. em cujo pano de boca o empresário João Gomes fizera pintar estas palavras *Nobre ócio* – três teatros fedorentos, de corredores tão escuros e estreitos, que dão lugar às pomposas reclamações de Manique: «o que pode acontecer (é do Salitre que ele fala) em lugar tão estreito e em que concorrem os dois sexos deixo-o à ponderação de V. Ex<sup>a</sup>». Demais a mais D. Maria proíbe que as mulheres representem, com receio «dos distúrbios que se dão em grandes ajuntamentos das pessoas dos dois sexos», proíbe as cortinas nos camarotes e que entrem na plateia «mulheres de porte duvidoso, que vão servir de escolho à virtude» e por pouco que não fecha os teatros – como em Roma porque «os Santos Paires condenaram os espectáculos nos primeiros séculos da Igreja». Não proíbe, nem pode, os escândalos nas grades dos conventos, cheias de frades, de militares, de desembargadores, de poetas obscenos, que dedicam sonetos às monjas: «À regente do recolhimento do Anjo, na cidade do Porto, à mais endiabrada mulher que viram nossos tempos»; «A uma freira do Porto com quem teve amores na sua mocidade»; «A outra endiabrada freira muito conhecida pelas suas laboriosas proezas»; «A uma freira do

---

<sup>58</sup> Beckford – visita a Cartuxa de Caxias.

convento de Santa Clara, de Beja, por nome Eufrásia Margarida e ao seu caçoço namorado o capitão Freire Leite», etc., etc. Corto o pior, corto a infâmia. Resultado: junto da mulher, seja cia qual for, o homem nunca se degrada completamente. A animalidade estreme, a pior besta, a besta secular que vem do inferno, da náusea, do vômito e da mixórdia primitiva da vida monstruosa, pilha-se à solta: os teatros são fechados, degredados os cómicos e presos os rapazes por crime de sodomia... Na Rua dos Condes, por 1772, representa-se o *Mágico de Salerno* e o *João da Spina* e outras mágicas, e no fim desse ano peças de improviso com bonecos e a *Arte da Feitiçaria*, em que o diabo leva pateadas de estrondo. Em 1789 vai à cena uma peça notável: «A Alegria Geral da Nação Toda, celebrando a Memória do Sereníssimo Senhor D. João, amabilíssimo Príncipe do Brasil. São interlocutores: Portugal, Lísia, Esculápio, Apolo, Homero, Anacreonte, Virgílio, Anfião, Orfeu, Safo, Horácio e Camões!» De 1790 a 1792 cantam-se dramas líricos, fazendo ainda os homens os papéis de mulher. Laura Junot, que assiste no Salitre à *Gabrielle de Vergy*, sai de lá horrorizada. Em 1793 inaugura-se S. Carlos<sup>59</sup> e por 1799 já as atrizes representam nos teatros de Lisboa. Nos bastidores entre tábuas, lonas, cordas e sombras desmedidas, passam os literatos e os amantes das atrizes. É o Bocage com o Pato Moniz e o António Xavier Ferreira de Azevedo, amante da Torres, que mais tarde cede ao ministro Rocha, por um lugar de escrevente do Depósito de Víveres de Alcântara. Rocha sozinho o atrabiliário José Agostinho, furioso por causa da cómica Maria da Luz... São actores na época com maior ou menor celebridade, o Arsejas, o dos papéis sérios, com excepção dos velhos, o Garrido, o José Duarte, o Clemente Pereira, e atrizes a Josefa Teresa Soares, que foi célebre e acabou na miséria, a Maria Amália, e a estroina Maria do Carmo, que chegou a ter navios sobre as águas do mar. Talvez a esse tempo, para se vingar do padre, já o António Xavier medite o *Mau Amigo*. Puxa ao lado, fala ao ouvido do actor Caetano de Sousa, que depois com extraordinário sucesso imitou na caracterização José Agostinho. Cá fora na plateia os homens fazem comentários sobre quem está nos camarotes. Esta deve tudo aos credores, a quinta, os anéis, as cambraias; aquela, tirando-lhe os vestidos, o leque, a gaforina e a crespa golilha, moda do tempo de D. Sebastião, não diz quatro palavras sem despropósito. Tem grande sucesso a *táctica dos leques*, de um francês. Um italiano fora mais longe: escrevera a *gramática da linguagem dos leques*. Na Rua dos Condes juntam-se os maiores censores, os faladores notáveis, os que sabem com antecedência as peças que caem e as que terão 30 representações, um sucesso; os que conhecem os amantes de cada atriz e as intrigas de cada actor, os que se lembram com saudades do Pedrinho, os que viram representar pela primeira vez o José da Cunha, feito Carcuna na *Esposa Persiana*; os que desatam a cantar uma ária da Lamporoni ou dois gorjeios da Egicieli; os que falam na Esteireira, do tempo de Pombal, por causa de quem o conde de S. Vicente teve de fugir, depois de lhe mandar assassinar o amante. Já o padre José Agostinho, na plateia ou no palco, brame contra as peças, o género, o descosido, o absurdo e a imoralidade, porque as suas afundaram-se na rampa. Por fins de 1804 cai a *Zaida* e nunca mais pode ver as peças dos outros. Seria também lembrando-se da atriz que lhe chamou *padre Lagosta* depois de uma questão, em que acabou por dizer: – Vai-te! tu ainda tens mais língua e menos vergonha do que nós! – que o padre, ao soar a velhice e com ela os inevitáveis reumatismos, declamaria contra as mulheres do teatro, *boas vasilhas e boas reses*. Enfim, as peças ou são estopadas, ou grosseiras farsas a que falta quase sempre imaginação. E ainda as farsas, por piores, têm costumes, tipos, saborosa linguagem popular. Em 1807 representa-se no *Teatro*

---

<sup>59</sup> Em Janeiro de 1807 o Hospital Real e a Casa dos Expostos abrem loterias que o Príncipe Regente consente também ao teatro S. Carlos «que tem sido necessário para conservar nesta capital um teatro decente» e a mais três teatros de Lisboa. (*Livros da Intendência*).

*Nacional*, do Largo da Anunciada, *A Ribeira ou as Regateiras Zeltas*, em versos deste teor:

BRÁZIA

Então não me compra estes cações  
Todo quanto aqui está são três tostões.

PANTUFO

Desta casa de peixe já estou farto.

BRÁZIA (*que é surda*)

Assim é, o ser moda foi dum parto  
Quando pari o último rapaz  
Que me nasceu só com um olho atrás.

Perdoem; é a graça do tempo... Entram bêbados, a Maria *bandalha*, a Maria dos *enredos*, marinheiros, gajos, etc. Ouvem-se descomposturas e pregões. *A Castanheira*, *Duas Vezes Somos Meninos*, do actor António José de Paula, que se representou na Rua dos Condes e em S. Carlos, é também uma cena da rua. Em todas elas aparecem quase sempre os mesmos velhos, o preto, o inglês, o marujo, a peixeira e quase todas acabam assim: Surgem os quadrilheiros:

ALCAIDE – Olé! Vocês pelo que vejo querem dar-me dinheiro a ganhar! Oh rapazes, tudo preso para o Castelo. Cuidado com eles não escapem, que são meninos!

MARINHEIRO – Oh seu jarreta. você supõe que manga cá com home! Chegue-se se quer que lhe recheie o bucho com esta faca.

ALCAIDE – Oh lá rapazes, com» resistem leve-se a pau. Toquem de lá que eu de cá os sacudirei. Marche.

\*

Esta Lisboa fedorenta e devota – corre ainda a descoberto em grande parte da cidade o rego das mundícies e de noite despejos ignóbeis são atirados para a rua – produz a sécia delambida, com ais, posições, moscas de tafetá, o peralta, o bojudado frade, a velha alcoviteira, o desembargador, o poeta, o almiscarado cadete. A mescla de devassidão, de frivolidade, de grosseria, os saguões<sup>60</sup>, o Manique, os fidalgos, a corte, a Igreja, os restos de grandeza da Índia – dão estes produtos singulares... Repicam sinos: são as trezenas em Santo António dos Capuchos, e lá vão a moça, o cadete e o frade para o namoro. Nenhuma sécia perde também a famosa Aleluia dos Paulistas, tão da moda. Passa a preta do mexilhão e apregoa: *Eró tem aio aio e azeite de Santarém*; passa o peralta de grandes fivelas nos sapatos

---

<sup>60</sup> «Mas o que é imperdoável nesta nova reedificação é que todas as ruas não tenham canos, e todas as casas, cloacas»... Os canos existentes eram mal construídos e de péssimo resultado... «por darem entrada às águas da maré, difundindo-se nas casas bom fedor tal, que as torna quase inabitáveis»... Lisboa é «bom objecto ascoroso pelos montões d'imundícies acumulados nas ruas, por efeito do descuido inveterado de se não varrerem, e se não tirarem com a devida regularidade, não obstante as rendas que há destinadas para isso... É em consequência da providente lei do Senhor Rei D. José, que declarou livres todos os escravos que entrassem no Reino; e então os moradores de Lisboa se viram obrigados a fazer o despejo das imundícies nas ruas»... (*Ratton*).

Um dobra a perna, outro cumprimenta  
Os *bon jour*, *bon soir*, vomita inchado.

Passa o negro caiador (são aos milhares os negros e os mestiços) e o sórdido galego que tem na época um papel, que desempenha com prudência sorna, algum cómico e muita esperteza. É indispensável à vida grosseira da capital, é o medianeiro fatal em questões amorosas, o ridículo nas farsas, o trabalhador obscuro e humilde: apaga os fogos e fornece a água: por um triz que não entra na insurreição. Em todo o reino, afirma um viajante, há mais de 50 mil. A sua fidelidade é tão radicada que um contemporâneo diz: «pois sempre em as casas mais antigas de comércio houve criados Galegos que passando de Pais a Filhos, até à última geração, eram estas famílias ali tão antigas como as casas deste Reino.» Passa a velha onzeneira, de capote e lenço, com um riso humilde na boca habituada à mentira. Sabe tudo: os segredos, as orações, os unguentos, e, sob a capa, esconde o escapulário e a carta do namoro. Vive do enredo e da moeda que o peralta ou o frade lhe metem na mão às escondidas... Segreda pelos cantos com as meninas: se a surpreendem faz-se tola e canta a última modinha do seu tempo:

Amor que é cego presume  
Que todos os mais não vêem  
Porém todos reconhecem  
Os defeitos que amor tem.  
Cegos com vista  
Você já viu?

Vai e vem, à vontade, do frade para a moça, do cadete para a sécia. Entra em todas as casas. Conhece as rezas, os ditados, os remédios das úlceras teimosas: às tardes queima no fogareiro alfazema e alecrim, para afugentar o *inimigo* e o cheiro do saguão ignóbil. Lá toca o sino nos Paulistas, corre a ouvir O sermão, e volta com outra carta... Passa «o frade velho que compra de passagem ao recolher o arratel de marmelada em bocados; o peralta que compra os especiones para dar à Senhora que conduz pelo braço e o zeloso que leva no indispensável da Senhora o biscoito de la Reina em dous papéis (para a assembleia do dia seguinte)...» Passam as seges e berlindas com o boleiro de gravata e carrapito – «*Conta dos aluguéis da sege*: Julho 4 – Aluguel de uma sege toda a tarde 1200; 7 idem dum gancho – 800; 27 Idem dum gancho 800». Passa o frade de branco, de preto e cor de castanha: é o domínico, que atrai os devotos com os milagres do rosário; o franciscano com os da coroa, o agostinho com a correia, o carmelita com o santo escapulário, o crúzio, que apregoa o santuário de Coimbra:

E até nos seus escritos de lombrigas  
Os Capuchos têm tais habilidades  
Que enchem as mangas e enchem as barrigas.

Entre o povo já corre um aforismo: «um frade não engana outro frade»: Passam grupos de homens tristes de chapéu de bicos e vara na mão. Vão e vêm nas ruas as mulheres do povo, de lenço de cambraia e capote escuro ou vermelho. Diz-lhes o peralta: –. É muito linda, Deus a guarde... – As outras, as burguesas, saem pouco: espreitam das janelas e ficam dias inteiros sentadas sobre os calcanhares. Por casa a mulher usa trança «tomada atrás com um pente de tartaruga do Alentejo, que figura a modo de resplendor de Santo d'Aldeia». Na alma desta gente há pingos de cera, frases

de sermões, medo à inquisição, e não sei que estranhos restos de sonho extinto, que por vezes remexe, anseia, bole, cisma sem tom nem som, na ilha encoberta, em D. Sebastião, numa claridade vaga e imensa, e logo se sepulta sob a obscenidade, a opressão e o ridículo...

O movimento concentra-se no Terreiro do Paço e nos arredores da Praça do Comércio. As lojas do comércio depois do terramoto mudaram-se para a Rua de S. Bento. Lisboa era afamada pelos seus mestres sapateiros e pela barateza do calçado. Umas botas magníficas custavam, no tempo de D. Maria, dois mil réis. O mais notável mestre era, até 1777, José Francisco, *o saloio*. Só depois de 1810 se deixou de usar sebo nas botas: foi um castelhano que trouxe a novidade de «uns pós d'alfaiate moído, que esfregando..se com eles o cano da bota, facilmente entra o pé, ficando a meia limpa; evitando o antigo uso de o esfregar com uma vela de sebo, não se topando já aqueles cachopos em que naufragava todo o calcanhar da meia.» Pelo fim do século havia muitas casas de modas em Lisboa «onde os homens se iam vestir à Francesa desde o sapato até à cabeça»; e o luxo das senhoras era «hum vestido de tapeçaria de seda da nossa Fábrica guarnecido por Madame Charle, com rendas de seda crua, com flores de fitilho ao natural, com passamanes e favalas.» Nas ruas da Baixa, cheias de oficinas escuras os operários vêm trabalhar para fora. As pretas, sentadas no chão, vendem castanhas e mexilhões em tigelas; apregoam a branquinha alfeloa, gergelim e alcomonia, cravo-do-maranhão e azeite de Santarém, e na Ribeira Velha, pendurados em ganchos, expõe-se a fressura de porco, carne, ovos, etc. Moças à porta das barracas vendem arroz com açafão, sardinha assada e chanfana, e mariolas embrulhados nas capas enchem as tabernas. A noite é a hora em que «todo o mulato arma sua briga e todo o barbeiro toca sua bandurra». Um quadro popular um pouco mais antigo, mas que cabe bem na época: «Uma tendeira que morava mais abaixo, mulher dum bem estreado cocheiro, havia conduzido ao redor do balcão quantidade de damas alacaiadas, cujos corpos dali a dias foram dar a ossada ao Hospital. Chegou nisto o Peta com a sua companhia, que era Manuel Jorge, o Tripa, e Francisco Simões, o Carrapata, e o Zanga. Havia viola na dita tenda, e Antónia do peixe repicava o padeiro. Largaram os capotes e fizeram roda com uma atrapalhada chacoína. Ali se ouvia o: *Adeus bairro alto forte* que o cantava uma das sardinhas com todo o corpo: e logo respondia o Peta com a célebre cantiga: – *A isso responderei...*» Já lá vai a moda da *Comporta*: a dança nacional é a Fofa ou Chula de movimentos lúbricos. A Madragoa, as Taipas, a Cotovia, são lugares de mulheres de má nota.

Falta a água, a lenha custa um dinheirão. Uma boa galinha vale um cruzado, os ovos quatro vinténs a dúzia, a carne cem réis o arrátel, o leite 30 réis o quartilho.<sup>61</sup>

<sup>61</sup> No *Dietário de S. Bento* os frades dão-nos os seguintes preços dos géneros:

Em Maio de 1805

Trigo da terra a .....	800
» de fora a .....	600
Milho da terra a .....	700
» de fora a .....	720
Cevada da terra a .....	700
» de fora a .....	600
Feijão da terra a .....	800
e a .....	1\$000
Azeite, o cântaro .....	3\$000
Bacalhau; arrátel .....	80
Carne. * arrátel .....	100
Carne de porco .....	140

O azeite «que há sessenta anos comíamos a 960 reis, e a menos, há 30 anos ainda se achava na pedra a 1200 e a 1600» – escreve Figueiredo em 1815. O mês de Janeiro, *o mês da cortesia*, é também o mês dos senhorios. Os aluguéis tardios são postos em pregão pelo porteiro na Praça do Depósito. A mobília é à Luís XVI: os ricos mandam-na vir de fora; e os marceneiros imitam-na. É o que se chama estilo de D. Maria. Pintava ornamentos e pinturas nas salas e tectos Francisco José da Rocha, o Setúbal, que ganhava 35200 por dia (*Machado de Castro, Ms.*) As esquinas das ruas de Lisboa estão cobertas de editais e anúncios manuscritos de charlatães, dentistas, obras literárias, etc. No Rossio nas esquinas da Madre de Deus, de S. Domingos, na do Amparo, na do Regedor e nas outras, lêem-se papéis com notícias dos círios e festas das confrarias e irmandades, e nas do Loreto, na do Depósito, na do Corpo Santo, na de Alcântara, na de Belém e até na porta do correio e na do Passeio Público. No Verão Vêem-se muitos editais de touros. Perto da esquina do Amparo juntam-se os cegos que fazem uma lamúria de ensurdecer e na Praça do Rossio vende-se limonadas em casquinhas volantes e covilhetes de arroz-doce.

A mais gabaria casa de pasto é a do Polido Isidro, e também são afamadas a do Almeida e a do Talaveira, e no Rossio um armazém de vinhos frequentado pelo Xavier de Matos e pelo Lobo de Carvalho. Bebedores e estúrdios célebres: o Alpoim, Queijo, Talaia, Camelão, e tinham deixado fama Venegas, o Potreiro, Gonçalo de Sá e muito mais antigo o Piegas. Toureia-se no Salitre, na Parada, na Praça de João Gomes, em Sacavém, etc. No fim do século era ainda muito falado o José Roquete, toureiro incomparável. Nas boticas joga-se o gamão, e nos saraus a bisca coberta e o truque cedem o lugar ao *isque*.

Vai-se para Coimbra estudar, de catana ao lado, depois de despedidas cruéis. Os velhos ricos, de fivela de oiro no sapato, condenam, como hoje, a audácia das modas novas, e os pobres, de barrete felpudo, juntam-se no Alpendre do Monte para apanhar sol e saber novidades, O sino da cidade ainda em 1807 marca a hora a que todos devem recolher (*Livro da Intendência, 1807*).

O fedor de noite sufoca, e, no Verão, a lama, tão antiga como a história, ergue-se em nuvens pelos ares. É a lama da Índia, das conquistas, do terramoto e da desgraça. Isso não impede o ajuntamento e a má língua. Às portas as senhoras vizinhas palram – «*Senhora vizinha de porta de rótula* de indagar das vidas alheias, com o fim de dar à taramela, ouvindo aqui para dizer ali.» (*M. de Castro. Ms.*)

O negociante português vai à missa às 8; à bolsa às 11; janta à 1, dorme a sesta até às 3, merenda às 4 e ceia às 9. Quando faz uma visita a pessoa de consideração, é de uso ir de espada ao lado. Se recebe alguém que o visite de luto, paga a visita também de luto. Quando sai com a família marcha na frente, importante e solitário, segue-o a mulher e atrás a criada com o cão ao colo. Há quatro grandes procissões no ano – a de quarta-feira de Cinza, a do Carmo a do Corpo de Deus e a da Anunciada. Na procissão de Passos, na Quaresma, as regateiras em bando acompanham a Cruz em altos brados. As colarejas fazem também uma grande festa todos os anos na igreja da Madalena.

Tipografias há em Lisboa a do Arco do Cego, fundada em 1799 por Fr. José

---

Arroz, arrátel .....	80
Vinho, canada .....	120
Manteiga, arrátel .....	100

«Pela Esteva foi posto o pão neste mês a 40 reis a Libra: preço assaz módico». E em 1807 dizem: «O ano é muito farto, todo o Inverno foi seco. Os géneros baratos, à excepção do azeite».

\* A carne de saca que se vendera a 65 reis o arrátel ainda na vida de Figueiredo (T. de Manuel de Figueiredo. volume XIV), custava já em 1814, 240 réis.



Mariano da Conceição Veloso, a qual se incorporou na Imprensa Régia aí por fins de 1805; a de Simão Tadeu Ferreira; a oficina de António Gomes; a de José António da Silva; a de António Rodrigues Galhardo e outras. Lista dos gabinetes de história natural e jardins botânicos de Lisboa no fim do século XVIII: Real Jardim Botânico e Museu do Príncipe Regente (vê-se às quintas-feiras de tarde); Museu do Marquês de Angeja, na Junqueira: o do Marquês de Abrantes, em Benfica: o de Luís de Vasconcelos e Sousa, ao lado do Passeio Público: o do P. João Fausto, na *casa do Espírito Santo*; o Museu Maiense no convento de N. S. de Jesus; o da Academia das Ciências do Calhariz; o de Adolfo Frederico Sindenberg, na Formosa: o de Jorge Reis, aos Mártires: o Jardim Botânico, do Marquês de Angeja, ao Lumiar, e o do Marquês de Abrantes, em Benfica; sete gabinetes de física: seis gabinetes de medalhas e antiguidades e 540 quadros dos melhores autores, etc. Publica-se, além da *Gazeta*, o *Jornal Enciclopédico*, periódico mensal. Por 1800 e tal vai muita gente ver o exército da pedrada da Penha, comandado pelo general *Luneta*. Quem vem da província pousa na Betesga e no Cachimbo. Às oito horas da tarde, no Inverno, as famílias pobres recitam o terço à porta de casa. Dura meia hora a toada. Depois as ruas pertencem aos ladrões. Água vai e se for outra coisa perdoai! Até à criação da Guarda de Polícia andam os quadrilheiros aos bandos de quinze ou vinte. Cercam o preso de espada desembainhada e o alcaide dá a voz: – Mão forte, pé leve, bota cordão! – Quando há barulho acode o cabo e a ronda do bairro, o meirinho mete a lanterna à cara dos presos e corta-lhes o cós das calças para não poderem fugir. Ninguém a essa hora põe o pé fora das casas, mal construídas e incômodas, cheias de pulgas e mosquitos nascidos na imundície, a não ser em caso de maior.

É a cidade dos casebres e do lixo, das ruínas denegridas e das fachadas de aparato com entulho pelo lado de trás. Debalde em 1793 tinham sido mandados demolir ou consertar os prédios em ruínas. Alguns traços de verde: hortas de Buenos Aires e Estrela – os bairros elegantes – campos esparsos com ramalhetes cinzentos de oliveiras. Dominam a casaria e o novelo de ruas estreitas, os conventos maciços, o da Graça, o dos Jesuítas, o da Estrela... No Tejo, para lá de Santos, uma floresta de mastros: fica ao poente a praia movimentada de José António Pereira. Cães sarnentos infestam as ruas; pretas, bruxas e mendigos – ladrões – alapardam-se nas ruínas e «os malfeitores servem-se dos cães para darem sinal da guarda da Policia (*Livros da Intendência*, 1807) e são tantos e até mesmo a impertinência dos seus ladros durante o sossego, e silêncio da noite, que clamam por uma providencia adequada». O Rossio é uma grande praça oblíqua, com o temeroso, e banal palácio da Inquisição ao fundo. De um lado a mixórdia das barracas e casebres do duque de Cadaval, junto ao palácio; do outro, entre a Igreja de S. Domingos e o palácio hirto, o chafariz de quatro bicas de Neptuno, onde todo o dia os galegos e as pretas se engalfinham. De Inverno o Rossio é um charco; às terças-feiras um estendal – a feira da ladra. Para além fica o Passeio Público <sup>62</sup>, dois teatros, uma praça de touros. Às soleiras das portas grupos de mulheres catam o piolho. Um inglês espanta-se e censura-as – responde-lhe logo uma rapariga: – Mais porcos são vocês que não os catam...

Ainda está vivo o terror do terramoto. À noite são tantos os nichos sobre as portas que Lisboa parece iluminada. Erro: os poucos lampiões de braço de ferro longo e curvo, como forcas, não bastam: metade de Lisboa fica às escuras. No 2.º trimestre de 1807 a despesa em concertos de candeeiros e com 100 candeeiros novos é de 1 576\$365 réis.

Nos botequins do Rossio – em Lisboa há outros cafés – no de *Nicola* e no das

---

<sup>62</sup> «Este passeio há o único refugio que tem os habitantes de Lisboa para passearem livres da lama; mas costuma estar fechado a horas em que deveria estar aberto: pouca gente o frequenta, talvez por ser proibido aos homens de capote, oxalá que o fosse também para as mulheres de capa...» (*Ratton*).

*Parras*, quase contíguos, juntam-se os ociosos e os literatos de *josezinho* roto e sujo. Há sempre nos cafés uma mesa para os homens notáveis: é lá fatal o coxo Tomás António dos Santos Silva, e num gabinete do das *Parras* reúne-se o *agulheiro dos sábios*. Tem o café na época um papel importante, que o jornal moderno melhor substitui. É ali que correm as novidades, e que o homem, sentindo-se solidário, cotovelo a cotovelo, se exalta e fala, atreve-se... Sumido a um canto o espião escuta a nota. «Nos cafés e bilhares e algumas assembleias fala-se com liberdade nas matérias mais sagradas dos santos mistérios da nossa religião, que temos a fortuna de professar, e na soberania com pouco respeito» – diz Manique. Os libertinos contam uns aos outros o que se passa lá fora... Já se canta a Marselhesa! Em Coimbra o estudante fala em liberdade «por ter no espaço de sete anos dado alguns mergulhos no Mondego, onde ele foi aprender na companhia de Brejeiros de Coimbra, mais a ser blasfemo, que nas Sociedades científicas a ser jurista, e que os seus estudos depois dali saiu tem sido feitos nas Assembleias dos Botequins (Aero-pagos de Vadios) aonde ele quase sempre aparecia com barbas de Ermitão d'Arrábida, por não ter com que rapar os infames bigodes». (Machado de Castro. Ms.)

À porta do chapeleiro Daniel de Sousa Amado, barafusta o apoplético José Agostinho de Macedo, enquanto a noite não chega para ir tomar chá a casa do! advogado brasileiro José António Sepúlveda Gomes, seu amigo, que depois de 1808 denunciou à polícia como jacobino.

A malta sórdida das *moscas*, depois da Revolução escuta às portas, remexe toda a roupa suja. Na alfândega revolvem os caixotes à procura de livros. Manique espiona o naturalista Broussonet, que fugira à guilhotina e a quem chama o *regicida*. Os cônsules e até o melífluo padre Teodoro de Almeida são tidos como *perigosos*. Corre que os operários de Jacome Ratton querem plantar uma árvore da liberdade no Terreiro do Paço. O governo cuida com terror no que *um tal Humboldt* andara a fazer nas colónias... Nenhum estrangeiro pode entrar em Portugal sem um passaporte do embaixador em Madrid.

Em 1805, segundo Laura Junot, na sociedade de Lisboa mistura-se o detestável e óptimo. O óptimo polira-se no estrangeiro. É o Araújo, do *partido francês*, alguns ministros creditados em Portugal, e duas ou três famílias portuguesas apenas, que, diz ela, se destacam das que vivem de ninharias ou de maledicência, no convívio dos criados. A duquesa de Cadaval, linda e infeliz mulher de 18 anos, paga ao cocheiro uma dívida do marido. Intervém o duque e para reaver o dinheiro, joga com o criado e ganha-lho. Há mais o corpo diplomático, a gente do paço, fidalgos... Poucos, porém, se aproveitaram, no dizer de Laura Junot. O corpo diplomático, no princípio do século, era assim constituído: Monsenhor Lourenço Gallepi, arcebispo-bispo de Mifibique, que mora na Rua Direita de Santa Isabel; conde de Campo Alange, de Espanha, à Boa Morte; Junot, que Mr. Serrurier representa, e que quando chega se aloja no Largo do Loreto, ao Tesouro Velho; o cavalheiro de Lebzelttern, da Áustria, na Calçada da Ajuda; o cavalheiro Waffilieff, da Rússia, às Necessidades n.º 4; Lord Robert Fitz Gerald, da Inglaterra, a Santa Marta. Em 1800 o conde da Ega mora no Pátio do Saldanha, mas em 1805 está na embaixada de Madrid; Angeja mora à Junqueira; o Visconde de Balsemão às Escolas Gerais, quando não está no Porto; o marquês de Castelo Melhor, no Largo do Rato; o Lavradio, no Campo de Santa Clara; o marquês de Loulé, à Graça; Pombal, às Janelas Verdes; Ponte de Lima, a S. Lourenço; Vila Verde, à Junqueira;<sup>63</sup> etc., etc.

---

<sup>63</sup> As damas do paço: *Camareira-Mor* da Rainha Nossa Senhora: D. Mariana Xavier Botelho, marquesa de S. Miguel; *Camareira-Mor*, da Princesa Nossa Senhora e da Senhora Princesa Viúva: D. Juliana Botelho. Marquesa de Lumiares: *damas de honor*: D. Catarina da Cunha, condessa de Soure, D. Domingas de Noronha, viscondessa da Lourinhã. *Damas*: D. Leonor da Câmara, D. Helena Xavier de

A sociedade, porém, modificara-se muito depois da grande Revolução, a ponto de um desembargador do tempo de Pombal ficar estarecido. Assim se exprime o grave catedrático e clerical doutor António Ribeiro dos Santos, depois de convidado para um sarau em Cheias por D. Leonor de Almeida: «Meu amigo: Tive finalmente de assistir a assembleia de F..., para que tantas vezes tinha sido convidado; que desatino que não vi! Mas não direi tudo quanto vi; direi somente que cantavam mancebos e donzelas, cantigas d'amor tão descompostas que corei de pejo como se me achasse de repente em bordeis ou com mulheres de má fazenda...» E atribui ao Caldas o uso dos romances de poesia langorosa.

Nas partidas burguesas, as damas literatas, que conhecem por aturadas leituras a *Princesa de Cleves* ou outros romances no género, recebem com requebros os poetas da época. O minuete passara de moda em 1807; a dança nova que viera de França fazia escândalo – e um *filósofo moral criticava os modos escusáveis e os costumes repreensíveis*; ao que outro respondia num folheto. À noite nas famílias pacatas joga-se o *três-sete* e as velhas umas com as outras julgam que

Estava tudo perdido.  
Já a criada de servir  
Tirada d'assar castanha  
Vinte mil réis em soldada  
Por inda ser pouco estranha

A criada ainda fia na roca, mas as soldadas, que eram nomeado do século XVIII de 7 mil réis, o muito (*Anatómico jocoso*), aumentaram extraordinariamente. Em princípio de 1807, segundo os livros da Intendência, a polícia queixa-se ao Príncipe Regente: «É notório que muitos criados de servir ensaiando-se em pequenos furtos, acabam finalmente em roubar seus Amos, e os mais familiares, chegando até ao ponto de praticar atentados horríveis... É igualmente constante que algumas criadas não só cometem furtos, mas inspiram aos filhos de famílias sentimentos de dissolução e de libertinagem... Também é notório que os Inculcadores e Adelos de criadas estimulados pelos prémios que recebem de lhes procurar Casas, trabalham pelos modos intempestivamente de umas para as outras, a fim de multiplicarem os ditos prémios, servindo ao mesmo tempo de receptadores de furtos que os criados fazem a seus Amos,

---

Lima, D. Isabel de Castro, D. Mariana Domingas de Castro, D. Teresa Joaquina de Portugal, D. Domingas Rosa de Portugal, D. Helena Maria Josefa Xavier de Lima, D. Margarida Josefa Caetana da Cunha, D. Mariana de Almeida, D. Luísa de Meneses, D. Luísa de Noronha, D. Teresa de Almeida, D. Francisca da Câmara, D. Maria do Resgate, D. Maria Eugénia de Sousa, D. Maria das Dores e Melo, D. Eugénia da Cunha, D. Maria do Carmo Botelho, D. Bárbara da Cunha, D. Eugénia de Mendonça. *Donas da Câmara*: D. Ana Margarida de Sousa Zuzarte, D. Mariana Joaquina de Vilhena Pereira Coutinho, D. Genoveva Maria Francisca Mascarenhas, D. Teresa Maria Antónia da Cunha, D. Margarida Sofia de Lacerda Castelo Branco, D. Joana Angélica Cabral da Cunha. *Açaafatas*: D. Brígida Leonor, D. Joana Rita de Lacerda Castelo Branco. D. Catarina Francisca Benedita de Quevedo, D. Maria Roberta de Mendonça, D. Maria Violante da Cunha e Vasconcelos, D. Ana Maria Ludovica Mascarenhas, D. Ana Ermelinda Mascarenhas de Mansuelos, D. Maria Joana Aniceta Francisca de Ering (Arriaga), D. Francisca Joana de Lacerda Castelo Branco, D. Maria Basília de Gusmão e Vasconcelos, D. Mariana Vitória Pereira Carvalhal, D. Maria Antónia de Mariz Sarmento, D. Genoveva do Rego e Matos, D. Teresa Constância do Rego e Matos, D. Maria da Penha, D. Francisca Rita Seixas de Andrade, D. Maria da Penha da Cunha Vasconcelos, D. Joaquina Antónia da Silveira Costa Pereira e Silva, D. Maria Isabel da Silveira Sande e Vasconcelos, D. Mariana Lina da Silveira Costa Pereira e Silva, D. Mariana Vitória da Silveira Sande e Vasconcelos. *Confessores*: da Rainha, o bispo Inquisidor-Geral, no Rossio: do Príncipe Regente, o P. M. Fr. Eleodoro de Jesus Maria, no Paço: da Princesa, o P. M. Fr. António Baptista Abrantes, no Paço: da Senhora infanta D. Maria Ana, o P. João Monzoni, no Paço.

e consentindo nas suas casas homens ocultos e vadios que dispõem as mesmas criadas para o vício, e para a prostituição.»

Nas casas pobres, lêem-se os Actos da Maria Parda, as obras de Clara Lopes, cristaleira, em Coimbra (*Teatro de Manuel de Figueiredo*). «Eram os papéis que andavam sempre nas assembleias do serão, únicos, que se liam em todas as casas à luz do candeeiro, posto no velador, ou da candeia dependurada no mesmo, à roda do qual se formavam círculos das mulheres que havia em casa; e ainda das vizinhas muito amigas da escada que se ajuntavam a coser, a fazer meia, e a remendar. Criadas, e velhas a fiar, e alguma beleza em lontananza por extravagancia fiando linhas muito finas. Ali se recebia uns galãs, os vizinhos da escada, os primos, os engraçados e se entre eles havia Estudante de Coimbra, oh, que alegria!»

O tipo popular das ruas é o Fartura, que canta a *Mariana Tafula*, reza o credo e baila a chula. Muitos militares ainda usam em 1805 o brinco nas orelhas. Os médicos são fúnebres e um pouco de farsa. Gabam muito as virtudes dos caumelanos, a tenacidade do basalicão e o poder mercurial dos pós de Joane. Além da Real Junta de Proto Medicato, criada em 1782 com o Físico-Mor do Reino e Médico da Câmara, Dr. Francisco Tavares e deputados José Correia Picanço, Largo de S. Roque nº 12, também Médico da Câmara do Príncipe Regente, e de outros, há em Lisboa cem médicos pouco mais ou menos, três cirurgiões-parteiros, além de muitos sangradores. «Anos antes do terramoto as sangrias não tinham conta, pois se davam às dúzias e aos quarteirões». Depois de 1777 chamava-se ao doutor, o físico (*Teatro de Manuel de Figueiredo*). Já os médicos, a não ser na província, deixaram de andar «vestidos de preto, com capa, e volta, montados em uma grande mula ou macho, poucos tinham sege. A primeira disposição em casa, logo que havia doente, era preparar a bandeja de prata, se a havia, que sempre estava manada no caixão da Índia; muitas ataduas enfeitadas, chuleadas com retrós de varias cores, azul, amarelo, e encarnado pela maior parte, e se a viúva moça, de preto ou cor de viola, que é sufrágio por alma de quem Deus tem!» No fim do século os médicos de maior fama são o Tamagnini, o Dr. Salazar, o Dr. Soares e o Dr. Cornélio, e o primeiro cirurgião da época Manuel Constâncio, lente de Anatomia, que ainda vivia em 1816 com 90 anos de idade. *Instruções para um doente*; «P. o dia 20: Uma hora caldo, outra remédio da mistura salina (1 colher de sopa). Se rejeitar o remédio (e não vomitar ordin.) usará do branco na conformidade do que ontem se estabeleceu. Cáustico fraco por 2 horas, nas costas corresponde ao sítio do estômago. Mesinha de 3 em 3 horas, na quantidade de um copo de 3 ao quart.º» Número de boticas em Lisboa em 1805 – 102. «Tomavam-se banhos de mar em Caxias onde iam vários criados do Paço tomá-los». (*Machado de Castro, Ms.*)

Por 1780 e tal vem a Lisboa assistir aos últimos momentos de sua amiga Fanny Blood, a *mãe do feminismo*, a linda inglesa Mary Wollstoncrupt, autora da *Reivindicação dos Direitos da Mulher*. São numerosos os autores de folhetos de péssimas traduções de francês de contos e novelas, «que pilhando por inteiro e de contado a assinatura já ao segundo mês faltavam». Todos estes literatos das dúzias se detestam. Há muitos livreiros franceses e o José António da Silva, na Praça da Figueira, o Domingos José Fernandes de Aguiar, da Rua da Ribeira Velha, o Tomás José da Guerra, defronte do Colégio dos Nobres, e Luís José de Carvalho, nos Paulistas, etc., etc. Publica-se por 1803 com grande sucesso a *Heroína Americana* e a *Ilha Incógnita ou as Memórias do Cavaleiro de Gastines*; em Março de 1807 a *História Romana*, e o *Prognóstico dos Quartos da Lua*, obra muito útil aos lavradores – dizem os padres de S. Vicente; em Abril (já Napoleão preocupa o país) a *Vida de Napoleão Bonaparte* e a *História de Bonaparte*, 4 vol.; em Maio *Leandro ou o Pequeno Casal no Meio dos Bosques...* É pouco lida a *Gazeta de Lisboa* que traz notícias resumidas do que se passa

lá fora. Todos os jornais do tempo são assim, como a *London Gazette*, o *Daily Post*, o *Daily Journal*. Quando muito, os melhores, publicam artigos de moral ou de sátira. As comunicações com o estrangeiros são difícilísimas. Os causídicos nos seus gabinetes ditam, passeando, ao escrevente esfaimado, apontados de Bártolo, Baldo, Cujácio e Pegas, «pedindo depois dez moedas ao procurador pelos artigos do libelo». Em Fevereiro de 1795 publica-se o aviso coibindo a dissolução dos jogos de parar. Outra praga é a sodomia: nem o Conde de S. Vicente, que comandava os guardas-marinhas, se livra da pecha... Vive-se, morre-se. Vêm os herdeiros e os clérigos, o coche do Lagóia chega, e um poeta famélico, debruçado sobre o caixão, desesperado e pertinaz, diz os últimos versos ao defunto.

As modas são complicadas e grotescas. Ao faceira sucede o peralta, como à França sucede a sécia. Ao homem de «braços d'arame, luvas de manápula e chapéu de três Ventos empoleirado no sovaco esquerdo», e que ouve a missa de costas para o altar («o legítimo Faceira tem as suas nesgas de heresia, se picar o peixe mulher e lhe há lançado a isca namoratória») sucede o peralta que fala em falsete e usa *moscas* de tafetá. Ambos vão às igrejas, ao lausperene, e depois ao namoro das janelas, «remetendo-se logo ao lenço que é o alcoviteiro das distâncias». No Rossio dizem lindas frases às moças «fazendo boquinha de jarro»; na comédia exclamam do camarote a respeito da actriz: – «Muito bem se põe esta mulher nas tábuas!» Ao penteado da França com trouxas e canudos, ao penteado de que fala Tolentino:

Eis senão quando (caso nunca visto!...)

sucede, creio que por 1805, a cabeleira da sécia, com os cabelos apanhados em fivelas de aço ou prata. Pouco a pouco a moda obriga a mulher a decotar-se até ao exagero. Por causa do escandaloso decote, Manique faz sair de um camarote do Teatro de S. Carlos a condessa de Ega. O chapéu é de palha, a meia cor de carne e de filó. Por 1800 os casquilhos já usam josezinhos Vermelhos, fivelas enormes à *maltesa*, lenço anilado e canudos caindo-lhes sobre as faces. A moda do sapato aguçado passou: tornam a ser redondos. A camisa é bordada. Na rua o janota anda a passos curtos «com meia vara de junco na mão e os olhos nas janelas».

Em 1807 há um tremor de terra violento, e em fins de Setembro do mesmo ano aparece um cometa que atemoriza toda a gente. Os padres de S. Bento comentam: «Inda que num século ilustrado, crítico e das Luzes sejamos obrigados a discorrer livres de preocupações dos tempos de superstição»... o POVO crê que nova dinastia virá reinar em Portugal.

Toda a gente sente a guerra próxima. Em Setembro diz o *Dietário*:

«O que por ora podemos decerto assegurar é que vamos sentindo os efeitos de uma guerra próxima. O papel moeda tem o seu crédito em desconfiança, pois está o rebate a 30 por cento; o bacalhau subiu consideravelmente de preço e custa a achar; as tropas estão em movimento... Em suma tudo está em fermentação nesta terrível época.»

Dir-se-ia na verdade – diz Novicow – que «a única ambição dos governos antigos era reinar sobre a aparência de seres. Parecia que tinham ódio à vida e que o seu sonho mais querido era o nada e a morte. Viver significa pensar, sentir, querer. E quanto mais vibrante é o pensamento, mais profundo o sentimento, mais ardente a vontade e mais rápida a acção – mais intensa é também a Vida.» A futilidade, a corrupção, a obscenidade, a ignorância, as modas – resultam de um ridículo governo de opressão: desde que se não respire o ar amplo da liberdade, não pode haver ideias e sentimentos justos. O povo corrompe-se. As árvores só nos montes se desenvolvem com grandeza. Tudo se deforma: a ideia de Deus, e constroem-se templos inúteis; a arte, que logo se

ossifica em fórmulas ou irrompe na obscenidade.

Há no livro de Laura Junot uma frase que toma extraordinário relevo entre tanta ninharia: «Nunca o governo, que é o culpado da decadência da sociedade portuguesa, soube tirar partido de um impulso ou de um sentimento generoso. Ao contrário: se aparece, recalca-o. Camões é desconhecido na sua pátria.» Íamos asfixiar quando a tempestade napoleónica derrubou tudo, e pelas janelas arrombadas, que não se abriam há séculos, entrou o ar a jorros na casa saqueada e revolvida...

## VI – OS FRANCESES EM LISBOA

De Abrantes Junot abala sobre Lisboa com 6000 homens escassos quando lhe consta que a família real foge para o Brasil. Escreve ao ministro da Guerra para embarçar o embarque e diz-lhe: «Não forcem o meu exército a disparar as espingardas. Dentro de 4 dias estarei em Lisboa.» Atravessam a Golegã encharcada com as calças e a espingarda à cabeça e a fralda erguida. A 27 dorme na Golegã: já nem 3 000 homens lhe restam. A 28 fica em Santarém, de onde expede Hermann a toda a pressa com nova carta. Nesse mesmo dia no Cartaxo acordam-no altas horas da noite: – a família real embarcara na Véspera. Salta da cama aos urros: – *Sacrement et tonnerre!* Quer partir. Fora um dilúvio: a Ventania revolve a escuridão; a lama chega ao peito dos cavalos. Manda acordar o resto dos soldados. Explicam-lhe: a esquadra não pode fazer-se à vela com semelhante tempo. No dia seguinte dorme em Sacavém, onde chega às 10 horas da noite com alguns homens exaustos. Chove a cântaros. Que é do exército? Perdeu-se no dilúvio e nas estradas: dispõe de 1500 homens. As sentinelas dão pelo avanço dum grupo. É a deputação da regência: o tenente-general Martinho de Sousa de Albuquerque e Alte, o brigadeiro Francisco de Borja Garção Stockler e com eles um esquadrão de polícia para guarda de honra de Junot; são em nome da maçonaria Luís de Sampaio Meio e Castro, conhecido depois por Sampaio da Lapa, Diogo José Vítor de Abreu, José Joaquim de Sampaio Melo e Castro e Francisco Veloso. Dão-lhe notícias: a família real embarcou, na barra manobra uma esquadra inglesa com tropas de desembarque. E o povo? Tranquilo. Resta-lhe um milhar de homens a cair de sono e de frio. Da terceira divisão, nem da artilharia, nem da cavalaria, sabe notícias: perderam-se no caminho quase todos os oficiais de estado-maior. Chove torrencialmente. A inundaçãõ separa a primeira da segunda divisão e a comunicação com as divisões é-lhe absolutamente impossível. Em Lisboa estão alguns milhares de tropas, e a esquadra inglesa veleja na barra. Passa a noite a expedir ordens, e antemanhã abala de Sacavém com um milhar de granadeiros, sem um cartucho em estado de servir. Com mais um dia de marcha entrava em Lisboa sozinho. Rompe pela cidade com o bando em farrapos e a guarda de honra portuguesa, por entre a população boquiaberta, que o espera no caminho de Arroios, Intendente, Mouraria e Rossio. Os ministros dos bairros, vão de morada em morada mandando aprontar enxergões e cobertores. Forram-se logo de manhã, as esquinas de proclamações. «Meu amo envia-me para vos proteger. Eu vos protegerei.» O povo anda aos bandos pelas ruas. Às três da tarde um tufão – e ele de uniforme de grande espectáculo, coronel general de hussardos, seguido por oficiais com os dedos fora das botas e lama até à cinta, passa pelas ruas fazendo cortesias espalhafatosas. A esquadra? a esquadra? Vai longe. Da bateria do Bom Sucesso manda fazer-lhe fogo por desespero.

Aquartelam-se as tropas nos conventos de S. Francisco da cidade, nos Paulistas, no de Jesus, em S. Francisco de Paula. Aos frades expulsam-nos para a província. Primeiras medidas: fecha-se o porto, monta-se a espionagem, Delaborde é nomeado governador da cidade. Por decreto de 1 de Dezembro Hermann é adido à regência como comissário para mandar; por decreto de 3, administrador-geral das Finanças isto é, do Cofre. No país ignora-se a marcha, a fuga, ignora-se o Tratado de Fontainebleau. Em Mafra Eusébio Gomes escreve no seu diário:

No dia 30 entraram em Lisboa os franceses comandados por Junot, constava o Exército de 28 mil homens, apoiados por 11 mil Espanhóis e 62 peças de Artilharia: e ao mesmo tempo entrava pelo Minho um corpo de 10 mil homens Espanhóis, e pelo Alentejo entrou outro de 6 mil homens. Acompanhava o Exército francês muitos generais Franceses, tais como Loison, Delabord, Kellerman, Thomier, Thiébault,

Delagarde, Murgaçon, Quesnel, Solignac, Maurin Pilé e outros mais.

Neste dia 30 houve um grande temporal, tanto no mar como na terra, e seria longo descrever os estragos que causou, e em Mafra foram eles mui grandes, pois como era dia de feira as barracas foram todas destruídas, causando muitos prejuízos e o mesmo aconteceu em Lisboa.

Dezembro 8. Neste dia chegou a Mafra uma divisão dos franceses. composta de infantaria, Cavalaria, um parque de artilharia, que no dia seguinte se dividiu por Torres Vedras e Peniche, ficando aqui o Quartel General. Na entrada os oficiais encaminharam-se para o Palácio, e como achassem fechada a porta que no fim da escada larga dá entrada para o Palácio, mandaram chamar o Guardião, este veio logo, mas como ele não tinha as chaves do Palácio, não podia mandar abrir as portas: então o Lagarde encolerizado deu uma bofetada na face do Guardião, e este com toda a humildade ofereceu a outra face, com que o perfídio Lagarde ficou inteiramente confundido, e deu mostras de estar arrependido da indigna acção que praticou.

Aquartelados os franceses no Palácio e Convento, e os oficiais pelas casas da vila, marcharam dois dias depois os que foram para Torres Vedras e Peniche, e ficou aqui o resto comandados pelo General Loison, que se portou honrosamente com os frades e com a gente da vila: a ponto de não consentir que saísse do Convento mais nenhum dos Religiosos que ainda encontrou, que eram 20, porque os mais que havia, já todos se tinham retirado para os diferentes conventos de sua ordem, e estes 20 que aqui achou foram por ele General respeitados, e lhes mandou desde logo abonar rações de comida enquanto aqui se conservaram franceses, que foi até à capitulação depois da Batalha do Vimieiro. Num destes dias foi o Loison para Peniche.

A 1 correrá que os ingleses tinham desembarcado em Peniche, ainda Junot só dispõe de uma divisão... Nos cafés barulhentos anda de mão em mão uma caricatura: o Príncipe Regente com cabeça de burro. Junto recusa os palácios que a regência lhe oferece, e instala-se no de João Pereira Caldas, que o trata com esplendor. Apesar disso recebe do senado da Câmara 12000 cruzados por mês<sup>64</sup>, para seu sustento. Thiébault é acolhido em casa do seu compatriota, Ratton, que lhe devia dar informações preciosas.<sup>65</sup> Delaborde apodera-se da Bemposta e mais tarde muda para a casa de António Araújo. Nas ruas são corridos pelos soldados alguns frades e familiares do Santo Ofício. Fala-se no temporal do dia 1: o mar crescera 12 palmos. Presságio, Patrulhas da Polícia Real aquietam o povo. As velhas queimam alfazema para afugentar os jacobinos. A Igreja, para quem Bonaparte é por enquanto um *segundo Cristo*, recomenda, que se recebam os franceses como irmãos. Recomenda-o o Inquisidor, a figura trágica de D. José Maria de Meio (22 de Dezembro de 1807), que ainda há meses queria que se excomungassem sem excepção todos os franceses; recomenda-o o bispo do Porto (18 de Janeiro de 1808), o patriarca de Lisboa (10 de Dezembro), o bispo de Lamego (22 de Dezembro).<sup>66</sup> O nome de D. Maria é substituído nas preces pelo de Napoleão, e até o atrabiliário Agostinho de Macedo

---

<sup>64</sup> Ver a nota no fim do capítulo.

<sup>65</sup> Outro dos seus informadores foi depois Domingos dos Santos Morais Sarmiento, o célebre Sarmiento como lhe chama a polícia, que tinha estado preso por fabricar papel-moeda falso e que Thiébault empregou na sua secretaria.

<sup>66</sup> Diz um. o de Lisboa:

– ...«lembrai-vos que este exército é de Sua Majestade o imperador do Franceses, e rei d'Itália, Napoleão o Grande, que Deus tem destinado para amparar a religião e fazer a felicidade dos povos: vós sabeis, o mundo todo o sabe. Confiai com segurança inalterável neste homem prodigioso, desconhecido a todos os séculos, ele derramará sobre nós a felicidade da paz, se vós respeitardes as suas determinações, se vos amardes todos mutuamente, nacionais e estrangeiros, com paternal caridade...»

Diz o do Algarve:

«Lembrem-se que este exército é de sua majestade o Imperador dos franceses e rei d'Itália, Napoleão o Grande, que Deus tem destinado para amparar e proteger a religião e fazer a felicidade dos povos. Confie com segurança neste homem prodigioso, desconhecido de todos os séculos: ele derramará sobre nós a felicidade da paz, se respeitarem as suas determinações, e se se amarem todos nacionais e estrangeiros, com paternal caridade»...

É a vergonha em circular.



Pregava bondades  
De Napoleão...  
Dizia o velhaco  
Sem mais confusão,  
que as ideias respeitassem  
De Napoleão.

A 4 de Dezembro é nomeada uma junta presidida por Quintela para arrecadar o imposto de 800 contos lançado sobre os comerciantes.<sup>67</sup>

A 5 ao romper do dia publicam-se editais confiscando os bens aos ingleses e proibindo a caça e o uso de armas de fogo.<sup>68</sup>

Para sossegar o clero, é espalhada em Lisboa no mês de Janeiro de 1808 a *Proclamação de Sua Majestade o Imperador dos franceses e Rei de Itália dirigida aos curas da cidade de Milão, traduzida do espanhol, para glória do Autor e universal edificação de todos os Fiéis Cristãos*: «Bem tenho desejado poder-vos ver aqui todos juntos para ter a satisfação de vos dar a conhecer pessoalmente, os sentimentos que me animam a respeito da Religião Católica, Apostólica e Romana. Persuadido de que esta Religião é a única que pode encaminhar para uma verdadeira felicidade, uma sociedade bem organizada e firmar bases de um bom governo, dou-vos a minha palavra de honra de que me esforçarei com todo o cuidado pela proteger e defender em todos os tempos e por todos os meios. Ministros desta Religião eu os considero meus amigos e até declaro que todo o que fizer o mais pequeno insulto à nossa Religião comum e que tiver

---

<sup>67</sup> Ratton conta o caso assim:

«Na manhã do dia 3 de Dezembro de 1807, se bem me lembro, fui chamada com os principais negociantes nacionais de Lisboa, em nome dos Governadores do Reino, à presença de estes, junto aos quais se achava sentado Mr. Hermann, que antes havia sido Coronel General de França em Portugal, e que o General Junot tinha adjunto aos mesmos Governadores, e depois criou Ministro da Fazenda. Aí nos foi dito que éramos chamados para concordar entre nós em o meio de haver a título de empréstimo dous milhões de cruzados em metal, para prover às urgentes necessidades do Exército Francês: cujos milhões deveriam irremissivelmente entrar na caixa do Pagador do mesmo Exército dentro dos 12, 15, e 18 dias sucessivos sob pena de execução militar: declarando-se-nos que esta soma seria levada em conta no último pagamento da contribuição geral de 40 milhões de cruzados que o Imperador dos Franceses exigia de Portugal. Ordenou-se-nos outrossim da parte dos mesmos Governadores, que no quarto imediato conferenciássemos sobre a eleição de um certo número de Comissários incumbidos desta diligência em nome do próprio Governo, assim como também da escolha de um lugar para as conferências e recepção do dinheiro, e que voltássemos dentro a declarar o nome dos Comissários, e lugar escolhido, para que logo se lavrassem as ordens, e autorização necessárias. O que assim se efetuou, e ficaram eleitos para comissários o Barão de Quintela, António Francisco Machado, Luís Monteiro, António Martins Pedra, Jacinto Fernandes da Costa Bandeira, Jacome Ratton e Francisco António Ferreira, cuja casa se escolheu para as conferências e recepção do dinheiro, por ser a mais central. Naquela mesma tarde, e noite principiaram as conferências, e continuaram quase sem interrupção até se concluir tudo: fazendo-se um mapa das pessoas que pareciam ter mais dinheiro disponível, e a quem fosse menos prezado o desembolso: apontando a cada uma a quota parte com que poderiam entrar: e com efeito custou a completar-se o empréstimo dos dous milhões em tão curto espaço de tempo, sendo preciso carregar aos próprios Comissários, e outras pessoas somas maiores do que na verdade deveriam ser se houvesse mais tempo. Esta comissão afectou bastante a minha saúde, tanto pelo trabalho aturado, como pela impressão que me faziam as lamentações de quase todos os infelizes que foi preciso incluir no mapa. e aos quais se não podia dar outra consolação mais do que a fraca esperança de virem a ser reembolsados do excesso que houvesse quando fossem catados na contribuição geral dos quarenta milhões de cruzados que se tinha anunciado.»

<sup>68</sup> E começam as queixas... O juiz de fora do ordinário e outros representam contra o grande estrago que fazem nas searas as perdizes e coelhos; os lobos e as raposas devastam também os campos. (*Livros da Intendência*).

o atrevimento de tratar as vossas pessoas sagradas com o mais leve ultraje será punido com a pena de morte.» O próprio Junot, depois de examinar a certidão do livro de matrícula dos oficiais do regimento de Lagos, continua a dar o soldo a Santo António, tenente-general do exército...

José de Seabra da Silva fora procurado por Junot; Lucas de Seabra da Silva, todo de Lagarde, rasga pasquins <sup>69</sup>, proíbe o jogo, transmite ao general os rumores da cidade além de o ir pessoalmente informar todos os dias como se vê dos livros da Intendência:

Dezembro 3 – No princípio do mês há várias desordens em diferentes pontos e observa-se fermentação na Infantaria da Legião e uma disposição d'espírito que pode ter funestas consequências. – 4 de Dezembro (aos governadores do Reino) – Os Ministros Criminais, o brigadeiro Matias José Dias Azedo distribuem os boletos dos oficiais. – Os moradores de Vila Franca de Xira abandonam as casas saqueadas. os celeiros estão exaustos, os gados desapareceram para municiação das tropas». O Intendente diz que da agricultura daqueles campos depende em grande parte o fornecimento da capital. – Os Generais Franceses fazem requisições de diversos objectos, que dizem ser indispensáveis para boa profusa. e lauta mesa, e para a sustentação dos seus domésticos, como se manifesta das inclusas contas, e requisição. A multiplicidade de tais objectos fazem boa despesa considerável: não se tem até agora designados donde devem sair; e ninguém se presta à venda dos géneros, sem que se lhe indique a certeza, e modo de pagamento.

Dezembro 4 – Propõe que os ingleses, compreendidos no aviso de 3 que forem presos, vão para o Hospital da Nação inglesa, sito na travessa dos Ladrões.

Os ministros dos Bairros recebem ordem no princípio de Dezembro para fazerem os inventários dos Palácios de SS. AA. etc., e de algumas outras pessoas.

Dia 9 de Dezembro – Sumário das operações relativas ao seu cargo praticadas no dia d'ontem, 8 do corrente: Mandaram-se conservar fechadas todas as casas de jogo à excepção das de bilhar, por serem estas exceptuadas pelo senhor general Delaborde. Ordenou-se a todos os ministros da Corte, que todos os dias até ás onze horas da manhã dessem conta de todos os acontecimentos que ocorressem nos seus Bairros e notícia de todos os rumores que circulassem com declaração de lugares, pessoas e mais circunstâncias. Foi ordem a todos os Ministros Criminais para que no mesmo dia remetessem à Intendência Relação dos que acompanharam o Príncipe do Brasil, em cumprimento doutra ordem antecedente. Repetiu-se a ordem de prisão e sequestro nas pessoas e bens dos vassallos da Grã Bretanha. Dia 10 – Dá a S. Excelência parte de diversos barulhos e roubos. No dia anterior remeteram-se ao conselho da regência alguns Inventários dos Palácios de Suas Altezas e doutras pessoas que os acompanharam para o Brasil. Já estão presos seis ingleses e outros prisioneiros sob palavra de honra «segundo as modificações de Mr. Hermann.» Etc.

No dia 12 Junot passa a ser tratado pelo intendente da Polícia por Meu Senhor. António de Seabra da Stiva não tardará a propor que o retrato do Príncipe Regente seja substituído nas lojas maçónicas pelo de Napoleão. À pressa Godoy manda cunhar em Madrid a nova moeda: *Emmanuel Primus Algarbiorum Dux*. Ega escreve-lhe:

A Godoy, sem data.

*Mui senhor meu e estimado amigo:*

Esta qualidade deve aumentar a nossa confiança; e nesta certeza só te direi que todas as minhas persuasões nada bastaram a que o Príncipe do Brasil deixasse de dar o passo mais desacertado abandonando Vassallos Fiéis e constantes e entregando-se ao partido vil vendido à Inglaterra cuja política vejo extinguir no continente mais boa Dinastia Reinante: Bem podes julgar quanto me terão sido penosos estes momentos de perturbação e desassossego, e demais separada m<sup>a</sup> família que ainda aí se conserva; mas tenho como espero em ti o amo Sincero e verdadeiro que fará por mim tudo quanto tenho procurado merecer-lhe, e por soa intervenção contando com a Augusta beneficência de S. S. M. M. C. C. a Seus Reais pês rogo queiram prestar-me o seu Soberano favor e atenção nas circunstâncias penosas em que me

---

<sup>69</sup> Desde 19 de Dezembro que surgem nas esquinas os pasquins e proclamações. No dia 19 de Dezembro de 1806 aparece a primeira proclamação dos Ingleses. É um protesto contra a invasão e uma ordem para proteger os navios portugueses.

vejo abandonado e sem a mais pequena contemplação pelo meu Soberano a quem servi com o maior disvelo 23 anos sucessivos.

.....  
(Borrão).

Continua a desarmar-se a nação. Distribuem-se tropas pelos arredores. Marcha um batalhão para Elvas, outro para Almeida. A 1ª divisão (Delaborde) fica em Lisboa; a 2ª (Loison) ocupara Sintra, Mafra, o litoral até ao Mondego; a 3ª guarnece a barra e defende o porto. Uma divisão espanhola (Solano) estabelece-se em Setúbal, vigia o Alentejo e o Algarve; outra (Taranco) atravessa o rio Minho e marcha sobre o Porto. Domina o país um exército de cinquenta mil homens, mas em que estado!...

Da marcha atroz, do jacto de dor – lama, chuva, espanto – resta um número: 1 700 homens desaparecidos. – Abatem-se no mapa. Da divisão de Delaborde resistiram à marcha 1500 soldados: dos 140 homens de algumas companhias contam-se 15; da brigada Brennier, que saíra de Baiona com 3600 homens, não chegam 300 a Lisboa. O resto, exausto e sem fala, vem no fundo das barcaças pelo rio abaixo – carga, lixo, sarna. Três semanas depois, só a custo se chega a juntar metade do exército.

Lisboa mudou de aspecto, com os oficiais que correm as ruas. Alguns tipos fixou-os o povo em motejos e ditos. Lagarde é *monsieur Lagarto*. Junot fá-lo intendente da Polícia, e ele, no palácio da inquisição, de quem toma conta, dispõe de centenas de espíões – até mulheres diz-se – e sabe tudo que se passa em Lisboa: dirige a *Gazeta*, impõem-se aos corregedores das províncias, é enfim a Ordem, com seiscentas *moscas*, muitos dos quais portugueses e alguns com a hábito de Cristo. O povo chama-lhe judeu e diz baixinho que entaipa gente viva nas muralhas do palácio... Abre as cartas suspeitas o

..... careca,  
que Intendente se fez sem vara ou beca.

Manda notícias falsas para o jornal. No suplemento ao nº 22 da *Gazeta* afiança que os ingleses apenas dão ao Príncipe Regente «uma xícara de chocolate de manhã e um pedaço de pão mais pequeno que o que a Misericórdia fornece aos presos de Lisboa». Prost é um janota de botas de baile, vermelhas e doiradas. Aparecem às vezes, entre o clamor e o sangue, destes pintalegretes. Brennier é anão, e zarolho o seu companheiro Taviet. O peralta Jathomiers, que mede não sei quantos palmos de altura, tem cara de comilão. Donance, coronel director do parque de artilharia, velhote de sessenta janeiro, faz, apesar de carrancudo e feroz, prodigiosos destroços nas moças da Fundação de Cima. E mais, muitos mais: o elegante Bagneri, subchefe de estado-maior; o coronel Ronyer, pobre de espírito, que um dia entra em casa de Ratton como um pé-de-vento: – Inventei enfim as praças inexpugnáveis!; Avril, um velho, o mais velho de todos; Geoffroy Saint-Hilaire, que quer reformar a Universidade, e que Napoleão mandou a Lisboa com a missão de rebuscar objectos de história natural que enriquecessem a colecção de Paris; e o literato Carrion de Nizas, tradutor do *Inferno* e da *Jerusalém*, coscuvilheiro e poeta; Solignac, militarão vulgar, gabarola de espadalhão a rasto, carácter desigual e violento, que se roja aos pés de Junot, quando este lhe diz insolências e que mais tarde o deprime ao encontrá-lo na desgraça; Kellerman, excelente oficial, ladrão admirável, que deixa 80000 francos de renda, e que explica com sincero espanto, quando alguém se atreve a reclamar contra os roubos que praticou

em Valadolid: – Então esta gente imagina que passei os Pirenéus só para mudar de ares?!; Delaborde, o supra-sumo da ladroeira, francês que

...por certo engano  
Por um triz não nasce italiano.

O tenente Deouville, que no primeiro motim de Lisboa carrega o poviléu e corre a casa de Ratton a mostrar às mulheres espavoridas o sabre ensanguentado; o tenente Boilleau, músico, adorado pelos seus homens, bravo até à temeridade.

A uns são os literatos que lhes fazem o retrato, tal Berthelot, recebedor-geral do Erário:

Um feliz Berthelot, hontem caixeiro,  
Que de cor aprendeu a tabuada,  
Que sabe que um é um, que cifra é nada.  
E conta afoito um saco de dinheiro...

De três em três degraus com pé ligeiro  
Grosso rolo na mão, saltando a escada.  
De pantalona e bota envernizada.  
Ermo topete à lesta sobranceiro...

Segue-o Bernard, o intérprete:

Brinco na orelha, voz de seminário...

O culto Foy, um filho do primeiro matrimónio de Madame Tallien, Thiébault, o *Tio Bolas*, que teima nas *Memórias* pela sua completa isenção, e que Napoleão recomenda a Junot nestes termos singulares: «Cuidado com ele. É um homem pouco delicado que apanhou muito dinheiro em Fulde: não o perca de vista.» E para terminar, Loison, que Thiébault define *habile homme et mauvais chien*, o feroz *Maneta*, que só por si dava uma monografia:

Entre os títeres gerais  
Entrou um de génio altivo.  
Que ou era o Diabo vivo  
Ou tinha os mesmos sinais...  
Aos alheios cabedais  
lançava-se como seta,  
Namorava branca ou preta.  
Toda a idade lhe convinha.  
Consigo três Emes tinha:  
Manhoso. Mau e Maneta.

Logo de princípio todos eles abusam e Junot vê-se obrigado a mostrar o seu descontentamento:

A polícia continua as suas informações. Delas se depreende o estado do espírito público:

11 de Dezembro – Morrem 3 e 4 soldados franceses por dia no hospital da Estrela. Abrantes está exaurido: pede recursos para o hospital de 300 camas que ali se estabeleceu. – 12 de Dezembro o general

Delaborde não consente que se faça o inventário em casa de Araújo quando lá se apresenta o corregedor do cível António Gomes Teixeira para cumprir as ordens que recebera. É necessário uma ordem assinada por Junot. Junot passa a receber directamente todas as informações e é tratado por *Mero Senhor*. – 13 de Dezembro – Há desordem em Belém das 8 para as 9 da noite: um bando de criados das cavaliças do Príncipe do Brasil» apedreja a sentinela que estava à porta do coronel do Regimento nº 86. É preso o cabeça de motim Martins Rolão. Na calçada do Carmo um francês mestre de música arromba a porta de uma meretriz. Acode a guarda de Polícia, que estava à porta do Conde de Novion e o francês puxa do sabre. Um oficial de milícias português tira-lho, enquanto outros soldados franceses lhe dizem – Não largues! não largues! Concorre o povo e esteve para haver desordem.

Expedem-se ordens para haver em cada rua um homem (um espião) que delate aos juizes dos bairros todos os acontecimentos e sucessos do dia antecedente.

Estão presos 5 – ingleses, 2 irlandeses e 1 maltês.

Dezembro 14 – Segundo a nota dos governadores do Reino, a plebe anda desatinada. Sucedem-se os motins.

Dezembro 14 – (a Junot) Na Praça do Comércio a desordem começa por os populares insultarem os franceses por causa dos cavalos. Um oficial francês distribui pranchada. Acodem soldados de Polícia, prendem-nos os soldados franceses. Concita-se o povo. Acode a guarda de Polícia. As pessoas dispersas encaminham-se para o Rossio, onde gritam.

O povo junta-se aos ranchos pelas ruas. No largo do Loreto a tropa descarrega as armas e mata uma mulher. No cais do Tojo uma bala, disparada pelos granadeiros do 47, mata Narciso Manuel de Lima. No bairro de Belém a tropa francesa dispara sobre a multidão e há feridos. Em Alfama é atravessado por uma baioneta um rapazito.

De manhã o povo amotina-se de novo no Terreiro do Paço e no Rossio, quando os soldados querem prender um paisano Há mortes. «Por todas as indagações a que tenho procedido se conhece que nesta desordem não tem entrado senão pessoas da plebe, oficiais mecânicos, a quem a suspensão dos trabalhos de que viviam tem posto em necessidade; rapazes e homens dispostos a todos os acontecimentos de semelhante natureza; e a quem tem parecido mal algumas violências praticadas por soldados franceses, como tem sido haverem entrado ontem mesmo, em tabernas e cafés a comer, e beber sem pagar, e haverem insultado alguns portugueses.»

«Neste instante chegam à Casa da moeda 29 caixões de prata que vêm remetidos de Coimbra.»

Dia 15 – Há sossego por causa das patrulhas dobradas. Alguns soldados são ainda assaltados pelo povo. Delaborde manda fechar todas as tabernas às 5 horas da tarde. O Intendente amplia esta ordem aos cafés.

É que a 13 de Dezembro, já passado o medo dos Ingleses e das tropas portuguesas, que tinham sido mandadas para fora de Lisboa, substituíra-se com aparato a bandeira portuguesa pela francesa. Deu-se um banquete a que assistiram os governadores do Reino. Só o povo se amotina nas ruas. Na Praça do Comércio um magote assaltara as sentinelas. Depois correram ao Largo do Quintela. Junot brada aos lívidos convivas: – Desgraçados dos que se atrevam a conspirar! Os senhores respondem-me pelos excessos que o povo cometa. Vamos a S. Carlos! – A canalha morre, e no outro dia, apesar do sol claro, mostra uma estrela luzindo no céu... Mais papéis nas esquinas. «Eu os conheço (aos chefes), eles pagarão com a sua cabeça o insulto, etc.»

Que falta? Desarmar a nação. Por decreto de 22 de Dezembro – e os generais Solano e Taranco por decretos de 31 – ordenam que os 24 regimentos de infantaria portugueses sejam reduzidos a 6. e os 12 regimentos de cavalaria a 3, formando assim a Legião Portuguesa, que, depois (fins de Março), parte para a França.<sup>70</sup> No princípio de Janeiro a esquadra inquieta os franceses: dão-se ordens para que os pescadores não comuniquem com os ingleses. A 11 de Janeiro dissolvem-se as milícias e mandam-se recolher as armas a depósitos: no fim do mês corre a notícia do fuzilamento de um homem em Mafra; a 1 de Fevereiro com as tropas nas ruas e bocas de fogo nas esquinas, Junot dissolve enfim a regência. É o último golpe. Entra no palácio da inquisição de chapéu na cabeça: seguem-no os oficiais, o estado-maior, Hermann, o séquito. Os

---

<sup>70</sup> *Observador Português*. Dia 1 de Janeiro de 1808.

governadores erguem-se num sobressalto e ele de pé, junto à mesa lê à pressa um papel que os outros mal atendem. É a última ficção que se esvai, o fim de Portugal como reino, outra regência nomeada. Ninguém dá por Hermann entre as fardas aparatosas - e Hermann é a mola-real do governo a que Junot preside: o resto são bonecos: é Lhuite, ministro da Guerra, Venez Vaublanc, o Principal Castro, Meio Breyner, o conde de S. Pato. Fora a artilharia salva: «o Bragança acaba de reinar em Portugal». – Mais papéis, mais papéis: promessas de administração, de canais no Alentejo, um Camões para a Beira, um Camões para o Algarve, e logo a 2 esta realidade: o decreto de Napoleão, datado de Milão aos 28 de Dezembro de 1807, em que impõe ao país a contribuição de 40 milhões de cruzados, como resgate das propriedades particulares, e a aplicação do decreto dizendo que Portugal será dessa data em diante administrado em nome do Imperador dos Franceses. O grande homem, a quem os papéis nunca detiveram, faz do Tratado de Fontainebleau um farrapo. Aí está outra vez sem coroa a pobre rainha de Etrúria; lá vai o principado de Godoy; inútil a moeda nova acabada de fundir em Madrid, *Algarbiorum Dux* de um lado e do outro a vera efigie do amante de Maria Luísa. Talvez por essa ocasião distribuem-se em Lisboa estes versos resignados:

#### AS NOSSAS AFLIÇÕES

É chegado a Portugal  
O tempo de padecer,  
Se te oprime a cruel França  
Sorte melhor hás-de ter.

Portugal não é vencido;  
Foi entrado por destino.  
O que será dos Franceses  
Está no Decreto divino,

Não entraram por capricho  
De quem tem maior poder:  
Decretos da Providência  
Não se podem compreender.

Os decretos Soberanos  
Altamente concedidos,  
Faltarão os Céus e a terra  
Mas eles serão compridos

Quer Deus que sem resistência  
Cumpramos a soa vontade,  
Té que chegue um certo dia  
Da sua eterna bondade.

Sem sangue entrarão Franceses  
Porque Deus lhe abriu as portas,  
Portugal neste conflito  
Suas forças sentiu mortas.

Com a fome, peste e guerra  
Castiga Deus os pecados:  
Soframos com paciência  
Castigos por Deus mandados.

Aceitemos os castigos  
Vindos da mão de quem vem;  
Porque quanto Deus ordena

Se converte em nosso bem.

Portugal respeita a França  
Que sobre a terra tem mando:  
Não uses do teu valor  
Té que Deus te diga quando.

Cumpram-se as leis de França  
Carregue mais seu poder.  
Com sofrimento e humildade  
Havemos tudo vencer.

Um reino santificado  
Por Cristo, seu Rei Eterno.  
Contra um tal Reino não pode,  
Contra um tal Reino não pode  
Prevalecer o Inferno.

Conservemos sempre a fê  
Amando Deus sobre tudo  
À Conceição de Maria  
Ficará o Inferno mudo.

Quem for Cristão verdadeiro,  
Viva em santa e firme lei.  
Esperando em Jesus Cristo  
Nosso Deus, e nosso Rei.

Não se percam bons costumes  
Da Santa Igreja Romana;  
Adorando as naturezas  
De Cristo divina e humana.

Portugal sempre ostentou  
A lei de Cristo, sem erro  
Por muitas vezes venceu  
A pena do seu desterro

Tremulem gábias Bandeiras  
Nessas torres e castelos,  
Que as bandeiras Portuguesas  
Terão triunfos mais belos.

Não nos importem Franceses  
Nem o que podem fazer;  
Ofereçamos a Deus tudo  
Esperemos em seu poder.

Não levantemos os olhos  
Nem oremos de rebeldia  
Que só Deus da noite escura  
Cabe fazer claro dia.

Não temais ó Portugueses  
Na vossa triste aflição  
Rendei corações contritos  
Sereis livres da opressão.

Para cousas de mais porte  
Tem Deus, Portugal guardado

De seu céu, e seu valor  
Será o mundo espantado.

Deus assim o permitiu  
Por destino assinalado.  
O Povo ficou nas penas  
Bragança segue seu fado.

*(Cópia de um ms. da época)*

Nos primeiros dias de Março os navios ingleses que bloqueiam Lisboa iluminam e salvam: chegara ao Brasil, depois de 39 dias de viagem a família real... A maçonaria já se mexe contra Junot. José Agostinho, perseguido pela polícia, esconde-se na Penha e exclama furioso: – Só vejo as esquinas forradas de papel! (Mais decretos e editais; o novo formulário, a que se refere o decreto de 17 de Dezembro) – Vem gente de França despachada para lugares. No Porto, Taranco não quer submeter-se às ordens de Quesnel.

No fim de Março parte para Salamanca a Legião Portuguesa.<sup>71</sup> Em Mafra o almoxarife Eusébio Gomes anota pacientemente no seu diário:

Fevereiro 2. Faz-se reconhecer Junot Governador de Lisboa e aboliu a Regência.

Fevereiro 11. Hoje cercou o Maneta Loison o regimento do Porto nas Caldas. desarmou-o e deu-lhe baixa e fez arcabuzar nove Portugueses inocentes.

Fevereiro 12. Morre o Patriarca.

Fevereiro 14. Esta madrugada apresaram os Ingleses uma das canhoneiras com 60 homens de guarnição que estava defronte de S. José de Ribamar, e a levaram sem serem pressentidos.

Fevereiro 16. Fundearam em Cascais onze navios ingleses.

Fevereiro 17. Embarcaram muitas tropas para Alentejo e Elvas, e só ficaram 8:000 Franceses entre o Porto e Lisboa.

Março 9. Apareceu em Lisboa um ovo que tinha visivelmente as letras V. D. S. R. P. e fazendo-se experiência. não se pôde igualar. Correu isto mas não creio.

Março 18. Entraram em Portugal 4:360 homens mandados pelo Príncipe Murat que estava em Espanha.

17 de Dezembro (a Junot) – Continuam as prisões por motins: dão-se providências para o alojamento de 3 a 4 mil homens nos conventos da cidade. Já se participou aos prelados dos Caetanos, Dominicanos, Trinitários, Carmelitas, Camilos, Franciscanos de Jesus e Colégio dos Inglesinhos.

18 de Dezembro (a Junot) – Começam a aparecer pasquins. A polícia propõe a Junot que se desarme o povo ...«seria conveniente privar a plebe das armas que antes da criação da R. G. da Polícia, em 1801, eram obrigados a ter os homens de loja aberta para acudir em às brigas e desordens. Estas armas são denominadas chuços ...»

20 de Outubro. – «Hoje pelas sete horas da manhã apareceu fixado em uma das esquinas da Igreja de S. Roque» um pasquim incendiário...

*(O livro da intendência é interrompido a 31 de Março, para só recommençar a 21 de Setembro. Parece que Lagarde queimou todos os seus papéis antes de partir).*

As desordens com os soldados repetem-se. A 25 de Dezembro é encontrado um morto no alto de Santa Catarina. Em 26 de Dezembro há uma grande desordem entre franceses e operários. – Os franceses arrancam os cordões de ouro do pescoço das

---

<sup>71</sup> Um corpo de exército de 9000 homens, sob o comando do marquês de Alorna, tendo como 2º comandante Gomes Freire de Andrade, compreendia 2 divisões. Três regimentos de cavalaria constituíam uma brigada.



mulheres. – A esquadra inglesa é um fantasma que os inquieta. Amiudadas vezes a polícia informa Junot: eles desembarcam, eles apossam-se da Madeira...

Aqui e ali o sangue corre, Loison fuzila em Mafra Jacinto Corria. O país parece dominado.

Fortificados os pontos principais da costa, melhoradas as obras de Cascais e Torre; Almeida, Elvas e o Algarve guarnecidos; subordinadas de novo – Godoy é um cata-vento – as tropas espanholas (Março), fuzilados alguns desgraçados nas Caldas (Fevereiro) por uma estúpida rixa; Lagarde na polícia e a malha da espionagem lançada sobre todo o país (partira para o Porto o Mr. Perron, delegado da Polícia)<sup>72</sup> a delação premiada e uma caterva de aventureiros já despachados de França; a Legião Portuguesa com os nossos homens mais válidos para além de fronteiras – o duque de Abrantes ordena aos governadores, às ordens de Estado, magistratura. prelados, etc., que o vão cumprimentar. E marca a hora da recepção. Coroa a obra (Abril) um tribunal especial em Lisboa e Porto, destinado a punir os crimes contra a segurança pública. A sentença é executada em vinte e quatro horas. Junot tem efectivamente o país nas mãos. A Academia Real das Ciências pede-lhe a honra de presidir às suas sessões. Só o Núncio esperto, o Núncio todo mel, fugira num bote. disfarçado em pescador, para a esquadra inglesa (Abril), como conta Eusébio Gomes:

Abril 22. Fugiu o Núncio para a Esquadra fundeada defronte de Cascais.

Maió 2. Neste dia se sublevaram os Espanhóis contra os Franceses em Madrid.

Maió 6. Caiu um raio em uma fragata nossa em Lisboa, que matou o comandante francês, e levou a bandeira. Tremeu a terra levemente.

Maió 25. Caiu um raio na Capitania das Naus Russas que lhe levou o mastro do meio todo e matou 5 homens.

Maió 26. Esta tarde fui à Ribeira, quando vim, sempre a chover, e foi tanta a chuva cá para cima, que as estradas iam cobertas de água e em partes parava, sem ter onde pôr os pés, que todas as pedras iam cobertas de água.

Maió 29. Juntou-se o Clero, Nobreza e Povo na junta de 3 Estados para pedir Rei ao diabo da França.

Cada um, mesmo as figuras subalternas, segue entre as galas e a ópera, a sua própria ambição. Junot cisma em ser rei, Ega em ser ministro, Loison no oiro, Delaborde nos quadros... E o Geouffre todos os dias se curva mais fundo: – Vossa Alteza –. O general «mudou de natureza». Exige que lhe falem com reverência, seu ar é solene. Loison quando se junta com os outros que não o podem ver – enche-os de sarcasmos. Os Seabras intrigam e o velho jurista pondera e calcula...<sup>73</sup> Junot escreve à mulher, que a esse tempo vive na esplêndida Folié Saint-James, que o banqueiro Harinquerlot lhe alugara em 1808, dizendo-lhe que venha logo que possa. Para a França partira uma deputação que devia estar em Baiona entre 5 e 10 de Abril, com o fim ostensivo de pedir a Napoleão a redução do imposto com o fim oculto de lhe pedir um rei para Portugal. A um deles, a Resende, diz Seabra: – «O melhor que a sua deputação, senhor Marquês, tem a fazer para ficar imortal é ser impassível: e se eu não me engano

---

<sup>72</sup> Fora suprimido o conselho da regência. criado no conselho do governo para cada província nomeado um *corregedor-mor* (25 de Março), encarregado de dirigir todos os ramos da administração pública: para a Estremadura Mr. Pepin de Belliste, para o Alentejo Mr. Lafont, para Entre Douro e Minho Mr. Taboureaux, para a Beira José Pedro Quintela, e para o Algarve Mr. Goguet.

<sup>73</sup> O velho Seabra é sem dúvida nenhuma o autor do decreto e regimento dos corregedores-mores: o homem que a ocultas manobras pela realza de Junot. o inventor do fantástico conselho conservador de Lisboa. A família ajuda-o. Seu irmão Lucas de Seabra, quando Intendente da Polícia, devassa sobre os pasquins e serve de todas as formas o governo intruso. Seu filho António de Seabra é o autor da proposta para se substituir nas lojas maçónicas o retrato do Príncipe Regente pelo de Napoleão.

Napoleão em breve cai do trono por não ter há muito tempo caído em si.» O velho já hesita, já duvida... A 15 de Maio depreende-se em Lisboa pela leitura da *Gazeta*, que a deputação dos portugueses, todos escolhidos a dedo por Junot, obtivera que Portugal não fosse incorporado na Espanha. São de essa ocasião as duas cartas que seguem, uma de Ega, outra. modelo de servilismo, do bispo do Porto:

1ª (de Ega a Godoy)

*Sereniss. Señor*

*Mui Señor meu e estimadíssimo amigo: esta qualidade deve conservar e aumentar a nossa confiança e jamais afrouxar em pessoas que como nós sabem ser constantes quaisquer que sejam as circunstâncias que ocorram: Nesta certeza estava eu, mas faltava-me contestação a uma carta que te escrevi pouco depois da retirada da família real desta capital: mas agora sei que fora desencaminhada e que não chegara à tua mão, e por isso continuo sem sossego a buscar-te por este meio, para segurar-te minha verdadeira amizade.*

*Uma Deputação composta das primeiras pessoas da Nobreza portuguesa vai apresentar-se a S. M. o Imperador dos Franceses: o não ser designado membro dela me privou da grande satisfação que teria de ter-te nessa Corte; mas havendo nela ocupado «só o Emprego que exercitei junto de S. M. Católica me não era próprio a concorrência de muitos e esta estou seguro será a tua opinião.*

*Aqui estou e aqui conservo a memória das distintas honras com que S.S. M. M. Católicas me favorecerão, e que farão o meu eterno reconhecimento; rogo-te pois que a seus augustos pés ofreças os meus respeitos e os mais sinceros votos pela sua existência, Paz e felicidades. A Condessa te pede juntamente queiras ter a bondade de dizer da sua parte a S. M. a Rainha que ela tem presente na sua imaginação e impresso no seu coração todos os favores e distinções que sempre devera a S. M. e muito mais as expressões lisonjeiras com que a honrou quando se separou ultimamente da Sua Augusta Presença, e que espera igualmente que S. M. conserve aquela Benevolência que a Condessa procurou constantemente merecer-lhe, e que toma a liberdade de assegurar a Seus Reais Pés que tem o maior pesar de que as circunstâncias políticas a fizessem separar dessa Corte, que considera como uma nova Pátria. Estes são, meu amigo, os puros sentimentos de toda esta família.*

*Um amigo grato; um coração sincero e uma amizade sem interrupção me fazem apreciar sempre o tempo que tive a satisfação de achar-me mais perto de ti; de quem protesto ser*

*Fiel e verdadeiro amigo e respeitoso servidor q. t. m. b.*

*J. Ayres.*

*Seriníss.º Señor*

*Príncipe Almirante Generalíssimo.*

*Lisboa, 22 de Março de 1808.*

2ª (do Bispo a Napoleão):

«Sire: – A Deputação Portuguesa junto da Pessoa Sagrada de V.M.I. e R. acaba de transmitir a seus concidadãos uma carta, que preenche dignamente o objecto de sua missão, porém, que não aumentou a confiança sem limites que desde muito tempo eu trazia calculada com a grandeza e clemência incomparável de V. M. I. e R. Assim que as tropas francesas entraram neste Reino minha voz pastoral aquietou publicamente meus diocesanos e garantiu sua segurança, lembrando-lhes que uma nação pouco extensa, e além disto, dócil e submissa às leis, não oferecia outra glória ao grande Napoleão mais do que a glória de a fazer feliz.

«Por esta prática antecipei eu as seguranças de que foram depois órgão os deputados meus compatriotas. Tenho pois a gloria de haver antecipado, por ser o primeiro que anunciei aos Portugueses a benevolência de V.M. I. e R. que outra coisa não lhes pode dar que não seja segurança e felicidade.

«Eu os excederei ainda, se é que podem ser excedidos, nos sentimentos mais declarados de gratidão e respeito, que eu tenho a honra de transmitir, conjuntamente com os deles, à Augusta presença de V. M. I. e R., acrescentando-lhes as mais humildes e fervorosas orações, que por meu carácter episcopal sou obrigado a fazer pela conservação e glória de nossa santa religião católica, e as que o amor da pátria reclama.

«A pátria, órfã e incerta de quais seus destinos é infinitamente digna de atrair as vistas compassivas de V. M.I. e Real.

«Eu rogo o Deus, nosso Senhor, que haja em sua santa guarda a pessoa sagrada de V.M.I. e Real. Porto, 22 de Maio de 1808 (Assinado), António, Bispo do Porto.»

Houve iluminações até na província. Quem viria? Luciano Bonaparte ou Lannes? Dado o primeiro passo resta pedir um rei ao Imperador. O Ega não descansa. Todo o dia anda de sege, de porta em porta: – El-Rei Junot! El-Ret Junot! – Mal a ideia transpira, é logo combatida. Carrion de Nizas escreve para França e para os jornais estrangeiros notícias escandalosas acerca de Junot. Os jornais ingleses publicam que ele tem um «amor a três e nada platónico». Souci, ajudante-de-campo de Kellermann, de braço dado com Carrion de Nizas e outros achincalham o novo pretendente à coroa; o negociante francês Verdier, Ricardo Raimundo Nogueira protestam. É ainda José de Seabra da Silva quem encontra o meto de se pedir a Napoleão Junot como rei. Pertence à categoria dos homens que são sempre consultados mesmo quando não estão no poder. Só ele encontra a fórmula simples: – A Nação que dê o seu voto. – Como? Consultando as antigas cortes. – E sorri, logo os sossega: É claro que se não convocam cortes, mas para tudo há fórmulas... – Apela-se para a seguinte ficção: havia uma junta dos três estados, destinada a vigiar no intervalo das sessões o emprego do dinheiro votado em cortes.<sup>74</sup> Falta uma representação pedindo um príncipe. De um lado para o outro todo o dia o Ega afadigado corre. Mal a coisa transpira, Verdier, Duarte Coelho, o cônego Simão Brandão, Ricardo Nogueira, etc., que reúnem em diferentes casas e comunicam

---

<sup>74</sup> Dessa comissão só restavam o conde da Ega, o conde de Almada e o conde de Castro Marim. Junot mandou que se lhe juntassem os deputados de todas as mais ordens civis do Estado (Abril de 1808). E escolheu-os a dedo: nomeou, pelo *estado do clero* o principal Miranda e o principal Noronha; pelo *estudo da nobreza* o conde de Peniche e D. Francisco Xavier de Noronha; pela *ordem da magistratura* o desembargador do Paço Manuel Esteves Negrão, Lucas de Seabra da Silva e José de Seabra da Silva; pela *municipalidade e povo* os desembargadores João José de Faria da Costa Abreu Guião, Luís Coelho Ferreira de Faria, o juiz do povo José de Abreu Campos, e o escrivão do povo.

com os liberais do Porto, de Viana e da província, e com a maçonaria enfim . porque é a maçonaria que se mexe – formulam outra súplica, a de uma Constituição. É preciso porém, dar-lhe carácter de representação nacional. Apela também para o povo, para o juiz do povo, o tanoeiro José de Abreu Campos. Chamam-no a casa do desembargador Francisco Duarte Coelho, na manhã de 22 de Maio. É um homem rude, é um homem grosseiro ao pé do Ega, dos Seabras, dos generais, dos fidalgos – é um simples tanoeiro. Recusara-se sempre a arrancar as armas portuguesas da sua vara de juiz, com estas palavras altivas: – As armas não são da casa de Bragança, são da Nação. – É um obstinado. Lêem-lhe o papel, aceita logo. «São os princípios fundamentais das liberdades políticas do país que os nossos maiores não puderam vingar na aclamação de D. João IV.» A junta reúne a 23, presidida pelo Ega, que propõe Junot para rei. O tanoeiro, porém, adianta-se e entre o sobressalto de aqueles homens submissos lê:

«Senhor! – Desejamos ser ainda mais do que éramos. quando abrimos o oceano a todo o universo. *Pedimos uma constituição e um rei constitucional*, que seja príncipe de sangue da vossa real família. Dar-nos-emos por felizes se tivermos uma constituição em tudo semelhante à que a vossa majestade imperial e real houve por bem outorgar ao grão-ducado da Varsóvia, com a única diferença de que os representantes da nação sejam eleitos pelas câmaras municipais, a fim de nos informarmos com os nossos antigos usos. *Queremos uma constituição*, na qual, à semelhança da de Varsóvia, a religião católica apostólica romana seja a religião do estado: em que sejam admitidos os princípios da última concordata entre o império francês e a santa sé, pela qual sejam livres todos os cultos, e gozem da tolerância civil e de exercício público. Em que todos os cidadãos sejam iguais perante a lei. Em que o nosso território europeu seja dividido em oito províncias, assim a respeito da jurisdição eclesiástica, como da civil, de maneira que só fique havendo um arcebispo e sete bispos. Em que as nossas colónias, fundadas por nossos avós, e com o seu sangue banhadas, sejam consideradas como províncias ou distritos, fazendo parte integrante do reino, para que seus representantes, desde já designados, achem em a nossa organização social os lugares que lhes pertencem, logo que venham ou possam vir ocupá-los. Em que haja um ministério especial para dirigir e inspeccionar a instrução publica. Em que seja livre a imprensa, porquanto a ignorância e o erro tem originado a nossa decadência Em que o poder executivo seja assistido das luzes de um conselho d'estado, e não possa obrar senão por meio de ministros responsáveis. Em que o poder legislativo seja exercido por duas câmaras com a concorrência da autoridade executiva. Em que o poder judicial seja independente, o código de Napoleão posto em vigor, e as sentenças proferidas com justiça, publicidade e prontidão. Em que os empregos públicos sejam exclusivamente exercidos pelos nacionais que melhor os merecerem, conforme o que se acha determinado no artigo 2º da constituição polaca. Em que os bens de mão morta sejam postos em circulação. Em que os impostos sejam repartidos, segundo as posses e fortuna de cada um, sem excepção alguma de pessoa ou classe, e da maneira que mais fácil e menos opressiva for para os contribuintes. Em que toda a dívida pública se consolide e garanta completamente, visto haver recursos para lhe fazer face. Queremos igualmente que a organização pessoal da administração civil, fiscal e judicial seja conforme o sistema francês, e que por conseguinte se reduza o número imenso dos nossos funcionários públicos: mas desejamos e pedimos que todos os empregados que ficarem fora dos seus quadros recebam sempre os ordenados, ou pelo menos uma proporcionada pensão, e que nas vacaturas tenham preferência a outros quaisquer. Era sem dúvida inútil lembrar esta medida de equidade ao grande Napoleão: mas como sua majestade imperial e real quer conhecer a nossa opinião em tudo o que nos convém, evidentemente nos prova que é mais pai do que soberano nosso, dignando-se consultar seus filhos, e prestar-lhes os meios para serem felizes. – *Viva o Imperador.*»

À noite Abreu Campos é ameaçado. – Facínora! facínora! – exclama Junot que quer ser rei absoluto. Abaixo a constituição! Por fim assinam todos o papel do Ega, que vem a ser aprovado no dia 24 de Maio. No dia seguinte o clero, a nobreza e os tribunais assinam-no também.<sup>75</sup>

---

<sup>75</sup> Fala um contemporâneo – Ratton:

«Também pela ocasião em que o General em Chefe passou ordens para que a Corte e todos os Tribunais se achassem em dia e hora determinada na Junta dos Três Estados, recebeu a Real Junta do

A esse tempo já os campónios do Ribatejo assassinam os soldados franceses. No fim de Abril, segundo o *Observador*, corre em Lisboa que a Espanha se sublevara. Transmitem-se notícias em segredo: o Norte prepara-se.. «Já no fim d’Abril se conhecia o espírito da Restauração; e principalmente no Alentejo haviam muitos indivíduos que esperavam momentos favoráveis: a convulsão da Espanha, e a opressão, em que a Nação estava, consolidavam bem os planos dalguns, que ao depois tomarão grande parte e fizeram serviços eternamente lembrados pela Pátria: o mês de Maio foi o em que principiou o alvoroço e foi quando ocultamente se manejaram combinações entre os Vassallos Portuguezes e Espanhóis, a fim de sacudirem o jugo dos Tiranos.»

De França não vêm notícias. Junot em vão oferece cem mil francos a quem lhe leve uma carta a Napoleão. A esquadra, que nunca desce a menos de oito navios, ronda a costa. Desde Abril que Junot se recusa a receber parlamentários, mas o inglês, pelos pescadores e pelos emigrantes, sabe tudo o que se passa. O povo não deixa os altos da cidade e queda-se a olhar as velas. Espreita, espera... Há para os lados de Mafra um velho cônego que aponta todos os dias no seu almanaque: – Uma vela! duas velas!... – Mora à beira-mar e leva os dias a contar os navios ingleses: «*Passaram hoje dois navios ingleses.*» Junot, que costuma passear no Alto das Chagas, escorraça os magotes exclamando: – Que diabo esperam? D. Sebastião? – A esquadra sobressalta-o. O inglês vem merendar a terra; chega-se em botes ao pé dos fortes: – Fogo! fogo! – Desde Janeiro que se estabeleceu nas Berlengas. Um cúter de guerra sobe o Tejo acima, observa a esquadra russa. Em Março dois brigues e algumas chalupas, com tropas de desembarque, tentam apoderar-se do Bugio: – Fogo! fogo! Insistem: mandam parlamentários a Junot, que dá ordens precisas para se fazer fogo sobre qualquer embarcação que se aproxime da costa. Decretos, editais, papelada, proíbem sob pena de morte – «sedutor e espião» – a passagem para bordo dos navios ingleses. A esquadra é um fantasma. Nos dias 24 e 25 de Maio aproxima-se da costa e logo Lisboa corre aos altos. O velho cônego anota: «Dia 8 – passaram hoje mais três navios ingleses.»

Notícias de França nem uma. Com o almirante russo Junot já não conta: abre-lhe

---

Comércio a mesma ordem: na conformidade da qual fui com os três meus colegas em corpo de tribunal à dita Junta dos Três Estados, aonde se nos declarou que éramos chamados para assinar o peditório de um Rei a Bonaparte. Qual fosse o sentimento que teve cada um em particular em semelhante ocasião pode mui bem julgar-se: mas a força o sufocou: e havendo a Corte, Clero e todos os Tribunais assinado a seu pesar o referido peditório, assinou-o também a Junta do Comércio.

Devo também declarar que na ocasião em que Junot mandou ir à sua presença, em dia e hora assinalada, o Corpo do Comércio de Lisboa precedido da Real Junta, para o congratular, e achando-nos já em presença do General, fui rogado e instado pelo Barão de Quintela para ler uma fala escrita em francês, e dirigida ao dito General em nome do Comércio Português. Pensei então que me encarregavam de ler esta fala, da qual eu não tinha antecipado conhecimento, por ser escrita na minha língua materna: e mostrando eu aquela repugnância que é natural em ler um papel do qual não tinha ideia alguma, com tudo as reiteradas instâncias do Barão, e a Presença do General que de mui perto as observava me puseram na obrigação de ler a tal fala, como podem bem testemunhar todos os negociantes que ali se achavam. Acabado de ler o papel o entreguei ao General: e ao mesmo tempo o Deputado que fazia as vezes de Presidente da Real Junta por ter carta do Conselho deu a Junot um estojo: o qual foi entregue e recebido sem se proferir palavra. Não entrei em duvida que o estojo continha um presente de brilhantes: e como não tivesse pela Junta o menor conhecimento de semelhante presente, inferi, como era natural, que seria dádiva pessoal do dito Deputado, ou talvez de concerto com o Dono da casa por pertencerem ambos ao Contrato do Tabaco.

Ao sair da cerimónia encontrei Mr. Dupuy, cravador de diamantes, e perguntando-lhe se sabia alguma coisa daquela estojo, sem hesitar me respondeu que sim, e que continha a cifra do General em brilhantes, cujo valor andava por oitenta mil cruzados. No que me parece que se enganou, por quanto meu Colega o Dr. Domingos Vandelli que serviu na Inspeção da Contadoria da Real Junta, depois da Feliz Restauração, suprimindo o Deputado Conselheiro que não apareceu mais no Tribunal depois da expulsão dos Invasores, me disse na ocasião da nossa deportação, haver visto no Livro de Saída da Caixa da mesma Real Junta, a parcela de 40 contos de réis para o dito estojo.»

desconfiado a correspondência. Todos os dias correm em Lisboa boatos absurdos. Comentam-se os estúpidos fuzilamentos de Mafra e das Caldas «mortos sem confissão» acentuam os frades. Só «por escárnio» deixaram confessar um doido, Manuel José. Colam-se mais pasquins nas esquinas, que a polícia rasga. Mas o povo faz o mesmo às proclamações: «No tempo estavam as esquinas cobertas de Proclamações, Decretos, Editais e Boletins, que muitos dos que passavam atiravam lama ou pior. De noite eram rasgados apesar das precauções» (*Conversa entre as esquinas do Rossio*). Lagarde é ridicularizado por ter mandado matar mais de dois mil cães vadios (11 de Abril); por proibir de novo que se deixem vaguear pelas ruas bois, vacas e cabras, depois das onze horas da manhã; e por não permitir a venda de molhos de chaves velhas (13 de Abril) porque «facilitam os roubos e ataques feitos à Propriedade». Nos serões, nos cafés, não se fala senão no Jinot, nos ingleses, na Espanha, no Norte e nos últimos pasquins...

Tudo corre de mal a pior.

\*

Todos os dias em Lisboa há rixas entre populares e soldados. Junot vigia os espanhóis, que são instigados a desertar. As cartas anónimas exasperam-no. Lagarde abre a correspondência suspeita. O papel desce. Tem 28 a 30 por cento de desconto: chega a 35 e dias há em que ninguém o compra. Vários oficiais insistem com Junot, que encolhe os ombros, para que se apliquem os estudos do engenheiro Verdier, para o campo entrincheirado entre Cacilhas e Setúbal. – O país está-me nas mãos –. É popular uma nova dança obscena a que o povo chama *Jinot*. O ilustre pintor Sequeira, muito do conde de Forbin, pinta dois quadros: «Lisboa amparada pelos Génios das Nações e pela Religião e consolada por Junot, e um Génio pairando com um ramo de saudades numa das mãos e na outra um medalhão com esta legenda: o duque d’Abrantes.» Notam-se mais caras novas em Lisboa: é a gente que veio de França despachada para os empregos: Mr. Loyé, inspector-geral dos Domínios da Coroa e Infantado; Mr. Guichard, inspector-geral das Alfândegas; Mr. Millié, inspector-geral das Contribuições; Mr. Pépin de Belliste, auditor do Conselho de Estado; Mr. Lafond, Mr. Taboureaux, etc., etc. A 10 de Junho, a pretexto de embarque para a Espanha, os franceses, com artilharia, cercam os espanhóis no Terreiro do Paço e desarmam-nos, Correm notícias de sublevação e mostram-se cartas às escondidas. Lagarde faz publicar que a Espanha se revoltou por Napoleão não consentir em que Portugal fosse absorvido. Vive num sobressalto. «Em todas as ruas de Lisboa havia espias pagos pelos franceses» (*Observador Português*).

A 16 de Junho sai a procissão do Corpo de Deus. Vem gente dos arrabaldes, que logo de manhã enche as ruas. As damas penteiam-se de véspera e ficam sentadas toda a noite, porque os penteados são complicados e muito raros os cabeleireiros. Esse dia, o da Semana Santa e o de Finados, são os três grandes dias em que a mulher sai e se mostra. A procissão é uma mascarada, com pretos de farda vermelha e amarela, e atrás do pálio o rei, os ministros, a corte, Mas nesse ano correm boatos absurdos e anda tudo num alvoroço: – O S. Jorge não sai porque não tem chapéu. O chapéu (cheio de riquíssimas jóias) levou-o o duque de Cadaval para o Brasil. Não, o Junot é que não quer que o S. Jorge saia por ele ser inglês. – Lagarde achara prudente proibir a procissão, mas o *conselho conservador* afirmara a Junot que não haveria perigo. O general ordena que a procissão saia, apesar das cartas anónimas que nesse mesmo dia recebera com injúrias e ameaças: «Hás-de ser hoje assassinado.» Vai para a balaustrada do palácio da Inquisição com as amantes, com a Ega, a Thomieres, a Troussel. Em baixo postara a artilharia. Mas a procissão demora-se. – Não sai! não sai! – O Santís-

simo Sacramento não quer sair do sacrário. – É por causa dos jacobinos! – Milagre! – Junot rompe por ali fora e vai ele próprio buscá-lo, mas mal começa o desfile há um rebuliço na praça. – Aí vem! fujam! – Pouco passa do meio-dia; as baterias salvam. É a procissão que irrompe de S. Domingos. – Fujam! fujam! fujam! – Soldados, pretos, mulheres, frades, num pânico estúpido, empurram-se, enovelam-se, caem gritando: – ‘Fujam! fujam!...’

No dia 25 de Junho reúne o conselho do governo e Junot vocifera ameaças. Já toda a Lisboa sabe que se revoltou a Espanha e o país desde o princípio do mês, mas a *Gazeta* continua a publicar notícias como esta:

## GAZETA DE LISBOA

### 2º SUPPLEMEN’IO

Domingo, 26 de Junho de 1808

As notícias de Espanha, imparcialmente analisadas, são tão satisfatórias quanto se possa esperar na conjuntura actual, enquanto os reforços de Tropas Francesas, que se adiantam de todas as partes, não acabam de chegar à sua destinação.

A revolta cessou de estender-se; e os seus Chefes começam já a conhecer que é mais fácil mover a multidão contra a autoridade legítima, que contê-la depois nos limites que convém à sua ambição: vários dentre eles têm já perecido vítimas daquela fermentação que tão imprudentemente excitaram. Os demais conhecem que para uma multidão alucinada com loucas esperanças, tudo é belo nos primeiros dias; mas que quando, sem estar o ânimo afecto às armas, e à disciplina, é preciso abandonar a família e a casa, para ir arrostar a fadiga e uma morte certa contra os vencedores da Europa, contra as Tropas mais aguerridas que tem havido no mundo, facilmente falta a paciência, e em breve é revogada pelo dissabor.

Nas ruas vai-se preso por se não tirar o chapéu a Junot ou por se ler uma carta suspeita. A 10 do mês correrá que Bellesta, de guarnição no Porto, se retirara com a sua gente, levando Quesnel preso; a 19 que o Porto se sublevara. E de aí por diante todos os dias boatos: – O Bellesta voltou sobre o Porto. – No Algarve foram aprisionados 400 franceses. – Em Coimbra e Trás-os-Montes já foram todos apanhados–Vai haver saque e massacre. «Andavam os moradores de Lisboa falando pelos cantos, uns mostrando cartas dos seus amigos e parentes do Porto e província sublevados; outros contando em segredo os preparativos dos militares de Coimbra» (*Observador Português*, 8 a 15 de Julho). Junot faz promessas: promete aos soldados portugueses dar-lhes o mesmo soldo e *étape* que aos franceses, proíbe as fogueiras de S. João e S. Pedro. Mandará a 24 recolher todas as armas que estivessem nas mãos dos particulares; e como a 1 de Julho tivesse fugido muita gente para os arrabaldes, porque se espalhara que haveria saque e massacre, proíbe que se saia de Lisboa e obriga os que já o tinham feito a voltar, sob pena de prisão.

Já o triste Pedro de Meio Breyner, que partira para o Norte para sossegar os insurrectos, tornara acossado, sem ter podido sequer passar de Leiria; já (2 de Julho) o Principal Castro e outros tinham publicado pastorais ameaçando da excomunhão todos os que hostilizassem as tropas francesas; já Junot proclamara afirmando que passaria à espada cidade ou vila que se revoltasse – e ainda Lisboa espera por D. Sebastião... Tinham reaparecido as profecias. Um homem encontrara no quintal um ovo de galinha com estas letras em relevo D. S. R. P., *D. Sebastião Rei de Portugal*, e o bairro alvoroçou-se. Foi gente dos confins de Lisboa examinar o ovo, que andou pelas casas «em uma salva de prata para se ver», e o velho passou à categoria de profeta. São chegados os tempos. Napoleão vem aí com os seus exércitos e então sairá de entre dois

montes um homem de avultada estatura e matá-lo-á. Os sebastianistas exultam com a notícia dos morticínios: «é o sinal de que o dia está próximo». Reaparecem as trovas do preto do Japão, o atestado dos religiosos de Santa António dos Capuchos sobre a ilha encoberta; as profecias do Canada do Algarve, as do mouro de Granada, e andam em todas as bocas os versos de Bandarra:

Desamparar o cortiço  
Uma abelha-mestra vejo.  
As outras com muito pejo  
Não têm asas para isso,

Este sonho que sonhei  
É verdade muito certa,  
Pois lá da Ilha encoberta  
Vos há-de vir este Rei.

Os boatos falsos e verdadeiros trazem Lisboa, os cafés e os frades num sobressalto. Quando em fins de Junho consta que os ingleses desembarcaram em Peniche e Nazaré, Lagarde irónico notícia que «cem meninos perdidos desembarcaram na Nazaré.» Ao mesmo tempo na *Gazeta de Lisboa* escreve:

Lisboa continua a gozar de uma grande tranquilidade, apesar do vão terror que certos indivíduos, que se conhecem e sobre os quais se vigia de perto, procuram espalhar. e apesar das exagerações que a malevolência divulga, ou que a inadvertida credulidade adopta cegamente sobre a entrada de alguns pequenos corpos de paisanos espanhóis em algumas partes das fronteiras. Sem duvida é esse um mal momentâneo a que certas combinações de uma ordem superior não permitem dar remédio tão prontamente como se desejara, porque convém esperar que se desenvolva um plano geral ditado pela mais profunda sabedoria. Que são porém algumas partidas espanholas contra um exército, tal como o do Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Duque de Abrantes, pronto a esmigalhar a elas e aos seus cúmplices, quando menos o esperarem? Como é possível que se deixe de ver por outra parte que esses espanhóis, afóra qualquer outra causa coactiva, terão de voltar precipitadamente à sua pátria, à medida que as tropas francesas, que se vão adiantando, submeterem o interior do seu país, assim como já têm submetido o Norte e a Capital do mesmo: e então, ao mais tardar, abandonarão aqueles dos Portugueses, que tiverem desatinadamente abraçado a sua causa, à animosidade de um vencedor justamente irritado?

Para ajuizar o resultado dos acontecimentos actuais, não se deve fugir de este pensamento decisivo, e bem próprio para conter na ordem e no dever todos os homens de razão: *Que pode a Espanha, que poderão até algumas Províncias revoltadas de Portugal, quando, em vez de estarem sem Chefes, sem concentração, sem interesses comuns, se vissem reunidos contra aquele gigante da França, tantas vezes vitoriosa da Europa e dirigido peio grande NAPOLEÃO?*

Espalham-se coisas absurdas: – Vêm aí sobre Lisboa 50 mil frades e paisanos com ingleses e espanhóis. Tendo corrido que o Maneta fora preso e posto a ferros por Sepúlveda, que o tem exposto em Bragança dentro de uma gaiola, vai muita gente esperá-lo ao Terreiro do Paço, para se desenganar, e assiste ao desembarque da bagagem enorme, que carrega vinte barcos o saque. No dia 23 as lojas fecham à pressa, as tropas ocupam as principais ruas da cidade. Todos os dias há marchas e contra-marchas. Junot proclama aos soldados fazendo-lhes saber que vêm por Bragança 20 mil homens para os auxiliarem. Ega proclama os magistrados e a proclamação é depois imitada:



D'ARENÇA DO CONDE DA EGA

ORIGINAL.

O Conde da Ega. Conselheiro do Governo. Encarregado da Repartição da Justiça:

Aos magistrados Empregados na Administração Judicial.

*Os deveres do Ministério, que me unem com vosco, sábios, e respeitáveis Magistrados, me obrigam e dirigir-vos, nas actuais circunstâncias, expressões, que serão sem dúvida acordes com os vossos mesmos sentimentos.*

*Nós tínhamos esperanças bem fundadas de sermos felizes: as nossas Leis, os nossos Privilégios, e os nossos Costumes se guardavam e mantinham: alguns defeitos, e abusos, que seria indispensável emendar, se irão pouco a pouco destruindo, até que um novo Código, que o Sistema seguido por toda a Europa tem feito necessário, e no qual vós mesmos há anos trabalháveis, acabasse de aperfeiçoar a nossa Legislação. As Leis seriam então respeitadas, a Justiça administrada sem suborno; os Magistrados, sendo dignos, gozariam da consideração pública: e se alguns o não fossem, as mesmas Leis os privariam das suas funções.*

*Tal era o brilhante quadro da nossa futura existência, se por ventura, depois de termos dirigido os nossos votos ao Trono Augusto de Napoleão o Grande, esperássemos sossegados a sorte, que o seu Génio sublime nos preparava, e nos havia prometido! Vós todos, respeitáveis Membros da Magistratura, os firmásteis em testemunho autêntico de vossos sentimentos.*

*Dissésteis comigo ao imperador, que tomasse o Nação Portuguesa de baixo da sua Poderosa Protecção, que a regenerasse, que nos desse a Constituição, e o Soberano, que na Sua Alta Compreensão julgasse mais adequado à nossa felicidade, e à dos nossos vindouros: rogamos-lhe, e este foi o sentimento mais expressivo dos nossos votos, que não permitisse que fôssemos confundidos com outra Nação, atribulados nossos ânimos com a horrível lembrança de que poderíamos fazer parte daquela que já nos havia agrilhoadado.*

*Que é pois o que nos acontece? Trocam-se em amargura as mais bem fundadas esperanças! A persuasão dos nossos vizinhos foi bastante, para que uma parte das nossas Províncias seguisse desacordada o pernicioso exemplo da rebelião, que vai sepultá-las na sua total ruína. Vós, magistrados territoriais, que, convocando a Nobreza, e Povo dos vossos Distritos, fizésteis ressoar no presença do Chefe, que nos governa, as mais enérgicas expressões de gratidão, e reconhecimento às Benéficas intenções do imperador para com Portugal: dizei que motivos vos constrangeram a excitar e promover a discórdia, e a rebelião desses desgraçados Povos, subindo o vosso indiscreto fanatismo, ao enorme crime de saciardes o vosso particular rancor, fundados em princípios errados do interesse publico? Vemos em Beja o desolação, que semelhante perfidia produziu, e vemos em muitas outras partes horrores, e crueldades pouco próprias de uma Nação, que te prezava de generosa. Qual será o resultado deste desvairo? Tremo quando o considero.*

.....

## TRADUCÇÃO

*O infeliz Conde de Ega, Péssimo Conselheiro do intruso Governo, Ilegalmente Encarregado do Repartição da Injustiça.*

*Aos Magistrados Empregados na Administração Judicial.*

Os deveres do Ministério que tão vergonhosamente me unem com vosco, sábios e respeitáveis Magistrados, não tem sufocado ainda de modo os estímulos da minha consciência, que me desobriguem de dirigir-vos, nas actuais circunstancias, expressões, que serão sem dúvida acordes com os vossos mesmos mais puros, e livres sentimentos.

Nós não tínhamos esperanças algumas bem fundadas de sermos felizes: as nossas leis, os nossos Privilégios, e os nossos costumes nunca foram guardados. nem mantidos: alguns supostos defeitos, e abusos, que se cria indispensável emendar, já mais se veriam destruídos, antes levados ao maior excesso, e mais ainda acrescentados por bom novo Código, que o Sistema seguido violentamente por toda a Europa tem mostrado ser prejudicial, e no qual vós mesmos nem tendes sido ouvidos, nem consultados, por ser o seu fim corromper, e aniquilar a nossa Legislação. As leis senão tão respeitadas, como o tem sido há nove meses: a Justiça, e injustiça administrada somente por suborno; os Magistrados, sendo dignos, nunca senão admitidos a gozar da consideração pública: e os que não o fossem, a venalidade os conservaria no uso das suas funções.

Tal era o sombrio quadro da nossa futura existência, se por desgraça, depois de termos dirigido involuntariamente os nossos votos ao infame trono de *Napoleão o Usurpador*, esperássemos sossegados a sorte, que o seu génio ambicioso nos preparava, e nos havia prometido! Vós todos, respeitáveis Membros da Magistratura, coactamente os firmásteis em testemunho autêntico da força, com que eram extinguidos os vossos sentimentos.

Não dissésteis *comigo* ao *Usurpador*, que tomasse a Nação Portuguesa debaixo da sua decantada *Protecção*, para nos afligir; que a regenerasse espoliando-a: nem que nos desse a Constituição, e o Soberano, que na sua furiosa, e avara compreensão julgasse mais adequado aos seus extravagantes destinos, e exaltação da sua obscura parentela: rogamos-lhe, cercados de baionetas (e este foi sempre o modo com que lhe exprimimos os nossos mais insignificantes votos) que não permitisse que fôssemos confundidos com outra Nação, porque os nossos ânimos senão atribulavam com a pueril lembrança do *Papão*, isto é, de que poderíamos fazer parte daquela, que já nos havia agrilhoado: pois nos recordávamos do pronto, e feliz modo ou de evitarmos, ou de tirarmos esses grilhões.

Que é pois o que nos acontece? Trocam-se no maior prazer as mais bem fundadas esperanças da nossa eterna ruína! A persuasão dos nossos vizinhos acordados, aliviando-nos do pesadelo, que tolhia a acção do nosso mui antigo desengano, foi bastante para que todas as nossas Províncias, quase a um mesmo tempo, sem se communicarem umas com as outras, e agitadas do mesmo espirito, seguissem ilustradas o vantajosíssimo exemplo da Restauração, que vai metê-las de posse da sua completa felicidade, vós, Magistrados territoriais, que, mandados pela força convocar a Nobreza, e Povo dos vossos Distritos, fizésteis ressoar na presença do *tirano*, que nos governa, as mais violentas expressões de gratidão, e reconhecimento às cavilosas intenções do *Usurpador* para com Portugal, dizei: Que sagrados motivos vos persuadiram a excitar, e promover a liberdade, e o resgate desses oprimidos Povos, subindo a vossa sublime inspiração ao generoso leito de saciardes vossos íntimos desejos, fundados em certísimos, e inabaláveis princípios do Interesse Público? (Não vedes em Beja a desolação, que semelhante intrepidez fez produzir nos corações malvados? Não vedes, e não temeis vos suceda, como em muitas outras partes, os horrores, e crueldades, muito próprias de uma Nação, que, affectando de generosa, tem sobremontado as balizas da mais inaudita barbaridade? Qual será o resultado de tão heróica resolução? Não caibo em mim de alegria quando o considero.

.....

A 24 de Julho fuzilam no Terreiro do Paço um desgraçado como espião. A 25 outro rebuliço: é Loison que parte para Cacilhas com a tropa. O povo corre nas ruas *Monsieur Bandt*, o cabeleireiro do general em chefe. Nas esquinas mais pasquins:

O trono de Napoleão  
anda em leilão.

Muitos soldados da real polícia a cavalo, fogem, desertam. Troça-se nos cafés o ataque ao círio de Nossa Senhora, ao pé de Leiria, que os franceses tinham tomado por um bando de insurrectos.<sup>76</sup> Distribuem-se os seguintes versos manuscritos:

Quem oprime os Portugueses,  
Quem os rouba sem ter do?  
É esta tropa francesa  
De quem é chefe o Junot.

Pois então em Portugal  
Consentem tanto ladrão?  
Que há-de ser se nele entraram  
Prometendo protecção?

A entrada desta gente  
Foi com grande intrepidez.  
Descalços de pé e perna  
Dois aqui, acolá três.

Uns curando sempre a sarna  
Com cara de malinados,  
Outros com fome de nabo  
Mesmo caindo a bocados.

Mas vejo que os não mataram  
Que a canalha toda brilha  
Que há-de ser, se cá havia  
Muitos da sua quadrilha.

Que fizeram esses então?  
É maroteira em excesso:  
Foram logo os da Regência  
Beijar o chefe no sesso.

E o chefe da Polícia  
O conde de Novião?  
Esse já era maroto  
E agora é ladrão.

O Senado de Lisboa  
Esse grande Tribunal?  
Quatro centos para prato  
Oferecem ao General.

Os Grandes e a Fidalguia  
Esses haviam de brilhar?  
Pois não! O Ega a mulher  
Ao Junot foi entregar.

É onde pode chegar  
O génio de ser cabrão.  
Enfim, já chamam à Ega

---

<sup>76</sup> Mais tarde publica-se um folheto com este título: «Esta famosa batalha foi travada nos campos d’Otta entre o general francês Margaron e Teresa Maria da Silva, juíza do círio da Ameixoeira. O exército desta era forte de 25 paisanos camponeses d’infantaria, armados de cajados, 12 dragões armados de varinhas de marmeleiro; de 6 velhas muito gordas que serviam de obuses e que lançavam por invento novo 10 bombas por minuto, etc.»

Princesa do Ramalhão.

Que tem feito em tal desordem  
Os Portugueses honrados?  
Para a Esquadra, os que puderam,  
Fugiram destes malvados.

Mas então como foi isto  
Nas outras repartições?  
O resto do nosso Exército  
Arsenais, e fundições?

Para acabar de uma vez  
Tudo já te vou narrar,  
Verás a rotina nova  
De, protegendo, roubar.

Depois de ter assolado  
O reino de Portugal,  
Entraram logo por fim  
Em a sua capital.

Começou a ser rebate  
Com um famoso Edital,  
Concebido nestes termos  
Em nome do General:

O grande Napoleão  
imperador e Rei  
Mandou-me a proteger-vos;  
Eu vos protegerei.

Começou a protecção  
Escrita neste Edital  
Em se fazerem senhores  
De toda a casa Real

Bestas, seges e mais trens  
Tudo andou numa poeira,  
E daqui a tudo o mais  
E seguiu a ladroeira.

Valorosos de Austerlitz,  
Acabou vosso valor;  
Todos à uma fugiam  
Do mais pequeno rumor.

Sabe Deus se esse Austerlitz,  
Esse Marengo, esse Yena.  
Que o Gazeteiro nos diz  
Será valor só de pena.

Deve em memória ficar  
Do Corpo de Deus o dia,  
Ao Francês abandonar  
Toda a sua artilharia.

Forte acção, forte batalha,  
Em Portugal a primeira!  
Bater-se a Tropa Francesa

Com o Círio da Ameixoeira.

E a esta gente de Círio  
Com a sua devoção,  
De repente encontra a Tropa  
Do grande Napoleão.

Investe com tal valor  
Este exercito aguerrido.  
Que tudo desbaratou  
Sem ter um dos seus ferido.

Só de burros mais de mil  
Foram mortos nesta acção;  
Duas bandeiras tomarão  
Da Virgem da Conceição.

\*

Há que tempos vários patriotas se juntam em duas lojas no Largo do Poço Novo, com o bacharel Bernardo José de Oliveira Teixeira Cabral (vice-cônsul da Prússia) à frente! Ele diz: «Ali sem receio de que revê-se uma só palavra, qualquer voz, qualquer dito e mesmo qualquer gesto...» Conspiram. Mas conspiradores, conspiradores são os do *conselho conservador*, inspirado por José de Seabra da Silva... Segundo a acta nº 1, de 5 de Fevereiro, de 1808, os primeiros que resolvem fundar a associação são: – G... Mateus Augusto, José Máximo Pinto da Fonseca Rangel, José Carlos de Figueiredo, António Gonçalves Pereira e André da Ponte do Quental Câmara. Lagarde sabe logo da conjura, mas Junot, que tem a notícia em primeira mão, na casa de Costa Bandeira, ou pelo Seabra, que entendia ser aquela a maneira de iludir os descontentes, ou por uma das suas amantes, mulher de um major de artilharia, Junot diz-lhe sorrindo: Deixe-os, deixe-os... – Assim protegidos por Junot, e em comunicação com os elementos revolucionários da província e com o almirante inglês, o *conselho conservador* paralisa todos os movimentos «à espera de melhor oportunidade». Vêm os motins, o desassossego da tropa espanhola, o desembarque dos ingleses, a insurreição no Norte, e o conselho espera... Já não restam soldados franceses em Lisboa, amotina-se o povo no Rossio, e ele ainda exige prudência... Reúnem-se às 8 horas da noite, alternadamente uns em casa dos outros. São seis a princípio, são mais tarde cerca de trezentos. Resolvem sempre... prudência, deixar que se peça um rei, e tudo enfim o que não dê como resultado «serem castigados ou perseguidos porque fazem falta ao Leal Partido.» Um discorre sobre a perfídia, outro cruzando os braços adora «os impenetráveis mistérios da Divina Providencia.» Parecem literatos fundando uma Arcádia. Na sessão XIV o capitão José Máximo Pinto da Fonseca imagina um plano para surpreender Junot e depois de o aprovarem recomendam uns aos outros «imediato, fervoroso e geral cuidado.» Resultado: compram «vasos para atirarem aos franceses das janelas abaixo.» Isto é compram penicos. Resolvem alistar galegos, para o que procuram o capitão das bombas e escrevem proclamações sobre proclamações. Ainda na ocasião em que Junot parte de Lisboa para o Vimeiro eles redigem uma acta nestes termos: Sessão XX VIII: – «Verificada a saída de Junot, não havendo resposta alguma do Exército e em atenção à da Esquadra: propõe-se: 1º fazer uma diversão ao Inimigo por escrito; 2º que, se como era provável, a Plebe, ou alguma sociedade estranha, vendo que as forças inimigas aqui eram poucas, se animasse a romper tumultuariamente por impulso da malícia, do crime, do celeratismo ou da impudência, atalhar estes males, dirigindo-se a massa popular para seu próprio proveito e glória, dando-lhe Chefes.» E decidem lançar nova proclamação

«da qual fica encarregado o Secretário.» Entre outras pessoas «até os Governadores estavam para qualquer empresa prudente e digna.» Conspiravam...

Eusébio Gomes vai escrevendo o seu diário:

Junho 3. Correu notícia de ter entrado o socorro inglês em Cádiz e outras partes da Espanha.

Junho 10. Constou que o general espanhol Balesta, que estava no Porto, se retirou com a sua tropa para Espanha, levando prisioneiros o general francês Quesnel e todos os mais soldados franceses.

Junho 11. Esta noite em Maфра houve uma trova (trovoada) horrível: e neste dia os franceses desarmaram os espanhóis.

Junho 12. Neste dia os franceses desarmaram e perderam em Maфра o Primeiro Batalhão de Granadeiros de Castela Velha, e uma força de cavalaria de Maria Luísa, que para aqui tinham vindo com o franceses. Tinham os espanhóis ido à missa, e logo que entraram para a Igreja saíram todos os franceses armados para o largo das cavaliças e ali formaram em cluna (coluna) aberta, tendo na retaguarda a cavalaria e no lado do poente a artilharia carregada e com morrões acesos; logo em seguida marchou uma força e foi entrar para o quartel dos espanhóis; forçaram e prenderam a guarda, entraram no quartel, apoderaram-se do armamento, que foi logo retirado do quartel, e vieram juntar-se aos que estavam no largo formados em duna. Os espanhóis saíram da Igreja e marcharam para o quartel seguindo pelo lado do Torreão do Norte para entrar pelo portão do pátio das bicas, segundo o costume, naquele intervalo mandaram fazer alto, e logo os franceses fecharam o portão, a cavalaria e artilharia correram a tomar-lhe a retaguarda, e o comandante francês intimou ao Coronel e oficiais espanhóis que estavam prisioneiros. Os espanhóis, vendo-se cercados e que não tinham partido nem força para resistir, cederam e entregaram-se. Passados 8 dias veio uma força de cavalaria para os conduzir para Lisboa, e foram mandados para bordo das Naus Russas que estavam no Tejo. No mesmo dia e à mesma hora foram desarmados e presos os que estavam em Lisboa e Santarém.

Junho 18. Foi Loison atacado no Peso da Régua pelos paisanos armados que lhe mataram 500 homens e lhe tomaram todo o trem, fugindo os franceses, e salvando-se à pressa, até largarem as armas, para poderem correr melhor.

Junho 19. Correu notícia de estar o Porto e toda a província do Minho em armas contra os franceses.

Junho 23. Levantou-se o Algarve e aprisionou mais de 400 franceses com o general Maurin e os remeteram para a Esquadra Inglesa.

Julho 1. Marcharam de Lisboa 4:000 franceses para rebaterem os que se tinham levantado no Algarve, etc.

Julho 2. Esta tarde veio ordem para se irem os franceses do forte de Ribamar e logo marcharam.

Julho 20. Chegaram a Lisboa os franceses que foram a Leiria, e os de Loison batidos.

Julho 25. Hoje mesmo partiram os franceses a marchas forçadas contra Évora.

Julho 30. Hoje enfim entraram os franceses à força em Évora e fizeram uma carnagem própria deles, e a saquearam, morreram no saque 900 pessoas de todo o sexo e idade, aqui mataram o Bispo do Maranhão.

Agosto 3. Hoje apareceram 42 navios da Roca até às Berlengas. Sol e vento norte e algumas nuvens.

Agosto 4. Apareceram os mesmos navios. O mesmo vento menos forte.

Agosto 10. Faz hoje 15 dias que foram 4 alqueires de trigo para o moinho do Cravo e aquele maroto sem o moer até agora, prometendo todos os dias.

Agosto 12. O mar muito bravo e muito irregular. Apareceram 9 navios.

Agosto 19. Pouco vento sudoeste, névoa sobre o mar e o sol quente. O mar muito manso. Apareceram 16 navios que dizem desembarcaram muitas tropas em Porto novo, e que houve combate na Columbeira com ingleses.

\*

No Dafundo a Tia Joana continua a fazer pitéus afamados. Há feira no Campo Grande e à noite iluminação. Passam com majestade para o sermão as famílias ricas. Atrás, à distância respectiva, acompanham-nas as pretas com os cãesinhos ao colo. Os bichos têm nomes ternos: chama-se um *melindre* e o outro *suspiro*. Nos *oratórios* há sempre rixas: conta um que no da Travessa da Espera perdeu oito dentes, outro, no *oratório* do Moinho de Vento, por uma sátira que fez a uma moça, levou um risco na

cara... As meninas dão os motes. Só os pasquins não cessam:

O ducado de Abrantes  
está a vagar por instantes

Os géneros tinham encarecido logo no princípio do ano: «Subiu o pão, diz o *Observador*, a 48 réis o arrátel, e com muita mistura: a pobreza desocupada, sem ter em que se empregar, lamentava a fome que a devorava: os géneros coloniais nestes dias (28, 29, 30 de Janeiro) subiram a altos preços, principalmente o Algodão, o Café e o Açúcar.» Em Março: «os jornais abaixaram muito, e nem assim havia serviço para os empregar; os criados foram despedidos, ou ficaram pelo sustento, ou por metade do salário; e os jornaleiros da mesma forma...» E a lamentação segue: – 30 a 31 de Março: «há falta de pão, – 18 d’Abril: o pão sobe a sessenta e quatro reis – 2, 3, 4 e 5 de Maio: – o Café e Açúcar nestes dias cresceram em preço, de modo que o primeiro já o não vendiam a 10\$000 a arroba; e o segundo, conforme a sua qualidade, 3\$600 a 3\$900 réis. – 1 de Julho: açúcar a 3\$800 e 4\$000 réis, etc.» E os frades no seu *Dietário* quase não falam senão no preço dos géneros: Março: «Já para o fim deste mês se há sentido grande falta em alguns géneros de primeira necessidade; e não foram bastes as Providências que o g.<sup>o</sup> executou para virem das Províncias Trigos, Legumes, Azeites etc., para não subirem os géneros consideravelmente; o que não aparecia nada apesar de dinheiro era Peixe fresco porque como estavam vedados de sair fora da Barra os Pescadores não se podia haver um bocado de peixe fresco. Tão bem faltava o Bacalhau por falta de comércio e por isso o que se comia era Cavalinha, Sarda e outros insignificantes e péssimos Pescados, e isto muito por preço extraordinário. – 27 d’Abril: os géneros de primeira necessidade vão sempre subindo mas por ora não tem havido falta de trigo está a 1\$200 e 1\$400 o alqueire. Azeite a 3\$000 e a 5\$000 réis por almude. Feijão a 1\$000 e a 1\$100. Manteiga a 550 e 600 réis. – 30 d’Abril: a Literatura está de todo estagnada. Pois só me consta do Calendário ou Almanaque dos Empregados do Governo Francês. – 28 de Maio: saiu à luz o livro intitulado *Memória das Primeiras Acções Militares do Sr. General em Chefe Junot.*» E o frade acrescenta com ironia: «Inda não o li, mas suponho será admirável.» – 30 de Julho: «a quadra de todo este mês foi muito temperada e talvez por isso mesmo muito saudável. Há aqui um Fenómeno notado por quase todos a saúde de que se goza em Lisboa e em todas as Classes de Pessoas, de maneira que os muitos Professores de Medicina Confessam não terem lembrança de cousa semelhante em toda a sua Vida.»

É que Lisboa anda mais limpa. A polícia matou os cães, o que deu lugar a motins, e varreu o lixo e o entulho. Limpou-se o boqueirão do Cais de Sodré, ficara a imundice do cais de Manuel Ribeiro. Os oficiais franceses e os jacobinos portugueses reúnem-se no *Nicola*. Sobre a porta o José Pedro mandou pintar novo letreiro: *Café Militar*, Junot todos os dias recebe cartas anónimas mas com delações e ameaças. Os espões são aos centos. Os soldados piscam o olho *por senha* às sabias e fazem-lhes gestos obscenos. As esquinas estão forradas de papel. «Há meses que nos estão a roubar e a prometer futuras e brilhantes felicidades.» De noite, a ocultas, pregam-se mais pasquins:

Junot: come e dança  
que a tua cabeça  
não toma a França

Param as fábricas, cessaram os trabalhos, o lavrador não semeia. As estradas são

perigosas: infestam-nas quadrilhas de ladrões. Os teatros estão vazios à excepção de S. Carlos: José Agostinho, escondido para os lados da Penha, só sai a passear pelos solitários olivais, e escreve o *Motim Literário*, que adiante publicou, dizendo de Bonaparte «que tinha uma coroa tecida de louros e de cornos.» Anda tudo cheio de espiões e não faltam admiradores dos franceses. Nos botequins do Rossio os palradores expõem planos fantásticos: – «Os portos da América devem ser fechados aos ingleses para se ultimar a paz.» Vem outro e segreda: – «O Smith tem bombardas.» Quem tem a culpa de tudo isto? «Voltaire – no dizer do padre – o verbosíssimo charlatão de Ferney, que escreveu 99 calhamaços, acabando o cento o seu camarada Condorcet.» Janotas atravessam o Rossio enlameado, de meias e sapatos, com o chapéu elástico debaixo do braço para não amarrotar a gaforina, ou rodam embrulhados em capotes de baetão encarnado para algum mistério de amor. Homens graves discutem negócios de alta ponderação, «de sobranceiras arqueadas e palavras compassadas como gotas d'alambique.» São os antigos dos nossos conselheiros. Só se fala na política de Bonaparte. Fala o Taful, «que na sociedade faz de Leonardo, mancebo enamorado, e traz as algibeiras cheias de finezas estudadas»; fala o que vai para o café bater punhadas nas mesas; «fala o pelimetre de quatro palmos, que fundiu todo o seu capital para comprar um relógio de repetição e cada quarto d'hora o faz soar.» Desde 30 de Novembro que tudo parece sonho ou fábula a José Agostinho de Macedo: «Quatro franchinotes de comédia transformados em generais e governantes, um serralheiro metamorfoseado em Intendente, com mais leis que Justiniano, fazendo uma nova Instituta para os ferros velhos e como é senhor de gazuas que abrem as portas todas, quer proscrever da terra as chaves ferrugentas: e querendo ladrar e morder só, fazendo o mesmo aos cães que Herodes fez aos inocentes, prometendo por prémio aos canicidas a pele e quatro vinténs. Não estou eu vendo com meus olhos, saltimbancos transformados em triptolemos cultivadores, gizando canais que se hão de abrir, depois de esgotados aqueles por onde nos vinha que comer e que vestir? E não estou eu observando à sombra destes olivais alguns portugueses, homens de bem ao menos por honra da Pátria, que tiveram mudados em novas formas de aduladores e adoradores aqueles mesmos que lhes vão sem cerimonia e sem escrúpulo a lã e arrancando a pele?...»

#### CONSULTA

##### SOBRE AS GRATIFICAÇÕES MESSAIS QUE SE DERAM AOS GENERAIS JUNOT E LABORDE

Senhor. Por aviso de 15 de Dezembro próximo é V. A. R. servido declarar que constando-lhe que o Senado da Câmara oferecera gratificações mensais aos Generais Junot, Laborde e Herman, manda V. A. R. que este Senado consulte sobre as ditas ofertas, com declaração das obras que teve, quantias delas e importância do que se pagou. A tudo o referido prontamente obedece este Senado, com a veneração e fidelidade com que sempre respeitou os seus legítimos Soberanos.

Apenas Junot entrou nesta capital, e principiou a representar não como Protector das Reais intenções de V. A., mas sim de déspota, e órgão de Napoleão, pouco tempo depois espalhou a voz vaga que ele reparava que o Senado da Câmara de Lisboa o não tivesse contemplado com uma gratificação daquelas que os Generais Franceses comandantes em chefe como ele era e o Governador da cidade por ele nomeado estavam no costume de receber em todas as terras onde chegavam. Esta voz vaga muito repetida em casas que frequentava, e a pessoas a quem falava, aceleradamente se foi aumentando e no fim dalguns dias foi acompanhada de ameaças, dizendo que no caso que não tivessem esta contemplação, ou que ela não fosse correspondente ao seu carácter, tinha toda a autoridade para lhe impor uma contribuição violenta; pois que não queria prescindir do costume que em iguais circunstâncias tinham feito impor aos Generais como ele. Tudo isto constou perfeitamente neste Senado, que valendo-se da ignorância, nada praticou. Vendo Junot infrutíferos aqueles tratos passou a outro estratagem de mandar fazer uma insinuação verbal neste Senado, persuadido que houvesse logo de ofereer como donativo uma prestação mensal de 16 mil cruzados logo repartidos, sendo doze para ele Junot, dois para Laborde e dois



para Herman, aditando a esta proposição por uma parte com ameaças e por outra com promessas de efectiva protecção a favor do Senado e do Povo de Lisboa. À vista desta proposição já este Senado não podia recorrer à ignorância e era forçoso decidir...

Nesta triste situação conheceu o Senado que não tinha a quem recorrer, que lhe desse decisão por escrito para a sua defesa, por quanto Herman estava presente ao Despacho da Regência, aonde nada se despachava nem decidia sem a sua assistência, e nestas críticas circunstancias deliberou que um dos Vereadores participasse o referido a cada um dos Regentes por V. A. R. nomeados por suas casas, pedindo a decisão; assim o praticou e cada um por si nada resolveu, mas que confeririam e dariam resposta... No dia seguinte foi o mesmo Vereador chamado à Regência, ao qual também um dos Regentes por V. A. R. nomeado, disse em seu nome, e dos outros com quem tinha conferido que se fazia necessário fazer o sacrificio em proporção ao estado das rendas do Senado, para se evitar o dano que a todos ameaçava. Em consequência desta decisão (única a que podia recorrer) mandou o Senado fazer a oferta, que Junot e Delaborde prontamente aceitaram, porém Herman recusou, com o fundamento de que pelo lugar que ocupava, não podia receber donativos. Com o maior trabalho se apresentaram as mesadas do primeiro mês, e não obstante se suspenderem todos os pagamentos, com muito maior trabalho se apresentaram as seguintes, sendo infalível que nos dias que se demorava o pagamento eram continuados os Avisos e recados para se lhe pagar, principalmente Laborde que duma vez mandou buscar a sua a casa do Fiel do cofre deste Senado com uma escolta de soldados. Pela conta junta se mostram os meses e tempo que durou este sacrificio importando o seu total 20:800\$00 reis que unicamente receberam. Vendo o Senado que absolutamente não podia suportar tal despesa, apesar do sacrificio a que se propunha porque as rendas diminuíram por se fechar a Barra, e extinguir o Comércio, deliberou que um dos Vereadores participasse a Junot a absoluta impossibilidade a que o Senado se achava reduzido, o que o mesmo Vereador manejou com tal actividade, e destreza, que Junot logo cedeu, e Laborde foi difficil convencê-lo. mas por fim também cedeu, e não receberam mais cousa alguma...

...Também o Senado se considera obrigado a representar a V. A. R. que aqueles donativos vieram a ser úteis ao Senado, à Igreja, e ao Povo de Lisboa e seu Termo. Ao Senado que enquanto durou o intruso e despótico Governo Francês, nunca se intrometeu no económico governo do Senado e suas leis municipais, nem na administração e conhecimento do seu cofre, antes sempre o consideraram com algum respeito, sendo único Tribunal que não mutilaram na sua autoridade, nem maltrataram, tanto assim que estando nos precisos termos de entrar para a contribuição decretada no 1º de Fevereiro com metade das suas rendas, cujo primeiro terço importa em 20:878\$000, nada pagou nem foi obrigado a pagar, antes havendo um Ministro em Lisboa que fez embargo nas rendas dalguns inquilinos de propriedades do Senado, pela contribuição que lhe competia, propondo-se a Junot este procedimento se mandaram logo levantar os embargos, e ficou absolutamente isento. A Igreja porque extorquindo-se toda a prata às igrejas de Lisboa e do Reino, praticando o Senado as ideias que lhe ocorreram, ficou isenta a da Real Casa de Santo António, que conserva a mesma prata que tinha, assim como se praticou com outras igrejas. Finalmente ao Povo de Lisboa e termo, porque sendo obrigado a arbitrar uma Derrama sobre as Lojas e vendas desta capital e seu Termo, e sobre as dos mestres de oficinas mecânicos na conformidade do dito fatal Decreto, o Senado procedeu com tal diminuição e brandura que só pagaram pelo primeiro terço no total 23.144\$676 reis, a saber as Lojas e vendas 16:112\$162 réis e as oficinas 7:036\$514 sendo tantos os colectados como mostra a Conta junta; e não obstante esta diminuição, não foi o Senado increpado dela, nem ainda pela demora, assim como aconteceu à Real Junta do Comércio, não obstante arbitrar quantas grandes que recebeu contínuos avisos, e do mesmo modo outras Autoridades, constituídas, a quem se havia incumbido a fiscalização e a cobrança de parte da dita violenta contribuição Em consequência do referido, que com humilhação e respeito expõem, espera o Senado merecer a Real e Magnânima Atenção de V. A. R.. afim de obter a Régia Aprovação de todos os procedimentos que teve, etc....

Lisboa, 8 de Janeiro de 1810. João José de Faria da Costa Abreu Guião – Luís Coelho Ferreira do Vale e Faria João Anastácio Ferreira Raposo – Joaquim José Mendes da Cunha – José Diogo Mascarenhas Neto – Francisco de Mendonça Arraez e Melo. Não vão assinados os Procuradores dos mestres, porque os daquele ano já não são Vogais do Senado da Câmara.

### *Resumo dos Donativos que se deram aos Generais Franceses Junot e Laborde.*

#### A JUNOT

Em 24 de Dezembro de 1807 .....	4:800\$000
Em 30 de Janeiro de 1808 .....	4:800\$000
Em 27 de Fevereiro de 1808 .....	4:800\$000

Em 2 de Junho de 1808 ..... 2:400\$000  
 ..... 16:800\$000

A LABORDE

Em 24 de Dezembro de 1807 ..... 8:00\$000  
 Em 30 de Janeiro de 1808 ..... 8:00\$000  
 Em 27 de Fevereiro de 1808 ..... 8:00\$000  
 Em 2 de Junho de 1808 ..... 6:00\$000  
 ..... 4:000\$000  
 ..... Total, réis 20:800\$000

Contadoria Geral do Senado, 22 de Dezembro de 1809.  
 O oficial maior da Contadoria Geral, *Luís José Silvério Teles d’Avelar Callaim*.

---

*Cálculo de quanto havia importar o 1º Terço da Contribuição Francesa, e que devia pagar o Senado da Câmara pelas suas rendas, feita a conta pelos rendimentos que entraram no cofre do ano de 1807, na forma por que foi expressamente determinado para as Décimas.*

RENDIMENTOS DO ANNO DE 1807

Novas Licenças .....	31410\$630
Marco dos Navios .....	13:024\$732
Ver o Peso .....	11.935\$942
Almotaçaria .....	1:980\$425
Tragamalho .....	2:638\$065
Cestaria .....	10.614\$670
Variagem .....	3:064\$911
Carros.....	3:294\$299
Coimas .....	50\$965
Alqueirão pelo preço do contracto .....	4:000\$000
Propriedades .....	23:117\$775
Foros .....	321\$420
Laudemios .....	192\$770
Custas .....	78\$167
Donativo da Boa Vista e Bicado Sapato .....	4:457\$000
Estância Volante .....	418\$000
Terreiro .....	9.000\$000
Amortização de Prazos e Terrenos.....	742\$000
Lazareto .....	414\$000
Multas d’aguadeiros .....	737\$000
Condenações avulsa, e da limpeza .....	20\$000
Somam as rendas .....	123:514\$316

O Senado devia pagar metade destas rendas que importava na quantia de 6 1:757\$158 réis e por consequência vem a ser o primeiro terço que todos pagaram, e o Senado deveria ter pago a quantia de 20:878\$579 réis.

Contadoria Geral do Senado, 3 de Janeiro de 810. *Avelar Callaim*.

*Extracto que mostra a diminuição com que o Senado procedeu na Imposição sobre as Lojas e Vendas, e Offícios existentes na cidade de Lisboa e seu Termo para a contribuição determinada pelos Franceses.*

Pagaram somente o 1º Terço que importou a saber:

Quanto às lojas e Vendas foram 6:071 pessoas que pagaram	
o dito 1º Terço e importou ao todo na quantia.....	16:112\$000
Quanto aos oficiais mecânicos foram 2:599 pessoas que	
pagarão o dito 1º Terço e importou ao todo na quantia de.....	<u>7:036\$000</u>
Total que se entregou .....	23:148\$000

É certo que não foram iguais no pagamento, porque cada um foi colectado à proporção do seu manejo e das suas possibilidades, porém registados uns por os outros se vê que as Lojas e Vendas saíram a 3:957 réis e os officios a 2:207, também uns por outros, e de que se mostra o pouco de que se queixou o Povo.

Contadoria Geral de Lisboa, 2 de Janeiro.

*Segue a Informação do Escrivão da Câmara com a data de 23 de Dezembro de 1809 e assinado por Francisco de Mendonça Arraez e Melo e que repete quase textualmente a exposição do Senado.*

*O Governo porém aperta e expede um Aviso datado de 15 de Janeiro de 1810 e assinado por João António Salter de Mendonça exigindo mais clareza. O Senado manda informar ao escrivão da câmara, que responde assim:*

### INFORMAÇÃO DO ESCRIVÃO DA CÂMARA

Il.<sup>mo</sup> Ex.<sup>mo</sup> Snr. Mandando-me V. S. informar de facto sobre o conteúdo no Real Aviso de 15 do corrente mês dividirei seus Quesitos, para com mais clareza se poder conhecer logo a bem sabida verdade deste meu certificado.

#### 1º QUESITO

O nome do Vereador que fez a insinuação da parte do General Junot?

*Resposta* – Foi o Vereador Joaquim Alberto Jorge.

#### 2º QUESITO

O nome do outro que representou a dita insinuação a cada um dos Governadores?

*Resposta* – Foi o Vereador que servia de Presidente José de Faria da Costa Abreu Guião em nome do Senado.

#### 3º QUESITO

O Governador que participou a resolução da conferencia que tivera com os mais?

*Resposta* – Foi o Ex.<sup>mo</sup> Francisco Xavier de Noronha, assim como o Ex.<sup>mo</sup> Principal Castro.

#### 4º QUESITO

O Fiel que foi conduzido preso ao General Delaborde?

*Resposta* – Este Fiel foi o do cofre Wenceslau Bernardino da Costa; na Consulta que subiu à Real Presença só se diz que aquele General mandou buscar uma das mesadas a casa do dito Fiel por soldados

armados mas com efeito não chegou a ser conduzido preso. Deste modo fica plenamente satisfeito o pretendido naquele Real Aviso com a verdade de facto que me toca fazer certa em razão do meu cargo.

V. Ex.<sup>a</sup> porém mandará o que for justo. Lisboa, 18 de Janeiro de 1810. – *Francisco de Mendonça Arraes e Melo*.

## GOVERNO DE JUNOT

### DECRETOS INÉDITOS

Em Nome de S. M. o Imperador dos Franceses, Rei de Itália, Protector da Confederação do Reno.  
Nós Duque de Abrantes General em Chefe do Exército de Portugal.  
Temos Decretado e Decretamos o seguinte:

#### ART. 1.º

Os selos serão postos nas Caixas e Registos da Administração denominada do Depósito Público, a cargo de Mr. Le Goy Commissário do Sequestro nas propriedades Inglesas.

#### ART. 2.º

A verificação dos Registos será feita com a maior brevidade possível assim como tão bem o estado exacto das somas, e dos objectos em ouro, prata e jóias que se acharem existentes nas Caixas do sobredito Depósito.

#### ART. 3.º

Todas as somas pertencentes ao antigo Governo, ou aos Príncipes que tenham apanágios, serão entregues na Caixa do Recebedor Geral, o qual dará um recibo circunstanciado de tudo o que receber, que ficará nos Arquivos do sobredito Depósito.

#### ART. 4.º

Todas as somas que se acharem pertencer aos Vassallos de S. M. Britânica, ou quaisquer outros objectos de qualquer natureza que sejam, serão entregues e depositados na Caixa da Recebedoria Geral, que passará um recibo de tudo à Administração.

#### ART. 5.º

Todas as somas ou objectos pertencentes aos portuguezes que acompanharão ao Príncipe, ou que emigrarão depois da sua partida, serão entregues na Caixa do Recebedor Geral.

#### ART. 6.º

Todas as somas ou objectos pertencentes aos Habitantes do Brasil, Ilha da Madeira, ou de outras quaisquer Colónias, ou Ilhas Dependentes de Portugal, serão postas em deposito na Caixa do Recebedor Geral, o qual dará as competentes Cautelas individuais de cada soma que pertencer ao mesmo particular, para quando estas diferentes colónias entrarem nos domínios da capital, serem os indivíduos que presentarem os seus recibos, embolsados delas pelo Tesouro Publico, preenchendo as condições exigidas pelas Leis do Reino, que servem de base à Instituição, e a Administração do Deposito.

#### ART. 7.º

Todas as somas ou objectos pertencentes a indivíduos Portuguezes, outros que não são os apresentados nos Artigos acima mencionados, ficarão na Caixa do Deposito Público.

#### ART. 8.º

Todo o Indivíduo que tiver uma soma, ou um objecto para reclamar, deverá apresentar-se na Secretaria que se estabelecer para este efeito na mesma Casa do Depósito, do dia da publicação deste

Decreto até vinte do mês próximo de Agosto, exclusivamente o nome do Reclamante será escrito em um livro de Registo, que fará constar a data da soma depositada e a quantidade da mesma soma. Esta declaração deverá ser feita pelo mesmo Proprietário e será acompanhada de uma certidão, assinadas pelas Autoridades do Bairro, Cidade ou Vila, aonde morar, fazendo igualmente constar que o tal Indivíduo não habitava no primeiro de Agosto em País revoltado.

ART. 9.º

Todas as somas, ou objectos, que ficarem na Caixa do Deposito, e hajam de pertencer a Indivíduos, Portugueses, que não tem tomado parte na revolta das Províncias lhes serão entregues na mesma matéria, e forma com que foram depositados, se eles satisfizerem ás condições exigidas pela Lei dos depósitos, visto que se devem prestar ás mesmas condições que já existiam precedentemente não querendo o General em Chefe mudar cousa alguma na instituição desta antiga Administração, e somente querendo compreender as somas pertencentes aos Inimigos da França, e aos perturbadores da Tranquilidade Pública.

ART. 10º

Far-se-á um Estado de todas as somas e ofertas aos Estrangeiros e tomar-se-á uma Resolução particular a respeito de cada um.

ART. 11º

O Senhor Secretario de Estado das Finanças fica encarregado da execução deste presente Decreto. Dado no Nosso Palácio do Quartel General em Lisboa a 28 de Julho de 1808. – O Duque de Abrantes. *Joaquim Guilherme da Costa Posser.*  
Mandado cumprir por despacho da Junta do Deposito de 5 de Agosto de 1808

---

Em Nome de S. M. o Imperador dos Franceses Rei de Itália, Protector da Confederação do Reno. Nós o Duque de Abrantes General em Chefe do Exército de Portugal.  
Temos Decretado e Decretamos o seguinte:

ART. 1º

Os Administradores do Depósito Público farão dentro de vinte e quatro horas entregar no Tesouro Público a soma de 240 contos de réis em dinheiro efectivo, e a soma de 80 contos de réis em Papel.

ART. 2º

Depois da nossa verificação ordenada pelo nosso Decreto de 28 de Julho relativo ao Depósito Público, as somas que deviam ser sequestradas, sejam como pertencentes aos Vassallos da Grande Bretanha, e aos Emigrados, e aos Cidadãos habitantes das Províncias Revoltadas, ficarão sequestradas, sem restrição. Aquelas que poderiam pertencer a Corporações, ou a Particulares, outras que não sejam aquelas acima designadas, serão Registadas no Tesouro Público, da mesma forma, e com as mesmas condições que precedentemente se praticarão debaixo do antigo Governo. Enquanto se pode fazer esta liquidação, o Recebedor Geral das Rendas e Contribuições de Portugal, entregará aos Administradores do Depósito Público Apólices grandes que façam a importância da soma acima especificada. Estas Apólices grandes ficarão depositadas na Caixa da Administração até à liquidação.

ART. 3º

O Secretário de Estado do interior, e das Finanças está encarregado da execução deste Decreto. Dado no Palácio do Quartel General em Lisboa em 8 de Agosto de 1808 Duque de Abrantes, *Joaquim Guilherme da Costa Posser.*  
Mandado cumprir por despacho da Junta de 8 de Agosto de 1808.

Em nome de Sua Majestade o imperador dos Franceses, Rei de Itália, Protector da Confederação do Reno.

Nós o Duque de Abrantes General em chefe do Exército de Portugal temos Decretado e Decretamos o seguinte:

ART. 1º

Os Administradores do Depósito Público entregarão em vinte e quatro horas na caixa do Recebedor Geral dos rendimentos de Portugal a soma de oitenta contos de reis, ou 500:000 francos em espécies metálicas. O Recebedor Geral dará um recibo, que será conservado na caixa do Depósito Público

ART. 2º

A dita soma de 80 contos de réis, ou 500:000 francos será principalmente empregada aos pagamentos relativos à Administração de Portugal

ART. 3º

O Erário ficará responsável no Depósito Público da dita soma, que será tirada do rendimento ordinário de Portugal, e entregue na caixa do Depósito Público.

ART. 4º

Imediatamente depois que a entrega tiver sido feita na dita Caixa da dita soma de 80 contos de reis ou 500\$000 francos pelos administradores do Depósito Público, os selos que foram gastos nas Caixas e Livros da Administração serão tirados à diligência de Mr. Le Goy. A dita Administração tornará a tomar o exercício das suas funções na forma das Leis e Regulamentos que a regem.

ART. 5º

O Secretário do Interior e das Finanças está encarregado da execução do presente Decreto.

Dado no Palácio do Quartel General de Lisboa em 26 de Agosto de 1808. Duque de Abrantes –  
*Joaquim Guilherme da Costa Posser.*

Mandado cumprir pela Junta do Depósito Público por despacho de 29 de Agosto de 1808.

## VII – A ALMA DE ESPANHA

À primeira vista o drama de Espanha não passa de uma tragédia burguesa: marido ultrajado, mulher, filho, amante – e rol da roupa suja. Como nas peças, basta pôr de pé as personagens para se compreender o enredo. É uma mixórdia de assombro e de grotesco: a ambição, a cólera, o sonho, as paixões, que avultam certas figuras, rebaixam-nos e apelintram-nos a eles. A gente sofre e passa. Só um consegue deter-nos; só ele conserva, amarfanhado e tonto, certa grandeza no ridículo. Eis as personagens

É o pobre Carlos IV, feito manequim nas mãos da mulher, que o ludibria de acordo com o favorito; é Carlos IV, cego até comunicar ternura, e, apesar de tudo, inabalável na sua profunda confiança.<sup>77</sup> Arrastam-no, mentem-lhe, perde tudo, mulher, trono, oiro, e já entre as mãos de Napoleão, sem coroa, sem reino, sem prestígio, ainda pergunta numa aflição: – O Manuel? onde está o Manuel?

É a rainha, a impetuosa e lasciva Maria Luísa. Tem 50 anos. Até aí o tropel da vida, o sangue, a miragem, não a deixaram ver a realidade em todos os seus aspectos. Primeiro rebate da velhice, primeiro sabor do sepulcro. Tantas horas perdidas... Pouco te resta já – e já rugas, a pele ressequida, os olhos apagados. E quando a mulher se apega com desespero – restos de colo, restos de cabelo – ao pó de um sonho extinto. Momento em que a vida e a morte se tocam, em que a verdade e a ilusão se misturam. Submete-se. Godoy trata-a como uma criada de servir.

É Fernando, envelhecido na crápula, obtuso e concentrado, odiando o próprio pai, e conseguindo abrir a estúpida boca com sono, perante o formidável drama que se desencadeia na Europa. É enfim o válido, que, por ser esbelto e tocar guitarra como um bandido de Astorga, conquistara um trono. Godoy, que iniciara o seu reinado com estrépito, engorda e parece um cocheiro sebáceo. Há um quadro no Prado que aclara todo o drama confuso: as tintas conservam e exprimem os sentimentos, os rancores, a ambição, o ódio, as vergonhas e o indeciso e o falso dos caracteres: está ali vivo o que há muito se sumiu para sempre na eternidade. Basta vê-lo ao rei, pachorrento e gordo, de olhos à flor do rosto, estupidez e inocência, satisfação porque o retratem com a família toda – e o Manuel ao lado: compreende-se logo que o representante da sombria raça de crueldade e loucura, nasceu para ser o ludíbrio da mulher e do aventureiro vulgar. É o *boi*, como lhe chama o embaixador francês em Madrid. Chega a desgraça e ele não entende nem a catástrofe nem o escárnio; num espanto, sem um ímpeto, obedece às ordens de este e de aquele, da rainha, de Godoy, do filho, dos generalões sem escrúpulos, de Napoleão, até ao fim enganado e iludido, obcecado por uma amizade cujas raízes se tinham apoderado de todo o seu ser. Vale a pena encará-lo por momentos no cenário a negro que é a Espanha, rodeado de fidalgos, ‘de intrigas, de tropas sobre tropas – multidões sôfregas que descem os Pirenéus para lhe arrancarem o trono, de ódios, de gritos, de vergonhas; num mar bravio depois: mortes, rapinas, almas sanguinárias à solta e ele simples e terno, espantadiço e inalterável: Onde está o Manuel?

É finalmente o coro antigo – a turba, o povo fanático, que se agita no fundo como um pesadelo: bruxas, *hidalgos* esfaimados, cavadores, familiares do Santo Ofício – canalha, desespero. ferocidade, tragédia.

Faz aflição mexer nos pormenores de esse passo doloroso: não há figura que nos prenda. Até Napoleão cuja sombra, apesar de distante, ainda enegrece o mundo,

---

<sup>77</sup> Eis a opinião de Luciano Bonaparte: «É a fina flor da antiga probidade castelhana: religioso, generoso e demasiado confiante, porque julga os outros por si próprio.» Todos o enganavam.

«Só um homem ignora inteiramente as intrigas de Maria Luísa: é o rei.» (*M. Tratchensky*).

Napoleão é um rábula. Desce a diplomata. Não lhe basta deitar a presa e esmagar. Mente-lhes, engana-os, arrasta-os de Madrid a França, servindo-se de intrigas vulgares como um vulgar procurador. Intruja-os. A águia mascara-se até ao momento decisivo...

\*

Olhemos bem a Espanha: foi sempre assim: rota e fanática, desgraçada e cruel, implacável e altiva, grande nos seus erros e nos seus crimes—grande porque foi sincera e se deu à luz loucuras e infâmias, gerou-as sempre com a aflição de uma mãe que pare um filho. Nem uma Espanha moderna e prática se compreende, senão quando lhe chegar a hora de morrer. Querer que tudo no mundo se assemelhe a essa odiosa máquina que se chama a Inglaterra; querer transformá-la na mesma forja imensa, cheia de neveiro, de tubos, de chaminés vomitando fumo, é um erro. A ilha dispõe de mais oiro? Melhor. Pergunto se vale a pena encher a terra da casaria e delir carvão, que faz o horror de Manchester, de Liverpool, do inferno – se vale a pena encher as almas de esse desespero atroz? O progresso moderno tem um ideal – Chicago. Bem sei que são ingleses os jardins verdes e quietos, tão nobres, onde as grandes árvores nem se atrevem a bulir: os palácios cheios de conforto e mistério, as mulheres –sonho, nuvem, brancura... Mas sente-se que tudo isto é feito de dor, de tortura imensa – da maior tortura: é um extracto, para o gozo de meia dúzia de felizes, do sofrimento da multidão que galopa apressada, atrás de dinheiro, entre corredores, que não têm fim, de prédios negros e disformes; do desespero das pobres mulheres, que usam chapéu com um resto de pluma, e se enchem de álcool para esquecer a vida...

A Espanha de então é uma mescla singular: conventos denegridos, 150 mil frades, *hidalgos* rotos, padres fanáticos, bruxas e mendigos, catedrais de assombro e pedra erguidas até ao céu. Uma mulher seca, de cabelos negros e um cravo nos cabelos, canta com um ranger de castanholas... Voluptuosidade e morte. No alto um Deus cruel e autoritário reclama vítimas; acima de Deus a Inquisição, abaixo El-Boi, dominado pelo aventureiro e pela italiana lasciva, Rodeiam-no 400 famílias nobres e sôfregas, a corte, gente sem resquício de heroísmo, almas de histriões e de lacaios, insaciáveis de honras, de poder, de oiro, capazes de tudo, de rastos perante quem paga – para se encherem até aos gorgomilos... No fundo, ignorado e sumido na dor, o povo da Inquisição e da realidade até ao desespero; o povo das catedrais onde Deus está preso e a ferros. No cenário pomposo da corte intrigam as mulheres e os amantes por Nápoles, pela Áustria, pelo inferno. Há espões aos centos. Impera o valido, expõe a rainha um resto de colo aparatoso; Carlos IV sorri coçando a penca enorme; estiraça-se Godoy nos móveis, cheio de condecorações, a de Carlos III, a de Crista, a de Malta, o Tosão de Oiro, muitas, todas. A rainha ama-o, el-rei adora-o, e assim, na intriga e na crápula, se apelintram e engordam. Engorda o aventureiro, engorda a rainha, Carlos IV engorda, e o filho, ressumando ódio, constrói sonhos sobre sonhos impotentes e inúteis – a morte do pai, o trono que o valido lhe disputa – e fecha-se dias após dias, para remoer e dormir. Tem sono... Godoy trata-os a todos com o mesmo amplo desprezo: à rainha a quem bate, ao rei, a Fernando, à corte, aos diplomatas, que recebe em casa da amante Pepa Tudo. Dois homens, duas forças, dois pretendentes à coroa, príncipe e valido – intrujice, despotismo, ambição, e uma mulher de 50 anos numa reles submissão de criada. Era ninfómana: teve vários amantes: Lencastre, Pignatelli, Ortiz, os dois Godoy, etc. Um deles escreveu o romance dos seus amores, *Zelmira*. Descreve-se a ler um livro pornográfico, quando dá conta que Zelmira, por trás dele, suspira: «Qual foi a minha surpresa. quando ao voltar-me encafuei o nariz no colo de Zelmira, que de propósito abriera as rendas do vestido. Lembrei-me de fugir, mas ela estreitou-me de encontro ao



peito. Tudo nos favorecia. Eram perto de sete horas da tarde, de uma tarde magnífica de verão. Zelmira surgira-me num *deshabillé* voluptuoso. Deitou-se na verdura: escondiam-nos as roseiras...» Fiquemos por aqui, mas não sem acrescentar o seguinte período: «Estive por tudo o que ela quis na esperança duma recompensa proporcionada aos perigos que corria. Efectivamente fez-me ascender a um posto a que eu não tinha direito.»<sup>78</sup> De um lado um boneco, que, pouco e pouco, com enredos subtis junta nas mãos todos os fios do poderio: almirante, generalíssimo, conselheiro de Estado, valido. É dono de Espanha. Pelo meado de 1807 Godoy é tudo isto: «D. Manuel Godoy y Alvarez de Faria Rios Sanchez Zamora, príncipe da Paz, duque de Alcudia, senhor de Soto de Roma e do Estado de Albala, grande de Espanha de primeira classe, regedor perpétuo da cidade de Santiago, cavaleiro da Ordem do Tosão de Ouro; grã-cruz da Ordem de Carlos III; comendador de Valência, Ventora, Rivera e Accuchal na Ordem de Sant'Iago; conselheiro de Estado, primeiro-secretário de Estado, secretário da rainha, superintendente-geral dos Caminhos; protector da Academia Real das Artes e do Gabinete de História Natural, Jardim Botânico, Laboratório Químico e Observatório Astronómico; gentil-homem da câmara da rainha; capitão-general dos exércitos reais; inspector e major do corpo real dos guardas do corpo.» Não tardaria a chegar ao acume, subindo a novos cargos. No cofre amontoara milhões. A sua riqueza era enorme, os seus palácios magníficos, os seus rendimentos colossais. Para coroarem a rápida ascensão casam-no com Maria Teresa, cuja irmã destinam ao próprio Fernando. Gasta dinheiro a rodos, distribui-o por aduladores e parentes, fá-los grandes de Espanha, coronéis, ministros, casa-os com as amantes já servidas. Seu irmão foi duque de Almodovar d'El Campo; sua amante condessa de Castro Fiel.<sup>79</sup>

A Espanha rosna. A Espanha é a Inquisição, as catedrais, a mixórdia de negrume e de assombro, o sonho e a cólera, o desespero e a feroz realidade – e o boneco atreve-se a pôr-se-lhe na frente, a arrancá-la à imobilidade de séculos. O povo odeia-o, o povo quer os frades, a tortura, a crueldade: só se sente bem na sua imensa desgraça... E esse homem que ousa e ergue as mãos para a Igreja, mais poderosa na Espanha que o próprio Deus, não tem sequência nem lógica: procede por arrancos; rodeia-se de criaturas ilustres, mete-as na cadeia por capricho, faz uma política de acaso, torna

---

<sup>78</sup> Outro acrescenta:

«Com 50 anos ela tem pretensões e uma *coquetterie* só perdoável numa mulher nova e bonita... As suas despesas em *toilettes* e em jóias são enormes. E raro que um correio expedido pelo embaixador chegue sem trazer dois ou três novos vestidos.. o

«É o deboche em toda a sua fealdade; é o escândalo mais revoltante. nenhuma urbanidade, nenhuma delicadeza, nenhum pudor privado ou publico. Costumes corrompidos... Não se tomam precauções para afastar este medonho espectáculo dos olhos da multidão e talvez de toda a Espanha; não há uma única pessoa que desconheça que, para alimentar a estranha sensibilidade da rainha, não são bastantes o rei, as atenções passageiras do príncipe da Paz e o concurso frequente da elite dos guardas de corpo.» – (*Alquier*).

<sup>79</sup> O favor de Godoy cresce: ele e o irmão obtêm postos: o pai é feito ministro de capa e espada do conselho de Finanças: a mãe é nomeada camarista da rainha, outro irmão cónego de Toledo. De 17 de Fevereiro de 1789 até 1 de Março de 1791, Manuel ascende a todos os postos: chega a marechal de campo. E isto não pára: sobre ele e a família desabam as graças e o oiro.

«Os dois novos senhores (os Godoy) moram numa casa em frente do palácio e o seu jantar é como o do rei: enquanto comem recebem as gentes notáveis da corte que se vão prostituir diante desses dois manequins. Como últimos toques do quadro, eis o que vi: Às três horas tínhamos ido ver com Sua Excelência o embaixador e a sua família os diamantes da rainha, e quando estávamos a examiná-los ouvimos gritar: Eis a rainha! – E logo apareceu Godoy, que atravessou a sala com o chapéu na cabeça e honrou com algumas carícias familiares os criados de quarto, que ali se achavam para abrir a porta dos aposentos da rainha, que entrara pelo lado oposto. Fechou com um ar alheado de desdém a porta, olhando-nos e procurando dar-nos a conhecer a sua felicidade. É M. La Tulipe, granadeiro da guarda, que vai dormir com Mademoiselle Jeanneton.» (*Le Français à Madrid*).

impossível o despotismo – e é o pior dos déspotas. A um passo do poder recua, com medo de Napoleão. diante da morte de Fernando. Ainda tenta dá-lo por incapaz, e para isso faz a corte a Bonaparte, mas já os amigos do príncipe o incitam a que ponha Napoleão do seu lado, pedindo-lhe para esposa uma mulher da família.

O outro, Fernando, cisma. Ao lado da vida real seria curioso dar corpo ao que o homem é capaz de construir de sonho, nuvens, exalações de desespero, de ambição e de beleza... A sua sombra remexe na obscuridade o cortejo de conspiradores, uns duques, o do Infantado; uns cónegos, o da Sé de Toledo, seu mestre e amigo, Pedro Collado, o *Chamorro*; D. Antonio Pascuale; seu tio o conde de Montijo, que depois da morte de sua primeira mulher, a astuta princesa, o aconselham e dirigem. O príncipe foi sempre uma alma vulgar: as horas, os dias, passa-os com insolência, numa corte toda pragmática e minúcias, velho, aborrecido e gasto, ruminando ódios. Revolve a espada de Bonaparte toda a Europa, e ele tem tempo para abrir a boca com tédio. Só tédio? Esta alma onde as sombras se acumulam, essa matéria preciosa, fio de vida que levou séculos a construir, descendendo de reis após reis, ociosos, debochados, fartos e portanto incapazes de desejo, alvoroçou-se um dia. Amou a mulher, filha da famosa Carolina de Nápoles, e todo se absorveu na linda criatura que o galvanizou, conseguindo por instantes fazer de um manequim um homem. Dominam-no, ela instiga-o à luta; não o deixam tomar parte no conselho de Estado, ela incute-lhe forças para reagir. Acaba aos vinte e três anos de uma doença suspeita, e ele exclama: – Morreu envenenada! mataram-na! – E a sua morte envolve-o em sombras mais densas. Fica só a matéria. Na corte, as cerimónias imponentes, vêm-no de novo abrir uma boca o desenlace que se aproxima lhe comunica arranco e nervos: a. Não é desdém, porque nem é vácuo. Só o electriza o ódio ao favorito, e porventura o ódio ao próprio pai. Sua figura é atroz, e esta última nota completa-o e define-o: mais tarde apanham-lhe um decreto com a data em branco, em que dava a um dos seus favoritos o governo de Madrid, *depois da morte de seu pai*, o que quer muito simplesmente dizer: – *depois do assassinato de seu pai*... Quando chega enfim ao trono, apressa-se a restabelecer a Inquisição e a organizar uma polícia sem escrúpulos...

\*

Viram as figuras? Abstraíam agora das figuras. Por trás delas está, trágica e atenta, a alma imensa de Espanha. Encarem o que parece inerme, os homens banais de capa esfarrapada que só dizem: – *Pues...* – e de quem Blaze se ri; reparem na terra calcinada, cor de cinza, nas catedrais monstruosas, e que não são, como à primeira vista se afigura, só pedra; reparem nas cidades tismadas, em Toledo, onde se expõem as correntes, as algemas, os ferros dos prisioneiros e o retrato lívido de Torquemada; reparem nos Cristos com pele humana; na escuridão onde uma luzinha arde cheia de aflição, condensando mais trevas inquietas; nas muralhas onde as figuras remexam, e lembrem-se dos mortos atrás dos mortos; da vida oculta de cada ser; da voluptuosidade de Granada e dos seus subterrâneos; do olhar das magas e das grades de ferro – e pouco e pouco avulta a alma, que lateja enterrada sob os alicerces das catedrais, esparsa no pó das ruas e dos cemitérios e no fundo de cada criatura, que representa milhares de almas e que tem atrás de si um cortejo invisível e temeroso.

O homem de capa esfarrapada, que fuma cigarro atrás de cigarro, o homem ridículo do *pues*, se tu, pobre Blaze, a quem a metralha não assusta, tivesses olhos para ver, enchias-te de pavor. A insignificância da existência, a que ninguém foge, a educação, a Igreja, outras causas múltiplas, pesam, esmagam, soterram esse espírito monstruoso e esplêndido. Caíram-lhe séculos de pó em cima: conveniências, infâmias,

ridículos. No dia em que ele o sacode, deslumbra... Por isso te digo: não repares nos bonecos, olha para o cenário que exprime crueldade, dor e grandeza. Olha para os palácios denegridos, ruínas, ossadas, montes secos e descarnados: solidão de planícies, Burgos e os seus mendigos, Burgos e a sua catedral com a formidável porta dos apóstolos, Burgos e o Cid; sinistras praçazinhas onde se fazem os autos-de-fé nas cidades solitárias; fachadas de igrejas; aldeias concentradas e isoladas do mundo com os seus rancores e os seus eternos déspotas; Simancas, o arquivo de tantas glórias, crimes e loucuras; a velha Salamanca; Ávila com as suas muralhas cor de Oca, oitenta e seis torres, o dédalo misterioso das suas ruas e a lembrança viva de Santa Teresa; desertos, blocos de granito, rebanhos, e uma tristeza cinzenta; o tremendo Escorial e a desmantelada Córdova; sonho disperso, flores, sol Sevilha; a estranha monotonia da Alta Mancha, pó, cisco, solenidade, terra e céu.. De tudo isto sai a alma heróica, doida, desesperada, fanática, do grande país dos inquisidores, do crime, da paixão, e da realidade.

A *acção*: Napoleão joga com esses dois homens como se fossem títeres. A Godoy mete-lhe medo, oferece-lhe cavalos, acena-lhe com um título... No fundo despreza-o. E Godoy, que quer ser rei, supõe iludi-lo... Lisonjeia-o, mas nas vésperas da batalha de Iena (corre na Europa que Bonaparte será derrotado...) esquece-se lança contra ele uma proclamação. Napoleão vence, e o outro dá-lhe explicações confusas. Que pena, diz o imperador. que pena que este Godoy não passe de um imbecil! Quem o há-de apoiar na conquista do trono, a França ou a Inglaterra? Eis o pensamento que o domina e que o perde. Napoleão esse é que não hesita. Sabe o que quer: destronar os Bourbons, como já varrera de Nápoles Fernando e a sua corte infame. Ambos eles, um para se sustentar no poder, o outro com medo que o valido e a mãe lhe arranquem o trono, põem a sua corte na dependência de Bonaparte. Debalde o rei tenta casar Fernando com uma irmã da mulher de Godoy, D. Maria Luísa de Bourbon: Quem, eu!? É uma afronta! – E escreve a Napoleão, pedindo-lhe uma das suas irmãs. É uma carta vergonhosa, com períodos sonoros, escrita decerto pelo cônego. Durante horas silenciosas o Escoiquitz reviu-se nessa obra-prima, à luz da lâmpada, no silêncio imponente da Sé. Queria-se ímpeto, um político profundo ou um herói. Alguém capaz dessas loucuras que ficam na história, ou de uma intriga assombrosa de dedução e perspicácia. Havia um cônego reumático, alguns fidalgos emproados, e um príncipe capaz de abrir a boca com sono diante do próprio drama da Paixão. Como Napoleão leria este papel:

«Sire, o medo de incomodar Vossa Majestade Imperial e Real entre as suas façanhas e os altos negócios, que incessantemente o rodeiam, tem-me impedido até hoje de satisfazer directamente o mais imperioso dos meus desejos, o de exprimir, ao menos por escrito, os sentimentos de respeito, de estima e de afecto, que de há muito dedico a um herói diante do qual desaparecem todos os que o precederam e que foi enviado a terra pela Providencia para salvar a Europa da confusão total que a ameaça, para consolidar os tronos abalados e para dar ás nações a paz e a felicidade.»

Começando por este período cheio de mentiras, e que parece escrito por um intrujão, pedindo dinheiro emprestado, Fernando acaba, depois de outras lamúrias, por reclamar a honra de se aliar a uma princesa de sua família: «Imploro com a maior confiança a protecção paterna de Vossa Majestade, afim de que não somente se digne dar-se a honra de me aliar à sua família, mas que aplane todas as dificuldades e faça desaparecer todos os obstáculos que se possam opor a este voto, Este esforço da parte de Sua Majestade Imperial é-me tanto mais necessário que eu por o meu lado estou absolutamente impedido de tentar seja o que for, porque tudo seria talvez tomado por um insulto à autoridade paterna, vendo-me reduzido a um único meio, ao de me recusar, como farei com uma invencível constância a qualquer aliança sem o

consentimento e a aprovação positiva de Vossa Majestade Imperial. de quem unicamente espero a escolha duma esposa.»

Napoleão só mais tarde lhe responde em períodos incisivos e curtos:

«Como processar o Príncipe da Paz, sem arrastar na mesma queda a Rainha e o Rei? Esse processo desencadearia ódios e paixões: o resultado seria funesto, lembre-se Vossa Majestade que não tem outros direitos ao trono senão os que lhe foram transmitidos por sua mãe. Desonrá-la é desonrar-se, e perdê-los é perder-se».

Recomponham agora se podem a atmosfera de intriga: os ditos, os enredos, as palavras que se murmuram ao ouvido nos recantos; reconstruam essas almas, a noite, a imaginação, os fios de nervos embrulhados, que os ligam como um novelo, e cerquem-nos de cortesãos, no grande palácio onde reina a pragmática. Sobre isto espíões, sobre isto os que se curvam, os que adulam, os que querem triunfar, os que querem agradar: sobre isto as centenas de existências presas a um drama confuso: pequenos interesses, vaidades, medo, rancor, as figuras impassíveis dentro das quais só há ambição e ódio – e os criados os fâmulos, os cortesãos que escutam uma palavra, observam um gesto, e reconstituam, se podem. a atmosfera de intriga viva, real, toda nervos

Napoleão, como de costume, resolve tudo de um golpe com a espada. Na sua frente só encontra homens dominados por paixões subalternas, cónegos, dois ou três intrigantes e o povo Mas Bonaparte não conta com o povo: nos seus cálculos matemáticos entram sempre exércitos, reis, tronos: os altos cumes.

O oceano põe-no de lado. O embaixador de Espanha D. Eugénio Izquierdo, figura duvidosa, que se não sabe bem a quem se vende (a Bonaparte, a Godoy, a todos?) e o general Duroc negociam em Fontainebleau o tratado concluído em Outubro de 1807. Pouco exige Napoleão para si: o pretexto para inundar a Espanha de tropas. Mal Junot, assinadas as bases fundamentais, entra em Espanha, já outro corpo se organiza, o de Dupont. que irrompe pela fronteira a 22 de Novembro, e após ele não tem fim, leva atrás de soldadesca. Moncey passa o Bidassoa a 9 de Fevereiro. – Desapareceram os Pirenéus. Canhões e forças vão até ao coração de Espanha, o tratado é inútil, e nem o governo recebe comunicações da marcha. Caem, com embustes, nas mãos dos franceses, as praças de guerra. Um chefe supremo toma o comando das forças. Chama-se Murat, duque de Berg. Era o sonho de Godoy realizado? «Um dia que os dois, rei e valido, conversavam, debruçados num balcão, que dá para a estrada de Madrid, o favorito deixou-se levar pela melancolia e disse-lhe: Repara Vossa Majestade e indicou-lhe as colinas próximas – para aquelas alturas azuladas e tão alegres a esta hora, sob o céu azul de Espanha. Ai! eu vejo-as cobertas de soldados franceses, vejo os acampamentos, os brilhos das armas. Vejo a coroa de Vossa Majestade, que os séculos fizeram gloriosa, levada pela águia ensanguentada, que essas massas de soldados, de quem eu temo até os beijos, adoram. O horizonte não há-de ser tão negro como tu o pintas, replicou o rei. Semelhante atentado não é possível no nosso tempo. Esperemos... O Imperador há-de explicar-se; é impossível que ele próprio não nos comunique as suas intenções.» (Godoy, *Memórias*).

Entretanto na corte vive-se na intriga. O rei adoecera. Iria morrer? Godoy e a rainha maquinam: aliciam os comandantes das tropas, espalham mão-cheias de ouro; os seus apaniguados propalam: – O príncipe é incapaz, o príncipe é imbecil... Os espias descobrem que Fernando se corresponde com Napoleão. E entre esta barafunda de interesses, mulheres, paixões, intrigas de diplomatas, Beauharnais, que cisma também num trono, embates de ambições e desvario avançam tropas pela Espanha... Um dia o rei encontra uma denúncia com estas palavras no sobrescrito: *Já! Já! Já!* Lê: «O Príncipe das Astúrias prepara um movimento no Palácio. Periga a coroa de V. M. é a vida da rainha. *Fiel vassalo.*» Fechado a sete chaves Fernando finge traduzir Condillac

e remexe nos papéis dos conspiradores. O pobre Boi, açulado e acompanhado pela rainha, vai por suas próprias mãos desarmar o filho. Metem-no no sombrio Escorial. Apanham-lhe a correspondência. que Maria Luísa fez desaparecer, e onde o filho dizia da mãe ignomínias: descobrem mais papéis. combinações, listas, e ele com um medo ignóbil. confessa tudo, acusa os seus melhores amigos. pedindo perdão ao valido e ao pai. Fernando escreve assim ao rei: «Senhor, meu pai, fiz mal, faltei a Vossa Majestade na qualidade de rei e de pai, mas arrependo-me e ofereço a Vossa Majestade a obediência mais humilde. Não devia fazer nada contra Vossa Majestade. mas a minha religião foi surpreendida. Denunciei os culpados e peço a Vossa Majestade que me perdoe ter-lhe mentido a noite passada e que permita beijar-lhe os pés reais um filho reconhecido.» (*Toreno*).

Está pronto a reconciliar-se com o Príncipe da Paz. Dão-no como parricida. exilam o cónego e os duques. e se não fosse a sombra temerosa de Napoleão. tinham-no afogado num buraco do palácio. É que já os exércitos franceses cobrem grande parte da Espanha. e Godoy pergunta a si mesmo se a aventura não terá como remate o cadafalso. Pensa em comprar fundos públicos na França, pesam-lhe os cargos que tem a mais e quer distribuí-los pelos outros... A sua correspondência com Izquierdo acelera-se. A 13 de Novembro de 1807 escreve: «As coisas tomam um aspecto terrível. Segredo e veia com atenção o que se passa.» A 24: » Tenho pensado mil vezes em deixar os cargos que exerço. ficando apenas com os negócios da guerra... A afeição do povo é passageira e ninguém como ele é tão fácil em distribuir o elogio ou a calúnia. Não, não ando contente.» A 18 de Dezembro tenta persuadir-se que tudo corre pelo melhor. A 9 de Fevereiro de 1808: «Não recebo cartas. O tratado que o senhor assinou não subsiste: o reino está coberto de tropas francesas... Tudo é incerteza, intriga e causa de temor... O senhor é mal visto em Paris! O embaixador é nulo! Que diabo quer dizer isto?»

Quer dizer que já estão nas mãos de Bonaparte. que para os sossegar manda cavalos de presente ao rei e à rainha. É Godoy quem aconselha agora a toda a pressa o casamento de Fernando com uma das irmãs de Bonaparte. Mas o embaixador chega e abre-lhes os olhos: os Franceses aproximam-se. Lã corno cá, a ideia é a mesma: fugir. fugir depressa com o dinheiro e as amantes, a corte, a Pepa Tudo, condessa de Castro Fiel, o conde de Almodovar d'El Campo e os cónegos para onde Napoleão não chegue. De Madrid a Aranjuez são *oito* léguas. Entroixa-se, sem se contar com o povo...

Na multidão correm boatos descontraídos. Os carros sucedem-se com espalhafato. – Cheios de oiro! cheios de oiro!.. São os tesouros roubados pelo valido! – Lá vai uma sege desabalada: é a Pepa Tudo, condessa de Castro Fiel, insolente como uma cortesã, carregada de diamantes. Morra Godoy! morra Godoy! – Ordena-se aos soldados: – Carreguem a canalha. Os soldados embainham as espadas. Assaltam os fardos. Um jacto de escumalha, um jacto de cólera, irrompe pelo palácio de Godoy. Pálida e dramática suspende-os a princesa com um gesto. A desgraça impõe-se à multidão. Godoy não afronta a morte cara a cara: some-se, e só mais tarde vão dar com o aventureiro, rei de Espanha, amante de uma rainha embrulhado em esteiras num sótão. Cospem-no, ultrajam-no, riem-se. Bate o queixo com medo. – Tenho fome!.. Fernando (gozo supremo) vai vê-lo a pedido da mãe: – Perdoe-te. – E ele num assomo de orgulho: – Não és rei ainda! - Em Madrid a mesma estúpida canalha escaca os móveis preciosos; as riquezas, os farrapos da condessa, são atirados pelas janelas; arrombam-se os cofres, os imensos cofres, que se supunha abarrotados de oiro, e onde afinal se encontram algumas moedas escassas. – Morra, morra! -

Logo que em Madrid é conhecida a abdicação de Carlos IV saqueiam o palácio do almirantado, que Godoy costumava habitar. «Pálidos de cólera, alumados pela chama resinosa das tochas, ressaltavam da escuridão como figuras do inferno de Dante.

Grupos de mulheres misturavam-se a essa horrível horda. Mas que mulheres, Senhor! Figuras trágicas, olhos saltando fora das orbitas, sobrancelhas espessas, e longas mechas de cabelos negros correndo-lhe como serpentes nos pescoços e nas costas.» (*Souvenir d'une Créole*).

A multidão vocifera: os franceses estão a dois passos de Madrid. Carlos IV abdica, o trono passa para Fernando que começa a satisfazer rancores. Mas daí a dois dias, Murat aloja-se no palácio de Godoy. Quem manda agora nem é Fernando, nem Carlos IV, que rasga a abdicação, nem a intriga, nem os cónegos. nem a corte: é outra a força, é outro o homem que, sem largar a máscara, os tem todos nas mãos...

Bonaparte julga-os de alto: chama a si o caso da abdicação de Carlos IV – a questão de família – e olha-os a todos por cima do ombro. Os seus jornais chamam rebelde a Fernando, – que fora instigado à rebelião pelo próprio embaixador da França.

O rei escreve cartas sobre cartas a Murat, e o *Monitor*, tempo depois, publica essa correspondência cheia de intimidades e de vergonhas. o vazadouro. Carlos IV lamenta-se por causa de Manuel... «A minha situação, diz o rei a um oficial, é das mais tristes. Querem conduzir à morte o príncipe da Paz, e todo o seu crime consiste em ter-me sido dedicado a vida inteira. E o pobre rei queixa-se de que ninguém o atende e que se o príncipe da Pai morrer lhe não sobreviverá.» (*Rapport de Monthion*).

Por fim é adoptado um plano: Savary, general e polícia, ajudante-de-campo do imperador, corre a Madrid e diz a Fernando: – O imperador reconhece-o se o for procurar: Bonaparte vem a caminho, está perto de Baiona, de onde segue para Burgos. O príncipe, velho antes da idade, sórdido e mesquinho, cheio de ambições de mando, parte num carro a 10 de Abril. Os caminhos estão cheios de soldadesca. Em Burgos param. Napoleão? Não chegou ainda. Savary intruja-o: É dele o trono. E o outro, odiento e crédulo, escuta-o, escuta o próprio ódio, o assomo de lama que se lhe revolve lá dentro. Outra paragem: Vitória e Bonaparte não surge. Vai ser reconhecido como rei de Espanha e das Índias.... E para os postilhões Savary brada: – Depressa, depressa! Estou vendo o desfile. É a Espanha representada por um príncipe sanguinário e boçal, capaz de atraiçoar os seus melhores amigos, ludibriado por Savary, cavalheiro sem escrúpulos, general-alcoviteiro de Bonaparte. Aí vão aos tropeções numa berlinda antiga, numa berlinda impossível, que imagino doirada e que destinge pelo caminho, com talha que se desfaz em cisco na lama das estradas pisadas pelos invasores... Um cala-se, sombrio, com estremeções de suspeita, que o outro logo acalma falando sempre, falando-lhe no poder, no ódio e no trono, Savary diz-lhe: «Podem cortar-me a cabeça se um quarto de hora depois de chegarmos a Bayonna Napoleão não Vos reconhecer como rei da Espanha e das Índias.» (*Memórias do Rei José IV*). O príncipe na sombra espessa, só mexe aos solavancos da berlinda, enquanto Savary, homem moderno, aventureiro capaz de tudo para triunfar, palra sempre, até o ter bem seguro quando penetram nos cordões da tropa francesa. Então é Savary enfasiado que se cala, é o príncipe que inquire receoso: – o imperado? o imperador? E a sege fantástica lá segue o seu destino, destingida, enlameada, grotesca como uma sege de enterro. Os caminhos estão cheios de tropas, de generais, de soldados, de massas imponentes de artilharia. Em Vitória Savary larga-o: Já não é preciso enganá-lo...

Alguns espanhóis tentam ainda arrancá-lo ao seu destino. Debalde. Nenhum dos cortesãos, nem os duques de S. Carlos e do Infantado, nem o cónego, que escolhera essa ocasião tremenda para se queixar de uma catarreia, tinham lido o *Monitor*, escrito quase sempre sob o ditado de Napoleão, e onde transpareciam todos os seus projectos. A 20 de Abril Fernando passa o Bidassoa. Um; faltam os outros... Os outros vão eles próprios entregar-se: partem atrás do Manuel, apenas sabem que Murat mandou para Bayona o Príncipe da Paz. Carlos IV não via mais ninguém no mundo. Escrevia-lhe:

«Incomparável amigo Manuel: Sofremos muito estes dias ao ver-te sacrificado pelos ímpios, só porque eras nosso amigo. Até agora não temos cessado de importunar o grão-duque e o Imperador. Foram eles que nos livraram do perigo, a ti e a nós. Amanhã começaremos a nossa viagem ao encontro do Imperador e acabaremos de fazer tudo o que podermos por ti. para que nos deixem viver juntos até à morte.» O papel da carta, datada de 22 de Abril, estava manchado de lágrimas. (Lafuente – *Historia de Espanha*).

Não é um cortejo todo pragmáticas, duques, inquisidores, paixões. ódios, grandezas, que passa agora, é o rodar banal de algumas seges pelas estradas, por entre bandos de soldadesca: é El-Boi inocente, no fundo do carro, com a mulher sombria e colérica ao lado, caminhando para a desgraça: é a Espanha que avança, a hirta Espanha pomposa e ridícula, o velho mundo através de outro mundo irrespeitoso, através da força, dos canhões, das baionetas, do ferro, e de homens com outras ideias e outra alma: é uma mascarada através da realidade. Chasqueiam os soldados, as populações olham-nos com espanto e dor e um largo, um afrontoso riso de escárnio, vai crescendo à medida que eles avançam, que passam a fronteira, que caem nas mãos de Bonaparte. O imperador recebe-os, junta-os, escuta-os, e logo mãe, filho e rei se descompõem com rancor. É ela – «com 60 anos, o vestido decotado, mangas curtas sem luvas, e um ar falso, mau e ridículo» (Constant – *Memórias*) que exclama primeiro: Não és meu filho, nasceste do acaso.– E o Boi, grotesco e escarnecido até ao fim, só diz: Ultrajaste os meus cabelos brancos. Parricida! parricida! - De pé, imóvel, com as mãos atrás das costas, Napoleão assiste com impassibilidade à cena trágica. A mãe tiraram-lhe o amante, arrancaram-lhe o trono – avança como uma figura antiga: Destronaste-nos! Perdeste-te e perdeste-nos! – E logo se volta ameaçadora e altiva para Napoleão: – Agora mande-nos subir ao cadafalso! – Então baixinho Carlos IV conclui perguntando: O Manuel? onde está o Manuel?

– É o rei Príamo! – diz Bonaparte aos seus íntimos, achando o quadro interessante: «A cena chegou ao auge da beleza quando a rainha a interrompeu com invectivas e ameaças contra seu filho, e quando depois de ter-me censurado o havê-lo destronado, se voltou para mim e me pediu que a fizesse subir ao cadafalso. Que mulher! que mãe! exclamava o Imperador.» – (*Memórias Históricas*. – De Pradt).

No dia 1 convida-os para jantar, e Carlos IV ao ver enfim Godoy corre a apertá-lo nos braços. Perdera tudo – esquecera tudo...

No dia em que José Bonaparte chega. Napoleão agarra-o, domina-o, convence-o. Há-de ser por força rei de Espanha. Chegam ainda de noite a Baiona. e entram logo nas salas do castelo, os nobres de Espanha, as quatro imponentes deputações, a dos grandes do reino, a da formidável Inquisição. a do conselho de Castela, a das Índias, a do exército, para serem apresentadas ao novo rei: avançam, curvam-se sob a vontade de ferro de Bonaparte. Só o duque do Infantado hesita, atreve-se a ler este período: «... esperamos que a nação se pronuncie...» E logo se arrepende diante da cólera de Napoleão: – Vá pôr-se à frente dos revoltosos que é melhor. Esteja certo que. se faltar ao seu juramento, dentro de oito dias será fuzilado. – E o outro logo, submisso: «Vossa Majestade é um dos principais ramos de uma família, que está destinada pelo céu a reinar sobre os povos.»

Todos se curvam, todos, e. a começar por Fernando, felicitam o novo rei de Espanha.

\*

Ninguém conta com o povo, ninguém conta com a alma fanática e imensa, com a Sombra desesperada e imensa – senão quando ela entra em cena... A 3 de Abril Murat

exige a entrega do infante Francisco de Paula e da rainha de Etrúria, para os mandar também para França. - Levem-nos todos! – clama a população de Madrid. Rodeiam os coches e choram. Amotinam-se, e a notícia do sucesso corre a Espanha. Revoltam-se as Astúrias, a Galiza, a Corunha, as cidades de Castela-a-Velha e Andaluzia... Na Estremadura, em Castela-a-Nova, em Valência, em Múrcia e Aragão, o espanhol apronta-se para matar. Surgem exércitos, logo vencidos e de novo improvisados. Os homens prodigalizam o seu sangue por aqueles reis de vergonha. Bessiers derrota, em Medina del Seco, 30000 espanhóis. e Napoleão afiança: – Bessiers pôs meu irmão no trono de Espanha. Ainda a tragédia não começara... Cinco dias depois é derrotado Dupont e depõem as armas 18 mil soldados do império.

A guerra torna-se atroz: as mulheres são prostituídas em frente dos vencidos: uma queixa-se de 40 soldados. O túmulo de Cid em Burgos é arrombado, à procura de ouro. Napoleão açula os que chacinam a Espanha, e a Espanha responde-lhe com crueldades sem nome. Inventam-se torturas inéditas para os feridos, e em torno do sofrimento, quanto maior e mais desumano. mais gritos, risos, impropérios. Do rei José dizem as mulheres que há-de dar um lindo enforcado, e, enquanto os outros morrem a defender-lhe o trono, ele distribui sacos de ouro ainda ensanguentados – sem imagem aos cortesãos e às mulheres do harém.

«A corte do rei José era tal qual a do rei Peteaud: não podia com o peso do diadema. Autêntico autómato, aos empurrões dos ministros, foi menos odiado que desprezado pelos espanhóis, que nele viam apenas a sombra de um soberano; durante muito pouco tempo conservou as suas ilusões. Os marechais do império de Napoleão, não estando submetidos às suas ordens, fizeram-lhe um grande mal na opinião pública. Chamavam-no ironicamente José Pepino ou Pepe Botelhas. Este último epíteto não condizia com os seus gostos: José Bonaparte nunca foi bêbado. A sua paixão dominante era a incontinência, à qual se entregou com furor. Empregava vários alcoviteiros para satisfazer os seus desejos ou os seus caprichos. Alguns espanhóis imorais e pouco escrupulosos obtiveram empregos e recompensas. sacrificando a honra das suas filhas ou das suas mulheres. Desprezados pelos franceses e cobertos de opróbrio pelos seus concidadãos, expiaram depois esse instante de uma fortuna efémera.» (Limouzin – *Souvenirs d'Espagne*).

Tudo rouba ou chacina. O francês, ladrão até à medula. chega a furtar a prata do novo rei e o guarda-roupa das suas amantes, que mais tarde é encontrado nas viaturas dos oficiais.

– Resistem – matem-nos! – prega Napoleão.

Mas em cada novo dia que nasce, desaparecem mais soldados isolados que num verdadeiro combate. O país torna-se infecundo, e o espanhol, de escopeta em punho, espera a morte e vive com a morte. Esses homens taciturnos, de que fala Blaise, embrulhados em farrapos e deitando de hora a hora fumaradas, com esta única palavra: – *Pues!* – transformam-se em feras. À chacina respondem com o desespero. «Tudo que os mártires sofreram dos romanos nos primeiros séculos da Igreja, eles infligiram aos franceses: crucificaram-nos, esquartejaram-nos, mutilaram-nos, suspenderam-nos lenta e gradualmente e nada faltou para completar semelhantes atrocidades. O fogo, o azeite a ferver, a serra, o machado, a corda, o punhal, os ganchos, tudo foi empregado, excepto aquilo que, por uma morte pronta, livra da vida. Nem a velhice, nem a fraqueza, nem o sexo punham ao abrigo de essas crueldades: feridos ou moribundos, homens ou mulheres, novos ou velhos, soldados ou paisanos, expiravam sob os punhais. Houve mulheres que imitaram estes crimes. Houve-as que queimaram comboios inteiros de feridos, dançando à volta dos carros incendiados, dando uivos selvagens que se confundiam com os gritos das suas vítimas; outras massacravam os



prisioneiros, mostrando-se ao mesmo tempo, sanguinárias e impudicas.» (*Souvenirs de la Guerre d'Espagne*. – Fée).

Desencadeia-se o horror. Vem enfim para a luz do sol a alma fanática, assolapada sob os alicerces das catedrais, nos buracos monstruosos, e, com falsas aparências de civilização, no fundo recôndito de cada ser. Acordaram-na: olhem bem para ela... Anda à solta a ferocidade, as velhas bruxas, as garras, as bocas, a mixórdia que Goya fixou nos pesadelos. Um oficial é metido numa cuba de água a ferver, e outros entalados entre tábuas e serrados ao meio. Riem as velhas desdentadas: dizem palavras de escárnio, de amor, de gula, as lindas mulheres com os dentes brancos arreganhados e um cravo vermelho na cabeça: e a fila de homens, inalteráveis como inquisidores, fumando o eterno cigarro – cerca, assiste impassível aos gritos, ao horror, ao sofrimento, ao inferno. *Pues!...*

## VIII – EL-REI JUNOT

Dois homens, no alto dominam todos os outros, Junot e Hermann. Um é o homem exterior, do espalhafato e da cólera – a espada a rasto, a pluma ao vento; o outro, ninguém dá por ele: é um ser calado e lívido, sempre vestido de negro. À sua roda a gente do governo fala, discute, vocifera: palavras, projectos, sons. Ei-lo que se ergue e diz: – Não. Mais nada. Pôs o veto e recolhe à sombra. A fisionomia impenetrável não tem uma contracção, os olhos aguados não vêem. Parece sonâmbulo. Junot passa com o cortejo, general em chefe, «comando dado com cólera, recebido com desolação», quase rei. Quem manda é Hermann. Há homens assim. São poetas. Quanto mais no escuro, melhor. Riem para dentro, gozam numa solidão esplêndida. Ignorante e vaidoso, *Jinot*, como lhe chama ainda hoje o povo, sente-se perdido. exactamente no momento em que a vaidade pode desenvolver-se-lhe à larga.

Está doido, Em 1792 acertou-lhe uma bala na cabeça; outra em 1796.<sup>80</sup> Daí em diante sofreu sempre. As primeiras excentricidades manifestaram-se quando governador de Paris. Batia nos criados do café onde jogava o bilhar. Tempo antes da invasão já Marbot lhe notara a alucinação do olhar...

É destas naturezas vulgares, grosseiras e afinal simpáticas. que acabam por se tornar insuportáveis. Não lhe sai do crânio a última entrevista com o imperador: Napoleão, com Savary ao lado, atira-lhe três palavras secas. Uma porta bate. Deixa de ver tem-na sempre diante de si – a máscara do dono. Savary, ajudante-de-ordens, criado de quarto e alcoviteiro ilustre do imperador, odeia-o. Apaixona-se com escândalo pela branca e voluptuosa Carolina. Joga sem trem, o seu luxo exaspera. e a sua vaidade desordenada espicaça as vaidades alheias. Não passa de uni parlapatão, sempre pronto a dar ou apanhar uma espadeirada, temido, brusco e generoso. e tratando todo o mundo de alto, com uma superioridade irritante. Ora estes homens, que nunca se apagam, molestem por fim toda a gente: é necessário arredá-los. Dão-lhe o comando do exército invasor para o afastarem do leito da irmã de Napoleão, que detestou sempre os escândalos da família. Quem tem a confiança do governo imperial é Hermann. Junot detesta-o<sup>81</sup>, Lagarde odeia-o. – Junot perde o lugar de governador de Paris. Pior: destituem-no de ajudante de Napoleão. Enchem-no de oiro? Escárnio: Savary triunfa... Vomita impropérios, cólera, loucura. Trata mal o ministro da Guerra do Império (não lhe responde aos officios) perde a cabeça, passa numa rajada com a corte atrás, o Melo Breyner, o Principal Castro, o conde de S. Paio, as mulheres, o estado-maior cheio de plumas, de jactância, de vaidade. Exige que acreditem na sua intimidade com Napoleão, e os outros riem-se. Se Thiébault lhe apresenta as ordens necessárias para assinar – não assina. Ordens só ele as dá – percebem? –; só ele é o cérebro, só ele inspira e executa. Então Thiébault finge que esquece os papéis sobre a mesa, sem lhos apresentar directamente, e logo o pobre general. às escondidas, de noite, fechado por dentro, assina tudo, aprova tudo... Todos os dias avança para a desgraça. E exclama: – Este país está-me nas mãos. Os portugueses adoram-me. – E nem cumpre as ordens de Napoleão, nem organiza o campo entrincheirado entre Lisboa e Setúbal para a suprema defesa. Tem pelo trabalho a máxima aversão: é todo impulso, irresolução, incompetência, desleixo. Se ao menos pudesse ser rei... Cumprimenta-o o corpo diplomático e ele olha-os todos de alto. Conquistou um reino – uma capital riquíssima.

---

<sup>80</sup> Après lequel il ne toléra plus que on lui passât le peigne sur le crâne – ARTHUR CHUQUET – *La Folie de Junot*, pág. 135, 141.

<sup>81</sup> Por mais de uma vez o acusa na sua correspondência com Napoleão.

«*Malgré que le Prince et les fidalgues ont emportée d'ici*, as riquezas ascendem a 150 milhões de cruzados. Lisboa pode ainda ser considerada a cidade mais rica da Europa» (L. 2 de Dezembro). Quanto à gente está toda com ele. Uns, como Alorna, dizem «que o maior bem que pode acontecer a Portugal é estar na imediata dependência da França (16 de Dezembro). «Metade de Lisboa vivia à custa da corte» (27 de Junho). E tudo uma questão de dinheiro. «Os portugueses não conservam nenhuma estima pela casa de Bragança» (14 de Fevereiro). Os fidalgos são poltrões: «Fiz a lista dos homens mais notáveis e mandei-os a França sob o pretexto de deputação, mas sem nenhum acto autêntico. Não há nenhum capaz dum acto sério: são todos poltrões» (14 de Fevereiro). Quanto aos oficiais gerais que podiam temer-se, uns foram afastados, outros... «Há também outros oficiais gerais que merecem a benevolência de V. Majestade»... (16 de Dezembro). Quando manda (13 de Junho) a mensagem acerca de nova dinastia acrescenta: «o oficial que a leva é o neto do marquês de Pombal, D. José Sebastião Saldanha, filho mais novo do conde de Rio Maior, que casou com uma das filhas do marquês de Pombal. Esse moço e toda a sua família, muito numerosa e que goza em Lisboa de grande consideração, conduzem-se sempre muito bem com os franceses». E, enfim, «não há um membro da nobreza ou do clero que não tenha assinado livremente a mensagem».<sup>82</sup> O país está-lhe efectivamente nas mãos. Deslumbra-se, mas vem-lhe o negrume, de que sai com ímpetos de loucura, o penacho ao vento, e atrás, curvos, pálidos, de rojo, a regência, a corte, as mulheres...

Desde que pensa em ser rei *mudou de natureza*. Só recebe fidalgos. Não admite réplicas. Abanam-lhe com a cabeça os diplomatas muito complacentes, o governo, e, como tem às suas ordens um exército, a Igreja. os fidalgos e os ricos e 150 cavalos das cavaliças reais, roda como um verdadeiro príncipe, adorado pelas mulheres, bajulado pelos que o cercam e com o cunhado à estribeira: – Vossa Alteza! Vossa Alteza!... – Os franceses sentem-se em sua casa. Dum lado para o outro, muito afadigado. Carrion de Nizas – o artista – acarreta livros, jóias, quadros, e Geouffre, o ridículo cunhado de Junot, vai de casa rica em convento à procura de ouro e objectos preciosos. Junot oferece os palácios dos fidalgos emigrados e aos seus oficiais superiores: – Instalem-se. Alguns escrevem logo para França mandando vir as mulheres. ]a corte festas, ópera. *soirées*, – fazem parte alguns fidalgos. D. Lourenço de Lima, partidário acérrimo de Junot, Resende, o governo e muitas mulheres encantadoras. Vêm aí mais. Diz-se para França: o país é esplêndido. Thiébault traça planos de jardins e melhoramentos no palácio que lhe coube em sorte. De quando em quando um sobressalto: fuzilam um desgraçado.<sup>83</sup> Que importa o sangue? Em Lisboa goza-se. Há um partido que rodeia

---

<sup>82</sup> Cartas de Junot a Napoleão. Ms. Biblioteca da Ajuda.

<sup>83</sup> Jacinto Correia, por exemplo, Jacinto Correia, segundo referências que tenho encontrado nos arquivos de antigas irmandades, estudou em Mafra primeiras letras no convento. Era natural de Zambujeira do Mar. freguesia de N. S. da Anunciação de Lourinhã. Casou na Atouguia de Baleia com Umtolini Rosa, em 30 de Maio de 1785 e deixou descendência. Residia nesta localidade quando o prenderam.

Nas épocas em que mo permitem as minhas ocupações oficiais, tenho indagado do paradeiro dos descendentes: já encontrei vestígios, e sei que em unia localidade do concelho de Cadaval. me parece. vivem pessoas desta amiba. Tenho o máximo empenho em saber o que esses descendentes conservam sobre o motivo do fuzilamento do avô ou bisavô.

A tradição em Mafra conservou até hoje que Jacinto Correia foi atacado por dois soldados franceses que lhe queriam roubar (vá o termo) um feixe de lenha. Jacinto Correia defendeu-se e matou os dois soldados com uma foice. Preso, foi conduzido a Mafra onde se achava estabelecido o quartel-general de Loison . Julgado em conselho de guerra, declarou confessando o *crime*, que: se todos fossem do seu valor, não ficaria um só francês vivo. Este desabafo. traduzido rigorosamente pelo português que servia de intérprete, encolerizou o presidente do tribunal (ou conselho de guerra) e Jacinto Correia foi condenado à morte, sem a menor atenuante, e fuzilado em 25 de Janeiro de 1808. segundo a tradição, no

Junot. «Cada dia se via ir crescendo o Trono do Despotismo, e da Ambição, fundado na credulidade dos pusilânimes; e de momento a momento se conhecia o aumento de certo partido que o aprovava»... São os íntimos: os que tudo esperam do poder: é o Ega e a mulher; meia dúzia de oficiais, os portugueses. – e um homem sempre ouvido. sempre consultado nas ocasiões difíceis. Seabra da Silva tem os cabelos todos brancos...

Está mais céptico, já quase puídas as arestas da personalidade, ele que outrora escrevia à mulher: «Tudo é sonho, tudo é menos do que o que já por nós passou...» O Ega, Junot, e outros, batem à porta do velho, que resolve os problemas com fórmulas. Engelhou, mas conserva nos olhos a finura, na boca um sorriso amável e estas palavras fáceis: – Pois sim... pois sim. – O contacto com os bastidores da vida gasta, desgasta, aproxima certos homens de Deus. Ele mirra e ganha em frases amáveis. Já o não perde, e é pena, o impulso irresistível da vida. O bom humor que até nas Pedras Negras conservou.<sup>84</sup> transformou-se em ironia durante «a carreira extraordinária e impenetrável» da sua vida, segundo as suas próprias palavras. Duas vezes ministro, duas vezes desterrado, ficou-lhe porém o gosto do poder. Junot mal chega a Lisboa procura-o. Insta. Ele responde: – Não.– Espanta-se Junot da decisão pronta e seca quando o imperador o quer levantar do chão, e ele torna «em palavras agudas no género a que os gregos chamam gnómico: – Quem fez o não tão breve, não quis que ele se demorasse; e não pode levantar alguém em Portugal, o que abaixou todos os pescoços ao seu jugo»... Acha o marquês de Resende extraordinárias estas palavras, que têm todo o sabor de falsas... Siêys, como Seabra. julgava Bonaparte perdido, mas, como homem de Estado, ia jogando sempre aproveitando sempre... Da vida ficaram-lhe fórmulas. Só tem um partido– o poder. Do partido do poder são também, por várias razões, o Ega e a Ega. O Ega, que mais tarde recebe dinheiro em França de Napoleão, e pedincha até à última, é principalmente do partido do dinheiro; a Ega, ambiciosa e fútil, essa quer mandar, brilhar, jóias para os cabelos, sensualidade e prazer. Só o general não passa de um parlapatão ingénuo: é uni sargento de coroa no alto da cabeça. O poder dá-lhe volta ao miolo. Entre o palácio do Quintela, S. Carlos, o Ramalhão e o palácio da Ega, desenrolam-se os fios da meada.

A Ega é loura, de aparência ideal e efémera, cabelos de oiro que polvilha de diamantes – e por dentro segura. Fragilidade e uma saúde de ferro: morre na Rússia aos 80 anos. O marido é um trapo naquelas mãos delicadas. – As mulheres da Revolução eram idealistas. Mas ninguém fala de M.<sup>me</sup> Roland, que todos nós amamos, nem de Carlota, que marcha de olhos altos e ferro escondido no branco seio virginal; nem de Lucília Desmoulins, toda encanto e nervos. As mulheres do Directório e de Napoleão são materialistas: Josefina, Hortênsia, a Talien e as outras. Por seu lado o homem. entre o acampamento, a morte, a violência, o desespero e o dinheiro, não ama – goza. Passa em Paris algumas horas, coberto de glória. Não corteja –. falta-lhe o tempo. Tem pressa; as mulheres despem-se, a saia entreabre-se. Enchem-se de jóias lascivas. A Ega vive da intriga: viu de perto duas cortes e foi dama de honor de Carlota Joaquina. Segue-a o marido como um trambolho, Quem é este homem? Nem vale a pena sabê-lo. Tem dívidas, deve a meio mundo, precisa sempre que lhe dêem ou que lhe emprestem. Tudo na sua vida se explica por esta palavra – dinheiro. Sente-se, palpita ainda nos seus

---

campo chamado Alameda», na face sul do edificio de Mafra, mas há quem assevere que no largo dos «bicos», na face norte, por ter ouvido dizer.

No livr. 6º, fls. 936 de óbitos da freguesia de Santo André de Mafra encontra-se o seguinte registo: Aos vinte e cinco de Janeiro de 1808, faleceu com os sacramentos da confissão e comunhão, fuzilado pelos franceses, Jacinto Correia, d'idade de 46 anos, casado com Umtolini Rosa, moradora no lugar d'Atouguia... O Prior (a) Manuel Duarte. (*Nota do sr. Júlio Ivo*).

<sup>84</sup> Cartas inéditas.

papéis essa suprema aflição. As letras são aos centos, aos maços; saltam de entre os documentos. São de judeus de Tânger, de este, de aquele: não têm conta, não têm fim. Em toda a sua vida há uma ânsia, arranjar dinheiro. Recebeu-o decerto dos espanhóis, recebeu-o dos franceses.<sup>85</sup> Para o obter não recua: a mulher é um meio – vende o rei, o país, vendia, se pudesse, o próprio diabo. Esta nota é dolorosa mas necessária: se o Ega se vende a troco de dinheiro, os outros vendem-se por comodidade, Só no povo – porque o frade é povo também– os franceses encontram resistência. É que os ricos são materialistas, e o pobre esse não hesita – que lhe vale a vida? e salva-nos. O pobre é de instinto espiritualista ferrenho, Estranho povo este: mais fundo, mais humildade, melhor, Um pouco de oiro enlameia-o. Querem ver? Não há como as cartas, os papéis íntimos, para nos dar a psicologia duma época... Não só «os Governadores vão d’acordo com Junot (prudentíssimo general) que até foi uma fortuna o ser ele comandante desta expedição», mas os burgueses e quase toda a Lisboa. Só o povo, «esse bando de malvados e ladrões de profissão... em grandes Bandos atacarão tudo quanto eram franceses matando alguns...» Estão muitos presos. «Tudo gentalha e creio que dentro em pouco terão de ser enforcados.» Joaquim José da Silveira (*700 cartas publicados por Tomás Pires, e outras*) acha que as medidas de Junot são «prudentes e rigorosas e uma delas é afastar da Capital todos os Corpos Militares Portugueses, para que não suceda que por algum principio de indiscrição eles possam ser envolvidos em rivalidade.» Não só este como quase todos entendem que «continua o sossego e a boa harmonia e tudo ia bem» se não fosse a canalha...

É entre a casa do Seabra e o palácio do Ega. que se tramam os acontecimentos, Fui lá um dia ver o ninho. Ali, como sempre. triunfa a natureza, que todos os anos se renova. Cai tudo: os muros ainda se sustentam de pé, mas dentro os soalhos abanam. A um canto de uma sala, com arabescos de Pompeia no tecto. seca a alfarroba, e nas outras há entulho, madeixas, lixo. A única que se conserva quase intacta no estilo pompeiano, com frescos representando mulheres do trágico torresmo da volúpia, é horrível; são horríveis os pomposos lampadários de metal, obscenos como ventres. A brancura dum mármore de Apolo no seu nicho. e em roda de toda a sala um lambris de azulejo representando Veneza, cidades holandesas ou flamengas. Tudo isto, com lumes, fardas, e as mulheres envoltas em gazes e cheias de diamantes, devia deslumbrar... Os soalhos rangem: há restos de papéis nas paredes: num rasgão cheio de humidade descobre-se ainda a coluna de Vendôme... – Maravilha é o terraço que entra pela quinta dentro como a proa de um barco encalhado, com banquinhos de pedra e canteiros de sardinheiras; maravilhosas são as árvores e as noites de luar sobre o rio, o cenário, a barra, os longes etéreos, A grande sala dá para um jardimzinho cheio de rosas, de roxas cenárias, de tintas e de aromas. As bacias deitam água a custo: romperam-se as canalizações, e o milho, as couves, a horta, alastram pelos jardins. Lá dentro fede a humidade, mas pela porta aberta que deslumbramento! Cheira a sol, range uma nora e entre dois jactos verdes de árvores avista-se pelo rasgão, a Outra Banda, o Tejo – a luz e a cor. Tudo isto tem um ar quase selvático, de abandono e ruína – ao pé de um trecho utilitário que ali fica bem. Sumiu-se a vã agitação, secam-se molhos de erva de encontro às grandes muralhas inúteis, e por toda a parte, nos recantos, crescem abóboras ou moitas de flores. A água pinga, cai– para as regas. A natureza perdoou, abençoou. Contemporâneo do Ega. da Ega, do Junot, só resiste e cresce ao pé da casa, selvático, forte, com sólidas pernadas rompendo-lhe do tronco luzidio, um pinheiro cuja umbela cobre todo o terraço. Suas raízes alastram, vêm-se à flor da terra, minam por

---

<sup>85</sup> Ainda em 1811 recebia diversas quantias – morava em Paris, rue S.<sup>te</sup> Croix Chaussée d’Antin, nº 1 – por intermédio de «Monsieur Gorgen, chefe du Bureau des depenses diverses»... Em 1819 era constantemente citado para pagamentos diversos.

baixo da casa, e sente-se que pouco e pouco, hão-de apoderar-se de tudo aquilo. Fica o pinheiro em cima, fica o rio lá em baixo...

Não é só em casa de Ega que se dão *soirées* magníficas: Junot recebe sempre que não vai à ópera ou que não passa a noite em intimidade em casa de M.<sup>me</sup> Foy. Recebe entre outros a Ega, a Foy, a condessa de Bourmont e o conde, de quem costuma dizer: Entre Mr. de Bourmont e um forçado não há diferença nenhuma,, Tocam o violoncelista Jordani, os rabequistas (ialdino, Filipe, o flautista Rodil; canta a amadora Maria Benedita de Brito. «Além de um ou dous convites formais que me fez o General em chefe para bailes, aos quais era também convidada toda a gente notável de Lisboa, e a que temi faltar por não ser notado, e alem das vezes em que fui obrigado acompanhar a Real Junta do Comércio à casa de Junot...» (*Ratton.*)

Alguns negociantes ricos abrem também as suas casas aos oficiais franceses. Foi no salão de Francisco José Pereira, que dava saraus e concertos concorridos por Hermann, por Foy, por Delabrode e Thiébault. que Geouffre insinuou, por intermédio da mulher do negociante, a oferta de um magnífico colar à duquesa de Abrantes, que tivera um filho. Quintela escolhe 21 diamantes magníficos... Afinal todas as mulheres adoram este Junot, Uma marquesa, que conquistara ao passar em Salamanca, debalde lhe escreve. – Que doida! que doida!

– Vamos para S. Carlos!

Fardas, oiro, galões, quinhentas mulheres quase nuas nos vestidos diáfanos da época. E sobre isto gazes, plumas, jóias. Corre e tilinta o oiro no camarote, com várias salinhas do Quintela, de que Junot se apoderou. A Ega imita nas atitudes M.<sup>me</sup> Recamier, loira e branca, resto de nuvem com poalha de sol. Nos bastidores as bailarinas intrigam, o general procura a Júlia Petit, amante do bailarino Fago, que lhe chama: – Saltimbanco! saltimbanco! – Ele rasga-lhe o contrato. Cintilam as pedras no cabelo de Ega. Um espectador na plateia murmura os versos de B o e age:

D'alva Julina o divinal com posto  
Houve encanto, houve dom que lhe escapasse...

Junot impusera os espectáculos ao empresário, e, como não lhe paga, ele não paga aos artistas, Tudo se compensa... A assinatura aumentou. Nessa Primavera o general ia com as bailarinas para a quinta do Hortelão e com as damas francesas e portuguesas para o tradicional Ramalhão. Esta e aquela são suas amantes; fora sua amante uma rainha, Carlota Joaquina, de quem ele fugia a sete pés dos *rendez-vous* de Pedrouços. O Ramalhão. o lugar preferido, o Ramalhão conventual e triste entre árvores veneráveis, é um casarão curioso com o ar pachorrento de quem digere indiferentemente num sítio admirável ou numa latrina. Os choupos têm séculos de vida e a ingenuidade das crianças: desde a entrada que cobrem a devassidão com a sua inocência. As ruas de buxo – que atinge o tamanho de árvores – dão um grande carácter à quinta. Por toda a parte tanques, bosques fofos, heras cobrindo arcos românticos. Silêncio, silêncio, silêncio... E um ninho de amor. Por toda a parte água, esconderijos e pomares de macieiras. Há ali árvores centenárias que valem todo o palácio. E de este sítio idílico fizeram alcouce! Sentada numa cadeira baixa, conta-se que Carlota Joaquina. arregaçando as saias, refrescava as pernas com uni abanador – contemplando o mar. Foi também este o lugar escolhido por Junot para os seus amores dum dia...

Quem se lembra agora do novelo trágico, envolto no chuveiro imenso, dos gritos, da morte, do desespero? Tilinta o oiro do saque... Não se desvaneceu de todo o rufo dos tambores, esvoaça ainda no escuro o clarão dos archotes. E gritos! gritos! gritos!... – São quinhentas mulheres francesas e portuguesas, e a Ega. entre todas, triunfa, loura, diáfana, frágil. irreal... O povo cá fora canta-a

A condessa chora. chora,  
Chora sem consolação.  
Que o seu Junot arribou  
A quinta do Hortelão.

As festas em S. Carlos são um esplendor. Há-as com baile, jogo e ceia. Para o bufete armado no palco sobe-se por duas escadas. Nos programas marca-se a atitude dos convidados e do público logo que chegue El-Rei Junot. É esplêndido o aspecto dos camarotes e da sala, com as portuguesas e as francesas, que vieram com o exército, a Troussel, alta e soberba, de olhos negros e cabelos castanhos. a Foy, loura, de narizinho arrebitado, que passa por amante de Junot e a quem chamam a beta Roxelane. a simpática M.<sup>me</sup> Thomiers, uni tudo-nada triste, que segue o marido pelos campos de batalha até 1811, e que o vê morrer-lhe nos braços em Aragil, as famílias do conde de Almada, de Sabugal, de Peniche e de Castro Marim. as dos marqueses de Abrantes, Marialva, Penalva e Valença, as de D. Francisco Xavier de Noronha. e dos desembargadores Lucas Seabra da Silva, Manuel Nicolau Esteves Negrão. Abreu Girão, etc. Os vestidos são transparentes, as jóias em profusão brilham ao lume dos candelabros. No camarote do Quintela a Ega sorri. Apenas as duas fitas lhe prendem dos ombros as mangas eram curtíssimas o vestido aberto.<sup>86</sup> Quando a mulher, com graça, solta o xale de Caxemira, que Napoleão trouxera do Egipto, parece oferecer-se como uma deusa saindo de uma nuvem, decotada e coberta de jóias à antiga... (Em Junho todo o Algarve colérico explodira). Envolvem-se em tules, cassas, e nos cabelos. entre as pedras e as plumas, usam flores naturais. São magníficas as jóias das mulheres portuguesas nem tudo fora para o Brasil – e as francesas resplandecem com o produto do saque. Junot chega a seis cavalos, à luz de archotes, com a estrepitosa escolta: esperam no peristilo. as fardas, o mestre-de-cerimónias, o Ega, que em 1 de Junho tinha sido enfim nomeado membro do governo, em substituição do Principal Castro. Coronel general de Hussardos, *grand'aigle* da Legião de Honra, grã-cruz de Cristo, comendador da Ordem de Ferro da Itália, grande-oficial do Império, quase rei de Portugal, a música recebe-o com o *Chant de Victoire* de Pérsias, e as mulheres e os oficiais, de costas para a cena, levantam-se, Ele avança, ao som do *Chant de Départ* de Méhul, e gira em volta da sala, acenando com o chapéu emplumado para a Ega, para a Troussel, para as lindas

---

<sup>86</sup> É curioso este trecho do *Correio de Londres* de 12 de Abril de 1802 sobre as modas em Paris: Après le bain, disait-il, un déjeuner au chocolat sera servi et les dames, avant de s'asseoir, prendront un tablier à la créole. Le chocolat nu, on changera de vêtements. On prendra des robes à la Pomone. Elles sont aussi commodes que jolies pour monter à cheval et pour sortir le matin à pied. Le dîner aura lieu chez le meilleur restaurateur. A ce dîner de pique-nique il n'y aura pas un homme d'admis. Trois sortes de vêtements ont été adoptés pour le repas et la promenade. Le premier est la robe ronde à la Rufina; son ensemble est délicieux. Le second est la redingote à la Naxos, charmante pour le négligé. Le troisième est le surtout à la grecque. Il se met par-dessus les robes blanches et est enjolivé sur les devants dont la coupe est variée. Ce dîner, composé de femmes seulement, met au désespoir les charmants, les incroyables, qui se sont coalisés contre ce pique-nique, comme contraire au bon goût et au maintien de la société. «Quoi! disait un des agréables, ces femmes vont dîner sans hommes! Elles vont s'ennuyer à périr et vous verrez que la migraine les empêchera d'aller à la promenade. Je le prévois d'avance, Longchamps sera effroyable cette année.» Que ces dames se promènent ou ne se promènent pas, elles ont adopté pour aller aux collations privées la parure suivante: la robe longue à la Philomèle, Le corsage, par derrière est à l'Étrurie, les manches sont courtes et enjolivées partie à l'espagnole et partie à la grecque. A défaut de la robe à la Philomèle, la robe ronde à la Glaonia sera seule admise. Sa coupe est partie à la romaine et partie à la française. Elle a une grace parfait.

No entanto Napoleão não gostava de ver as mulheres tão nuas. «Assegura-se, diz uma nota da *Gazeta de França*, que o Primeiro Cônsul por várias vezes fez sentir que não gostava de mulheres nuas num salão.»

e sumptuosas criaturas. (A 26 de Junho já os franceses tinham chacinado os insurrectos de Beja). Dança-se, e à meia-noite e meia hora sobe o pano e o *buffet* surge sob uma barraca de campanha, mágico de luz, de flores, de bandeiras vitoriosas, A orquestra rompe com o *Veillons au salut de l'empire*, e o mestre-de-cerimónias anuncia: *Monseigneur est servi!*

Junot anda preocupado porque não recebe reforços, mas as noites de festa seguem-se. A 15 de Agosto, dia da festa de Napoleão, canta-se o *Demofonte*, imitação de Metastásio, música de Marcos de Portugal. desempenhado por Eufémia Echart Neri, Angiola, Bianchi, Luigia, Caldarini, etc., etc. (Já os ingleses desembarcaram e marcham de Alcobaça para as Caldas.). Lagarde continua, porém, a publicar suplementos à *Gazeta* com notícias de vitórias:

## GAZETA DE LISBOA

### 1º SUPLEMENTO

SEGUNDA-LEIRA, 15 DE AGOSTO DE 808

A ordem do dia do Exército de Portugal de ontem, era concebida nos termos seguintes:

*Quartel General de Lisboa, 14 de Agosto de 1808*

«Soldados! Houve uma grande Batalha entre o Exército Francês e o Exército Espanhol reunido nas Províncias de Castela e de Galiza, entre Benavente e o Douro: o Exército Espanhol foi completamente batido; e perdeu a maior parte da sua artilharia. O General Francês prossegue nas suas vantagens; e 20:000 homens do seu Exército entrarão em Portugal pela Cidade de Bragança. Esta forte divisão marcha para Lisboa, e em breve, valorosos soldados, podereis abraçar as vossos camaradas. Com eles, haveis contentado a NAPOLEÃO O GRANDE: como eles sereis recompensados: o vosso General em Chefe saberá fazer-vos ante S. M. a justiça que mereceis. Rodeados de inimigos, uma parte dos quais, na verdade, se acha enganada, estejamos sempre prontos a combater e a perdoar!»

(assinado) O DUQUE DE ABRANTES.

Por cópia conforme,

O General, Chefe do Estado Maior General,

THIÉBAULT

Junot aparenta tranquilidade, mas logo no princípio do espectáculo sai de repente e com ele todos os generais. A Ega empalidece Chegara um correio de Delaborde com más notícias. As bagagens foram carregadas de madrugada a trouxe-mouxe. «Era digno de se ver, como eu vi, esta quadrilha carregar com o furto, nada deixaram de precioso, pois tudo levaram». (*Observador*). Nas casas onde os oficiais se alojam vai um rebuliço...

Marcham de Lisboa às 4 e três quartos, depois de segurarem o saque a bordo do *Vasco da Gama*. Levam consigo o depósito público, 225000 cruzados e as barras de prata da fundição e mais uma vez proclamam:

O DUQUE DE ABRANTES, General em Chefe do Exército de Portugal, aos  
Portugueses Habitantes de Lisboa.

Eu me separo de vós por três, ou quatro dias. Eu sou visitar a meu Exército: e se for necessário dar



uma batalha aos Ingleses, e qualquer que seja o sucesso, eu tornarei para vós. Eu vos deixo para governar Lisboa um General, que pela sua doçura, e pela sua firmeza de carácter soube merecer a amizade dos Portugueses em Cascais e Oeiras. O Senhor General Travot saberá também por estas virtudes merecer a dos Habitantes de Lisboa. Vós tendes estado até agora tranquilos: é de vosso próprio interesse continuar a sê-lo: não vos mancheis com um crime horrendo no instante, em que a sorte das Armas decidirá sem risco vosso do Poder que vos haja de governar. Reflecti um instante sobre os interesses das três Nações, que entre si disputam a posse de Lisboa: a glória e a prosperidade da Cidade e do Reino são o que querem os Franceses; e porque é este o interesse e a política da França

A Espanha quer invadir, e fazer de Portugal uma das suas Províncias, para se fazer assim senhora da Península; e a Inglaterra quer dominar-vos para destruir o vosso Porto, a vossa Marinha, e impedir que a indústria faça progressos entre vós: a magnificência do vosso Porto lhes causa muita inveja; e eles não consentirão que exista tão perto deles, e eles não têm a esperança de o conservar: eles sabem que um novo Exército Francês passou já as vossas Fronteiras: e se esse não bastar, outro virá após ele; mas eles terão destruído os vossos estabelecimentos marítimos; eles terão sido causa da destruição de Lisboa; e eis aqui o que eles procuram, o que eles querem: eles sabem que não podem conservar-se no Continente, mas quando eles podem destruir os Portos e a Marinha de qualquer Potência, estão contentes.

Eu parto cheio de confiança em vós; eu conto muito sobre todos os Cidadãos interessados na conservação da ordem pública; e estou muito persuadido que ela será conservada. Considerai as desgraças, que necessariamente sucederiam, se esta formosa Cidade obrigasse as minhas tropas a entrar nela com a força. Os soldados exasperados não poderiam conter-se: o ferro, o fogo, todos os males da guerra praticados em uma Cidade tomada de assalto; o saque, a morte... eis aqui o que em tais circunstâncias eu não podia impedir; eis aqui o que vos atrairíeis sobre vós: só a ideia me faz estremecer.

Habitantes de Lisboa, evitai, afastai de vós estas terríveis calamidades.

Dado no palácio do Quartel General de Lisboa, 16 de Agosto de 1808.

O DUQUE DE ABRANTES.

A 18, corre que Delaborde foi destroçado. Vai gente ver a esquadra inglesa que se aproxima de terra.<sup>87</sup> A 20 de Agosto Lagarde ainda afixa editais anunciando a vitória da Roliça pelos franceses, mas a 22 à noite espalha-se que os franceses foram completamente derrotados e sai toda a gente para a rua dando-se os parabéns. Aparecem os primeiros feridos e prisioneiros, e o *conselho conservador* «para que o povo não desanime nem se exaspere excessivamente» assenta que é conveniente espalhar de novo a proclamação nº 11.

## HABITANTES DE LISBOA

...«os exércitos provincianos nos trazem a glória, etc. E pois que tão feliz e sinceramente se tem dado as mãos para uma acção heróica o Clero, a Tropa, a Nobreza e Povo desta capital, eis o momento de a praticar... » – Como? como? Vão ver: – ...«e ela consiste em estarmos prontos para atalhar tumultos industriados pela ambição de malfetores, para regular e dirigir a nossa força contra qualquer violência feita aos nossos direitos ou à vossa honra. Nada vos desvie do caminho que conduz a este sistema superior ao prazer ou ao susto, grandes em um e outro, quietos e constantes conseguiríeis merecer os abraços ternos dos vossos compatriotas e aluados mostrando-lhes e ao mundo todo, que sabeis ser, segundo as circunstâncias, prudentes, generosos, guerreiros, portugueses, heróis, filhos de heróis!»

A última notícia que nos resta de estes extraordinários conspiradores. regista assim a história: no dia 17 de Agosto resolvem aprontar para IS de Setembro de esse

---

<sup>87</sup> Sente-se nos escritas da época a ânsia do povo: – 4 e 5 de Agosto... Os ingleses marcham sobre Lisboa. As notícias eram severamente proibidas e só se sabia algum movimento por via de Coimbra, que sustentou correspondências ocultas com Lisboa,. 15 de Agosto: Aproxima-se a esquadra! aproxima-se a esquadra!»

mesmo ano um obelisco com iluminação – lona, papelão, ripas, lixo e sebo...

A 30 de Agosto os franceses compram à pressa pedras preciosas mais fáceis de esconder e de levar. «Era uma confusão em semelhante quadrilha de salteadores...» – Salvou-nos da vergonha o frade exasperado, salvou-nos a multidão anónima e feroz.

## IX – O FRADE E O POVO

Junot manda – o Maneta executa. A 17 de Junho marcha sobre o Porto para dominar a insurreição...

Sai de Almeida com dois batalhões de infantaria e cinquenta cavalos. De Torres Vedras deve juntar-se-lhe outro batalhão e uma bateria, ao todo 1800 homens. É pouco para um povo inteiro que irrompe das tocas, de chuço cm punho. sinos a rebate, apóstrofes, gritos, frades de clavina, e cóleras, exasperos descendo das serras... Loison marcha sobre o Porto.

Escuta.. À noite, nas aldeias (onde vires terra revolvida aí está o homem) à noite junta-se ao lume, rezando o terço, a família do cavador. É uma figura séria, de mãos como pedras, sujo de terra: baixinho a fêmea, que tira o pão da boca para o dar aos filhos, a fêmea encardida, que só vive de dor, diz-lhe: – Trespasaram com espadas o coração da Virgem! Enegrece o fumo a choça.. Do púlpito abaixo, num rodilhão, com impropérios, infâmias, sarcasmos – e uma paixão tão funda que todos morrem por ela – o frade revolve a massa obscura, cheirando a terra e inocente como a terra: Mata! mata! morte aos judeus! morte aos jacobinos! E sacode-os a todos o mesmo ódio quando, estendendo o braço, vocifera: Calcaram aos pés as sagradas partículas!

É um frade, alto, descarnado, calvo, só osso e cólera. Os gestos são imperiosos e o pequeno crucifixo de metal di-lo-eis enorme: pesa-lhe arrobas sobre o peito.

A figura nodosa apronta-se para a morte. Na terra coube-lhe a terra, que o gasta e corrói e lhe dá em troca a fome. Dá-lhe também o amor. Bronco, cascoso e sujo, com a mulher ao lado, ei-lo prestes... A religião é uma grande verdade de instinto e por isso ele a defende. Importa-lhe a terra que se apoderou de todo o seu ser, importa-lhe sobretudo o céu.<sup>88</sup> Ouçam: curtiu fome; a mulher pariu-lhe entre lajes, seus olhos não se despegam do buraco negro do alto. É um idealista grosseiro e crédulo. E quanto mais sofrimento melhor, quanto mais fome melhor. A desgraça imprime-lhe para sempre dedadas, sai-lhe das mãos descarnado. Melhor: mais alma, mais entranhado no sonho. Todo ele vive da única realidade que lhe deixaram. É um idealista feroz. Sofre, e a terra, só braveza e secura, onde se cria a água, criou-o também à sua semelhança e apoderou-se de todo o seu ser. É impossível separá-los. Avança aos urros para a morte pela mão do frade. Agarra no chuço e põe-se a caminho.<sup>89</sup> Defende a tua terra, defende a tua alma. Eis a única guerra que se admite, que se tolera e se compreende. Defende a tua alma a tiro. Chacina. Não perdoes aos que se atrevam a calcá-la. Fá-los recuar mesmo que seja de espanto: o resto são regras, preceitos de velhos filósofos sem pêlo na cabeça nem sangue no coração. Morre e mata– mas mata, Inata!

O que reage não são os interesses; os interesses acomodam-se. A gente rica é cálculo: a vida não lhe é indiferente. O outro nem sequer hesita... Por uma ficção? Não, por uma profunda realidade, pela única vida com que conta, pela vida futura. O que protesta é o espírito contra a matéria. Vem aí o materialismo que Napoleão encarna, e o que nos resta é lama. Acomoda-se. Para deparar com energias capazes de reagir, foi preciso ir buscá-las onde ainda se encontram: ao povo e à desgraça, porque só a desgraça conserva intacta a fonte capaz de todos os heroísmos...<sup>90</sup> E foi assim que,

---

<sup>88</sup> Pátria não tem. «A consciência nacional está na razão directa dos conhecimentos geográficos, políticos e históricos, que dizem respeito à pátria» (*Novicow*).

<sup>89</sup> Como na Itália, onde os lombardos gritavam contra os franceses: – Morra a liberdade! viva a virgem Maria!

<sup>90</sup> Só o povo defende os interesses alheios: o frade defende a Igreja, Roma e os seus próprios interesses.

primeiro a fé e depois a dor, nos conseguiram salvar.

\*

Seis de Junho. No Porto os espanhóis cumprem as ordens da junta galega e aprisionam Quesnel e alguns soldados. Há um levante. Os frades espalham: «Caraffa em Lisboa prendeu Jinot.» Mas mal os espanhóis retiram com os prisioneiros, logo corre: «Jinot apronta as guilhotinas». A gente séria reflecte. «No Porto escrevem cartas com humilhação e arrependimento o governador das Armas, da Relação, o Corregedor e a Câmara; estas cartas são remetidas e entregues ao governo intruso».<sup>91</sup> O juiz dos órfãos e o juiz do crime vão aos conventos pedir aos frades que aquietem o povo. Isso sim! Desde Maio que corre na Europa a notícia do cativo do Papa, o mesmo que sagrara Napoleão em troca de vagas promessas de território; desde Maio, notem, que a Igreja, para quem Bonaparte fora um *segundo Cristo*, lhe chama com escárnio *Buonaparté*.

Nas cidades bolorentas, ladeadas de calhaus, nas vilas arredadas e submersas pelos montes, em Braga, em Melgaço, em Chaves, a ralé brama de cólera – 8 de Junho. Em Trás-os-Montes, na Beira, não se cumpriram os editais de Junot: o cavador enterrou a espingarda de pederneira. As guarnições são ridículas: no Porto 87 soldados, que os espanhóis levaram consigo (6 de Junho); em Coimbra 44 homens, na Figueira poucos mais, e alguns postos de *étape* assegurando as comunicações... No extremo do país, Bragança é uma terra da província, solitária e perdida lá nos confins, onde homens e coisas não mudam. Hábitos entranhados. Vida parada. Os montes separam-na e isolam-na. Não bole, e, ano após ano, os seres, as casas denegridas, as velhas igrejas de granito, vão deitando raízes lentas e de ferro no chão, nas manias inveteradas – e também no sonho. O tempo chega para tudo... Um almocreve leva a notícia do tumulto no Porto: há um motim e o abade de Carrazedo vai procurar Sepúlveda, e encontra-o na igreja de S. Vicente «assistindo à trezena de Santo António». É o povo que o arrasta (11 de Junho). Publica um edital ordenando aos desertores que se apresentem: «Convido também e mando os que deram baixa na dita redução, venham alistar-se.» Ordena aos capitães-mores de Moncorvo, da margem direita do Douro, que vigiem as barcas. O povo, porém, mais pronto, já as despedaçara. Mas, sufocado o motim no Porto, «toda a Bragança temeu e tremeu». Sepúlveda não tem fé e escreve a ocultar a Luuyt, que «achou prudente e ardiloso seguir o plano que adoptara para entreter o povo. Os meus movimentos são nenhuns, nenhuma das minhas operações.» (19 de Junho). O corregedor, o juiz de fora de Bragança, procuram o velhote: Olhe o que *faz* ... – Ele coça a cabeça e responde por esta forma pitoresca (imagina que o ofício vai a caminho...)<sup>92</sup> – «Isso bem está, mas o pescoço sempre fora. Eu não aprovo tal, e a Revolução deve ir por diante...» – Todos os dias pergunta ao ajudante: «– Ó Figueiredo, quantos soldados temos? – E ele responde: – Dez. – São poucos?, dizia o general. Tornava este: – Quantos temos? – Vinte, respondia Figueiredo». Não se riam... Tenho diante de mim a gravura de Bartolozzi, e pressinto o velhote de oitenta janeiros, seco e pertinaz, com duas ou três ideias no caco, mas essas ferrenhas. As farripas de cabelo caem-lhe sobre os olhos espertos: só tem osso, pele e vontade. Um caturra. Inteligência e figura de labroste, e sobre isto solidez e grandeza. Mais manha que finura. Construiu-se no fundo da província de resistência e carácter, desabrido e teimoso, boa pessoa no fundo. – Velha madeira de castanho.

O mesmo grito corre o Douro, Trás-os-Montes e Minho. Nas moles inteiriças de

---

<sup>91</sup> *Sepúlveda patenteado*.

<sup>92</sup> O abade de Carrazedo apanhara-lho no correio...

pedra o homem minúsculo cava, escava a pedra, aproveita todos os escaninhos para criar, filho atrás de pai. o azeite, o vinho e o pão. E o paredão. temeroso e espesso. negro até ao céu – alguns parecem de ferro – entaipa-o. No fundo, muito no fundo, corre o Douro barrento, entre destroços de ossadas corroídas. Infunde temor. E logo mais montes bravos. outras muralhas disformes. À noite vêem-se no alto algumas estrelinhas perdidas. Não há estradas: há córregos, leitos secos de torrentes, caminhos a pique cortados na rocha viva. Uma igreja e casas de colmo tão ermas, tão pobres! Melhor: o homem isolado só convive com Deus e com a terra. Os sinos põem-se a tocar a rebate. É Miranda, forre de Moncorvo, Vila Real. Depois outros mais longe – depois todos. Focam, tocam como bocas a pregar o desespero, sob a abóbada pousada de um e de outro lado nos cerros temerosos, e, no silêncio cheio de majestade dos montes. o som grita, o som clama, o som ecoa. O cavador encaba a foice roçadoura, desenterra a velha espingarda de pederneira... O Porto (70 mil habitantes) é também uma cidade feia e espessa. com o rio na alma – o Porto é granito e sonho. O homem tem um enternecido amor à terra áspera, nevoenta e profética. A pedra é pegajosa, a rua estreita. e a água no fundo trespassa-a e corre como lava. Entranha-se o salitre no granito, a névoa no homem orgulhoso e rude. Tranca a porta – ei-lo rei. Conta, aferrolha o dinheiro do balcão, o dinheiro do vinho (35 mil pipas em 1789), dos côvados de lã, do pano que exporta para a América, da louça, da seda e da cortiça. Mas a névoa sobe do fundo do burgo e turva-o: torna-o confuso e enorme, concentrado; dá alma à pedra, ao homem sonho... A plebe, os segeiros, os botequineiros, as meretrizes, odeiam Pérron, delegado de polícia. Quem sobe as ruelas lajeadas de grossas pedras, encontra os Congregados, os Lóios e os Bentos, cheios de frades inquietos. Da Galiza chegam emissários e cartas. Já em casa do desembargador Joaquim Rodrigues Botelho se conspira, planeando-se o assassinato de Quesnel, e os frades aprontam um barco para a fuga no caso de insucesso. Contam os Galegos: são sete mil trabalhadores brancos, espessos e solenes. Carregam os fardos, cães de guarda vigiam no fundo das lojas, dormem nos claustros, fazem pé-de-meia, trabalham, juntam, poupam. Têm-nos nas mãos. Lembrem-se: a cidade inquieta, com as ruas cheias de população grosseira, tem o rio na alma, tem o rio no fundo, que a atravessa e lhe dá o ar nevoento e concentrado. O Porto é granito e sonho...

A 18 de Junho carrega-se na Ribeira pão para a tropa de Oliveira de Azeméis. Alguém lamenta-se: Só para nós não há pão! Um soldado retruque, quebram-lhe logo a cabeça. E ei-lo motim... Um farrapo no ar e em volta bocas abertas, gritos, apupos, o sórdido galego, a ralé, e o burgo acinzentado, com as margens a pique, o rio, o redemoinho apertado nas ruelas negras e fumosas... A meia dúzia de soldados vai de escantilhão na leva até à guarda da Ribeira: as mulheres vociferam. Seis horas da tarde. Acode o caldeireiro, o tanoeiro, o frade. De Gaia irrompem pela ponte os homens dos armazéns (3 600 trabalhadores). «E as mesmas senhoras e plebeias. longe de se alterarem à vista do perigo, influenciam os filhos e maridos a pegarem em armas, e se munem elas mesmas de pedras». Anoitece. Num alarido, tambores, cruces, archotes – a mescla de frades e matulas, de carrejões e mulheres, sobe as vielas. As torres alarmam a cidade. Em Santo Ovídio o capitão Mariz aclamara o Príncipe, e outra malta furiosa desce: enovelam-se e misturam-se num confuso estridor. Pregam os frades, e a casaria negra e salitrosa, as muralhas espessas, vomitam mais cólera, mais ralé, mais escumalha feroz. Assomam às gelosias vultos medrosos. – Os franceses já estão nos Carvalhos! Vamos a esses ladrões! – Os galegos arrastam quatro peças para a velha ponte de barcos. É a hora em que a névoa transforma a cidade: o burgo aumenta e torna-se revoltado, revoltado, com negrimes caóticos, borrões compactos de escuridão. No céu destaca-se a torre esguia, a casaria acastelada e no fundo, a velha ponte de barcos

oscilante, o rio cheio de clamores, entre duas chapadas monstruosas de tinta. Ao clarão dos archotes, entre osovelos da fumaça, distingue-se sempre o vulto rancoroso do frade, os seus gestos de cólera e o remexer da massa obscura. Depois pior: o negrume anónimo, de onde irrompem chuços nos gadanhos crispados... «Armou-se tudo – diz um folheto da época – (excepto personagem que não apareceu nenhum)». – Morra o Jinot! Viva a Santa Religião! Morra! morra! morra!...– E os sinos nas torres não cessam de tocar. Mete medo. O burguês cauteloso tranca as portas. «Vem aí Jinot com as guilhotinas!» e a mescla, ao chegar à Ribeira, em frente ao morro, oscila ao pé do fosso. Há um pânico e clamores: – «O Oliveira manda os milicianos contra o povo». ~- O brigadeiro fugira a pés de cavalo para Santo Tirso, e os milicianos da Maia e de Penafiel, de guarda à cidade, juntam-se à multidão. Por fim, a noite envolve tudo, mistura tudo, povo e cidade picada de lumes, cheia de gritos, de ruas tortuosas, de casaria trepando as encostas íngremes, agarrada uma à outra, com a torre, a ponte, o rio que atravessa e lhe dá alma. A 19 organiza-se a junta com o Bispo à frente. A 20 a população marcha pela estrada dos Carvalhos à procura do Maneta. Os frades de S. Domingos agitam armas à roda do Bispo e a ralé clama a uma voz: – Morra! morra! – Um franciscano fala exasperado, rouco, feroz; vomita obscenidades e cóleras ou lê uma proclamação entre as chufas do magote que o aplaude e rodeia: «Vamos: dêmos mais um publico argumento da nossa utilidade. Ver-me-eis à vossa frente: segui-me. A táctica necessária para a empresa facilmente se aprende: o amor, a vontade, a coragem e o interesse tudo vencem. Nada vos intimide, nem ainda a consciência. Cravai o ferro no inimigo, e banhado no seu fumante sangue, pendurai-o por cima das Sagradas Vestes, e oferecei assim a Hóstia Pacífica sobre os vossos altares!»<sup>93</sup> – Mata! mata! Nas habitações denegridas as velhas rancorosas fervem panelas de água para atirar aos franceses...

\*

O Maneta chega a Lamego a 19. Mas já o país se sublevara. Nesse mesmo dia a gente da Torre de Moncorvo despedaça as barcas desde a foz do Águeda até ao Sabor. Revolta-se Guimarães a 18 e a 20 Braga, Barcelos e Viana. Subleva-se a praça de Monte-Rei na Galiza e na vizinha Chaves Frei António da Assunção prega a chacina. Sabe-se a 19 que Loison quer atravessar o Douro e o povo exige armas. Três mil paisanos abalam pelas estradas. Em Moncorvo um almocreve declara ter visto os franceses: o rio defende, porém, a província. A 24 faz-se o alardo geral das ordenanças Põe o ouvido à escuta: o som clama, o som grita, o som ecoa de fraguado em fraguado... – Silveira Pinto desce de Vila Real para a Beira à frente de magotes; de Guimarães e Braga avançam hordas; são as ordenanças de monsenhor Miranda, são as tropas de Gaspar Teixeira. É o Minho em peso.– Morra o Maneta! – Surgem dos buracos mais bandos ferozes. Quando corre em Chaves que parte das forças se dirige para Murça, formam-se logo duas colunas «de Tropa de Infantaria, Cavalaria e Eclesiásticos (marchando estes no lugar de honra, na vanguarda do Exército) e Paisanos de mais de 4:000 homens. Debalde andaram 14 léguas em oito horas.» Os frades são os piores: «A esta Honrada Companhia – diz um cronista – se uniu outra de Eclesiásticos não menos valorosos que respeitáveis, pelas suas conhecidas e exemplares virtudes: compunha-se esta do P. M. Fr. João de Santiago, da Província da Piedade e Guardião do Convento de S. Francisco, que comandava os seus Religiosos, do Desembargador Vigário-Geral, que comandava os Clérigos Seculares, e de uma imensidade de

---

<sup>93</sup> Proclamação dos franciscanos.

Regulares. e Seculares de Autoridade, Abades, Vigários, Curas, etc., cuja companhia dirigia na qualidade de major o P. M. Fr. António da Assunção... Não seria fácil pintar o valor que respirava de estas Companhias de Ministros da Santa Religião, e de Literatos, e quanto desafiavam a Tropa, e Paisanos...»

Até Lamego Loison encontra tudo tranquilo. Passa o Douro na barca da Régua (20 de Junho) e marcha sobre Mesão Frio. De um lado e de outro os montes têm léguas de espessura. Adiante ficam os Padrões da Teixeira. São colossos sobre colossos, um desenrolar de cenário formidável. A solidão é temerosa: as casotas agrupam-se com medo. É uma coisa, que, a certas horas, à luz baça, infunde temor e grandeza. No caminho previnem-no: os paisanos disputam-lhe os Padrões da Teixeira e a gente da Régua prepara-se para lhe cair sobre a retaguarda. Corre – ouve os primeiros tiros, caem-lhe varados os soldados. Encara os montes, os morros de pedra compacta, que têm raízes até ao fundo do globo; encara o paredão com degraus até à última crista: só as velhas cepas se agarram à fraga. Trinta paisanos romperam fogo e fazem-no recuar. Duas vezes mede as escarpas: do alto rolam estilhaços de calhaus, lascas dos socalcos, duras e aguçadas como ferros, e fere-o de raspão uma bala. A figura sardónica contraíse-lhe. Manda retirar para a Régua. Um punhado de labrostes cai-lhe sobre as bagagens, e, quando o ajudante passa, tomam-no pelo próprio Maneta: recrudescer a vozearia e o fogo... Se o deixassem avançar aniquilavam-no. Entra na Régua como o desespero: pagam-no as mulheres violadas, as velhas e as crianças picadas à baioneta, o clarão do incêndio. Passa o Douro à pressa. Nas mãos do povo ficam vários troféus, cavalgaduras, oiro, três fardas do general. Apodera-se de uma Frei António Pacheco, sobe ao púlpito e desanca-a com um pau. Em baixo a multidão ulula: – Olhem para o Maneta! para o Anticristo! – Outra oferecem-na a S. Gonçalo de Amarante, e a terceira veste-a um carnicheiro, e, entre obscenidades e chufas, parte a carne no talho.

Do outro lado do rio, Loison escuta. Os sinos tocam a rebate – e o som grita, o som clama, o som ecoa... – É uma figura sardónica e atroz, alma de carrasco, farda e penacho sobre um burel de frade. O povo criou-o assim, e é assim na realidade que ele existe. Frade não foi, não o tinha sido nunca. Era filho da rábula e da Revolução; de um velho procurador de Paris –ganância, manha e interesse, – e da escória do Terror, Robespierre fá-lo mais tarde major. Frade não foi, mas o povo completou a figura, fazendo de ele um blasfemo. E o burel assenta-lhe bem. À força de ouvir gritos – de onde ele vinha: da revolução. do cadafalso, do saque. do incêndio! – à força de ouvir gritos, ressequiu: resta-lhe a ganância. a ambição do oiro, o desejo da rapina e o gozo da violência: é quando o olhar lhe irradia chispas e o braço tolhido, o braço morto, se lhe agita num frenesi:– *Fuzile! fuzilé...* Em Évora. à procura de dinheiro, rasga manuscritos preciosos. e desce, como um vulgar gatuno, a surripiar de cima de uma mesa o anel episcopal. Tem sobre os outros esta vantagem suprema: ri. Ri da chacina, dos gritos; desata a rir dos bandos de campónios, broncos e sórdidos, à espera da morte na curva de uma estrada e que a escolta não tarda a varar com balas. Nunca ninguém o viu comover-se, perdoar. Um desgraçado é sempre um espião e da sua boca sardónica só saem estas palavras num português mascavado: – *Já fuzilé! já fuzilé!* – De tão péssimos instintos que os próprios camaradas o temem. É o homem dos saques, que só vive com exuberância entre gritos de aflição. Depois cai num torpor: prolonga em imaginação a cena, assiste lá dentro a esplêndidos morticínios, todo embebido em sonho. Fala pouco, mas com vigor e força como convém aos poetas, e, homem de suprema habilidade, cobre de chascos as inépcias e generais emplumados que Napoleão guindara ao primeiro plano. Foi sempre sardónico e de aí talvez o misto de terror e de raiva que o povo lhe guardou. Junot escolhe-o bem para a dominação pelo medo. É certo que defende a pele, mas é certo também que lhe falta coração. Onde se viu jamais

que a devastação usasse esta máscara – o escárnio?

Põe o ouvido à escuta e some-se-lhe o riso na boca. Desde o Tua até Cávado, a gente da margem do Tâmega atira-lhes como a lobos. De Vila Real, de Amarante, de Guimarães, marcham três colunas sobre Lamego. No dia 21 sai de Chaves o capitão José Novais da Silva com 113 soldados, duas peças e seis artilheiros. Avançam com ele 3 000 paisanos. Vociferam: – Armas e morra o Maneta! Matem-nos! matem-nos! – São levadas convencidas – frades e ralé – ferocidade extrema. Convergem sobre Lamego de todos os buracos da província, num cerco trágico, que vai cair sobre a pequena coluna e esmagá-la. E uivos, obscenidades, chufas: – Mata! mata! mata! Sobre isto os sinos chamando num desespero mais gente, mais multidões ferozes, mais frades para a chacina.

O frade não ri como o Maneta. É pior: reza. Pertence a uma religião que inventou tenazes complicadas para introduzir entre a unha e a carne, estopa embebida em pez, que transforma as mãos em candelabros. Enche o quadro de negrume. Comanda, arrasta para a morte os cavadores, os ferreiros, os almocreves o Palaio, o Medas, o Venta Larga. Cantam o *Bendito* e abalam, Incide sobre os ferros esta mesma luz álgida do luar que nos alumia agora. Entre o Vinagre, o Torto e o Vesgo, surge sempre a figura de sotaina, moldada dum só acto. O Maneta teme-os. É Frei João da Madre de Deus, é Frei Jesus Maria de Ascensão, e Frei António Pacheco, *os frades do hábito branco*. Um, de sessenta tiros, emprega quarenta certeiros e ajeita os óculos para corrigir a pontaria. Quando faltam armas, a plebe corre à pedra o general do império, como sucedeu no Fundão. Os soldados matam-nos à primeira descarga, mas, mesmo depois de estendidos, não conseguem arrancar-lhes os calhaus das mãos crispadas. Frei João da Madre de Deus sabe que há franceses na Capinha. Encontra seis, estende um, aprisiona os outros. Cercam num lagar alguns soldados feridos: deitam-lhe o fogo: eles defendem-se até à última com urros pavorosos; os de fora riem com as bocarras estúpidas abertas. – E os sinos não cessam de tocar: o som grita, o som clama, o som ecoa... Não há a esperar piedade. Às duas da manhã o Maneta abala a toda a pressa de Lamego deixando parte do saque. Em dois caixotes chapeados de ferro foram encontradas as seguintes peças de prata: «13 castiçais, – 2 serpentinas grandes, – 2 escrivaninhas, – 3 bacias de mãos e 2 jarros, – 6 dúzias de garfos, facas e colheres, – 4 clarins, – 2 grandes cruces processionais, – 1 imagem de Cristo, – 1 rica banquetta de altar com 51 peças, – 6 grandes salvas, – 7 púcaros e 13 bacias, sendo 6 de cadeiras grandes, e 7 de cabeceira mais pequenas, tudo de prata com o peso total de 452 marcos e 6 onças, – além de uma caixa de marroquim, contendo um belo aparelho de chá com 13 peças de louça da Índia».<sup>94</sup>

Apanham-no na Póvoa da Juventude, mas ali faz-lhes face, comanda. É alguém. O braço tolhido, o braço morto, ergue-se no ar. Rosna– impõe-se. Estacam diante da figura atroz. Loison mede-os com altivez e desprezo, e retira em boa ordem, sob a apupada, os calhaus, as injúrias dos frades e o bramido da população. É a fome que leva a multidão a dispersar enquanto o general se dirige a Viseu. Ali encontra a carta do brigadeiro Oliveira: o Porto sublevara-se. Parte de Celorico para Almeida onde chega a 1 de Julho.

Obrigara-o a canalha a recuar. São ferozes– salvam-nos. Esvaiu-se enfim para sempre a corte ridícula, os generais charlatanescos, os fidalgos, as açafatas, o Ega e a Ega, a mixórdia e os safardanas. Cheira a terra e a suor cheira a sangue. Cheira bem.

\*

---

<sup>94</sup> Notas, episódios e extractos curiosos, por Francisco Augusto Martins de Carvalho.



Junot concentra o exército. Deixa apenas guarnições em Almeida, Peniche, Abrantes e Elvas: ordena a Loison que marche sobre Lisboa (precisa expedir vinte cópias para que lhe chegue uma às mãos). O Maneta parte a 3 de Julho por Castelo Branco. A Guarda fica-lhe no caminho e paga com o saque um simulacro de defesa. Covilhã mata os extraviados. Na atalaia um padre resoluto resolve detê-lo com meia dúzia de estúpidos paisanos. Não arredam pé— são todos chacinados no sítio. No alto dos montes os magotes aterrados ouvem os uivos dum boticário, a quem a soldadesca arranca os olhos em vida. Loison desaba sobre Sarzedas, Cortiçada, Sardeal e Abrantes, onde comete novas atrocidades. Chega a Santarém no dia II e dias depois a Lisboa com 200 soldados a menos.

A insurreição porém alastra: a Aveiro segue a Mealhada. O padre Bernardo de Azevedo à frente dum magote cai sobre Coimbra. O povo recebe o povo: é um tanoeiro quem distribui as armas e só mais tarde aparecem os lentes. Um estudante e 40 voluntários atacam a Figueira: os franceses entregam-lhes o forte, que o almirante Cotton se apressa a guarnecer. Há tropas em Leiria. Um frade arrábido arrebanha um furriel de cavalaria e alguns paisanos e marcha sobre a cidade. O inimigo espera-os aquém da ponte de Pedra. O frade dispara as pistolas e com uma espada velha nas unhas arremete, com os outros de roldão atrás de si. Quinze soldados restauram Ega, Condeixa e Setúbal. Um frade em Tomar prega nas barbas dos franceses e foge à pressa pela sacristia. Já o povo exclama: – A eles! a esses diabos! – Alistam-se os auxiliares, saqueia a população o depósito de armas de Chaves. O francês abandona a Nazaré onde alguns são mortos. Nas estradas caminham sob o fogo. O capitão Smith, comandante do *Cosmus*, desembarca armas no Porto, na Figueira, no Algarve. No Porto as esquinas cobrem-se de proclamações e editais.

Entretanto formam-se juntas, organiza-se a defesa. Compõe-se e remenda-se. Em Chaves, Ferreira de Montalvão improvisa um esquadrão de cavalaria, tirando oficiais e soldados dos regimentos 6 e 9. Aparecem em Vila Real levadas de cem e duzentos recrutas. Sepúlveda, agora decidido, corre Trás-os-Montes, prega, ordena, prepara. Em 7 está em Chaves, em 8 em Vila Real. Ensina-se aos paisanos o manejo de alguma artilharia, convocam-se as ordenanças e milícias e os soldados com baixa; criam-se corpos de voluntários; formam-se com destroços os regimentos de infantaria 6, 9, 11, 12, 18, 21, 23 e 24 e os de cavalaria 6, 9, 11 e 12, e batalhões de caçadores do Minho, Porto, Trás-os-Montes e Beira; armam-se os padres, os frades, e os empregados de justiça. No Porto comanda o corpo eclesiástico o deão da Sé. Pedem-se donativos, impõem-se contribuições, comunicam com a junta galega. Com soldados, povo, algumas espingardas, com restos, formam-se quadros regimentais e uma aparência de exército. O que isto representa de trabalho obscuro, de fadiga imensa e ingloriosa, só é dado aos competentes julgá-lo. D. Miguel Pereira Forjaz e Bernardim Freire de Andrade procedem a essa tarefa esmagadora e ingrata. É preciso não esquecer estes nomes. Wellesley elogia-os como aos dois portugueses mais notáveis do seu tempo. Não tarda também que peçam um empréstimo, armas, pólvora à Inglaterra – e até um general...

\*

O Norte é a montanha, isto é a sublevação; os montes são baluarte e refúgio. Quem manda? Mandam os que cá estão, dizem os transmontanos, No Sul, na planície, a revolta é mais perigosa e difícil. Por isso as vítimas foram muitas. É curioso ler nos folhetos da época a história da sublevação: no Algarve, em Faro, «algumas pessoas do povo tinham armas em suas casas e finalmente pagaram ao que se atrevesse a ir dar o

sinal, pedindo a chave da torre com disfarce e dizendo que queria dar umas badaladas, chamadas de *parida*... Nesse tempo continuava o rebate, mas ninguém de juízo aparecia. Foi preciso ir a casa dos oficiais, do quais alguns se esconderam; de todos só foram mais prontos, um José, chamado do Botequim, os Cabreiros que eram três irmãos, etc.» (11 de Junho). Vem depois a história e transforma tudo... Em Olhão rasgam os editais de Junot; Loulé e Lagos revoltam-se. Sevilha e Gibraltar mandam-nos armas. Estremoz, apesar da guarnição, subleva-se. (19 de Junho). Avril acode: é uma noite de luar e de terror, uma noite de loucura. Resultado: trezentos mortos, Mas já os insurrectos caem sobre Juromenha. Em Beja, a 24, a canalha mata o juiz de fora e o provedor com estocadas, assassina dois soldados e corre às muralhas. O francês acode, saqueia, destrói, viola e massacra. Deixa 1 200 mortos, a ruína e o luto. «Beja já não existe», afirma Kellermann, que comanda a expedição. Mas a revolta alastra (é Campo Maior, Marvão, Ouguela) e a resistência aumenta. De Espanha mandam-nos mais armas e soldados. A 2 de Julho o general Margaron sai de Lisboa sobre Leiria com 4000 homens, 2 esquadrões de cavalaria, 1 de caçadores a cavalo, outro de dragões e 6 peças. Em Leiria há 200 espingardas inúteis e quatro cartuchos para cada uma. Organiza-se uma procissão: as mulheres reclamam Deus e o morticínio. Ninguém comanda e o francês aproxima-se. Uns trancam as portas, outros quedam-se empedernidos a uma esquina com a arma aperrada. Quem pode fugir, foge, mas a verdadeira canalha não arreda pé. Com a noite chega o torpor. No dia 5 o general intima-os: dá-lhe dez minutos para se renderem. Ninguém se submete. Então Margaron manobra, ala direita para um lado, ala esquerda para o outro, a artilharia na retaguarda. Tem diante de si duzentos homens, alguns com espingardas sem fechos... No lugar da Portela estende quarenta, e depois a soldadesca irrompe pela cidade com uivos de frenesi. Mulheres, crianças, aleijados, são atirados para um monte e picados à baioneta. Arrombam as portas, vasculham nas adegas. Em frente da cadeia um paisano inalterável continua de guarda. de escopeta às costas: vara-o com uma estocada o próprio Margaron. Por fim parte para Tomar no dia 7, declarando Leiria perdoada, Tomar paga 20000 cruzados e dá como reféns alguns frades. Thomiers espingardeia o povo na Nazaré, leva o tesouro da Virgem, milhares de cruzados, e incendeia o resto. Depois recolhem, deixando guarnições em Peniche e Óbidos, em Rio Maior e Santarém. Mas só é deles o terreno que calcam – consertam-se logo as espingardas. O sangue reclama sangue.

Em Évora conspira-se. A Espanha (as juntas de Badajoz e Sevilha) espicaçam-nos. Decidem-se, aclamam o príncipe e organizam a junta presidida pelo arcebispo. A 20 de Julho começam como sempre a revolta por uma procissão. Entaipam as portas da cidade a pedra e cal, e põem-lhes frades de sentinela. De Badajoz vem a artilharia, seis peças de calibre 8 e dois obuses, que é recebida com gritos de – Vitória! vitória! vem um regimento de cavalaria, o de Maria Luísa, e um de infantaria, de *blanquillos*, comandado pelo fantástico Moretti, do quartel-general de Solano, que tocava viola nos saraus cantando boleros. As forças espanholas não querem combater os franceses ao abrigo dos muros: amotinam-se e marcham pela estrada, direitas às tropas de Junot.<sup>95</sup> Escurece-lhes no Alto da Bicada. Esperam. Vem a noite e o frio, e recolhem a quartéis. A 28 passa-se uma revista à turba de soldados, de padres, de frades armados de chuços e machados, de roçadeiras e velhas espingardas. À única porta da cidade que ficara por entaipar, o da Alagoa, a gentalha vocifera e ameaça. Um frade prega. Aproximam-se os 6600 homens de Maneta. Dentro das muralhas há 1770 homens, dos quais 1070 espanhóis. Às 7 e meia da manhã do dia 29 os sinos tocam a rebate e as peças colocadas

---

<sup>95</sup> Junot foi, ao que parece, prevenido pelo corregedor José Paulo, morto depois como jacobino. Os paisanos apanharam a um caldeireiro uma carta por ele dirigida ao general.

na altura do Moinho de S. Bento rompem o fogo. Os caçadores de Évora, emboscados no mato, dão às de Vila Diogo, e abala a toda a brida a cavalaria espanhola de Maria Luísa... – Aí vêm os franceses! o inimigo avança em três colunas, e entra pelas portas da cidade ao «toque *de degola*», como diz o cronista, enquanto a cavalaria faz cerco. Só os frades, os padres, a canalha, esperam a pé firme e morrem nas mãos dos soldados. As estradas de Estremoz e Olivença vão cheias de gente, que a cavalaria acutila. – Fugam! fugam! – Os frades e os paisanos defendem-se com desespero, de chuçó nas unhas, ou morrem aos urros, agarrados ao gasganete dos franceses. Na porta de Alconchele, matam, matam, matam. Moretti abalara a unhas de cavalo para Juromenha, mas, lembrando-se à última hora da guitarra, que costumava trazer num saco, voltou a pedi-la ao arcebispo, que, esse não quis fugir: Cuide vossemecê de salvar a vida, que a minha, pelos poucos dias que me restam, não merece tantos cuidados. Às 4 horas da tarde acaba o inimigo de dominar a cidade, e de essa hora até de manhã só se ouviram gritos... Fazem montarias aos frades. Alguns buscam o amparo dos altares, mas a soldadesca mete as portas dentro e viola as mulheres sobre as sepulturas. Crianças morrem debaixo dos franceses. Das adegas corre o vinho a jorros. A tiros de espingarda, a golpes de coronha e de machado, arrombam portas, armários e arcas. Entram grupos de soldados com os prisioneiros apanhados no campo. O general diz: – *Fuzilé!* – São em geral padres. Assim morreram «4 clérigos trazidos à maneira de gado». Onde há uma vala fuzilam-nos um por um, e, ainda nos últimos arrancos, os deixam. «Isto foi adente do chafariz dos leões junto às hortas».<sup>96</sup> À noite o susto redobra. O alarido é enorme. Retumbam os clamores e os gritos. Nos conventos destroem, roubam, escacam. Metem-se nos celeiros e adegas, como fizeram em S. António dos Capuchos. Se sai um bando, entra logo outro e esquadrinha tudo. Em S. Bento fogem as freiras todas «na noite de sexta-feira 29 com a Prelada para as Quintas, ficando só uma velha impossibilitada, uma cega e outra de oitenta e seis anos e uma tolhida que não podiam andar; mas que na noite seguinte também fugiram, ficando ultimamente a entrevada» a quem a malta reclama: – Dinheiro! dinheiro! – Em S. Salvador dos religiosos franciscanos um padre confessa e absolve: os franceses estendem-no com um tiro e o saque começa. As freiras dispersam. – Dinheiro! dinheiro! – é o gesto e o grito. Dinheiro – e mulheres. «Na noite do mesmo sábado entraram cafuas daqueles sórdidos bandidos procurando pelas madamas» – queixa-se o padre Joaquim José Carrilho. Nas casas os moradores fogem de quarto para quarto. Os bandos entram e exigem oiro, quebram os gargalos das garrafas para beber, e, numa grande exaltação, apalpam o seio das mulheres à procura de jóias escondidas. Atrás da cáfila que sai, surge outra cáfila sôfrega. É uma agonia contínua para os moradores. Sobem aos telhados: um vizinho diz: – «O senhor cónego já sofreu na sua casa cinco saques.» Obrigam-nos a marchar na frente com uma candeia, a percorrer os escaninhos, a apresentar-lhes o oiro a bem ou a mal.

Uma noite de regabofe e de espanto. O homem sente-se deus: destrói, e não há gritos nem súplicas que o detenham. É animalidade estreme. Quem pode resistir a estas magníficas violências? É com um grito de alegria que a fera, que cada um de nós traz assolapada, encadeada pelos preconceitos e enclausurada pelos hábitos, pela educação, pela regra e pela lei, se sente enfim livre e à solta. É o homem voltado do avesso. Negros de fumo, ébrios, irrompem pelas casas dentro, no auge do prazer, sentindo o que tem séculos e séculos, o que parecia morto e recalcado para sempre, outra vez vivo, outra vez rasgando, uivando, dilacerando. Esplêndidos minutos de existência que nunca mais se esquecem! É a desforra dos mortos, do pó disperso, dos afundados num

---

<sup>96</sup> *Évora lastimosa*, pelo padre Joaquim José da Silva.

passado de milhares de anos, que podem viver um minuto, um só, com exaltação e ferocidade.

O francês mata, e clérigos, frades, povo, enrodilham-se no mesmo ódio: as mesmas bocarras vociferam: – Morram os judeus! morram os jacobinos! Não há chefes nem generais que se lhes imponham, e a cólera extravasa: é delírio. O governador das armas e partido do Porto é levado para a cadeia e a plebe brada: – Absolvam esse ladrão que o queremos matar! – O bispo publica um edital ordenando a delação. De noite sacode-os o terror e vêm para a rua em magotes furiosos: – Estamos perdidos! os franceses romperam as baterias de Vila Nova! – Correm para o rio, e uma voz na noite, do outro lado, brada: – Atirem para cá que eles já cá estão. – Os sinos põem-se a tocar a rebate, e tocam a rebate quando menos se espera.<sup>97</sup> Todos os dias os milicianos chegam com levadas de jacobinos presos todos os dias as esquinas se cobrem de editais e proclamações. É o Bispo, presidente governador, é o Intendente da Polícia, o juiz do povo, damas, padres, o bispo da Galiza – um inferno:

### PROCLAMAÇÃO

Portugueses: Quis a Providencia mostrar-nos o momento da nossa ventura: Portugueses, confiança no Céu. A defesa da Religião, das Vidas e das Fazendas, é quem deve estimular a brio português. As armas, Portugueses, para nos libertarmos de uns ímpios, de uns facinorosos, de uns roubadores, que a título de *Protecção* vêm arrancar as nossas Vidas, e os nossos Bens. Mas lembrai-vos, que o tumulto, e a desordem não é defesa. A Nação que vai a defender-se, não deve insultar, e ofender a si mesma: Defendei-vos do inimigo, e não mancheis a honra que ides a ganhar, denegrindo-a com insultos feitos aos vossos Concidadães: As nossas forças. e a nossa bravura deve só aparecer no Campo contra o inimigo. Os Eclesiásticos deverão unir os seus sentimentos à Causa pública. Os Religiosos, e Religiosas devem enviar incessantemente as suas Orações ao Céu de onde vem a força, e a defesa: Triunfe a Justiça, e esmague-se a iniquidade.

O Governo não quer desordens: quer obediência, e energia para a defesa, não para o tumulto.

Já mais se toque a Rebate nas Torres, sem que primeiro toque a Catedral; bem entendido, que tocando na Catedral sem haver algum sinal na Torre é para acudir a fogo na Cidade; e de dia, havendo com o toque uma Bandeira na Torre, e de noite um Farol aceso, é para acudir a defesa, e combater o inimigo.

Os Rebates falsos são perturbadores do sossego Público, são causa de inquietação, e origem de desgraças.

O Governo quer a defesa; mas quer igualmente a segurança Pública. Povo Português, praticai-o assim, e fazei-vos dignos da confiança do Governo. Viva o Príncipe Regente. Viva Portugal, e Vivam os Portugueses.

*Bispo*, Presidente Governador.

### PROCLAMAÇÃO DO INTENDENTE GERAL DA POLÍCIA

Moradores do Porto, o vosso demasiado zelo, e soma desconfiança pôde bem levar-vos ao precipício, e isso é o que pretende o *Tirano* para vos fazer succumbir. Se vós confiais no Supremo Governo que constituístes, prestai-lhe sujeição, que Ele é muito capaz de vos defender, e eu em seu abono porei o minha cabeça: se porém desconfiais em mim, o remédio é pronto, porque vou já demittir o cargo, que nem pedi, nem ambiciono. Não é nesta ocasião só que eu tenho feito ver a minha fidelidade; sempre por ela mereci a estima do Soberano, e já há muito que algum de vós a conhece, e talvez em tempo a minha vida se arriscasse. Eu ainda conservo os mesmo sentimentos, os *Jacobinos* ainda não puderam abalar a minha constância; como porém a vida é preciosa eu a desejo dar mais em beneficio da Pátria, do que sacrificá-la em um Tumulto. Eu quero antes morrer como simples Soldado em qualquer acção, do que sofrer de vós a injúria de desconfiardes da minha honra, e fidelidade. Muitos ministros há nesta Relação de mais luzes, e por isso mais capazes do Lugar de *Intendente Geral da Polícia*: fazei

---

<sup>97</sup> Cinquenta anos depois um gracioso lembra-se de dizer numa igreja cheia de gente: – Aí vêm os franceses! – Houve pânico, gritos e feridos.

Justiça ao merecimento, e ide pedir outro ao Supremo Governo, que eu de boa vontade vos quero fazer a vossa. Tenho mais gosto de ir acompanhar meu filho ao Exército, aonde o fiz alistar, do que ocupar o lugar, para o qual apenas me julgaria capaz no tempo da quietação, e não do Tumulto em que desgraçadamente vos vejo, no meio deste, confesso, se faz mister mão que seja mais hábil. Se a vossa desconfiança nasce da falta da proposição dos *Réus*, sabeis que eu desejo fazer as cousas de forma que não seja notado de sanguinário, desejo juntar Sentenças todas as provas que poder descobrir, para que a minha honra não padeça. Se em *França* se faz outra cousa, esta desgraçada *Potência* não serve hoje de modelo às outras: os *Réus* estão bem seguros, hão-de ser punidos conforme suas culpas: a *Devassa*, que pelas nossas Leis se requer, ainda ontem se principiou. Que desejo é este tão arrebatado do sangue de uns poucos de Indivíduos, dos quais já não temos nada a recear, e que brevemente podereis ver no lugar que merecem pelos seus crimes? Não são estes os que vos devem merecer cuidado, aos que estão em *Lisboa*, e *Almeida*, é que devemos acometer, e vencer; correi pois mais a alistar-vos no Exército, e a unir as vossas forças contra os *Inimigos* externos, do que contra esses já presos, dos quais em poucos dias, vos prometi», vejais a triste sorte, sendo culpados: Dai-me algum tempo porque um homem mal convascido de uma doença, e ocupado em muitas outras cousas, não pode fazer mais do que faz: concedendo-me tempo, eu vos prometo desempenhar as obrigações do meu Officio, e vingar com o castigo dos Réus a Religião, a Pátria, e o Príncipe ofendidos.

Porto, e *Intendência Geral da Polícia*, 1 de Julho de 1808.

*José Feliciano da Rocha Gameiro.*

#### EDITAL

O Dr. José Feliciano da Rocha Gameiro, *do Desembargo de S. A. R., e seu Desembargador da Relação, e Casa desta Cidade do Porto, e nela Juiz Conservador do Contrato Real do Tabaco, Juiz da Inconfidência, e Intendente Geral da Polícia no Distrito da mesma Relação:*

Faço saber, que em observância da Ordem da Real Junta do Supremo Governo, datada de 26 de Junho de 1808, Eu passo a tirar Devassa dos *Inconfidentes*, que depois do feliz dia da Aclamação de 18 de Junho de 1808 tiverem cometido o horroroso crime de *Traição* à sua Pátria, e ao Nosso Legítimo e

verdadeiro Soberano: ou de qualquer maneira, e modo tenham mostrado descontentamento na acção mais Gloriosa para Portugal de sacudir o cruel jugo do *Tirano*, que nos oprimia; a qual Devassa principiará no dia 30 de Junho, e sucessivamente se continuará em todos os dias, não feriados, de manhã nas Casas da minha Residência, aonde ordeno, que todos que tiverem que depor sinceramente sem dolo nem malícia, venham prestar seus juramentos; para depois, segundo o merecimento das provas, serem os *Réus* julgados com a severidade das leis: e para que chegue à notícia de todos, mando, que publicado a toque de caixa, sejam afixados Exemplaes nos lugares mais públicos da Cidade, e seu Termo; E outro sim mando que ninguém ouse tirar este meu Edital, com a cominação de serem havidos por este mesmo facto por traidores, e incorrerem nas penas, que por direito lhe são impostas.

Porto, e *Intendência Geral da Polícia* em 28 de Junho de 1808. E eu António *José Ribeiro Viana* o subscrevi.

*José Feliciano da Rocha Gameiro.*

#### EDITAL

«A Junta Provisional do Supremo Governo do Porto convoca todos os Soldados Veteranos de quaisquer Regimentos de Tropa de Linha, a reunirem-se aos dous regimentos de Guarnição desta cidade, etc. 20 de Junho de 1808 *Bispo*. Presidente Governador».

#### EDITAL

«Em nome do Príncipe Regente Nosso Senhor.

«A Junta do Suprem» Governo instituída nesta cidade do Porto, manda que o Capitão de Cavalaria José Monteiro Guedes de Vasconcelos Mourão tome à sua Conta o Governo Militar de toda a Comarca de Penafiel, sobre-Tâmega, e Amarante, etc. – *Bispo*, 20 de Junho de 1808.»

#### PROCLAMAÇÃO

do doutor José Feliciano da Rocha Gameiro, juiz da Inconfidência e Intendente Geral do Distrito da Relação e casa do Porto:

«Portugueses fiéis! Honrados Portugueses! A grande obra da nossa Restauração está principiada, etc. A subordinação é o nexa da cadeia civil: a falta dela reduz em um momento à horrorosa Anarquia o Reino mais poderoso...

«Porto, 22 de Junho de 1808».

## PROCLAMAÇÃO

«Senhores Eclesiásticos seculares. e regulares:

«É este o tempo em que devemos, ansiosamente, cumprir com os nossos deveres... Estávamos a ponto de sermos vítimas do furor, já nos horrorosos cárceres, já nas guilhotinas... Deus é que nos inspira, vamos, Senhores Eclesiásticos, vamos pôr-nos em ordem à frente do inimigo e defender a Pátria, as Propriedades, e a Nação do opróbrio em que se vê»... etc.

«Luís Pedro d'Andrade Brederode, Deão. 24 de Junho de 1808.»

## EDITAL

«A Junta provisional do Governo Supremo tendo determinado um aumento de soldo de *quarenta réis* por dia, a todos os Soldados do Exército da Defesa desta Cidade»... etc.

«25 de Junho de 1808. Bispo.

E mais, muitos mais:

Edital de 25 de Junho de 1808 do Bispo, incitando a Valorosa Mocidade a alistar-se; edital de 26 de Junho de 1808 suspendendo todas as causas tanto na Relação como nos mais juízos e auditoria, exceptuando as de segurança publica; edital de 27 de Junho, assinado por Manuel Lopes Loureira e José de Melo Freire, convidando a população a concorrer com donativos em dinheiro, roupas, ou mantimentos; edital de 27 de Junho levantando o sequestro aos papéis dos ingleses; edital de 28 de Junho mandando promover o despacho de todas as embarcações de Sua Majestade Britânica: *A Vingança da Pátria, proclamação da cidade de Orense, a Restauração da Pátria*, distribuído no Porto; a Proclamação do senhor Bispo de Tuí: «Valorosos portugueses: Chegou enfim o termo de vossas desgraças», de 28 de Junho. e o edital do mesmo dia de José Feliciano da Rocha Gameiro.

Edital do Bispo, de 30 de Junho, mandando proceder à eleição do Juiz do Povo; proclamação aos nobres cidadãos portuenses, desta sempre leal cidade do Porto, de José de Melo Pereira Coelho: «Tive a honra de ser nomeado vosso Capitão pelo II.<sup>mo</sup> senado da Câmara»... etc.; proclamação de fr. Joaquim Suares: «Os franceses são mais fracos que os povos das outras Nações, mais mentirosos, mais velhacos porém que eles... Sua *Protecção é roubo*, a sua felicidade é miséria, a sua bravura é medo, é fraqueza. Os *Franceses* que ainda existem entre nós é um bandinho de crianças para as quais basta só um *Português*»...etc.; proclamação de «Um fiel cidadão, povo portuense, amigos fiéis invictos cidadãos: Ficai surdos às vozes dos sedutores, e ouvi atentos a Augusta linguagem da Verdade»... etc.; proclamação de 1 de Julho, de José Feliciano da Rocha Gameiro; outra do mesmo, de 2 de Julho, mandando que «a toque de caixa se afixe este nos lugares mais públicos desta cidade. Todos os que tiverem que depor contra os *Réus* presos ou outros quaisquer que estejam incursos no crime de *Inconfidências* venham brevemente depor na devassa»; edital do Bispo, de 2 de Julho de 1808 nomeando o Desembargador Nuno Faria da Moita Castelo Branco, para ajudar o Intendente de Polícia no que respeita principalmente ao confisco dos Réus d'Estado e Inconfidência; a Proposta do reino da Galiza à Junta do supremo governo do Porto, publicada em 5 de Julho de 1808, nas duas línguas em que se «*convida, pede* e insta-a aos magistrados das duas Províncias *d'Entre Douro e Minho, Trás-os-Montes*, que obrem de acordo com o Reino da Galiza, ajustando um brevíssimo *Tratado* sobre a base de recíproca independência dos dous Reinos e as operações de Guerra»... etc. Outro edital do Bispo, e 6 de Julho de 1808, mandando delatar ao Juízo da Polícia todas as pessoas que sejam «partidistas do Governo Francês, e seus costumes»; outro de 8, participando que se vai formar um exército para desbaratar os franceses em todo o reino: «Para este fim já temos dado as possíveis providências para Formarmos um Exército de tanta força, e ordem, que ainda de longe ponha em fugida o *Inimigo*.» Apareceram segundo o edital do Bispo «Editais insolentes e revolucionários de Jacobinos, para vos *revoltarem* uns contra os outros.» 8 de Julho de 1808.

Mais:

Proclamação do juiz do povo; proclamação da Nação Espanhola aos Portugueses, Fidelísimos portugueses...; edital, de 11 de Julho de Manuel Joaquim Lopes Pereira Negrão, mandando entregar os cavalos para a formação de corpos de cavalaria: «D. António de S. José de Castro, monge de S. Bruno, por mercê de Deus da Santa Sé Apostólica Bispo do Porto, do conselho de Sua Majestade Fidelíssima. e Governador Presidente da Junta do Governo Supremo Instituída nesta cidade, e Províncias unidas. A todas as Pessoas desta Diocese, Saúde e Paz em o Senhor. Em outro tempo, amados Diocesanos, vos exortámos ao sossego e tranquilidade quando entravam neste país as Tropas Estrangeiras, e a que fossem por vós recebidas como nossas alhadas, e pacíficas. O nosso muito amado e Augusto Príncipe assim o deixou ordenado; os nossos grandes pecados assim o mereciam»... etc. 14 de Julho de 1808. D. João António Binet Píncio, bispo de Lamego, também se explica da mesma forma em 15 do mesmo mês, Edital de 14 de Julho. determinando que as moedas britânicas de ouro corram com o seguinte valor: Guiné, 3\$750; meio Guiné, 1\$875; terço de Guiné, 1\$25. Ordem de 19 de Julho de 1808, extinguindo a contribuição de guerra de 40 milhões. Edital de 20 de Julho levantando sequestro em «todos os bens, direitos e acções pertencentes a Vassallos de Sua Majestade Britânica. E mais ordens, editais e proclamações, das quais citaremos apenas a proclamação aos ingleses. «Nação honrada e fiel, sempre amiga, interessada sempre na verdadeira felicidade e glória de Portugal: constantes, intrépidos, invencíveis Ingleses»; a proclamação aos Espanhóis: «Intrépidos, resolutos e constantes Espanhóis: o profundo sono que surpreendeu uma Guarda avançada e deixou introduzir no meio de Vós a víbora que vos devora»...; etc.; a «Dama Portuense fiel à Nação, e amadora do Príncipe: Damas portuenses: A consoladora e viva emoção, que sinto ao ler os heróicos procedimentos, virtuosos esforços, e prodigiosa constância das Damas Espanholas, desperta de novo toda a minha sensibilidade»; e por último a proclamação do juiz do povo: «Que glórias portuenses! que triunfos! Restaurada a nossa cidade, a de Lisboa, o Reino todo! Tornem a renascer os tempos dos imortais *Afonso, Joãos e Manuéis*.

\*

A derrota é sempre uma conclusão, o final da peça, a derrota é o resultado da revolta do povo e da insurreição espanhola... Vejam que série de acasos para se chegar ao epílogo da Roliça e do Vimeiro: cinco mil ingleses, sob o comando de Spencer, vão reforçar o exército da Sicília: a entrada de Junot em Lisboa modifica, porém, este plano, e Spencer é enviado para Gibraltar, De Gibraltar recambiam-no para Cádiz. Os Espanhóis recusam o auxílio, e ei-lo que volta a reunir-se a Cottion, que vigiava Lisboa. Daí torna para Cádiz e de lá para Gibraltar, porque fora considerada inútil a sua presença nas costas de Portugal. A 12 de Julho sai Wellesley de Cork com este destino, a Galiza, e além de Spencer, 8800 homens ao seu dispor. Quase ao mesmo tempo que Wellesley recebe estas ordens, é Cotton avisado de que pode reclamar o auxílio de essas forças para qualquer operação no Tejo, e quando se declara a um que Spencer fica sob o seu comando, informa-se o outro de que pode operar de uma maneira independente, Como se a barafunda fosse pequena, aumenta-se a barafunda por esta forma singular: chama-se Dalrymple para substituir Wellesley, quase logo depois de este sair de Cork, e passa-se Wellesley para o terceiro plano, com a nomeação de um segundo comandante, Sir Harry Burrard. Basta? Não basta: no próprio dia da nomeação de Dalrymple como comandante em chefe, são enviadas a Wellesley as seguintes instruções: *objectivo principal operações no Tejo; desvie as forças que entender para operarem na Andaluzia.*

Wellesley é um homem prudente, sério, metódico, paciente e sagaz. Nunca falta à verdade: não tem partícula de imaginação: é incapaz de compor um facto ou de lhe ajuntar um pormenor. Seus olhos vêem claro e preciso. Uma das coisas que o espanta é que os portugueses percam o tempo procurando-o logo de manhã (nem mesmo nas vésperas de combate alteravam o ridículo cerimonial) para lhe perguntarem: – Como passou a noite? Passou bem? – É um observador. Os Franceses ainda hoje não percebem como este homem desprovido de génio conseguia derrotar os generais do

Império e o próprio Napoleão...<sup>98</sup> Wellesley chega à Corunha (20 de Julho) e os Galegos repelem o seu auxílio; parte para o Porto e o bispo diz-lhe que é melhor desembarcar mais perto de Lisboa – mais longe do Porto... Dirige-se por último para o Tejo, e ali, de acordo com Cotton, decide-se pela foz do Mondego. Escreve a Spencer neste sentido, e, perplexo, recebe na Figueira a papelada nomeando Dalrymple comandante em chefe e Harry Burrard segundo-comandante. Logo que chegasse John Moore, passava para o quarto lugar...

Eram forças para a derrota, se os franceses não estivessem de antemão derrotados... Continua a meada inextricável do que chamamos acaso, que é resultante complexa de factos, de ideias, de paixões e de leis, a dominar, como sempre, os acontecimentos. Sem esperar por Spencer, resolve desembarcar em Lavos 13400 homens (1 a 5 de Agosto), e é ainda por mero acaso que se lhe junta Spencer (5 de Agosto), que na foz do Tejo fora informado por Cotton das resoluções de Wellesley.

Bernardim Freire estava em Coimbra reunindo forças desordenadas, pouco mais de 6000 homens com varapaus e fouceas. Fornece-lhe o inglês 5000 espingardas e insiste para que se lhe reúna marchando sobre Lisboa. Bernardim Freire hesita: os soldados são da Junta do Porto, e as juntas do país não se tinham ainda entendido. Quem manda é o bispo, e aquelas eram, depois de múltiplos esforços, as forças regulares que a junta conseguira ordenar para sua defesa. Bernardim Freire compreende que é necessário marchar com os ingleses, mas carece de ordens. Acede a reunir-se em Leiria a 11 e 12 aos ingleses, enquanto as milícias da Beira e Trás-os-Montes marchassem sobre Abrantes, para se oporem à retirada dos franceses pela Espanha; começa, porém, a pôr dificuldades, apesar de todas as instâncias de Wellesley. Talvez tivesse ordens secretas do bispo, que queria sobretudo defender o Norte.<sup>99</sup> Certo é que ao receber notícia que Loison seguira de Tomar com 6000 homens, se recusa a

---

<sup>98</sup> Tipo miudinho, com nariz de cavalete e a cabeça inclinada a um lado. Já M.<sup>me</sup> de Stael dizia a seu respeito. «Nunca a natureza gastou tão pouco material para fazer um homem». E a Duquesa de Dino nas suas memórias diz-nos que ele «não esquece nada nem esquece nunca». É um animal de sangue frio, obstinado como todos os Irlandeses, e levando as lutas sempre até ao fim. Os portugueses cantaram-no em verso:

Seu aspecto respeitável,  
Sua ilustre condição,  
Gostosamente cativa  
A uma, e outra Nação.

*Transportes, obra de grande atenção pelo conceituoso assunto em que se funda.*

<sup>99</sup> Hoje todas as decisões nos parecem fáceis de tomar – porque está tudo resolvido... É preciso, porém, colocarmo-nos, tanto quanto possível, na época, se quisermos ser justos...

Todas as vezes que os ingleses desembarcavam levavam para baixo... Era de esperar, portanto, pelos antecedentes, e porque a expedição era pouco numerosa, que lhes sucedesse o mesmo. O bispo contava mais com os espanhóis, com as juntas, com a insurreição popular. Perder o pequeno núcleo que se conseguira organizar a tanto custo, era perder tudo de uma vez. Observaram-lhe os ingleses que se fossem batidos, os derrotavam depois separadamente a eles. A observação era justa. Só tinha uma coisa inteligente a fazer: juntar-se aos seus aliados. A observação era justa... Mas o bispo, os portugueses, tinham fé na insurreição popular, na sublevação formidável de Espanha – isto raciocinando sempre, é claro, dentro da época e com os elementos do tempo – que lhes pareciam as únicas forças com que podiam contar. Dos ingleses só queriam armas e dinheiro.

De resto o bispo era o único chefe que a canalha respeitava – até certo ponto... Se não fosse ele, o Porto tinha sido, mais tarde, saqueado. Segundo o manuscrito que pertenceu a Firmino Pereira, *Triste Memória dos Acontecimentos Anárquicos*, etc., o povo chegou a gritar nas ruas: – Viva a república! – O bispo era um homem muito inteligente, que conseguiu manter-se numa situação difícilíssima e salvar muita gente. Se tiver tempo, hei-de contar isto no volume sobre Sout.



continuar a marcha e fica em Leiria sob pretextos fúteis.<sup>100</sup> Por fim, o inglês apenas consegue que Bernardim Freire lhe ceda 1 400 homens de infantaria e 260 de cavalaria sob o comando de Trant.

A 13 os ingleses marcham em duas colunas sobre Alcobaça e no dia 15 chegam às Caldas. Todos os dias os franceses recebem más novas: «os ingleses vão desembarcar; a esquadra russa está duvidosa; os espanhóis reúnem forças em Badajoz para apoiarem a revolta do Alentejo e do Algarve»... Loison marcha para Elvas e em Elvas recebe ordem de marchar para Abrantes: os ingleses tinham desembarcado. Durante a marcha novas indicações para seguir por Tomar a Leiria ou à Batalha, a juntar-se com as forças que tinham saído da capital (6 de Agosto) os 6000 homens da divisão Delaborde.

Delaborde fica em Vila Franca no dia 6, chega a 8 a Rio Maior; bivaca a 9 em Candeeiros; entra em Alcobaça no dia 10; retira a 12 sobre Óbidos ao saber que os ingleses já estão em Leiria. A 14 ocupa a povoação de Roliça, procurando assegurar as comunicações com Loison. Espera-o a todo o momento, mas Loison (11 de Agosto) retrocedera para Torres Novas: estava em Santarém no dia 13 e aí se conservou até 16, enquanto os outros se batiam. Os ingleses encontram a primeira resistência (15 de Agosto) em Óbidos e no Moinho de Arrifos, ocupado pelos piquetes franceses. Desalojam-nos, e no dia 17 Wellesley manda organizar seis colunas com este plano: a da esquerda atacaria o flanco direito do inimigo, procurando evitar a junção com Loison, que Wellesley a todo o momento receia; as quatro colunas do centro atacariam a posição de frente; a coluna da direita. 1 200 portugueses, tornearia a esquerda do inimigo caindo-lhe sobre a retaguarda. O fogo rompe às 9 horas. Os ingleses no ataque de frente, dificultado pelo terreno de rocha escarpada e chão de arbustos, assaltam com denodo o alto da posição ocupada pelos franceses, que os recebem, depois de uma descarga, na ponta das baionetas. O tenente-coronel Lake vê os seus homens hesitar, deter-se... Põe-se-lhe na frente, agita o chapéu, e morre. Avançam já novas forças, e Delaborde, quase envolvido, retira. Salva-o de um desastre completo a falta de cavalaria inglesa: a portuguesa recusa-se a perseguir o inimigo e Wellesley, surpreendido com a vitória, deixa-o ir em paz.<sup>101</sup> Loison ouvia o fogo de longe.

Tinha sido um combate desnecessário. Como reconhecimento fora inútil, porque podia retirar sem combater, como combate de vanguarda estratégica precisava de ser sustentado por novas forças que não chegaram a aparecer.

Para os habitantes de Lisboa a derrota fora, porém, completa.<sup>102</sup>

---

<sup>100</sup> O coronel de milícias João Xavier Pinhatelli, «fidalgo do solar conhecido», poeta e chamado o *filósofo moral*, saiu-se depois em 1808 com um folheto em verso explicando também que não pudera tomar parte nos combates da Roliça e do Vimeiro «com as dores que lhe davam as herpes semeadas pelas costelas desde o estômago até ao espinhaço»...

<sup>101</sup> Por isso Wellesley dizia:

«A cooperação que eu esperava das tropas portuguesas, que tomaram parte no combate de 17, foi para mim verdadeira decepção.»

<sup>102</sup> «A primeira (batalha) a de 17 de Agosto de 1808, junto a S. Memede d'Arouliça, em que Delaborde e Thomiers, perdidos de brios, derrotadas as forças, e abatidas as asas da Águia de Napoleão, vendo destroçado o seu Exército, e tomada a maior parte da sua Artilharia, procurou salvar o resto por meio de uma apressada fuga, deixando no campo muitos mortos, e um grande número de feridos.

No resto da tarde daquele dia e a maior parte da noite caminharam com marcha dobrada, sem admitir descanso algum até o lugar de Runa (quatro léguas e meia distante do campo da batalha, e uma ao Sul das Torres Vedras). Ali fizeram alto pelas duas horas depois da meia noite; tão fatigados e oprimidos da fome, que a não acharem provimento naquela Povoação, dificilmente poderiam continuar a sua marcha.

Delaborde, Thomiers, e outros Oficiais Militares foram hospedados em casa de uma Matrona (Ana Maria, cujo marido se achava naquela ocasião em Lisboa), a qual obrigada do temor, lhe franqueou a sua casa, para que lha não invadissem, e os tratou não como Jael a Sisara. quando voltava fugindo e desbaratado pelas Tropas de Debora, e de Barac, mas sim com humanidade, e grandeza, o que foi muito

Nesse mesmo dia Wellesley recebe notícias da chegada da brigada Austruther e ocupa a posição do Vimeiro. A 21 desembarca a brigada Acland, e o exército inglês atinge, com os portugueses, a cifra de 18000 homens.

Junot sai de Lisboa com 2600 homens no dia 17 de Agosto, passa a noite em Vila Franca, e no dia seguinte mal enceta a marcha hesita, porque recebe a notícia de que a esquadra inglesa entrara no Tejo. Era falso. Entrega o comando a Thiébault e vai ao encontro de Loison. Resolvera concentrar as suas forças em Torres Vedras. Na tarde de 20 reúne efectivamente 13000 homens, pouco mais ou menos, dos quais 1200 de cavalaria. Wellesley quer marchar no dia 21; o novo comandante do exército, H. Burrard, opõe-se. Resolvem-se os franceses a atacá-lo no Vimeiro na manhã de esse dia. Avançam pela estrada da Lourinhã, com um fito demasiado simples: atirar com eles ao mar. Avistam-nos na montanha que fica a oeste da povoação e marcham em duas colunas sobre os ingleses, que ocupam as alturas em volta do Vimeiro, tendo a ala esquerda na capela do lugar e a direita na praia junto à Macieira. Ali perto estão os transportes, com as barcaças prontas para o reembarque, e uma fragata de guerra a apoiá-los.

Junot almoça com madame Foy e a Troussel, A Thomiers, que o acompanhara desde Vila Franca, fora ao encontro do marido, Bebem-se licores fortes. A manhã é de Verão, lindo o panorama. São 10 horas— dá o sinal. O inglês prudente apesar do número, apega-se à defensiva. Os franceses pronunciam o ataque de frente procurando envolver o flanco esquerdo do inimigo. Mas Wellesley, vendo o flanco direito pouco ameaçado, reforça-o e guarnece o cabeça e a povoação. As forças atacam com tal ímpeto que os ingleses ao primeiro choque recuam. Precedem a coluna atiradores, sustenta-a a artilharia, É a brigada Thomiers, da divisão de Delaborde, e a brigada Charlot. Avançam em três colunas, dirigindo a do centro o próprio Delaborde. Um regimento inglês, deitado e a coberto com uma dobra de terreno, quebra-lhes o impulso com duas descargas quase à queima-roupa e rompe sobre eles à baioneta. Hurrah! hurrah! Outro, atacando a coluna pelo flanco, persegue-a com denodo. É o momento em que os franceses forçam a povoação, e em que os soldados que guarnecem as casas lhes despejam as espingardas em cima. Debalde Saint Clair com os granadeiros renova o ataque, a artilharia obriga-o a refugiar-se num reprego do terreno, e as tropas de

---

útil à Povoação, pois Delaborde deu ordem, que nela se não fizesse hostilidade alguma. Curou-se da lenda de uma bala, que o tinha mal tratado no pescoço, e procurou mudar de roupa. Pediu de comer para si, e os mais Oficiais, o qual se lhe deu; e a sua Tropa municada com duas mil e dezanove rações de vinho (4 pipas) e 130 alqueires de cevada para a Cavalaria, a qual pagou. e o vinho.

Deram-se as rações de vinho por listas, e houve Companhias, em que apenas apareceram 6, ou 8 Soldados; as duas últimas vinham quase completas; porque talvez não entraram na acção. O seu Parque de Artilharia constava de 3 Peças. e um Obus.

Pediu Delaborde que se lhe fizesse três camas para descansar ele, Thomiers, o outro Oficial General; suposto que se lhes aprontaram, não chegaram a deitar-se nelas porque quando o pretendiam fazer, o piquete que tinham deixado atrás em observação, ouvindo ao longe caixas militares, e supondo serem Ingleses (1), deu rebate, dizendo: *Inglis, Inglis, allon, allon*, logo tudo tomou armas, e apressadamente se retiram, com tão violenta marcha, que não fizeram alto, senão na Cabeça de Montachique, quatro léguas ao sul de Runa.

Pelas duas horas da tarde daquele dia chegou Junot a Torres Vedras; e sabendo da retirada de Delaborde, lhe mandou ordem para voltar para Torres Vedras, o que fez no dia 18, e se foi achar com Junot no dia 21 na batalha do Vimeiro, onde as Tropas Francesas foram derrotadas, tomada a maior parte da sua Artilharia, e Junot fugitivo se retirou a Lisboa, onde foi capitular, como se refere em uma relação impressa da dita batalha.»

(Prospecto do Painei das luminárias que se puseram na frente da Igreja do Seminário da Caridade dos Órfãos da rua de S. Bento na cidade de Lisboa, pela feliz restauração deste Reino... Lisboa, Na Impressão Régia S.d. (1808) Págs. 5 a 7).

Wellesley. exaltadas, estendem-lhes 200 homens, Entretanto a brigada Brenier e a brigada Solignac marcham para atacar o flanco do inimigo: o movimento é executado porém tardiamente, depois de batidas as colunas francesas, São derrotadas ficando o general Brenier prisioneiro e ferido, e a brigada de Solignac quase envolvida e aprisionada. Valeu-lhe Sir Henry Burrard, que até aí se limitara a assistir à batalha, mandando cessar a perseguição. Junot foge e tão precipitadamente que perde os papéis, entre os quais uma ou mais cartas de Napoleão. que foram parar às mãos de Bernardim Freire. Abala numa caleche descoberta com a Foy ao lado, perseguido pela cavalaria anglo-portuguesa O general Foy ficara ferido no combate.

Os franceses perdem quase 2 000 soldados, muitos oficiais, 13 peças de artilharia, e os ingleses 783 mortos e feridos. Kellermann protege a retirada com cargas sucessivas, e Junot consegue reformar as suas tropas, sem que os ingleses tentem impedi-lo. apesar de disporem ainda de 7000 homens que não tinham entrado em acção.<sup>103</sup> Retira para Torres Vedras, onde ordena aos habitantes que ponham luminárias em sinal de vitória.

Vimeiro fora um combate depois de um almoço copioso. Os franceses atacam de frente, e atiram duas brigadas sem ligação para o flanco do inimigo, que só uma hora depois de começar o fogo contra o centro da posição é que chegam a pronunciá-lo. Quanto aos ingleses revelam a mesma incapacidade e uma exagerada prudência. Nem sequer, tendo tropas à disposição, ocupam a estrada de Torres e cortam a retirada a Junot.

O exército português segue de Alcobaça para as Caldas no dia 19. Pouco antes recebera Bernardim Freire uma carta de Wellesley: «Sabereis que derrotei ontem o corpo do general de Laborde, os franceses perderam 1:500 homens, segundo me informaram; até se diz que o mesmo de Laborde fora morto. As divisões de Loison e de Laborde se reuniram a noite passada em Torres Vedras. Tenho a honra de, etc. *Wellesley*. 18 de Agosto de 1808.» No dia seguinte avançam até Óbidos. Na manhã de 21 ouvem ao longe fortíssimo tiroteio: era a batalha de Vimeiro, a que assistiram todas as pessoas daquelas redondezas.

\*

Roliça e Vimeiro são, repito-o, meras insignificâncias: mesmo antes de se baterem já os franceses tinham sido vencidos. É sempre na aparência uma futilidade que decide as batalhas: a lama, a noite, a chuva, a doença de um chefe, uni nada vulgar. Intervém depois o historiador e arranja, compõe, remenda e explica. As verdadeiras causas são, porém, quase sempre múltiplas e complexas.

Quem pode, por exemplo, dirigir uma batalha moderna como um inferno de máquinas (hoje até na guerra o homem é escravo da máquina), com massas compactas de homens a mover, fios telegráficos, a morte e a acção num espaço de léguas? Só um verdadeiro chefe, o representante de uma ideia. Napoleão vence enquanto dispõe de essa força; Demouriez vence enquanto não é um aventureiro. Eu me explico melhor, com certa obscuridade porque não tenho termos precisos com que me exprima. Vencem-se sem dúvida batalhas pelo número, pelo oiro, pelo aperfeiçoamento das armas, pelo rigor das manobras, mas vencem-se, sobretudo, por uma força que liga generais e soldados, por uma energia psíquica, que está ainda por estudar.<sup>104</sup> Tem-se visto cavadores derrotarem exércitos ordenados. Sempre? Não. Mas essa manifestação

---

<sup>103</sup> Vitoriano J. César – *Estudos de História Militar*.

<sup>104</sup> Napoleão, que não tinha nada de místico, dizia que na guerra havia uma parte divina; e Foch, num dos seus livros de estratégia, fala do «dom divino do comando». *Luís Madelin*.

de energia amolece o inimigo, origina os golpes decisivos, liga soldado a soldado, e a massa ao chefe numa onda instantânea. Há homens que na vida derrubam todos os obstáculos, há exércitos que vencem sempre e obram prodígios. Parece que o exército pressente e adivinha as ordens do general. Mal ele as concebe, executa-as logo. Essas multidões exaltadas condu-las para onde quer, e essa força material que destrói todos os obstáculos materiais, nasce de uma ideia: é espiritual. É assim que o, chefe inspira o exército, tanto quanto o exército inspira o chefe. É então que ele comanda, não com os galões, mas porque é a única cabeça que convém àquele corpo. Um exército assim é um organismo perfeito.

Já há muito que Napoleão deixara de ser o destino feito homem, e não passava de um rei pior que os outros. Enquanto na realidade mandou, enquanto foi a cabeça da geração que tinha uma missão a cumprir, enquanto foi o representante do sonho e das paixões, levou tudo em cacos diante de si. Foi um ser admirável. Em qualquer de esses homens nascidos para o comando de hordas e exércitos, os gestos decidem, a atitude impõe-se: não surge uma hesitação, e o que fazem é sempre bem feito e sem sombra de dúvida. Mexem-se no perigo como no próprio elemento. A morte recua diante deles. Chamam-nos mil pormenores – deslindam-nos, a barafunda é clara como água. É um efeito prodigioso de cálculo? Erro; são impelidos irresistivelmente; são apenas a cabeça que coordena, o centro de atracção de mil forças, o ponto sensível onde a corrente magnética da vida actua. Diz-se que isto é inspiração. É uma palavra. A força emana da multidão exaltada, emana do espírito, e não há fórmulas, matéria, obstáculos que lhe resistam: num arrebatamento caminham todos para a morte. Cada um sente então no mais íntimo do seu ser que é necessário, através de tudo, avançar. Napoleão foi na realidade o guia da onda irresistível, que havia por força extravasar da França, porque não cabia na França. Mais tarde transformou-se num déspota, dominando pelas paixões. O mundo lentamente transformara-se também. Outra força se fora criando pouco e pouco, e os povos desiludidos eram agora contra ele. Quando Lannes cai (o canhão troa perto de Viena) e Bonaparte corre a pronunciar a frase de efeito para a história, as suas últimas palavras são estas: – Faça a paz! faça a paz! – Em 1808 os generais estão mortos por se apanharem em Paris, para gozar o dinheiro dos saques no jogo e no deboche, e os soldados batem-se sem convicção.<sup>105</sup> É já outra a geração, cansada e exausta: a anterior exterminara-a ele pelos quatro cantos da Europa. Esses homens tinham encontrado um Chefe, mas esse homem fora também um instrumento posto em acção pela vontade de uma geração toda ânsia, desespero e sonho.

São massas bem diversas as que vão encontrar-se cara a cara. Cada uma delas olha a vida de uma maneira diferente...

No fundo de cada inglês encontra-se sempre um puritano rígido e fanhoso, agarrado às suas tradições. Houve um momento na história inglesa, diz Macaulay, em que os devotos se apoderaram do governo: um sínodo grave interrogava então severamente a mocidade sobre o dia e a hora precisa em que sentira operar o *segundo nascimento*. Era grotesco e terrível. Era, é uma parte da alma da Inglaterra. A sua grande revolução é religiosa: o exército reza com Cromwel à frente, e o temor de Deus distingue-o de todos os outros exércitos do mundo.<sup>106</sup> Ainda hoje não há povo nenhum onde as questões religiosas sejam debatidas perante público tão atento. Até os grandes crimes da sua

---

<sup>105</sup> E essa decomposição foi até às últimas. «O Imperador vê com mágoa que soldados escolhidos, destinados a defendê-lo, e que deviam dar o exemplo da obediência, devastem os armazéns preparados para manter exército.» (11 de Outubro, Moscovo). «Não obedecem às sentinelas e muitos vão fazer as suas necessidades nos pátios do palácio e até debaixo das janelas do imperador».

<sup>106</sup> O *Journal do Tenente Woodberry*, soldado inglês que veio à Península, abre por estas palavras: «Eu creio em ti, ó meu Deus! fortifica a minha fé!».

história têm não sei quê de convencido e atroz – de religioso. Os carrascos lidam com Deus, são instrumentos de Deus. Juntem a isto uma aristocracia democrática, fidalgos vivendo com os evangelhos no fundo da província, ingénuos como árvores solitárias; a liberdade de testar – isto é, o orgulho e a tradição mantidas – e a raça primitiva conservada pelo isolamento da ilha. «As margens da Inglaterra eram para a gente polida que habitava as margens do Bósforo objecto de misterioso terror». As raízes neste homem são todas interiores: é, sob o aspecto frio, um apaixonado: concentra-se. Torna-se pertinaz na defesa dos seus usos, a ponto que, por exemplo, Henrique VIII não encontra oposição quando manda ao cadafalso Buckingham e Surrey, Anna de Boleyn e Lady Salisbury, mas, se exige aos seus súbditos uma contribuição que não lhe é devida, obrigam-no a retractar-se perante a revolta. Persistência e orgulho. De um lado isto, do outro materialistas, soldados exaustos, uma ideia que se gastou e fundiu. Da Revolução, que os levou irresistivelmente aos quatro cantos da Europa, resta-lhes cepticismo e as bagagens abarrotadas... A Inglaterra esteve perdida, perdida até no mar, mas persistiu e vai vencer, Um momento viu-se invadida através da Mancha. Havia homens tão dispostos a olhar a morte e a cuspir-lhe na cara, que lutavam com o mar e a noite, com as costas eriçadas de rochedos, com a Inglaterra em peso. Sustentava-os ainda uma ideia formidável. E no dia em que Napoleão carregasse com o calcanhar na ilha, era um inferno de guerras, de colisões, de partilhas. Mas a Inglaterra esperou e do seu lado está agora o espírito. Na Roliça e no Vimeiro revela-se a força nova da resistência que se criara e ia derrubar a outra amolecida e gasta. Não é porque fossem em maior número nem melhores os soldados, nem porque a artilharia inglesa usasse *shrapnels*. Também das outras vezes empregara *shrapnels* e sempre que desembarcavam eram vencidos. Os factos decisivos foram outros: a insurreição popular que só deixou aos franceses a terra que calcavam, e a insurreição de Espanha opondo uma barreira formidável à retirada. Junot tinha de um lado o mar, do outro o desespero. Restava-lhe um de esses actos heróicos que ficam na história: a defesa de Lisboa até ao incêndio, como ele próprio ameaçara. Mas os franceses estavam repletos. Aborreciam-se. Nas algibeiras luzia-lhes o oiro do saque. Queriam guardá-lo. A campanha fora tão frutuosa como a de L)upont na Andaluzia. Pensavam em defender o dinheiro, não pensavam a sério em morrer, Exigia-se audácia e sangue-frio – Junot tem um pé na loucura. A crítica material dos combates fá-la em algumas frases secas e de uma forma magistral o próprio Napoleão. Vê tudo num relance: a dispersão inútil das forças, a falta de reconhecimento do terreno, o ataque feito à toa. Vimeiro, onde Junot comanda, só tem uma explicação – a loucura.

No momento supremo o general deixa guarnições em Lisboa na província e desfalca o exército em 6000 homens, opondo 12000 aos 18000 do exército anglo-luso. – Arrasasse Almeida, Peniche, fizesse saltar Elvas com excepção do forte de Lippe: – 200 homens bastavam para o defender – diz Napoleão. Thiébault é o primeiro a reconhecer que assim poderiam dispor de 20000 homens. Reúnem 28 canhões contra 30 e tantos do inimigo, para não dar cabo dos magníficos cavalos de que dispunham em Lisboa para o espectáculo das ruas. Não manobram – atacam e atacam de frente num ponto difícil, sem reconhecer a posição. quando podiam tornear o inimigo pela esquerda. – E Lisboa? – E se a capital se sublevasse? – Ao que Napoleão acode logo: – As capitais, senhor, só se decidem depois dos acontecimentos. – Pelo seu lado os ingleses não manobraram melhor...

O que se segue é intriga entre os generais ingleses Wellesley, Burrard e Dalrymple; um armistício vergonhoso – contra o qual o general Bernardim Freire, que não combatera, protesta – interesses, os franceses que querem levar os roubos, os portugueses que tentam impedi-los. Wellesley trabalha para que o comando seja

retirado a Dalrymple, a Junta do Porto e o bispo tramam... Junot. que entrara em Lisboa, ao tempo em que o Castelo salvava, perdera a caixa militar com cem contos de réis. Passemos depressa... Remate: a Convenção de Sintra.<sup>107</sup>

## CONVENÇÃO DE SINTRA

Os generais comandantes em chefe dos exércitos inglês e francês em Portugal, tendo determinado concluir um tratado para a evacuação de Portugal pelas tropas francesas sobre a base do acordo, ajustado em 22 do presente, para a suspensão das hostilidades, deputaram os oficiais abaixo nomeados, a fim de negociarem o mesmo em seus nomes, a saber: da parte do general em chefe do exército inglês o tenente general Murray, quartel mestre general, e da parte do general em chefe do exército francês, mr. Kellermann, general de divisão, aos quais concederam poder para negociarem e concluírem a convenção para o dito fim, sujeita às suas respectivas ratificações, e à do almirante comandante da esquadra britânica na entrada do Tejo.

Estes oficiais, depois de haverem trocado os seus plenos poderes, concordaram nos artigos que se seguem:

Artigo 1º Todas as praças e fortes no reino de Portugal, ocupadas pelas tropas Francesas, serão entregues ao exército britânico no estado em que se acharem ao tempo da assinatura da presente convenção.

Art. 2º As tropas francesas evacuarão Portugal com armas e bagagens: elas não serão consideradas como prisioneiras de guerra, e na sua chegada a França ficarão na liberdade de servirem.

Art. 3º O governo inglês fornecerá os meios para o transporte do exército francês, o qual será desembarcado em qualquer porto da França, entre Rochefort e l'Orient inclusivamente.

Art. 4º O exército francês levará consigo toda a sua artilheria de calibre francês com os cavalos pertencentes à mesma e seus carros, fornecidos com sessenta cartuchos por peça. Toda a mais antilheria, armas e munições, como igualmente os arsenais militares de terra e mar, serão entregues ao exército e esquadra britânica no estado em que se acharem ao tempo da ratificação desta convenção.

Art. 5º O exército francês levará consigo todos os seus petrechos de guerra e tudo quanto se compreende debaixo da denominação de propriedades do exército, a saber: a sua caixa militar e carros adidos ao comissariado e aos hospitais de campanha. ou lhe será permitido dispor de qualquer porção das mesmas, que o comandante em chefe julgar desnecessário desembarcar. Das mesmo modo todos os individuos do exército terão a liberdade de disporem das suas propriedades particulares de qualquer descrição que sejam, com toda a segurança de futuro para os compradores.

Art. 6º A cavalaria embarcará os seus cavalos, como também os generais e os outros oficiais de todas as graduações os que lhe pertencerem. É, porém, bem entendido que são muito limitados os meios de transporte para cavalos que os comandantes britânicos têm à sua disposição; poderão procurar-se mais alguns transportes no porto de Lisboa. O número dos cavalos a embarcar pelas tropas não excederá a seiscentos, pelo estado maior a duzentos. Em todo o caso se dará ao exército francês toda a faculdade para dispor de todos os cavalos que lhe pertencem e se não puderem embarcar.

Art. 7º Em ordem a facilitar o embarque, este se fará em três divisões, a última das quais será principalmente composta das guarnições das praças, da cavalaria e da artilheria, doentes e abastecimentos do exército. A primeira divisão embarcará dentro de sete dias desde a data da ratificação, ou antes, sendo praticável.

Art. 8º As guarnições de Elvas e seus fortes, de Peniche e de Palmela embarcarão em Lisboa; a de Almeida no Porto ou na barra mais vizinha. Elas serão acompanhadas durante a sua marcha por comissários britânicos encarregados de proverem a sua subsistência e acomodação.

Art. 9º Todos os doentes e feridos que se não puderem embarcar com as tropas ficam confiados ao exército britânico. Deles se haverá cuidado enquanto existirem neste país à custa do governo britânico, debaixo da condição que o mesmo será reembolsado pela França em se concluindo a total evacuação. O governo britânico há-de prover sobre a volta deles para França. a qual se efectuará por divisões de cousa de cento e cinquenta até duzentos homens por cada vez. Um número suficiente de oficiais médicos

---

<sup>107</sup> A Convenção de Sintra foi atacada com violência nos jornais ingleses: ...«A convenção mais vergonhosa e mais extraordinária que jamais se escreveu nos papéis ingleses»... «A Nação inteira o sente coberta de pejo, vergonha e desesperação.» Extracto da *Gazeta de Cornouaille*, de 24 de Setembro de 1808: «Ó Inglaterra! infeliz Inglaterra! Nada mais te resta que juntar as tuas cortes marciais, examinar, degredar e enforcar os infames que te atraioam», etc. «Fecharam os botequins e enlutaram-se as gazetas» (carta de 29 de Outubro 1808, Visconde de Balsamão – B. M. P.

franceses será deixado ficar para cuidar deles.

Art. 10º logo que as embarcações empregadas em levar os exércitos para França o tiverem desembarcado nos pontos especificados, ou em qualquer outro ponto da França onde sejam obrigados a entrar por tempestade, se lhes prestará toda a facilidade de voltarem sem demora a Inglaterra, com a segurança de não serem apresadas até que cheguem a um ponto amigo.

Art. 11º O exército francês se concentrará em Lisboa e a 2 léguas à roda. O exército inglês se aproximará a 3 léguas da capital, e se postará de maneira que fique 1 légua entre os dois exércitos.

Art. 12º As fortalezas de S. Julião, Bugio e Cascais serão ocupadas pelas tropas britânicas à ratificação da convenção. Lisboa e a sua cidadela juntamente com as fortalezas e baterias, inclusivamente de uma banda até ao Lazareto ou Trafaria, e da outra até ao forte de S. José, serão entregues ao embarcar da segunda divisão, assim como o serão o porto e todas as embarcações armadas de qualquer descrição que sejam, com os seus aparelhos, velames, sobressalentes e munições. As fortalezas de Elvas, Almeida, Peniche e Palmela serão entregues logo que as tropas britânicas possam chegar para ocupá-las. Entretanto o general em chefe do exército britânico dará parte da presente convenção às guarnições daquelas praças, assim como também às tropas que estão diante delas, em ordem a fazer cessar as hostilidades.

Art. 13º Serão nomeados comissários por ambas as partes para regular a execução das disposições em que se tem concordado.

Art. 14º No caso de haver alguma dúvida quanto ao sentido de algum artigo, se interpretará a favor do exército francês.

Art. 15º Da data da ratificação da presente convenção todos os atrasados que não estiverem pagos de contribuições, requisições e quaisquer outras pretensões do governo francês contra os vassallos de Portugal, os outros quaisquer indivíduos residentes neste país, fundadas sobre a ocupação de Portugal pelas tropas francesas no mês de Dezembro de 1807, serão anulados e cancelados. Todos os sequestros feitos sobre seus bens, móveis ou imóveis, serão removidos restituindo-se aos proprietários a liberdade de disporem deles.

Art. 16º Todos os súbditos da França, ou de potências em amizade ou aliança com a França domiciliados em Portugal, ou acidentalmente residentes neste país, serão protegidos; suas propriedades de toda a espécie, móveis ou imóveis, serão respeitadas, e eles terão a liberdade ou de acompanharem o exército francês, ou de permanecerem em Portugal; em ambos estes casos lhes serão garantidos seus bens, com a liberdade ou de os reterem, ou de disporem deles e remeterem o seu produto para França, ou para qualquer outro país, onde queiram fixar a sua residência, sendo-lhes concedido para este efeito o espaço de um ano. É, porém, bem entendido que os navios são exceptuados desta disposição, somente pelo que diz respeito a saírem do porto, e que nenhuma das estipulações acima mencionadas servirá de pretexto a especulações mercantis.

Art. 17º Nenhum nacional de Portugal será obrigado a responder pela sua conduta política, tida durante o tempo em que o país foi ocupado pelo exército francês, e saídos aqueles que têm continuado no exercício dos seus empregos, ou aceitaram ocupações debaixo do governo francês, são postos debaixo da protecção do comandante britânico. Eles não sofrerão injúria ou afronta em suas pessoas e bens, não tendo em sua escolha o obedecerem ou não ao governo francês, eles ficarão também na liberdade de se aproveitarem das estipulações do artigo 16º.

Art. 18º As tropas espanholas, detidas a bordo dos navios no porto de Lisboa, serão entregues ao comandante em chefe do exército britânico, o qual se obriga a obter dos espanhóis a restituição dos súbditos franceses, ou sejam militares ou civis, que tenham sido detidos em Espanha sem serem aprisionados em batalha, ou em resultado de operações militares, mas sim pelas ocorrências de 29 de Maio próximo passado e dos dias imediatamente seguintes.

Art. 19º Estabelecer-se-á imediatamente uma troca de prisioneiros de todas as graduações, feitos em Portugal desde o princípio das presentes hostilidades.

Art. 20º Dar-se-ão mutuamente reféns da graduação de oficiais do estado maior da parte de exército e da esquadra britânica e da parte do exército francês para a garantia recíproca da presente convenção. O oficial do exército britânico será restituído depois do cumprimento dos artigos relativos ao exército, e o oficial da esquadra quando desembarcarem as tropas francesas no seu país. O mesmo terá lugar da parte do exército francês.

Art. 21º Será permitido ao general em chefe do exército francês mandar um oficial a França com a notícia da presente convenção. O almirante britânico fornecerá um navio para o conduzir a Bordeaux ou a Rochefort.

Art. 22º O almirante britânico será convidado para acomodar s. ex<sup>a</sup> o comandante em chefe, e os outros principais oficiais do exército francês, a bordo das embarcações de guerra.

Feito e concluído em Lisboa, aos 30 dias de Agosto de 1808. = Jorge Murray, quartel mestre general – *Kellermann*, general de divisão.

Nós, duque de Abrantes, general em chefe do exército francês, temos ratificado e ratificamos a

presente convenção definitiva em todos os seus artigos, para ser executada segundo a sua forma e teor – *Duque de Abrantes*.

#### ARTIGOS ADICIONAIS À CONVENÇÃO DE 30 DE AGOSTO

Artigo 1º Os indivíduos ocupados em empregos civis do exército que foram aprisionados, quer pelas forças britânicas, quer pelas tropas portuguesas em qualquer parte de Portugal, serão restituídos sem troca, como é costume.

Art. 2º O exército francês será sustentado dos seus próprios armazéns até ao dia do embarque, as guarnições até ao dia da evacuação das fortalezas. O resto dos armazéns será entregue na forma usual ao governo britânico, o qual se encarrega da subsistência das tropas e dos cavalos do exército desde os mencionados períodos até à sua chegada a França debaixo das condições de ser reembolsado pelo governo francês do excesso da despesa, além do valor dos provimentos que se entregam ao exército britânico, cuja avaliação se há-de fazer por ambas as partes. Os mantimentos a bordo das embarcações de guerra, que estão em poder do exército francês, serão tomados à conta pelo governo britânico do mesmo modo que os armazéns das fortalezas.

Art 3º O general comandante das tropas britânicas tomará as medidas necessárias para restabelecer a livre circulação dos meios de subsistência entre o país e a capital.

Feito e concluído em Lisboa, aos 30 de Agosto de 1808. = Jorge Murray, quartel mestre general – *Kellermann*, general de divisão.

Nós, duque de Abrantes, general em chefe do exército francês, temos ratificado e ratificamos os artigos adicionais à convenção junta, para serem executados na sua forma e teor. *Duque de Abrantes*.

Cópia verdadeira. = *A. J. Dalrymple*, capitão secretário militar.

#### PROTESTO DO GENERAL BERNARDIM FREIRE DE ANDRADE CONTRA A CONVENÇÃO DE SINTRA

Protesto em geral pela falta de contemplação que se teve neste tratado com sua alteza real o príncipe regente ou o governo que o representa, por tudo o que pode ser atentatório à autoridade soberana e independência do mesmo governo; por tudo o que pode ser contrário à honra, segurança e interesses da nação, e particularmente contra o que se acha estipulado nos seguintes artigos:

Artigos 1º, 4º e 12º Na parte em que determina a entrega de praças, armazéns e navios portugueses às forças inglesas, sem declarar por modo algum obrigatório que esta entrega é interina, e que intenta restituí-los logo ao príncipe regente de Portugal ou ao governo que o representar, a quem pertencem e a quem as forças inglesas vieram auxiliar.

Artigos 16º e 17º Na parte em que pretende ligar o governo deste reino a não inquirir e castigar por algum modo aqueles indivíduos que notória e escandalosamente foram desleais ao seu príncipe e à sua pátria, servindo o partido francês; e quando a protecção do exército inglês os salve da pena que mereciam os não deve livrar de um extermínio que isente este país de ser por eles outra vez atraído.

Artigo 1º dos artigos adicionais. Que não pode por modo algum ser obrigatório para o governo deste reino, sem uma reciprocidade que não se estipula.

Finalmente protesto pela falta de contemplação que se teve com os habitantes da capital e suas vizinhanças, deixando de se estipular a seu favor a segurança de que não seriam vexados durante o tempo que os franceses ainda ali se conservassem, ao menos com uma reciprocidade do que se estabelecia nos artigos 16º e 17º a favor dos franceses e seus sequazes.

E limito aqui os meus protestos, para não aumentar a lista, deixando de fazer menção de outros objectos de menos consideração, tais como a concessão de oitocentos cavalos, sem se atender que eles são quase todos tirados de Portugal, e não devem ser por isso considerados como propriedade francesa; a dos armazéns de víveres fornecidos à custa do país, e por isto só pertencentes de facto, mas não de direito, aos injustos possuidores do mesmo país.

Quartel general da Encarnação, 4 de Setembro de 1808. = *Bernardim Freire de Andrade*.



## X – EPÍLOGO

Paz e sensualidade, paz e egoísmo, paz e corrupção, paz e morte – diz Ruskin. A guerra, o desespero, os gritos, foram. efectivamente, para nós a vida; a guerra salvou-nos. Um novo e inesperado actor calçou o tablado. Ainda hoje a gente se encolhe ao olhá-lo cara a cara. Cheira a terra e a suor, mas não hesita: põe-se logo à disposição da dor. Dá o sangue e o pão da boca à pátria oprimida: dá ao quadro as labaredas do incêndio e imprime-lhe grandeza: transforma, logo que entra em cena, a comédia em drama. Ao pé de ele tudo é mesquinho: homens de Estado, negociações, guerreiros e príncipes. Salvou-nos. E logo que nos salvou sumiu-se: cedeu outra vez o lugar à corte, aos ministros, ao aparato e à vergonha. Mas nem tudo se perde: alguma coisa de amargo dúvida ou cólera – ficou na consciência colectiva, que há-de desentranhar-se no futuro em novos gritos. Esperemos o que a noite vai gerando... Da guerra ficaram as paredes denegridas e um ar novo circulando entre as ruínas.

O quadro exige agora traços rápidos e antes a raiz das coisas que a aparência das coisas. Segundo o *Observador Português*, a 2 de Setembro começam a chegar a Lisboa notícias e cartas detalhadas do Vimeiro; a 5 o susto era enorme e os franceses tratavam apenas de defender-se; a 6 fundeiam alguns transportes ingleses junto à Praça do Comércio; a 7 entram em Lisboa alguns oficiais ingleses e as águias são despedaçadas: a 13 e 14 os franceses carregam com os roubos para os navios; a 15 entra o exército inglês em Lisboa sendo aclamadíssimo Junot, as principais autoridades e generais embarcam às 5 horas da manhã no Cais de Sodré, sendo corridos à pedra alguns franceses. E as homem de Mafra escreve as últimas notas do seu diário:

Agosto 20. O mesmo estado de tempo de tarde, nublado e húmido, o mar mansíssimo. Mais desembarque de 5000 ingleses que se bateram com os franceses no vale de... (*sic*)

Agosto 21 (domingo). Mesmo estado de tempo, de m. nublado. Mais desembarque de Ingleses segundo dizem; e cá toda a manhã vivíssimos tiros contínuos. De noite muitos navios defronte, deram muitos tiros de noite. Combate dos Ingleses com os Franceses no Vimeiro.

Agosto 22. Às 10 horas e meia chegaram muitos Franceses de cavalo a Ribamar, por causa dos tiros da noite, e me levaram 5 pães e sardinhas que tinha para terça-feira. Em todos os combates foram batidos os franceses.

Agosto 29. Esta tarde chegaram 12:000 homens a Serra da Lobagueira portugueses.

Agosto 31. Do norte para o sul contámos 200 e tantos navios. Falei esta tarde com o general inglês em casa da comadre.

Setembro 1. Esta tarde marchou quase todo o nosso inglês exército de Lobagueira para Mafra onde entrou a 2 de manhã com muitos toques de sinos, etc.

Setembro 10. Esta tarde se despediu o maroto do Vitorino sem motivo algum, no que me fez muito favor.

Dezembro 9. De tarde passaram do sul para o norte vinte e tantos navios, dizem que eram os franceses que estavam no rio de Lisboa.

Dezembro 26. Hoje foram a Mafra os homens de Ribamar de 16 até 60 anos com chuços e espingardas para passarem mostra e para aprenderem o exercício para se armar a nação em massa. 13 palmos de pau e 2 de ferro deve ter o chuço.

Vejamos, porém, os factos com maior desenvolvimento: apressam-se a concluir um tratado provisório. Estão com medo uns dos outros. As hostes napoleónicas ainda infundem terror: é a lenda, é o prestígio dos homens da República, de que só existem restos vergonhosos. Pelo seu lado os franceses hesitam perante a perspectiva de uma retirada através da Espanha, toda eriçada de cólera. A 30 Beresford e Junot concluem enfim o tratado. Só o povo está na verdade porque povo não raciocina, sente: – Mata os franceses! mata os ladrões! – Os outros à mesa, como inimigos cavalheirosos – e que

não tinham sofrido como nós, nem roubos, nem afrontas, nem vexames – discutem um a um, sobre os restos do banquete, os artigos da Convenção. Um de eles ainda leva a audácia a afirmar, referindo-se a Napoleão: – Todos os erros se pagam... – Foi uma lufada glacial depois dos vinhos generosos. A canalha em Lisboa brama: – Matem-nos! matem-nos! – Mas o inglês impede a vingança e o massacre, cumprindo o tratado. Debalde se organizam listas para o assassinato e se marcam a giz as casas dos jacobinos. À vista dos franceses preparam-se as lanternas para a iluminação da cidade. Os tafuis, que passam por jacobinos encobertos, são corridos nas ruas. Bernardim Freire protesta contra a Convenção, protesta a Junta do Porto, e, no Rio de Janeiro, protestam o rei e o ministro dos Estrangeiros. Na própria Inglaterra o público protesta. Podia na realidade ter sido uma coisa esplêndida de ferocidade, se paisanos, frades e tropa marchassem sobre Lisboa –, podia ter sido uma gloriosa chacina, Já bandos de canalha, reclamando o massacre, avançam, ocupam Setúbal e matam o ajudante do general Graindorje; o marquês de Olhão à frente de 6000 homens aproxima-se da margem esquerda do Tejo; Bacelar recebe ordem de se dirigir a Santarém; Bernardim Freire acampa junto a Mafra; a população de Lisboa, apesar do conselho conservador, agita-se e nota as casas ocupadas pelos franceses; organizam-se listas de nomes para o assassinato: Cotton propusera cortar a retirada a Junot, desembarcando parte da divisão Moore em Setúbal; e o general francês ameaça deitar fogo a Lisboa e de se bater até ao último fôlego: – Deito fogo ao que tiver de abandonar e vereis por que preço vos fica o resto. – Não foi este o quadro. Assina-se a Convenção e quando muito consegue-se que as bagagens sejam revistadas por uma comissão cerimoniosa, Alguns sujeitam-se a restituir os roubos, ao enxovalho de se lhes remexer nas malas. Delaborde entrega vários quadros, mas o ouro, as jóias, as preciosidades desaparecem nos caixões de Junot, do cunhado e dos outros. A Bíblia do Jerónimos some-se no fundo falso de uma mala – expediente de gatuno.<sup>108</sup> Tinham fundido a prata das igrejas em barras e limpado os

---

<sup>108</sup> Serviu-se do seguinte subterfúgio: o tratado obrigava os ingleses a conduzirem imediatamente a Rochella um oficial encarregado de entregar uma cópia a Napoleão. Uma hora depois da ratificação o oficial partiu efectivamente num navio, levando consigo apenas uma pequena mala, já fabricada de propósito para esconder os 12 volumes da Bíblia. A Bíblia foi vendida usais tarde por 80 mil francos pela duquesa, e finalmente entregue ao governo português por Luís XVIII

Em Almeida Guypuy, brutal e estúpido, levava pratas, móveis, vinhos. Reclamara por dúzias: doze dúzias de talheres, doze dúzias de espelhos etc. Exige e obtém a prata das igrejas. Foison saqueia a casa de Ponto Covo da Bandeira, uma das mais ricas do tempo. e, à solta em Mafra, manda fazer camisas de finíssimos lençóis de cambraia e queima as peças de bordado e tisso, para lhes extrair o ouro. Delaborde, depois de rebuscar as preciosidades do palácio de Bemposta. da casa de Cadaval e da de António de Araújo, escolhe quadros nas magníficas colecções de Lisboa, Mais tarde foi também muito gabada e esplêndida galeria de Thiébault, que possuía um Ticiano, um Rubens, Ruysdaël, vários flamengos, etc. Foram alguns de cá?... Um oficial inglês, que depois visita o palácio real, escreve estas palavras significativas: «Poucos móveis restam, e alguns velhos quadros, que não mereciam ser levados». Geouffre, administrador dos domínios gerais, rouba para o cunhado: entra, escolhe, leva, Thomières – quartel-general em Peniche – adopta outro sistema: depois de devastar as quintas e pomares dos arredores. passa a requisitar, gado, vinho, pão, – e vende a quem mais dá Diz-se em Lisboa que vai feito nos roubos «com seu compadre Manetas». Entra um dia pelo mosteiro de Alcobaça e reclama dinheiro, os tesouros do convento. Mostram-lhe os livros: os frades devem sessenta contos. E ele até nas cavaliarias rebusca. Kellermann, tendo saqueado tudo por onde passa, acaba por furtar a cera a Nossa Senhora de Montemor e vende-a por seiscentos mil réis. Hospeda-se não sei onde, gosta do relógio do patrão e mete-o na algibeira sem mais cerimónia. Guypuy é mais honrado: rouba num convento um magnífico faqueiro de prata lavrada, dá outro pior em troca – furtado noutra convento. Oficiais e soldados roubam onde podem e onde podem; pilham castiçais de prata, põem em leilão às portas dos conventos, como aconteceu em S. Domingos. Junot repreende-os (9 de Dezembro) mas o exemplo vem de alto e a vergonha é nenhuma. Só ele apanha algumas centenas de contos ao comércio; bastante dinheiro ao senado; oitenta contos à junta real do comércio. Bonaparte proibira a exportação de algodão, que se acumula na alfândega. O preço desce. Junot pede para França que se levante o interdito. Vem a ordem e o secretário

cofres públicos. O inglês fecha os olhos: não lhe pertence... Para proteger Loison são necessários quatro batalhões e quatro peças de artilharia.<sup>109</sup> Só sai no meio da escolta. As tropas cercam as muradas dos outros chefes. O povo apedreja a casa do livreiro Reicend, que, para se livrar da pecha de jacobino, publica de aí a dias o seguinte anúncio:

João Baptista Reicend, mercador de livros, faz presente ao respeitável publico, que havendo sucedido na sua loja uma insurreição e revolução de livros, uns com os outros, na noite de 15 deste mês de Setembro, a que foi preciso acudir gente, e tropa, alguns se extraviarão e desertarão principalmente da novíssima Impressão e Gosto Parisiense, e para que os curiosos não fiquem privados de uma instrução tão brilhante, qualquer pessoa que os achar, os traga, além de ser premiada se lhe entregará um jogo ricamente encadernado da Impressão que se vai a fazer.

---

Maguien propõe-lhe este magnífico negócio: antes que se saiba em Lisboa a notícia, comprá-lo por preços ínfimos e publicar depois o decreto vendendo-o na alta. Recebe pelas licenças para a saída dos navios do Tejo, para o que se inventam duas bandeiras neutrais; oferece um colar de diamantes à duquesa, tão belo que Laura Junot não se atreve a usá-lo, para não excitar a inveja das outras mulheres da corte.

No quartel-general todos os dias entra o produto das extorsões e dos roubos. Monta-se um escritório com método: roubos nos palácios – secretário Geouffre; licenças, presentes, etc. – secretário Tissout. Enchem-se. A prata da patriarcal esqueceu na balbúrdia da fuga. São 14 caixotes, a que os franceses juntam a banquetta do Altíssimo. Mais os valores encontrados na alfândega, os diamantes brutos que pertenciam ao governo e que Geouffre chega a descobrir não se sabe como nem onde; as mercadorias sequestradas a que se finge deitar fogo: os dois mil contos que rende a prata das igrejas. Locupletam-se. Só o cozinheiro de Junot ganha em meio dúzia de meses trezentos mil francos. Junot distribui pelos generais Delaborde, Kellermann e Loison cem mil francos a cada um, para lhes comprar o silêncio. Oferece preciosidades aos seus íntimos. Chega a vender licenças para os navios saírem do Tejo por oitenta a cento e vinte mil francos. Tissout, encarregado desses negócios, parte rico de Portugal. O vinho do Alto Douro para sair paga uma peça, seis mil e quatrocentos, por pipa. Era para os Ingleses beberem? Melhor, pagavam-no. Em pouco tempo saíram trinta mil pipas e a exportação aumentou. Quando Napoleão deu por ela a o dinheiro estava em cofre – duzentos contos de réis. No Algarve podia-se navegar até Gibraltar pagando. Proíbe-se a pesca e a comunicação com os Ingleses, mas os governadores das praças estendem a mão, fecham os olhos. Os barcos de pesca pagam em Faro quatrocentos réis, em Olhão seiscentos réis. Além do célebre colar, Junot envia à mulher um solitário, um colar de safiras, diamantes brutos, e tantas preciosidades que Josefina chega a ter ciúmes. Nas vésperas de partir de Baiona Junot promete a Thiébault trezentos mil francos, mas pede-lhe a sua palavra de que não entrará em negócios. Thiébault dá-lha e arrepende-se. Logo ao quarto dia da entrada em Lisboa, o pagador-geral Thomelier corre a comunicar ao chefe de estado-maior uma ideia genial de Ratton: Junot não reconhecia o papel-moeda, que deixaria assim de ter o mínimo valor. Ratton, comprava-o todo. Mas como surgissem reclamações, de novo Junot reconhecia o papel-moeda: ficavam ricos. Mas o general teve dúvidas, escrúpulos e não aceitou o negócio: lembrou-se talvez da estranha recomendação de Bonaparte: «Cuidado com ele. É um homem pouco escrupuloso...» E Thiébault debalde interroga: – Mas porquê? porquê? *Le général en chef allait au d'avant d'opérations du genre de celle qu'il repoussait.* Nunca se consolou, nem ele, nem Ratton, nem Thomelier, que chegou a enriquecer com outros roubos. Todos, com poucas excepções, roubaram. Muitos ainda suspiravam por a esquadra ter levantado ferro com os cofres, o célebre diamante *Bragança*, maior que o *Grão-Mogol* Formaram conluios para explorar com método o país. O dinheiro ia para França em letras e preciosidades. Saqueia-se Mafra, Queluz, os palácios, e, da casa chamada mantearia, saem quadros, pratos, serviços de mesa, louças que levaram para sempre sumiço. Só no câmbio há quem ganhe rios de dinheiro.

Junot quando sai de Portugal ainda leva num cofre quarenta mil moedas em oiro. Em Paris, ao descarregá-lo, o cofre arromba-se e os criados quedam-se espantados diante de aquele jacto de oiro. Taviel confessa mais tarde que todos os generais roubaram «com excepção de Thiébault» – di-lo o próprio Thiébault, que mandou pérolas, safiras, colares, de presente à mulher. – Mas até o general? perguntaram-lhe. – Até eu... Em duas ou três ocasiões não pude resistir. – «Com respeito a roubos, concussões e partilhas, Portugal não teve que invejar a Andaluzia» – palavras de Thiébault. Ora sucede que a Andaluzia foi das regiões mais exploradas pelos soldados franceses...

<sup>109</sup> Thiébault, como fizera em Nápoles, perante Lisboa ameaçadora adopta durante os últimos 20 dias as seguintes precauções: faz circular na capital, desde as 5 horas da manhã, colunas de 125 homens de infantaria e 25 de cavalaria. Paravam de hora a hora nos locais mais perigosos, enviando patrulhas para as ruas próximas, Companhias inteiras foram aquarteladas nos palácios.

Livros extraviados são os seguintes:

Arte de defender com protecção. Ai se explica a etimologia de alguns verbos, e nomes, com que o povo está enganado. Vg. o verbo – Proteger é Arabio, traduzido do Egipto, e em língua mamaluca significa – Limpar com todo o asseio, sem deixar nada, nem na Igreja, nem na casa, nem na rua, nem nos campos – O adjectivo – Omnipotente – no modernismo francês, quer dizer – insolente, ou impotente, segundo doutrina de mr. Barras. Primeiro Ajudante do Tálamo do Palácio Imperial de Paris. Esta obra é um tomo em 4º de marquilha, composto pelo Primeiro Ajudante de Campo e Governador de Paris.

O Catecismo, e modo de ouvir missa na Praça ou rio Monte, sem fazer lama na Igreja, nem a gente ficar mole: método de entrar nos Templos, e fazer oração á Francesa, como se executou nas Freguesias do Sacramento, Mercês e outras: com uma declaração do 7º mandamento, cuja infracção não é pecado. deduzida esta doutrina do direito natural que tem os cães com os ossos. É obra subtilíssima, em um tomo de folio, seu Autor o Generalíssimo –. Risco na cara –dedicada a Napoleão.

Política de hospedaria, gratidão de deixar as casas dos hospedes livres da praga dos Ladrões, fogo, e confusão de moveis, obra em 8.º” composta pelo conselho de Guerra Francês.

Uso e abuso de Vénus, contingência de fiar-se de terceiros, que tenham os Argus de alcoviteiro e cabrão; obra também em 8.º”, composta por Mr. Delaborde, dedicada ao capitão de Arroios.

Anatomia completa de cães e gatos, prontos remédios às soas moléstias, composta pelo Grande Rabino Pedro Lagarde; este autor é celeberrimo em todas as sinagogas da Europa, pela grande obra da exposição de Talmude dedicada a seu tio Robespierre, e pelo aprendiz de rapina – *etallenanda rerum natura* –. A sua beneficência não se estende só à humanidade, até os irracionais logram da sua maldita caridade: um tomo em 4º dedicado a Nero.

Trinca Tridente, assembleia infernal dos três corações generosos, Junot, Delaborde e Loison, com os fartos e pensamentos mais horrorosos, e abominavelmente recomendáveis, resultando a liberdade da consciência da Tropa para mortes, roubos, insolências e desacatos, que mais parecerão soldados do sertão da Líbia, que homens criados na Europa.

Esta obra é em diálogos, em meio folio, composta por João Carrafa, Almirante da Inconfidência, dedicada a Joaquim o serralheiro, Duque de Berg.

Táctica de acometer procissões, matar gaiteiros, furtar os estandartes de N. Sr<sup>a</sup>, entrar com eles em Triunfo, como D. Quixote com os disciplinantes. Folheto em verso solto, composto pelo Conde de Ega, dedicado como menor marido a sua mulher.

Fábrica de Gazetas, eléctrica das mentiras, gazua dos sinais falsos, e mecânica de amassar a fé publica com cal e areia. Esta obra principiou há muitos anos por Mr. Nicas Governador do Bugio, e agora se aperfeiçoou pelo celeberrimo Sarmento, *non plus ultra* de bilhetes, e toda a forma, e colegial do Oratório do Limoeiro, repositor à cadeira de Napoleão, que sem justiça não se lhe pode negar, derreto de cartas de Generalíssimo. Obra em três tomos, dedicada ao Sr. Calvo do Rocio.

Novo método de Finanças, cobrar e não pagar, excepto a Franceses, que como defensores ainda que nada façam pelo direito da unha, sorrapilham o ordenado. Obra em 4º composta por Mr. Herman, cavaleiro do hábito da hipocrisia, e discípulo do companheiro de Cristo da parte esquerda.

História da Águia Mocha (vulgo passarola) exaltada no Rocio com as maiores provas do valor francês no dia 16 de Junho, em que o General em chefe se vestiu e se chamou católico por força. A Infanteria e Artilharia fizeram com a maior destreza a grande evolução de *fugite partes adversae*. Este folheto é em oitavas, composto por um Cônsul Estrangeiro. Português.

História de Herodes Auticristo, usada à moderna, com lâminas ao natural, impressa em Évora, Leiria, Beja, etc., em cuja obra se faz ver que os nossos Protectores são capazes de dar ao Céu e à Igreja tantos mártires em só o século 19º. como deram outros Tiranos em o 1º, 2º, 3º e 4º; obra em 8º pelo Duque de Abrantes.

Provas da politica, humanidade e gratidão dadas por Junot à tropa espanhola, que o auxiliou, e descanso com que a brindou em premio de seu zelo: é obra excelentissima em folio, acaso nunca vista pela soa raridade, composta por D. Tibúrcio sem vergonha coronel do mesmo corpo espanhol.

Nova arte militar para brigar com velhos, rapazes e mulheres, e saber-se retirar do perigo dos homens, impressa na Lourinhã por Mr. Delaborde, dedicada ao Imperador dos Franceses, obra em 16º.

As cinco virtudes que experimentou o povo de Lisboa nos dez dias da chegada dos Franceses: 1º Os conventos e Igrejas honradas como as tabernas; 2º As casas com hospedes sem fastio e despotismo: 3º O povo contente e respeitado como um cativo; 4º Acharão os Franceses as coisas, antes que os seus donos as perdessem; 5º Formalizar um exército de mendigos do maior número de tropa que invadiram os Protectores (?); obra em dois volumes de folio por Sebastião Maria, em outro tempo rábula, e hoje Generalíssimo em chefe da Tropa Francesa.

Tripeça de amor, obra burlesca, representada pelos Autores da soberba, debaixo da prisão da razão e justiça nas naus Britânicas. Autor o P.º Laurino, sacerdote genovês.

Certame poético sobre a força das sílabas. e se a antepenúltima intima sobre a ultima: V. g.:

Napoleão, Papelão, Cabrão, Ladrão. Ruiu tomo em 4.” dedicado ao Príncipe do Ateísmo.

Aventuras dos três acabados em ão – Pitão Garção – Novião – quem souber deste ultimo aventureiro, dê notícias dele tia loja da Gazeta, ou em casa do dr. Vinagre, bem conhecido nesta corte.

Aqui e ali, até ao desembarque, há ainda um estremeção ou um episódio singular. Um almocreve leva a Almeida a notícia da restauração, o governador francês prende-o e obriga-o a meter as mãos em chumbo derretido. Em Aljubarrota e Alpedrinha o povo queima jacobinos. Em Elvas os doentes franceses correm risco de morte no hospital.<sup>110</sup>

O embarque foi uma mixórdia, com o povo a reclamar os roubos e a querer assaltar as bagagens. Os ingleses não se entendem nem se podem ver. Dalrymple trata Wellesley por cima do ombro. Só o povo vai direito ao fundo da questão: – Mata! mata! esses ladrões! E as pedras caem sobre os generais do Império. E preciso que o inglês – o inimigo – os defenda, postando baterias nas esquinas das ruas. – Lá vai o nosso dinheiro! É Junot que embarca encolhido, sem plumas; é o odiado Maneta, escondendo o braço, sob os gritos de cólera, e com eles portugueses, livreiros franceses, gente estranha ao serviço de Portugal, Novion, o conde de Bourmont. É a segunda realeza que foge, Gouffre, outra corte, com armas, trapos, roubos. É o Ega e a Ega. E a canalha assobia, clama, mas por nosso mal, como sempre, resigna-se. Está pronta a sofrer, está pronta a morrer até de fome! Que quadro, se os que levavam o saque e os que os defendiam, fossem todos varridos pelo povo feroz! Mas não! mas não! o povo morre ou resigna-se. E depois some-se. Mau é. Fica a escumalha, o lixo que vem à superfície depois da agitação. Os que se calaram, redobram agora de furor: os poetas fazem versos obscenos, os literatos folhetos. É uma onda de impropérios, de insultos – de lama e ninharias: *Napoleão no inferno a conversar com Belzebuth; Confusão de Napoleão; Fragmento e arrependimento de Napoleão, com uma crítica por uma dama portuguesa*. E iluminações... A 15 de Setembro de 1808 arvora-se de novo a bandeira portuguesa no Castelo de S. Jorge. Na noite de esse dia e nas seguintes fazem-se festejos. Schiopetta, pintor, arquitecto e maquinista do Teatro do Salitre, arranja várias peças de fogo muito aplaudidas: uma serpente perseguindo uma águia e despedaçando-a. José Joaquim de Pontes, da Rua da Bica de Duarte Belo, arvora à janela um grande quadro com o retrato dos soberanos e estes versos:

Com mansidão e virtude  
Piso aos pés a Águia rude!

\*

Enquanto a França se bateu por um ideal venceu sempre. A canalha era irresistível. Mas a ideia foi adulterada; vieram os galões, as fardas, a corte, a corrupção, os uniformes – e os povos levaram-nos à ponta de baioneta até ao coração do seu país. Se a França tem continuado a bater-se por um ideal, estavam com ela os povos oprimidos. A República, com mortes, gritos, cóleras, era idealista e tinha do seu lado todas as almas. Napoleão foi a matéria: alimentou paixões grosseiras, encheu os soldados de ouro: desvirtuou a revolução e trabalhou pelo seu próprio poderio: perdeu-se e atrasou o mundo um século.

Todos os conservadores o apoiaram e aplaudiram, porque ele era já o tipo do

---

<sup>110</sup> Quando os de Almeida vão embarcar ao Porto, a 9 de Outubro, o povo quer chaciná-los. Abandonam os roubos e só conseguem embarcar depois de desarmados.

conservador moderno: céptico e mantendo relações exteriores com a Igreja. Querendo acima de tudo as aparências, a legalidade, a ordem, a fórmula, para continuar uma existência cujo fim é simplesmente o dinheiro, as ambições e os interesses. Por isso Junot teve com ele em Lisboa as classes cultas, mas lhe faltou o povo. O povo todo instinto esse é que se encontrou diante de outros homens e de outros ideais, e, sacudido pelos frades, acordou e salvou-nos... Foram os mortos que nos salvaram ~ foi o passado que ressurgiu do pó. Nem mesmo é ele que clama. O seu grito, o mais repetido é o grito dos mortos: – Matem os judeus! matem os judeus!

Uma guerra tem isto de esplêndido: revolve todos os cadáveres por mais fundo que os tenham enterrado, Já Gringret, autor da relação *Histórica e militar da campanha de Portugal*, diz: «O tempo, o cruzamento das raças, a severidade das instituições religiosas, etc., tinham apagado o admirável carácter primitivo – que logo veio à tona, vivo como na primeira hora, quando a guerra se transformou em guerra nacional.»

Em Bragança comanda os tumultos um sapateiro, o *Loison português*, e a tropa obedece-lhe, obedece-lhe o povo. Há motins. A multidão desconfia das autoridades. E o *Loison português*, à frente de maltas, rebusca na casa dos judeus, escolhe, procura, sentencia: – Confessa-te que vais morrer. – Em Vila Nova de Foz Côa assaltam-se as casas dos *crístãos-novos* aos gritos de: – Morram os franceses e os judeus que os protegem! – Aqui e ali expludem cóleras. Em Viseu a plebe constitui uma junta, a *junta dos prudentes*, com uma escrita regular, com delações e saques, um livro de actas, e todos lhe obedecem. É outra Inquisição. Saqueiam-se os cartórios, assassinam-se os jacobinos – que muitas vezes são os melhores amigos da pátria. Em Moncorvo, em Guimarães, nos Arcos, rompem sedições, tumultos: – Morram os franceses e os judeus que os protegem! sempre o mesmo grito insistente...

É uma pátria ensanguentada, feroz, de desespero – mas Pátria. Mata! mata! mata que é jacobino! mata que é judeu!

Junot, que ainda voltou a Portugal em 1810, caminha a passos largos para a loucura. Povo e rei, parecem sonâmbulos e entram no domínio de outra tragédia maior. Um dia, tempos depois, oferece um grande baile e aparece aos convidados nu em pêlo e de espada a rasto, com todas as condecorações penduradas ao pescoço e luvas brancas na mão.<sup>111</sup> Tem a mania das grandezas: escreve ao príncipe Eugénio anunciando-lhe que o fazia rei de muitas ilhas, umas no Oceano outras na Índia e de várias minas de ouro e diamantes.<sup>112</sup> Tinha dado a um doido as insígnias da Legião de Honra, e eram entre os dois conversas intermináveis sobre o governo da Ilíria, que ele geria em nome do Imperador e sobre a inutilidade das grandezas humanas. Parecia uma personagem shakespeariana.

Forças misteriosas os impelem. Enquanto Junot pergunta: – Hein, não ouves? É o rouxinol. É o maldito que se atreve a vir cantar debaixo das janelas do meu palácio! Sou rei! Sou rei! – o povo durante muitos anos ainda clama no mesmo grito, saído do fundo dos sepulcros:

– Matem! matem esses judeus!

---

<sup>111</sup> Thiébauld.

<sup>112</sup> A. Chuquet.

## NOTAS

### PAPÉIS VELHOS

Os versos que se publicam depois não têm conta. Aí vão alguns, a começar pelo Edital das esquinas do dia 4 de Setembro de 1808:

Já é da nossa Polícia  
O soldado que se encontra:  
Oh Portugueses, é tempo  
De despicar nossa afronta.

Não tarda que não vejamos  
A nossos pés arrastar  
As Águias, que nem no Inferno  
Tem um palmo de lugar.

Tremei, tremei partidistas  
Do nosso justo desforço;  
Ai, quanto melhor vos fora  
Ter nascido sem pescoço!

### DÉCIMAS

Valerosos Portugueses  
Mostrai o vosso valor  
Olhai que Nosso Senhor  
Vai dando fim aos Franceses.  
O favor dos Ingleses  
Sempre nos tem ajudado,  
A grande Espanha alhada  
Vai acabando os malvados  
Estamos quase restaurados  
Seja sempre Deus louvado.

O meu Príncipe restaurado  
A Inglaterra cumpriu;  
O Rei de Espanha fugiu  
O de França destroçado;  
A Rússia entusiasmada  
Sem saber dar decisão  
Porém Deus por compaixão  
Dos seus filhos Portugueses  
Quis acabar os Franceses  
E matar Napoleão.

### CANTIGAS AOS FRANCESES

Amigo Napoleão  
Quem te havia de dizer  
Que o fim de tuas façanhas  
Aqui havias de vir ter.

Éreis tantos mil homens  
Tão falhados algum dia

Já perderam a chibança  
Acabou-se a valentia,

Vê se passas à Espanha  
Defender estes Franceses  
Olha que os e... da lua  
Os amigos Ingleses.

Eles já falham em Deus,  
E já chamam por Senhor;  
São rapazes escolhidos  
Pelo nosso Protector.

Ele também é bom moço  
Olha que falo do Jinó,  
Vê se desatas o laço  
Antes que lhe corra o nó.

Tu há tinhas bons moços  
Pois então o tal Maneta,  
Mandar-te-emos o coto  
Para que não cuides é peta.

E o nosso bom Intendente!  
Olha é dor do coração  
Levará para sua paga  
A sentença do pobre cão.

Cento e nove varredores  
Cada um com sua pá  
O desfarão em bocadinhos  
Para mandarmos para lá.

Ele não poderia ir inteiro  
Por amor dos Ingleses.  
Assim vai aos bocadinhos  
Cada um por sua vez.

Também cá temos Laborde,  
Que homem! Galante moço!  
Desse é que tu não vês  
Nem sequer bocado d'osso.

Diz que mete respeito  
Com a sua espada na mão;  
Fica cá para as crianças  
Terem medo ao papão.

Então olha o dinheiro  
Não comas alguma peta,  
Pede-lhe também a conta  
Do negócio da Roleta.

Da feira em qualquer lugar  
Tine moedas em bom caroço  
Ainda que o lugar fosse  
De uma preta de tremoço.

Tens muitos bons discípulos  
Para todo e qualquer ataque,



Passam mui bem a revista  
Quando vão ao tal saque.

Essa tal contribuição  
Que tu mandaste pôr  
Foi dinheiro com que compramos  
Muitas peles para tambor.

O tal amigo Jinó  
Sem ser do seu mandado  
Fez o Ega coronel  
Deixando-o mui bem armado.

Por cá tens amigalhaços  
Mesmo entre os Portugueses;  
Nós lhe daremos o pago  
Da amizade dos Franceses.

Um padre o mestre Velas,  
Um Afonso do botequim,  
O Chocolateiro da Esperança;  
Nós lhe daremos o fim.

Adeus meu Napoleão  
Que é quase meia noite,  
Achastes em Portugal  
Quem te desse muito açoite.

Sou piedoso, sinto n'alma  
Efeitos da compaixão;  
Mas quem é traidor à pátria  
Não é digno de perdão.

---

Dizem que se transformarão  
O Conde da Ega e a mulher,  
Ele em burro paneleiro,  
Ela em besta d'aluguer.

Se tal é, senhora língua  
Aqui ponto e nó;  
Não fale na gente honrada  
Porque desgosta o Jinot.

Que Generais é que devem  
Morrer ao som da trombeta?  
Os três meninos da ordem  
Jinot, Laborde e Maneta.

Porém em tanta desgraça,  
Neste trágico acidente,  
Junot como te não vale  
Esse teu Omnipotente?

Lá vejo, lá vejo ao longe,  
Nos largos campos de Marte.  
O grande Jorge terceiro  
A cavalo em Bonaparte.

Tanto valor nas esquinas,  
Que o povo nunca engoliu,  
Aos guerreiros da Bertanha  
Totalmente sucumbiu.

Não pela força das armas  
Mas por obra de milhões  
Tem a França praticado  
As mais terríveis acções.

Por bêbados e ladrões  
Foi Portugal despojado.  
Por homens dignos de gloria  
É agora restaurado.

Dez artigos vou formar  
De uma nova direcção,  
São feitos à nossa Nação  
A verdade vou falar.

O primeiro é amar  
Aos amigos Ingleses  
E não fiarmos nos contos  
Destes malvados Franceses.

O segundo é jurar  
De matarmos o Junot  
E antes que chie se vá  
Havemos fazei-o em pó.

O terceiro é guardar  
O respeito à Regência,  
Para com chia fazermos  
Uma grande conferencia;

O quarto é honrar;  
Honraremos nossas Bandeiras  
Não devemos honrar outras  
Pois estas são as primeiras.

.....

O sétimo é não furtar;  
Eles furtam a seu salvo;  
Têm feito mil injustiças  
Sem servir à bala d'alvo.

.....

O décimo não cobiçar  
De ser aqui outro Rei  
Só perdendo nossas vidas  
Nosso Sangue, nossa lei.

OS MENINOS QUE SE ACHARAM EM PENICHE

Os teus soldados guerreiros

Valorosos e atrevidos,  
Ficaram todos c...  
Por cem meninos perdidos.

Deve ficar em memoria  
O valor dos teus soldados  
Iam brincar com meninos  
Mas vieram bem borrados.

---

*P.* – Fiquei tonto do que ouvi  
Desses homens atrevidos,  
Mas, dize-me, que foi isto  
De uns cem meninos perdidos?

*R.* – Mal que os Franceses souberam  
De um tal ranchinho pimpão.  
Andarão mais de dois dias  
Todos com as calças na mão.

Depois juntaram-se todos  
Com imensa artilheria,  
Fingindo neste aparato  
Terem muita valentia.

Logo que foram batidos  
Nos campos que o Tejo banha  
Voltarão costas ao mundo  
Os tais perninhas de aranha.

Finalmente chegam todos  
Aos campos de forres Vedras,  
Cheios de pavor e medo  
Dando por paus e por pedras.

Os tais meninos perdidos.  
Que os não perdem de vista,  
A quase todos os galos  
Lhe foram cortando a crista.

Àqueles que por fortuna  
Lhe deu pernas o diabo  
Entrarão pela cidade  
Cheios de fogo no rabo.

Uns de bracinho ao peito  
Outros de testa amarrada  
Olhando-se naturalmente  
Com cara desconsolada.

.....  
*P.* – Mas se acaso cá ficar  
Algum destes cascavéis?

.....  
*R.* – Devem uns andar descalços

Outros de braga ao pé,  
Outros postos de conserva  
Nas cozinhas da galé.

E a Ega deve ter  
lugar d'adela na feira  
Ou no fundo duma escada  
Há-de ser palmilhadeira.

O Ega que a paciência  
Há muito constou à fama,  
Nas carroças do contrato  
Irá acarretar lama.

---

*P.* – Trus, trus. *R.* – Quem é?  
*P.* – Aqui é que mora o almoceve  
Que aluga a Égua e anda a pé?

#### DÉCIMA

Chegou Junot, e concebeu  
E já quase aos nove meses  
Com a vinda dos Ingleses  
Dores de parto sofreu,  
A comadre conheceu  
Que o parto corria torto,  
Ele com medo do aborto  
Teve puxos afinal  
E mesmo dentro em Portugal,  
Coitadinho, pariu morto.

#### A PASSAROLA DO INTENDENTE

A maldita Passarola  
Fugiu, má peste a mate,  
Foi pedir a Bonaparte  
Que lhe desse outra gaiola.

.....

#### A ÁGUIA DO INTENDENTE

Um Português forte e armado  
Com um tiro de pistola  
Fez voar a Passarola  
Da varanda do malvado,  
O Lagarde agoniado  
Logo à janela chegou,  
Então a Águia parou  
E à vista de toda a gente  
Sobre a calva do Intendente  
Por despedida e...

*Mote – SENHOR GENERAL C...*

Converteu-se a Passarola  
Águia chamada algum dia  
Numa rapinante harpia  
E deu em Lisboa à solta.  
Excelência mariola  
Qual imperante, que Rei  
Autorizou como lei  
O roubo desta cidade.  
E quer a nossa amizade?  
Senhor General... c...

Fazendo a todos judeus  
A Inquisição sem dó  
Nos ferir, onde use só  
Quem tem crimes contra Deus  
Mas porém, graças aos Céus  
Da boca a rolha tirei,  
E pelo que então calei  
Agora quero ir falando  
Para o seu supremo mando  
Senhor General... c...

Senhor Lagarde passa fora,  
Pois de cheirar mal não cessa  
Porque na calva cabeça  
Lhe c... a Passarola,  
Meu Maneta, mariola  
Saia da parte de El-Rei!  
Senhor Kerman, d'Argel Rey,  
Sr. Laborde e Dupont,  
Sr. cruel Margaron,  
Senhor General... c...

E muitos mais versos quase todos obscenos:

Quem diz que o Principie foi tirano?  
O Libano (criado)  
Quem lhe mostrou sempre raiva?  
O Paiva (medico)  
Quem lhe chama ladrão por não pagar?  
O Aguiar (criado)  
Eles aqui hão de ficar  
Mortos, juntos com os Franceses  
Pelas mãos dos Ingleses  
Libano, Paiva, Aguiar.

Quem é mais Francês que o demónio?  
Frei António.  
Quem é Francês de Bilbao?  
O Bacalhau.  
Quem espera de ser rico?  
O Frederico (criado)  
Eu a todos aplico  
O que a outros apliquei,  
E nessa forma verei

Frei António, Bacalhau e Frederico.

Quem é de Francês o espelho?

O Velho (quartel mestre).

Quem indaga os nomes?

O Gomes.

Quem louva suas acções?

O Simões.

Estes grandes toleirões

Nos mesmos casos culpados

Devem de ser enforcados

Velho, Gomes e Simões.

Quem é Francês afamado?

O Bernardo (cirurgião).

Quem por tolo segue seu louvor?

O Ferrador.

Qual é dos três o mais matreiro?

O Livreiro.

Todos três no Limoeiro

Devem de ser ajuntados

Para serem justicados

Bernardo, Ferrador e Livreiro.

#### SONETO

*(Napoleão falando com Junot)*

*J.* – Cheguei, vi, e venci, Senhor, sem custo,

Dei saques, roubei templos sagrados.

De brilhantes adornos despojados

Padrões ergui a teu nome Augusto.

Com tramóias enchi de pranto e susto

Os Lusos a vencer acostumados,

Milhões sobre milhões foram roubados

Aos vassalos dum Príncipe o mais justo.

Eis que um dia nascido para azares

A revezes fatais da sorte esquerda

A gloria demos a quem rege os mares.

*N.* – Meu General, a gloria é fraca perda.

Onde estão os milhões? *J.* Nos Lusos lares.

*N.* – Não trazes os milhões? Vai beber da m...

\*\*\*\*\*

Obra digitalizada e revista por José Barbosa Machado a partir da 2ª edição (Porto, Renascença Portuguesa, 1919). Actualizou-se a grafia.

© Projecto Vercial, 2003

<http://www.ipn.pt/literatura>

\*\*\*\*\*